RUA S. JOSÉ, 21
42-6253
ENCADERNAÇÃO PERDIGÃO

OLYNTHO SANMARTIN

79

ERNESTO SENNA

NOTAS

DE

UM REPORTER

RIO DE JANEIRO
Typographia do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.
59-61 Rua do Ouvidor 59-61

1895

95 – 5566

AOS

Reporters Brazileiros

A'

Saudosa memoria de meus collegas

João de Almeida

José Tinoco

Octaviano Hudson

Assis Rey

Ahi vão algumas ligeiras notas que no afanoso tirocinio de reporter colhi no desempenho da minha profissão.

Na minha carteira conservo ainda muitas outras, que talvez publique mais tarde, se o favor publico bem acolher estas.

Amante fervoroso da classe a que me desvaneço de pertencer, a ella offereço este caderno de notas. Sirva ao menos de prova da minha gratidão pela immerecida consideração que sempre dispensou ao mais humilde de seus representantes.

Fevereiro de 1895.

Ernesto Senna

Reporter do *Jornal do Commercio*

Casa de Detenção

No intuito de bem servir ao publico, trazendo-o ao corrente do quanto possa interessar-lhe, o *Jornal* enviou hontem um seu representante, a visitar a casa de detenção desta cidade. O nosso representante, que lá chegou inesperadamente, percorreu todo o estabelecimento, visitou todas as suas dependencias, interrogou e ouvio a muitos reclusos e habilitou-se assim a transmittir ao publico, com pleno conhecimento, noticias exactas sobre essa casa.

Existiam hontem nesse estabelecimento 221 presos, sendo homens 197, dos quaes 15 menores, e 24 mulheres. Destes, apenas 6 estão definitivamente julgados e esperam ordem para serem transferidos para a correcção, onde cumprirão a pena; em grão de appellação, existem 16, pronunciados e aguardando julgamento 33, entre os quaes 2 mulheres, accusadas de homicidio; cumprindo a pena de prisão simples 8; esperando a formação de culpa, á disposição de varios juizes, 65. Dos menores, 8 estão á disposição do juiz de orphãos e 7 forão presos por vagabundos. Sob esta mesma imputação de vagabundagem e de desordem estão retidos mais 78 individuos. Esses individuos, presos á requisição de varias autoridades, já se acham lá ha mais de seis dias, sem que, entretanto, como quasi todos declararam ao nosso representante, houvessem recebido a competente nota de culpa.

O actual Sr. chefe de policia expedio ha tempos circular recommendando ás autoridades, suas subalternas, que não praticassem tal abuso, sob pena de se verem responsabilisadas criminalmente; e antes de S. Ex. a Constituição, no art. 72 §§ 14 e 16, estatue taxativamente a obrigação da entrega da nota de culpa no prazo maximo de 24 horas. Como se vê, porém, tal preceito absolutamente não é respeitado: e como sem essa formalidade o administrador da casa de detenção não póde dar entrada aos individuos que lhe são remettidos, a autoridade declara na guia que elles já *receberam a nota de culpa* e absolutamente não a dá. Presos se conservam assim emquanto apraz á autoridade, que dessa órma se arroga o direito de julgar e condemnar; e, quando bem en-

tende, põe-os em liberdade. Graças a essa munificencia, dous, que já lá estavam ha dias, viram hontem a liberdade. Essa infracção legal attinge a todos, e sete menores se acham victimas della. Diz-se repetidamente que a policia não póde dispensar o seu tanto ou quanto de arbitrio para ser efficaz; mas parece-nos que, sem se desarmar, a autoridade poderia furtar-se a ser a primeira infractora da lei, encontrando nella recursos mais efficientes contra os que perturbam a ordem e põe a sociedade em risco. O Sr. chefe de policia pensa comnosco, a julgar pela circular a que nos referimos, que foi um dos seus primeiros actos; e isso nos leva a crêr que S. Ex. providenciará pondo termo ao abuso e punindo os que já o praticaram.

Infelizmente, não é só esse o unico abuso de que são victimas os infelizes alli reclusos. Ao que parece, não se tem em grande conta a liberdade alheia, a julgar pelas innumeras queixas que o nosso representante ouvio, relativas á demora no preparo dos processos. Para que se faça idéa desse pouco caso, basta que traslademos para aqui o que ao nosso representante disse o detento Luiz Bill, que foi preso a 26 de Outubro do anno passado por entrada em casa alheia e uso de instrumento para roubar, como consta da competente nota de culpa. Pois com este acto parece que a autoridade o esqueceu completamente, porquanto não foi chamado uma só vez á sua presença e ignora completamente se ha processo contra elle e onde pára.

Desesperado, ou aborrecido, requereu ao tribunal competente *habeas-corpus* e só então teve despacho, mandando-o apresentar á sessão de hoje. Outro, que tambem parece esquecido, é um William Sands que por crime de furto está preso ha oito mezes; esse teve o processo em andamento até as mãos do juiz, que o devia pronunciar, onde parou até agora.

Nas mesmas condições está um menor, Carlos Bucholz, accusado de roubo, que vio encerrar-se o summario de culpa ha quatro ou cinco mezes e ainda agora ignora se está pronunciado! Ainda em condições identicas encontra-se outro, Avelino Exposto, preso por furto, a 8 de Fevereiro, sem que até agora tenha sido chamado á presença da autoridade competente.

Outro ha, Cesario Ignacio Dias, réo de homicidio, que foi condemnado e o tribunal da Relação confirmou a sentença, ha quatro mezes, sem que entretanto até hoje tenha recebido a competente guia para cumprir a sentença na correcção, sem embargo de havel-a requerido diversas vezes.

Existem outros que esperão solução ás appellações de sentenças

condemnatorias : Antonio Justino de Oliveira, réo de defloramento, espera-a ha cinco mezes ; João Paulino, condemnado ha 7 annos por estupro, interpoz recurso de graça em fins de 1889 ; esse recurso foi a 1 de Fevereiro de 1890 ao juiz para informar e até agora a informação não veio.

Entre os detentos, nosso representante encontrou muitos que o publico conhece bem pela notoriedade e repercussão que tiverão seus crimes. A alguns interrogou e com outros demoradamente se entreteve. Entre estes notemos a enfermeira da Misericordia, Januaria Medeiros, que, como os leitores se hão de recordar, assassinou a facadas a parteira Asty. Januaria vestia com limpeza, saia azul, paletó branco, um lenço azul no pescoço e trazia oculos de aro de ouro. Manifesta-se arrependida e resignada. Fallou demoradamente sobre o crime ; narrou-o com pormenores ; disse que empregou todos os meios para impedir que Mme. Asty a mandasse prender, como queria, porque ella se despedira, e, afinal, coagida pela vergonha de sahir dalli presa e dominada pela colera no momento, ferio com a arma que tinha na mão, uma faca que ia mandar afiar. Na detenção procede exemplarmente, dispensando mesmo seus cuidados ás outras, quando doentes. Está calma, não chora, falla moderadamente do crime que praticou, como de um acto irreparavel que lamenta tardiamente.

— Antes o tivesse feito em mim, disse ella. Seria talvez melhor!

Ha outra, tambem assassina, cujo crime não ha de estar esquecido. E' a Paraguaya que, na ladeira do Barroso, matou um homem a facadas em sua propria casa. Chama-se Maria Joanna. Vestia paletó e saia de chita de uma só côr. Não parece ligar grande importancia ao seu proprio crime. Matou, allega ella, em defesa de sua honra. E mais nada. Nem o narra, nem responde ás interrogações : limita-se a encarar o interlocutor e a rir-se com desdem.

Na enfermaria, achava-se Rocca, o corso, que assassinou o irmão, um padre, na rua da Prainha, ha pouco tempo. Muito pallido, magro, barba negra e hirsuta. Não recebeu com sympathia o nosso representante, que indagou delle se se arrependêra :

— Não ! respondeu. Não tenho de que me arrepender. Meu irmão queria matar-me : matei-o. Foi em legitima defesa.

— E agora... que espera ?

— Espero que acabem com isto quanto antes.

— E que deseja?

— Desejo que o meu consul me mande as minhas roupas e os

meus chinellos. E que não me calumniem : eu sempre tive bom comportamento ; nunca fui preso !

E foi tudo.

Ha na enfermaria dous outros presos curiosos. Ambos pretos, ambos presos por ferimentos graves. Um, velho, de quasi cem annos, está cego ; o outro age como se fôra mudo. Ha muito tempo não profere uma palavra em circumstancia alguma, assim como não sahe da cama, onde come e bebe.

O nosso representante fallou ainda com o rapaz que, na rua dos Andradas, deflorou ha tempo duas menores e conservou-as presas em um quarto sem alimentação. Chama-se Eugenio de Menezes. Apresentou-se de calça azul, camisa de algodão branca e pastinhas, cuidadosamente barbeado, bigode bem tratado. Foi condemnado a tres annos de prisão e faltão-lhe para cumprimento total da sentença tres mezes e sete dias. Não nega o delicto ; confessa-o com amargura, mostra-se arrependido e confia em que saberá bem proceder em sahindo da prisão.

— O meu primeiro acto ao sahir d'aqui, disse elle, é casar-me com a moça que eu deflorei e está depositada em uma casa de familia.

Esta unidade é singular ; mas elle declara que só em relação a esta praticou o crime. Falla com pezar da mãi e da irmã que trabalhão como lavadeiras. Procede na prisão exemplarmente, de modo que foi-lhe concedido não permanecer no cubiculo, encarregando-se de trabalhos ligeiros.

Em uma casa forte, o nosso representante vio um preto, réo de roubo, louco furioso.

Quando voltava um dos presos, moço ainda, de nome Laurindo Rogaciano de Miranda, que havia assassinado a mulher com quem vivia, estendeu-lhe um papel. Nesse papel estava escripto o seguinte, que transcrevemos sem alteração :

« Digno cidadão — Senhor, não sou um criminoso, mas sim uma victima do infortunio que atirou-me no abysmo da desgraça. Como sou criminoso, por quem eu dava a minha vida pelo grande amor que eu lhe tinha, pois que elle fez todo os sacrificios para dar-lhe a liberdade, porque era ella escrava de um ruim senhor; que foi-me preciso propór questão com elle para poder-la liberta-la, que andei gastando mais de 600$ com ella para bem de liberta-la. Eramos da roça, do lugar denominads Suruhy de Magé, tinhamos vindo para aqui fazia dous mezes quanda se deu o facto della ser seduzida por estes seductores e me ser infiel, razão pela qual eu, pelo grande amor que então

lhe tinha, não soube o que fiz. Cidadão, amava o Deus no céo e á Cassiana, minha companheira, na terra. Senhor, sou pobre, sem recursos e sem protecção, sou um desgraçado, valho-me do vosso amparo.

« N. B. — Senhor, eu vivia da lavoura juntamente com ella e vim para aqui a 16 de Agosto de 1887, tres mezes depois de estarmos aqui acabou-se o facto que se deu desta desgraça. Viviamos muito bem, tal qual como casados que fossemos, porque já viviamos seis annos juntos sem nunca nos separamos um do outro, e justamente que apparece-me a desgraça.

« Cidadão, peço-vos a vossa valiosissima protecção. — *Laurindo Rogaciano de Miranda.* »

O aspecto geral da casa de detenção, quer no interior, quer no exterior, é agradavel. Ha asseio, ordem e tranquillidade. Todas as peças do edificio são arejadas e limpas.

Ha enfermarias para homens, para mulheres e para menores Em duas enfermarias para homens existião 15 e na de menores 5, todos affectados de molestias de pouca monta.

A cozinha é separada do estabelecimento pelo jardim, que é bem tratado, e é mantida com rigoroso asseio. Ha um cozinheiro, que é ajudado por presos. A alimentação é boa e abundante, como o nosso representante pôde verificar no deposito de viveres. A's sextas-feiras as refeições constão de bacalhão ; aos domingos de carne verde e arroz, e nos demais dias da semana de feijão e carne secca. O almoço e a ceia constão de pão e café.

Ha tres grandes banheiros de chuva : os presos banhão-se por pequenas turmas, obrigatoriamente.

Na rouparia, disposta em prateleiras com compartimentos, achão-se as roupas de cada preso em relação ao numero recebido á entrada.

Diariamente o medico da casa dá consultas aos presos em uma sala interior, decentemente mobiliada.

No jardim ha um *chalet* pequeno com duas mesas de marmore para deposito de cadaveres.

A casa de detenção tem um administrador e um ajudante e a secretaria tem um escripturario e quatro escreventes. O serviço da secretaria é feito com ordem e methodo. E' facilimo saber a data em que qualquer individuo entrou na detenção, o crime que commetteu, o estado em que se acha o processo, graças a uma engenhosa tabella constante de taboinhas que tudo rezão relativamente a cada detento, e de que os empregados se servem com rapidez e destreza. A escriptu-

ração é igualmente bem feita e methodicamente. O expediente da secretaria é de todos os que conhecemos o mais demorado: abre ás 8 da manhã e fecha ás 6 da tarde, quando serviço extraordinario não obriga a prorogal-o, não raro, até a madrugada. Os ordenados, porém, não correspondem a esse excesso de trabalho: os escreventes ganhão apenas 166$ mensaes, quando os amanuenses das secretarias de estado, que trabalhão das 10 ás 3, percebem quando menos 200$000.

O pessoal subalterno é o seguinte: 10 guardas; 1 chaveiro; 1 enfermeiro; 1 porteiro; 1 cocheiro; 1 roupeiro; 1 arrecadadora e 30 praças de policia.

Na secretaria estavão reservadas grandes sorprezas ao nosso representante: essas sorprezas lhe forão causadas pelos retratos de amigos do alheio, que obsequiosamente lhe forão mostrados, e entre os quaes o nosso correspondente julgou, illudido sem duvida, reconhecer varios individuos com os quaes toda a gente se acotovella nesta turba-multa da faina diaria.

O Sr. administrador capitão Brito dispensou toda a sua attenção ao representanto do *Jornal do Commercio*, pelo que lhe testemunhamos o nosso reconhecimento.

1 de Abril de 1891.

Asylo de Mendicidade

Ha cerca de tres annos, a população desta capital era tristemente impressionada pelo que a imprensa denunciava em relação a esse estabelecimento publico. Visitas inesperadas havião-lhe proporcionado o ensejo de sorprender a miseria em que escabujavão centenas de infelizes que os desastres da vida arremessavão áquelle lugar de tormentos. Velhos e crianças, decrepitos e loucos, mulheres e moços alli morrião aos poucos, submergidos em indescriptivel immundicie, na mais torpe promiscuidade. As molestias contagiosas, os males repugnantes, os vicios inconfessaveis e as desgraças mais acerbas alli reunião-se, alli tripudiavão em aposentos infectos, onde se agglomeravão, quasi nús, famintos e repellentes, os que na batalha da vida erão esmagados e vencidos. Tal foi o horror que a descripção desse estabelecimento, custeado pelo estado e mantido sob sua responsabilidade, produzio no espirito publico, que o governo houve de ceder á opinião

e alguma cousa se tentou fazer. Era então ministro da justiça o Sr. Ferreira Vianna, que por si mesmo quiz verificar a hediondez desse antro. Dessa visita sahiu levando os menores para a casa de S. José, que para elles fundou, e os velhos, ainda válidos, paro o Asylo do Galeão, pouco depois, tambem denunciado como ponto de soffrimentos.

A opinião acalmou-se : tinha-se feito alguma cousa, e isso era tão raro !... Mas as condições do asylo não melhoraram ; continuou a mesma desorganisação ; aos menores retirados succederam-se outros ; as autoridades continuaram a remetter velhos e loucos ; e a lugubre machina continuou a funccionar ceifando vidas. Em 1889, sobre 285. numero médio de asylados, a média mensal da mortalidade era de 10 a 15, tendo havido mezes de 26 ! Nem podia deixar de ser assim : o erro palmar da edificação desse estabelecimento sobre um pantano, em contrario ás mais rudimentares prescripções hygienicas, não era sequer attenuado pelo vulgar asseio interno, sem embargo, devemos declaral-o, das solicitações dos directores, das descripções pavorosas e das instantes reclamações das autoridades sanitarias. Não havia dinheiro : e diante desta intimativa peremptoria, continuavão os desgraçados alli atirados a desfiarem, com a estopa, os ultimos momentos de vida.

Foi nessas circumstancias que o regimen provisorio encontrou o asylo ; e recordando-se de que um delegado de hygiene, o Dr. Freitas Henriques, havia em tempo dirigido ao governo minucioso officio, salientando os males e apontando os correctivos que lhe podião ser applicados, confiou-lhe a directoria em Dezembro de 1889.

Desde tres annos, o asylo estava esquecido : o *Jornal do Commercio* enviou hontem um representante a visital-o e tem satisfação em declarar que a administração actual lhe tem sido benefica. O estabelecimento abriga actualmente 273 asylados, sendo mulheres 154 e homens 119, dos quaes seis menores.

Releva notar desde já que o Asylo de Mendicidade continúa a ser uma instituição *sui generis*, como não existe em parte alguma do mundo e pela qual não ha motivo para se dar parabens ao Brazil. Alli tudo se reune : o louco furioso, o monomaniaco, o imbecil, a criança sã e desvalida, o decrepito, o invalido e a hysterica, não para serem medicados como as suas enfermidades o exigem, mas simplesmente para estarem abrigados, para não occuparem a via publica. E' uma especie de deposito das vassouradas de rua. Outr'ora, esta phrase ara a expressão exacta da realidade : aquillo era o lixo

social. Actualmente, porém, no que respeita ás condições materiaes, em muito o tem melhorado o director, graças ao seu zelo e dedicação. Ha limpeza no edificio, ha ordem e methodo. Os asylados, outr'ora nús, ou vestidos com um sacco de lona, têm agora o seu uniforme numerado, de algodão branco ; as asyladas, camisa e vestido de corpete curto ; os asylados, calça e camisa. Já não dormem promiscuamente sobre o assoalho : ha dormitorios separados para homens, mulheres e menores ; camas de ferro com colchões de canhamaço, travesseiros, fronhas e lençóes de algodão e cobertores de lã branca. As roupas são mudadas regularmente duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos. Ha um salão de banho collocado á esquerda de quem se dirige para a escada principal ; ahi se encontrão cinco banheiros de marmore, uma cadeira para meio banho, apparelhos para ducha, chuveiros, jactos fortes, frios e quentes, etc. O banho é obrigatorio : os asylados separados por sexos e em turmas, descem ás 6 horas da manhã. A's quintas-feiras são submettidos á lavagem com sabão.

O refeitorio, no pavimento terreo, contém tres grandes mesas onde se podem assentar até 180 pessoas de cada vez. A's 9 horas almoção, o jantar é ás 12 1/2 e a ceia ás 6 da tarde. A ração diaria ao almoço consta de um pão de 170 grammas e 60 grammas de café ; ao jantar, ás quintas feiras, de carne verde e pirão; ás sextas, de bacalhão, hervas, feijão e batatas ; aos domingos, de carne verde e arroz, e nos demais dias da semana, feijão, hervas, carne secca e farinha ; a ceia consta de canja de arroz, 60 grammas. Nas enfermarias as dietas são prescriptas pelo medico Toda a verdura consumida no estabelecimento é produzida na horta. A alimentação é sadia e abundante ; e o cuidado do director vai ao ponto de, aos domingos, distribuir pelos asylados seis kilos de fumo.

Durante o dia já as mulheres não ficão ociosas ; o actual director estabeleceu uma officina de costuras em que emprega, das 9 ás 5 da tarde, as mulheres capazes desse servico. Ha mesas de costuras e duas machinas. Cerca de 18 a 20 asyladas ahi se empregão na manufactura das roupas, que ha 18 mezes são todas feitas lá.

O asseio do raio do edificio onde permanecem as mulheres está tambem a cargo das que são aptas para o trabalho. Os serviços de outras são aproveitados na lavagem das roupas : seis a oito diariamente. Os homens empregão-se em varios misteres : uns encarregão-se do asseio do edificio, outros conservão o jardim e a horta, auxilião a cozinha, custurão a roupa e dous, loucos calmos, cortão os cabellos e

aparão as barbas de seus companheiros, serviço em que poem timbre e de que se orgulhão. O trabalho é methodicamente regulado : ha horas e lugares para recreio. Dous grandes salões nos raios lateraes do edificio, onde existem bancos fixados ás paredes, prestão-se a esse effeito. Os asylados ahi permanecem até a hora do passeio no jardim, que para os homens é ás 4 1/2 e para as mulheres ás 5. Emquanto se demorão nestes salões, que ainda não estão assoalhados, arejão-se os dormitorios e procede-se á lavagem de todo o edificio. Os asylados quer nos salões, quer no passeio, estão sempre sob a vigilancia de guardas.

Os jardins ficão aos lados do edificio ; na parte destinada aos homens ha barras-fixas para exercicios musculares. A horta está no fundo do estabelecimento e é regularmente tratada. No jardim ha um pequeno chalet, cujo soalho é pulverisado de cal, e que se destina a deposito de cadaveres. Um pouco á direita achão-se o gallinheiro e um deposito de cal. Separada do edificio acha-se a casa forte, onde se recolhem os loucos furiosos e os que por infracção disciplinar tornão-se merecedores de reclusão por castigo. E' dividida em sete compartimentos de cada lado, forrados de madeira, de modo a impedir que se molestem os que alli são enclausurados.

As enfermarias são proximas do refeitorio e tem cada uma accommodações para 30 doentes. O nossso representante encontrou na de mulheres 17. Ahi deparou com uma galante pardinha de cerca de tres annos, de nome Maria, orphã, que alli estava á disposição do respectivo juiz. Não estava doente, mas alli permanecia por serem incompativeis com a sua idade os lugares onde as asyladas se reunião. Felizmente, uma familia respeitavel e compassiva, que já outras menores tem retirado dalli, pedio e obteve que ella lhe fosse entregue. Na enfermaria dos homens existião 19, affectados de marasmo, elephantiasis dos Arabes, etc. Tambem alli se encontra um desgraçadinho de dous annos, orphão e recolhido por ordem do juiz. Ha enfermeiros effectivos em cada uma dellas.

O edificio em geral está modificado : a entrada está ladrilhada de mosaico feito na casa de correcção. No saguão encontra-se de um lado a estatua de Almeida Reis, representando o *Genio dominado pela Miseria*; e do outro uma pharmacia bem sortida, montada por donativos publicos realizados pelos visitantes, por meio de um livro de esportulas collocado pelo digno director á entrada do edificio. Todo o edificio está pintado a oleo com excepção dos dormitorios, refeitorios e enfermarias que são caiados.

No pavimento superior acha-se a sala do medico no centro ; á esquerda a secretaria, o deposito de roupas novas e os aposentos do escripturario, e á direita a sala do director e a arrecadação. As roupas usadas têm um deposito especial, onde um asylado valetudinario, acompanhado dos menores que lá estão, emprega-se em concertal-as e refazel-as.

O pessoal actual do asylo consta de um director, o Dr. José Joaquim Couto de Freitas Henriques ; dous medicos, os Drs. Oliveira Maggioli e Alfredo Botelho Benjamin ; um escripturario, um servente, um pharmaceutico, um enfermeiro e uma enfermeira, um almoxarife, um porteiro, um cozinheiro e seis vigilantes, sendo tres homens e tres mulheres.

Como se vê, é um verdadeiro renascimento. O asylo já se não parece sequer com aquelle lugar de tortura que tanto commoveu a população desta capital ha tres annos ; e esse melhoramento, temos satisfação em dizel-o, é devido exclusivamente á boa vontade, á economia, ao esforço e á dedicação do seu digno director, que tem sabido trabalhar para essa boa obra, ao mesmo passo que se não cansa de solicitar o concurso generoso do publico. A verba orçamentaria destinada ao asylo é de 65:600$ annuaes ; o anno passado, chegando o estabelecimento a ter 469 asylados, a despeza foi de 47:152$618, ficando no thesouro um saldo de 18:447$382.

A renda unica do asylo era a fiação da estopa ; mas era insignificante em virtude dos abusos praticados pelos empregados e do desperdicio dos asylados sem fiscalisação. O total liquido da estopa vendida em 1889 foi de 1:397$ e da vendida em 1890 de 1:370$000.

Os preços das vendas aos particulares variarão de 400 a 490 rs. o kilo. Nas repartições officiaes o director comprava o cabo a 60 rs. e pagava-o com estopa á razão de 200 rs. o kilo. A' vista deste resultado negativo e da impossibilidade material de o melhorar, o director resolveu suspender temporariamente esse trabalho.

A reforma das condições hygienicas do asylo trouxe naturalmente uma diminuição na porcentagem da mortalidade. Em 1889, sobre 286, morriño de 10 a 15 pessoas por mez ; em 1890 reduzio-se essa média a 5 e 6, sendo para notar que em Fevereiro deste anno não houve obito algum.

A escripturação na secretaria está em boa ordem e faz sensivel contraste com os livros lá existentes, onde os borrões e as raspagens contão-se por paginas.

E' irrecusavel o testemunho de que muito melhoradas se

achão as condições materiaes do asylo ; mas não menos irrecusavel é que está completamente desvirtuado o fim a que elle se devia destinar. Para o asylo são remettidos menores desvalidos e vadios, como o outro dia verificámos que tambem o são para a detenção, assim como tambem são enviados doudos. Nem estes encontrão lá o tratamento de que carecem, nem aquelles a aprendizagem e a educação que reclamão. Dos 273 individuos que lá se achão, 30 quando muito lá devião estar : são os decrepitos e os invalidos, os miseraveis de condição, inhabeis para ganharem a vida. E quanto a estes mesmos, melhor talvez seria que o governo confiasse a tarefa de os proteger ás associações particulares de beneficencia a que auxiliasse. A existencia desse estabelecimento, tal como elle está organisado, é simplesmente a pratica fria da crueldade e uma admiravel machina de oppressão e de abusos de que infelizmente as autoridades se têm servido largamente. E' curioso saber como se procede : a autoridade entende dever punir um individuo que lhe cahio sob a alçada ; prende-o e remette-o para o Asylo com esta nota : *por parecer soffrer de alienação mental.*

Ahi fica pelo menos oito dias de observação, até que o medico se convença da inanidade da accusação e o ponha em liberdade. O relatorio do medico do estabelecimento assignala que no anno passado entrarão nestas condições 138 individuos, dos quaes 60, apenas, forão reconhecidos idiotas ou imbecis. Vão mais longe ainda : no anno passado deu entrada no Asylo, remettida por autoridade judiciaria, a menor Maria Magdalena *por ser dada a furto* !

O actual director tem-se esforçado quanto póde para reparar estes males : dos menores que para lá forão enviados, entregou 26 ao Sr. Lemgruber que os levou para os seus estabelecimentos na Parahyba do Sul, compromettendo-se a ensinar-lhes officios e 11 póde conseguir que fossem admittidos na casa de S. José, restando apenas seis, dos quaes tres são imbecis.

Entre os adultos ha, como dissemos, apenas 30 realmente em circumstancia de permanecerem no asylo; os mais, affectados de *delirium tremens*, de mania religiosa e perseguição, de cegueira, de sandice, de epilepsia, de hysteria, etc., reclamão os seus lugares em um hospital.

Ha doudos cujas manias são curiosas. Uma preta moça ainda, chamada Esperança, padece constantemente as maiores torturas em virtude da perseguição acintosa e tenaz que soffre... de uma mosca !

Diversas reputão-se rainhas e procedem com toda a grandeza

compativel com a sua gerarchia. Uma parda, Gracinda, tem a mania de ser muda e incessantemente procura amolgar o frontal com o indicador. Um preto, Victorino João, vive a suppliciar-se produzindo nos ante-braços uma especie de luxação. Outro, que pertence a familia conhecida no Estado do Rio e que foi por longos annos professor publico, approximou-se respeitosamente do nosso representante e narrou-lhe como foi parar lá :

— O bacharel phonographo, disse, conversava constantemente commigo. Estava morando eu com minha filha casada e com minha mulher que se chama D... (e dava o nome por inteiro). O phonographo que conversava constantemente commigo dizia desta maneira :

— Qual a sua scisma da morte do Castro ?

—Ora, fallando assim, incommodava a minha mulher e minha filha e forão ellas que, aborrecidas, me collocarão aqui. Desejo morrer perto de minha mulher e de minha filha para abraçal-as na hora extrema da vida.

—Peço a V. S., se é autoridade, para retirar-me daqui e dar-me o consolo de morrer junto dos meus.

E prorompeu em pranto.

Ha um, João Ferreira Torguinho, menor de 12 annos, que já lá se acha ha quatro, doido e epileptico. Conversou com desembaraço com o nosso representante e para lhe ser agradavel cantou o hymno da Escola Municipal de S. Sebastião.

Maria Augusta é uma pardinha de 14 a 15 annos em quem a desgraça tudo reunio : é céga, surda, muda e doida !

O governo auxilia parcamente o asylo. O seu patrimonio consta de 26 apolices da divida publica de 1:000$, cujo juro, aliás, o thesouro não entrega ao director, allegando que elle é destinado á amortização das despezas feitas.

Com tão parcos recursos, muito, realmente, tem conseguido o Sr. director ; mas muito resta ainda a fazer. Se é forçoso que alli continuem a existir menores e loucos, indispensavel se torna que se dote o asylo com os elementos necessarios para que elles alguma cousa aproveitem.

E' imprescindivel que se concluão as obras para que haja mais espaço, que se melhorem cada vez mais as condições de commodidade e bem estar, que se fundem officinas onde appliquem a sua actividade os que por ella ainda podem rehaver a luz perdida da razão. Não appellamos para o governo : appellamos para a generosidade proverbial do povo. O *Jornal do Commercio* tomará a si com satisfação a

tarefa de ser o intermediario entre a generosidade do povo e a dedicação do actual director, recebendo desde já qualquer donativo, em dinheiro ou em especie, que se destine a mitigar as dores, a suavisar a miseria, a attenuar a desgraça que se reunem sob os tectos do chamado Asylo de Mendicidade.

3 de Abril de 1891.

A subscripção rendeu a quantia de : 6:364$500.

Casa de Correcção

Depois do jury proferir a sentença condemnatoria de um réo, recebe elle na casa de detenção a competente guia e é immediatamente transferido para casa de correcção, onde deve cumpril-a. A casa de correcção occupa uma vasta área na antiga rua do Conde. Apenas lá chegado, o réo é matriculado e em seguida vai soffrer a *prova* no cubiculo. Essa *prova* não é mais que uma iniciação e um preparo para a vida de reclusão que o espera por longos annos. Dura oito dias durante os quaes o réo não sae da cellula a que foi recolhido. O director e capellão visitão-n'o amiudadamente, consolão-n'o, procurão infundir-lhe uma tal ou qual resignação, ao mesmo passo que se esforção por sorprender-lhe a vocação, o officio, o genero de trabalho que prefere. Terminados esses oito dias, o condemnado é retratado, cortão-lhe o cabello á escovinha, rapão-lhe a barba e dão-lhe o uniforme da prisão com o respectivo numero que figura não só no peito da camisa, como no cinturão.

Ha tres classes de condemnados. Logo que entrão pertencem á 1ª; se, tempos depois, o procedimento que têm é bom, passão á 2ª; quando o procedimento é exemplar á 3.ª Na 1ª classe percebem 75 rs. diarios; na 2ª, 266 rs. e na 3ª 1$. Actualmente ha na correcção 135 condemnados, dos quaes pertencem á 2ª classe 40 ; á 3ª 3 ; os restantes á 1.ª Desses condemnados, tres são mulheres, estando uma em prisão correccional e as outras duas condemnadas á penitenciaria.

A cada um dos presos, ao entrar, é aberta uma caderneta, que fica em poder do director. Estabelece-se assim uma especie de conta corrente, inscrevendo-se nella o que o preso ganha e o que despende em rapé, fumo, etc. Esta despeza comprehende-se que é diminuta : um

terço do lucro é depositado na caixa economica. No momento em que cumprida a sentença, aquelles infelizes revêem a liberdade, o director entrega-lhes essa caderneta e bem assim os objectos e dinheiro que possuião ao entrarem para lá, que são arrecadados e depositados mediante termo. O nosso representante, na visita que hontem fez a esse estabelecimento, teve occasião de ver entre os objectos e quantias assim depositadas, notas que já decahirão do valor pelo recolhimento da respectiva estampa, o que é naturalissimo, attendendo-se ao tempo que lá estão. Uma providencia que occorre desde logo é o Sr. ministro da justiça autorisar o director a proceder á troca dessas notas em ordem a não serem prejudicados aquelles que, a sociedade sequestra.

A vida na casa de correcção é, sem quebra do rigor disciplinar, suavisada pela pratica conscienciosa da caridade. E' um lugar de expiação, sim ; mas não de tortura. O asseio que alli reina em toda a parte está acima de elogios. O mais exigente nesta materia não póde mais que declarar-se plenamente satisfeito.

Os pateos internos, as salas, as arrecadações são ladrilhados de mosaicos feitos alli mesmo. As cellulas, ao longo de um corredor, são assoalhadas, gradeadas na frente e têm um orificio na parede do fundo. Por fóra dellas, na altura desse orificio, passa uma galeria abobadada. A' noite, por esse orificio e por meio de um reflector, projecta-se luz sobre a tarimba de madeira onde descansa o preso, de modo que o guarda póde, sem ser visto, observar-lhe todos os movimentos. Nas tarimbas ha colchões e roupas de accôrdo com a estação.

Ao toque da sineta, ás 6 horas da manhã, sahem das tarimbas e formão no corredor, uns atraz dos outros, braços cruzados sobre o peito, cabeça baixa. Seguem dahi para as officinas.

As officinas são completamente separadas umas das outras e são em numero de sete, a saber : de canteiro, onde trabalhão 6 condemnados ; de carpinteiro e marceneiro, onde estão 10 ; de funileiro, 9 ; de encadernação e pautação, 10 ; de ferreiro, 13 ; de pintura, 4 ; de sapataria e chinellaria, 5. Além dos que trabalhão na pedreira e na barreira, ha um que trabalha em mosaico.

As officinas da casa de correcção não carecem de ser elogiadas ; os seus creditos estão firmados na opinião publica que tem tido muitas occasiões de verificar a excellencia do seu trabalho. Limitamo-nos a dizer que reina nella toda a ordem e que o trabalho se faz do modo o mais regular.

Ao lado da officina de marceneiro e carpinteiro, em um pequeno compartimento, trabalha o sentenciado n. 1979, de nome Manoel Ramos,

portuguez, condemnado a 4 1/2 annos de prisão. Esse compartimento é a officina dos trabalhos de mosaico, que estava a cargo de um italiano habilissimo cujos trabalhos o publico teve mais de uma occasião de apreciar. Ultimamente o director o havia encarregado de fazer em mosaico armas da Republica, conservando as respectivas côres e todos os accesorios. O italiano iniciou o trabalho, e Manoel Ramos, que entende um tanto de pintura, acompanhou-o desde algum tempo attentamente. Em meio, esgotou-se o tempo da sentença e o italiano foi posto em liberdade. Ramos resolveu continuar o trabalho e o fez habil e rapidamente, de modo que hoje deve ficar concluido. Por coincidencia, hoje esgota-se tambem o prazo de sua sentença, de modo que a liberdade lhe chega no mesmo dia em que acaba de modelar as armas do Brazil. As mobilias que alli se fazem são magnificas : o publico já as tem observado em varias exposições ; e ainda agora trabalhos da officina de encadernação achão-se expostos á curiosidade publica em uma das chapelarias da rua do Ouvidor.

Os sentenciados galés, que são pedreiros e trabalhão no barro, têm emprego em obras fóra da correcção. Agora mesmo nove delles estão trabalhando nas obras do Asylo de Mendigos, que devem estar promptas dentro de dous mezes.

Os sentenciados não podem fallar : são condemnados a um mutismo continuo. Apenas os que forão condemnados a galés perpetuas, os que alli estão perpetuamente segregados da vida social podem fazel-o, assim como são os que têm o direito de trazerem o cabello e a barba crescidos. O homem, porém, é industrioso, e os sentenciados achão meios de se communicarem sem utilisarem a palavra. De um que lá esteve soubemos que essa communicação se dá nas officinas, por occasião do trabalho, graças a um systema combinado de pancadas seccas, que passão por méramente occasionaes aos ouvidos dos que não estão iniciados.

O domingo é reservado ao descanso geral. Como premio, todavia, o director consente que os que têm procedimento exemplar trabalhem para si até ao meio-dia. Pequenas commodas, encadernações, caixinhas de papelão, etc., são o fructo desse trabalho, que o director vende e remette para as suas respectivas cadernetas.

A's 8 horas da manhã, toca-se a sineta : é a hora do almoço.

Todos sahem das officinas e braços cruzados sobre o peito, cabeça baixa, formão no pateo ao lado das cellulas ; depois, um por um, desfilão, tomão da marmita que cahe da cozinha por um orificio na parede fronteira ás cellulas e dirigem-se para ellas. As refeições fa-

zem-se assim no isolamento da prisão ; e para esta da manhã ha o espaço de uma hora, finda a qual, guardada a mesma pratica, regressão para as officinas.

O jantar é ao meio-dia, Meia hora depois, dividem-se em duas turmas : os analphabetos vão para a aula, e os demais seguem para os trabalhos. A aula dura das 12 1/2 ás 2 horas. Ahi aprendem leitura, escripta e contabilidade, sob a direcção do conego Xavier Pinheiro. Dada a hora vão para as officinas. O trabalho cessa ás 5 horas: a essa hora seguem para um jardim interno onde passeião livremente por ordem do actual director, que suspendeu a determinação do passeio lugubremente feito por columnas, um a um, como se fosse antes um castigo que recreio.

O banho é obrigatorio tres vezes por semana. Uma vez por semana ás sextas-feiras, barbeião-se em uma sala especialmente destinada a isso. Dessa tarefa são encarregados uns tantos sentenciados.

Em um dos pateos da prisão está a galeria photographica, onde se retratão os sentenciados ao completarem o prazo da *prova*. Fomos ahi encontrar exercendo as funcções de photographo um dos criminosos celebres aqui do Rio de Janeiro : Renée Baltzinger, o unico francez que foi condemnado por haver assaltado a varios transeuntes no Cattete. E' filho da cidade de Nantes, de boa familia, muito intelligente, dispondo de certa illustração, pois é bacharel em letras. Ha tempos, pedio licença ao director para traduzir do inglez para o portuguez a obra da bibliotheca da correcção *Cast-ways*. Traduziu-a sob o titulo de— *Proscriptos sociaes*— e precedeu-a de um prefacio, em francez, em que, offerecendo o seu trabalho ao director, pedia-lhe que se compadecesse de seu infortunio, invocando sua mocidade como attenuante e a dôr e o exemplo de seus paes como esperança de um futuro de redempção.

Uma pequena sala serve de bibliotheca, onde se encontrão obras de moral e religião,cuja leitura o director faculta como premio aos bem comportados.

Ha tambem em baixo o manicomium onde ha agora quatro loucos, um dos quaes furioso, contido por camisola de força, e outros tendo momentos lucidos. Entre estes fomos encontrar o protogonista de um drama que apaixonou ha annos a população desta cidade : o preto que assassinou em Nitherohy o conhecido Dr. Cervetto Stochman. Outro nas mesmas condições é um habil trabalhador de caixas de papelão, que faz bordados de papel de côr de modo realmente interessante. A enfermaria fica no pavimento superior ao lado direito das cellulas,

tem 23 cubiculos e ao fundo uma pequena e bem sortida pharmacia e um armario com instrumentos cirurgicos. Hontem havia 16 doentes; mas somos informados de que a média diaria é de 4 a 6. Além dos tuberculosos, asthmaticos e ophtalmicos, os mais soffrião apenas de suppressão de transpiração. Ha um enfermeiro e um ajudante; o medico, que é o Dr. Pires Farinha, além da visita diaria á enfermaria, tem um consultorio em uma das salas do edificio.

A alimentação é boa, abundante e variada. Os generos encontrados na arrecadação erão bons. O pão é feito no estabelecimento.

Ha dous cozinheiros e um ajudante. As verduras são da horta da casa que é tratada pelos sentenciados. A rouparia é situada ao lado da cozinha e mantida com muita ordem. As roupas, que os sentenciados despem ao entrar, são ensacadas com o numero que tomão. Todas as roupas são lavadas no estabelecimento por sentenciados.

O estabelecimento tem uma capella simples e elegante. Todos os domingos, ás 8 horas, os presos vêm ouvir missa. O capellão faz-lhes uma prédica exhortando-os para o bem e indicando-lhes o caminho do dever. Muitos, porque o desejão, confessão-se e commungão.

Com a separação da Igreja do Estado, pretendeu-se exonerar o capellão e supprimir a capella. O director fez ver o inconveniente da medida e a ordem, se ordem houve, foi sustada. E não ha duvida que fazendo-o, o Governo andou bem. O Governo póde recusar-se a pagar ao capellão, mas não só não póde, como não deve impedir que alli se exerça o culto religioso, o unico e superior consolo que resta áquelles desventurados. A lei é lei, mas se ella exige que o Governo não subsidie a religião, não impede que outros o fação e que assim se pratique a caridade

Aquelles infelizes, excluidos do gremio social, sepultados na ruina total de sua existencia, só podem encontrar algum allivio moral no conforto da religião. É por isso que em quasi todas as cellulas encontrámos symbolos religiosos, a cruz ou a imagem deste e daquelle santo. E' ainda por isso que todos se curvão aos conselhos e ás indicações do digno capellão, que de todos merece a maior veneração e respeito.

O nosso representante entreteve-se com varios sentenciados dos que estiverão em maior evidencia. Um delles foi o *Estudante*, que matou ha annos um sargento de policia. E' galé, e os galés constituem a classe baixa daquella triste hierarchia; a elles incumbem as mais penosas tarefas e não gozão de tantas prerogativas. O actual director, cumprindo o decreto que lhes commutou a perpetuidade da pena por 30 annos de prisão, mandou retirar-lhes as grilhetas. O *Estudante* apre-

sentou-se vestido do uniforme da casa, uma corrente de metal em trasspasso na altura do cós, oculos azues de aros amarellos, calçado, com ar humilde. Tem o n. 3139. Cumprimentou o nosso representante pelo nome. Está preso ha tres annos.

Fallando do seu crime, exaltou-se.

— Eu era um homem máo, dizião. E perseguião-me como se fôra uma féra Não me deixavão em socego, andavão sempre como que á minha caça. Era para desesperar um santo. Certo dia eu passava em socego pelo campo de Sant'Anna ; as praças de policia prendem-me, arrebatão-me um guarda-chuva, desembainhão as espadas. Eu tinha um revolver e não fui senhor de mim : commetti o crime.

— E tem pais vivos ? Como se chamão ?

O *Estudante* hesitou um instante. Depois, resoluto e dramatico :

— Não tenho ! Sou um deshonrado, sou um miseravel ! Fui eu que assim me fiz e não tenho o direito de envolver os nomes de meus pobres pais na lama em que me atirei !

E chorou.

Ha cerca de nove annos um homem matou outro a martelladas na rua da Candelaria. Esse processo teve grande repercussão. A excepção da loucura, apresentada por um advogado habil, foi muito explorada. O réo foi condemnado a galés perpetuas. Encontramol-o hontem. Alberico Delascar de Souza Leite é um dos sentenciados mais calmos e frios que lá existem. Evitou fallar do crime ao nosso representante a quem conheceu. Esmera-se em bem proceder : está na 2ª classe.

— Aqui estou, disse. Procedo muito bem e só espero que isso venha um dia a valer-me o perdão.

Ha um condemnado que está em uma posição curiosa. E' um preto, Roque, condemnado por haver, quando escravo, assassinado a um feitor. Segundo nos informão, o Dr. Campos Salles, quando ministro, chegou a expedir alvará perdoando-o ; o que não impede que elle lá continue. E' o sentenciado que está ha mais tempo na correcção : cumpre a sua sentença de galés ha 28 annos. O que está ha mais tempo depois delle é tambem um preto, João Coelho, condemnado pelo mesmo motivo, sob o regimen da lei de excepção para os escravos : cumpre sentença ha 27 annos.

A lavadeira da casa é uma preta, Joanna, que envenenou uma criança. Está condemnada a 20 annos de prisão e já lá está ha 12. Entrou para cumprir a sentença aos 16 annos de idade. Esta contou por miudo o crime ao nosso representante e jurou que o praticára in-

conscientemente. Foi mero instrumento : mandarão-na deitar uns pós na chicara do leite e a pobre criancinha morreu. Tinha seis annos.

Em virtude do decreto n. 744, que commuta em 30 annos a pena de galés perpetuas, forão postos em liberdade cerca de cem sentenciados que tinhão passado daquelle prazo. Todos sahiram com peculios, alguns dos quaes montavão a 600$000.

Os presos podem ser visitados ás segundas-feiras, das 12 1/2 a 1 hora. Ha no edificio um necroterio ; e em dependencia do edificio refeitorios e quarteis dos guardas, etc. Ha em todo elle a necessaria vigilancia, se bem que tenha uma força de policia apenas de oito praças.

O pessoal do estabelecimento é o seguinte : o director que é o Sr. Dr. Alfredo de Carvalho ; 1 vedor ; 1 chefe da contabilidade ; 1 escripturario; 5 amanuenses ; 1 conferente ; 1 porteiro-comprador ; 1 guarda mandante e 36 guardas. Os vencimentos destes empregados são diminutos. Na secretaria está o livro de matriculas dos presos a que se procede apenas elles chegão. Lanção-se nelle os nomes, filiação, naturalidade, crime e signaes do sentenciado, e a um canto affixa-se a photographia.

O orçamento para o custeio da correcção é de 172:374$180 ; a renda do trabalho da casa orça annualmente por 50:000$. Destes 50:000$, 30:000$ ficão no thesouro e os restantes 20:000$ revertem para a casa, não sendo raro que delles se deduza saldo.

A impressão que esse estabelecimento deixa ao visitante é a melhor possivel. A ordem, o asseio, a disciplina, a regularidade nos trabalhos fallão alto em favor do criterio, zelo e competencia do Sr. director, que é realmente digno de todos os elogios.

9 de Abril de 1891.

Hospicio Nacional de Alienados

Filho de portuguezes e nascido em Portugal, José Clemente Pereira chegou ao Brazil em Outubro de 1815 e dedicou-se á pratica da advocacia. Grandes destinos o esperavão aqui, quer na politica, quer na administração ou de bens do Estado ou de bens de associações de caridade. Foi a elle, na qualidade de juiz de fóra, presidente do senado da camara, que coube a missão de apresentar ao principe

D. Pedro a famosa representação do povo do Rio de Janeiro, propondo-lhe que desobedecesse ás côrtes de Lisboa e ficasse no Brazil; e foi ainda elle que, de uma das janellas do paço transmittio ao povo o memoravel — *fico*. Desde então não ha acto politico de importancia na historia do Brazil em que o nome de José Clemente Pereira não figure na primeira plana. Ou perseguido pelo ministerio Andrada, ou recebendo o mandato de deputado por tres provincias simultaneamente, eleito senador pelo Paraná, conselheiro de Estado posteriormente, José Clemente achou-se ligado intimamente á evolução politica de nosso paiz. A 8 de Julho de 1838 foi eleito provedor da Santa Casa da Misericordia e ahi prestou relevantes serviços que ora nos obrigão a esboçar rapidamente o seu perfil.

Esses serviços são de tal magnitude, que recordal-os é louval-os: fundou o cemiterio do Cajú; levantou o edificio que ora se admira na praia de Santa Luzia; deu nova casa aos *expostos*; melhorou o recolhimento dos orphãos e fez construir na praia Vermelha um hospicio para alienados, a que deu o nome de D. Pedro II, e que outro não é senão o que hontem visitámos e que traz actualmente o nome que encabeça estas linhas.

José Clemente falleceu na sexta-feira 10 de Março de 1854; e não deixa de ser curioso, conhecendo os serviços que á sua patria de adopção prestou esse grande homem, saber como a seu respeito se pronunciou a imprensa contemporanea na occasião de sua morte. Não nos podemos furtar a essa legitima curiosidade e nos archivos desta folha procurámos o *Jornal do Commercio* da epoca: encontrámos no seu numero de domingo 12 de Março, as seguintes linhas entrelinhadas na segunda pagina: «Falleceu ante-hontem, sexta-feira, o Sr. conselheiro d'Estado José Clemente Pereira.» E dous dias depois, outra insignificante local informava do seu enterro. Certamente isto não exprimia má vontade ao grande morto; significava, apenas, que o publico ledor de 1854 era muito menos exigente que o de hoje, e não padecia desta nevrose de curiosidade que creou os *reporters* e que os obriga a folhearem, pagina a pagina, a vida não só publica, como intima, dos homens que estiverão um dia em evidencia. E demonstra tambem que a funcção social da imprensa, com o correr dos annos, alterou-se profundamente; que ella deixou de ser a machina passiva do registro de acontecimentos para transformar-se nesse admiravel propulsor de progresso; trazendo á luz plena e submettendo á sancção da opinião os vicios e as qualidades, as excellencias e as falhas de

tudo quanto directa e intimamente importe á vida da sociedade moderna.

O Hospicio de Alienados é um producto altamente honroso de benemerencia do publico brazileiro. Quem hoje visita a creação de José Clemente, reconhece-a montada de modo a não ter que invejar ás melhores do seu genero existentes na Europa e sabe-a quasi inteiramente fundada pela iniciativa particular e pela caridade de muitos cidadãos que alli vasavão parte de seus bens; não póde deixar de render as maiores homenagens a este povo que tão alto eleva o altruismo.

E um dos varões que mais fazem jús a estas homenagens é o Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, cuja estatua em marmore de Carrara lá se encontra na sala de honra como devido tributo de gratidão.

Lá tambem se acha a estatua de José Clemente.

Trabalhos de Fernando Pettrick (1846).

Os bustos do commendador Thomé Ribeiro de Faria (Barão de Itapemirim) e de Joaquim Babo Pinto, seus grandes bemfeitores.

O hospicio serve hoje a dous fins: ao estudo clinico da psychiatria, que constitue uma cadeira da faculdade de medicina e ao tratamento hospitalar dos alienados.

O Sr. Dr. Teixeira Brandão é o lente de psychiatria na faculdade e o director do hospicio; estas são funcções que se completão e uma depende estrictamente da outra, de modo que mal se concebe que possão ser exercidas por duas pessoas.

Como scenario para o estudo clinico, o hospicio está perfeitamente montado.

De um lado e de outro do vestibulo, com excepção da sala dos medicos, da administração, dos *parlatorios*, encontrão-se os gabinetes de anatomia pathologica, muséo, gabinete photographico, gabinete electro-therapico, sala para as aulas da faculdade, para a escola de enfermeiros, etc

Cada um desses gabinetes achão-se perfeitamente installados e dispõe dos apparelhos e instrumentos necessarios para todas as investigações scientificas. Sob esse ponto de vista, póde-se affirmar, sem receio de contestação, que o hospicio nada tem a invejar aos estabelecimentos congeneres da Europa.

No gabinete anatomo-pathologico, a cargo do Dr. Mario Nunes Galvão, discipulo de Kolliker, estudão-se ao microscopico as lesões encontradas nas visceras dos individuos fallecidos no hospicio, as alte-

rações pathologicas dos liquidos organicos; preparão-se as peças que devem compôr as collecções do musêo e formão-se as series anatomicas para reconhecimento dos trajectos nervosos, pontos de origem dos nervos, etc.

O resultado das investigações feitas é descripto em livro especial, onde se encontra tambem o historico da molestia e a nota da autopsia.

O gabinete photographico corresponde a dous intuitos: facilitar o reconhecimento da identidade de pessoa e assignalar indelevelmente certas manifestações symptomaticas que se traduzem por alterações physionomicas caracteristicas.

O gabinete de electricidade, perfeitamente montado com todas as machinas necessarias ás indicações therapeuticas e apparelhos para os estudos psycho-physicos, é dirigido pelo Dr. Domingos Niobey, auxiliado pelo Sr. Eugenio José de Lima, pharmaceutico do estabelecimento e estudante da 6ª serie, que tem em via de elaboração sua these sobre as indicações da electricidade nas molestias mentaes. Tivemos occasião de observar neste gabinete a rapidez com que funccionão as machinas de electricidade estatica, sem auxilio do aquecimento, como vulgarmente se faz, graças a uma substancia descoberta pelo Sr. Eugenio Lima, para enchimento dos coxins que attrictão a roda de vidro.

As aulas de clinica psychiatrica effectuão-se no hospicio diariamente e duas vezes por semana o professor Dr. Teixeira Brandão faz prelecção sobre os casos clinicos mais interessantes.

A escola de enfermeiros, que funcciona no mesmo local, tem por fim formar um pessoal idoneo para guarda e tratamento dos alienados. Infelizmente, raros são os que se dedicão a esse estudo e o Sr. Dr. Teixeira Brandão lucta com difficuldade para obter quem se preste a tal missão, havendo, da parte dos estabelecimentos onde se educão orphãs, notavel retracção para cedel-as a tão nobre mister.

Depois de termos descripto o hospicio como estabelecimento de instrucção clinica, vamos estudal-o como instituição hospitalar.

O serviço de admissão, de expediente e de contabilidade acha-se a cargo do secretario, funccionando no pavimento superior.

Dirige esse serviço o Dr Domingos Lopes da Silva Araujo, auxiliado por dous primeiros escripturarios, um segundo escripturario, um amanuense e um continuo.

O serviço administrativo e economico acha-se a cargo do Sr. Vasco de Alencastro Lima, auxiliado por um amanuense e por empregados das diversas repartições do hospicio.

O serviço sanitario, dirigido immediatamente pelo professor de clinica, é distribuido por tres medicos externos, quatro estudantes internos, dous pagos pelo hospicio e dous pela Faculdade de Medicina, um pharmaceutico e um ajudante, auxiliados por 102 empregados nas duas secções.

As duas secções do hospicio completamente separadas de todo o corpo central do edificio, dispõem de todos os elementos indispensaveis aos doentes, de modo a ficar completamente isolada uma da outra. Para o serviço economico e medico, os pedidos dos objectos necessarios e as reclamações para soccorro a um ou outro doente, fazem-se por intermedio de pequenos telephones installados nas subdivisões da secção e que communicão com o corpo central, onde se acha a administração, com a sala dos internos e com a do director e do administrador.

Para se comprehender o modo por que é feito o serviço vamos acompanhar um doente desde a sua entrada até o ultimo destino.

Logo que dá entrada no hospicio de accôrdo com o disposto no regulamento, o nome e caracteristicos do doente são assignalados em um livro de *inscripção*. Admittido na secção, o primeiro enfermeiro muda-lhe a roupa, tira-lhe todos os objectos de valor que elle possa trazer e entrega-os ao administrador que, por sua vez, os deposita na secretaria em mão do chefe dessa repartição,

Preparado o doente, o interno examina-o, toma as medidas craneometricas, assignala em uma *folha clinica* o delirio, as lesões physicas notadas e todas as observações que o estudo do doente lhe poder suggerir. No mesmo dia ou no dia seguinte, conforme a hora da entrada e o estado do doente, é elle examinado pelo medico da secção, que rectifica ou corrobora as observações do interno.

Dahi por diante, durante quinze dias, diariamente, assignala-se no livro de observações diarias as phases por que tem passado o doente. No fim de 15 dias o medico da secção apresenta ao director geral o resultado do seu exame.

Se este é negativo, na opinião do medico e do director, o individuo não é matriculado e tem de retirar-se do estabelecimento ; se, porém, o exame confirma o supposto estado de alienação, o doente, de accôrdo com o diagnostico, passa para uma das secções seguintes : dos agitados, dos semi-agitados, dos paralyticos e dos tranquillos, onde continuará em tratamento.

Todo este meticuloso procedimento tem por fim impedir que qualquer individuo possa ser arbitrariamente internado no hospicio.

Se, porventura, depois do exame averigua-se que o doente é calmo e póde entregar-se a trabalhos agricolas é removido para as colonias.

Este é o processo preparatorio que soffre o doente que vai permanecer no hospicio, O artigo seguinte informará aos leitores do regimen do estabelecimento e do estado em que elle actualmente se acha.

No verão, os doentes levantão-se ás 5 1/2, e no inverno ás 6 horas da manhã, empregando-se os gratuitos desde logo na limpeza da secção respectiva, preparo dos leitos, etc.

A's 7 horas, tomão a primeira refeição e depois da visita do medico, ás 8 horas da manhã, dirigem-se para os trabalhos habituaes : nos jardins, nas hortas, nas officinas de colchoaria, sapataria, carpintaria, no fabrico de vassouras, na officina de flôres, na alfaiataria, na lavanderia, na cigarraria, trabalhos entregues á direcção de um mestre por elles responsavel. Ao meio-dia, deixão todos o trabalho e fazem a segunda refeição em refeitorios geraes, e parciaes nas secções para pensionistas, gratuitos, paralyticos, etc..

Após a refeição tem uma hora de descanço, findo a qual começão a labutação quotidiana até ás 5 horas da tarde, quando se lhes serve a terceira refeição.

Os trabalhos, nos quaes são aproveitados os alienados, são indicados pelos medicos, segundo as aptidões dos enfermos, que de nenhum modo são coagidos, quando não querem desempenhar qualquer incumbencia.

Tres vezes por semana são administrados a todos os alienados banhos de asseio e trocão as roupas por outras limpas.

Independentemente dos banhos de asseio são dados aos alienados banhos de duchas *de força* em banheiros especiaes e todas as outras especies de banhos medicinaes, segundo as prescripções medicas.

A sala da hydrotherapia, tanto da secção dos homens, como das mulheres, está provida de todos os apparelhos necessarios, taes como; piscina, banheiros de marmore, *banheiros de força*, ducha escosseza, circular, em jacto, banheiros para banhos sulfurosos, de electricidade, de vapor, etc. Além da sala da hydrotherapia, em cada uma das secções do pavimento superior existe um gabinete balneo-therapico para os casos de urgencia.

A's 5 horas da tarde suspendem-se os trabalhos, e ás 6 horas da tarde, no inverno, e ás 7 horas, no verão, recolhem-se os doentes aos seus aposentos.

Os pensionistas que de motu proprio não vão procurar um emprego qualquer, entretêm-se na bibliotheca, em jogos, etc. Para as mulheres, além dos trabalhos de flôres, crochets e bordados em que se distrahem, ha pianos em um dos salões da secção, onde tocão e dansão.

Cada secção do hospicio é subdividida em 4 sub-secções, como acima ficou dito. Cada uma das secções do lado dos homens tem um primeiro enfermeiro auxiliado por 14 2os enfermeiros e serventes, e do lado das mulheres uma inspectora, duas sub-inspectoras e 15 guardas.

Os primeiros enfermeiros e as inspectoras apresentão todos os dias um relatorio do que occorreu durante o dia; os internos a esse relatorio accrescentão as notas do que tambem tiverem observado; de sorte que tudo quanto occorre no hospicio durante o dia é relatado em um livro apresentado pela manhã ao director que providencia como fôr necessario.

A' noite, fazem todos os empregados por escala o serviço de ronda, devendo chamarem o interno de serviço quando fôr necessario prestar soccorro a algum enfermo. O interno por sua vez, attento a gravidade do caso, recorrerá, ou não, ao director. Com tão assiduos cuidados, conseguio o director que os doentes sejão tratados tão efficazmente que, no dia da nossa visita, em que havia no estabelecimento 47 alienados, sómente 4 estavão em cellulas, do lado dos homens, não porque estivessem furiosos, mas por ser perigoso deixa-los em liberdade emquanto visitavamos o estabelecimento. Do lado das mulheres havião 6 encerradas por não conservarem as vestes.

Não vimos em nenhum doente a camisola de força.

Percorremos todo o estabelecimento e suas dependencias e por toda a parte verificamos não só esmerado asseio como a melhor ordem.

Tivemos occasião de assistir a uma das refeições, e, na verdade, era de causar pasmo o silencio que mantiverão, durante todo o tempo, mais de 200 alienados que se sentavão á mesa.

Comquanto nada se tenha a censurar na disposição dos quartos dos pensionistas, perfeitamente confortaveis, ainda pretende o Dr. T. Brandão melhoral-os, tornando-os mais luxuosos.

A disposição interna do Hospicio difficulta algum tanto o serviço. Pretende o Dr. Teixeira Brandão, logo que a renda do estabelecimento o permittir, fazer pavilhões separados para a cozinha, secção dos agitados e doentes em observação. Disse-nos o director, que realizados esses melhoramentos, o Hospicio será um estabelecimento modelo no seu genero.

Os empregados do serviço subalterno, do serviço sanitario e economico se subdividem do modo seguinte :

SECÇÃO DOS HOMENS

1º enfermeiros	2
2º enfermeiros	14
Officiaes e operarios	8
Cozinha	5
Horta e jardim	6
Serventes, empregados da dispensa, refeitorio, galinheiro, cocheiro, lancha a vapor	25

SECÇÃO DAS MULHERES

Inspectora, sub-inspectoras e guardas	21
Serviços de costura e bordados	6
Lavanderia e rouparia	12
Refeitorio	2

O que prefaz um total de 102 empregados, sendo 42 mulheres e 60 homens.

Encontramos quasi terminadas as obras que por ordem do ministro do interior, a pedido do Dr. T. Brandão, estão sendo executadas na lavanderia do Hospicio para dar-lhe condições de arejamento e luz que lhe faltavão.

As duas secções do edificio dão para um terreno dividido ao meio por uma rua que vai ao necroterio e capella mortuaria. Esse terreno, que servia para plantação de legumes, está sendo transformado em um parque para recreio dos doentes, servindo para a plantação de legumes e arvores fructiferas um outro terreno que o Dr. T. Brandão solicitou do ministerio do interior e fica ao fundo do Hospicio.

Ao lado esquerdo do estabelecimento existe um chalet, destinado a deposito de materiaes ; neste chalet estão estabelecidas as cocheiras e o estabulo, e ahi tambem guarda-se o carro especialmente construido para a conducção dos alienados. Achão-se tambem desse lado as casas de residencia do director e administrador.

Do lado direito existe um grande edificio em construcção mandado annexar ao Hospicio por solicitação do Dr. Brandão, destinado por este a asylo de pensionistas.

O Hospicio mantém-se á custa da renda de seu patrimonio e das rendas que lhe vêm dos contribuintes.

Até 1889 o Hospicio estava confiado á administração da Santa Casa da Misericordia.

O governo resolveu organisar, sob um plano uniforme e systematico, o serviço da assistencia dos alienados, chamando a si esse estabelecimento.

Foi então que se crearão as colonias de alienados para onde passarão muitos loucos até então recolhidos ao Asylo de Mendicidade.

Os serviços relevantes prestados este anno pelo Hospicio resaltão flagrantemente do seguinte quadro estatistico:

RESUMO COMPARATIVO DO MOVIMENTO DO SERVIÇO SANITARIO DO HOSPICIO NACIONAL DE ALIENADOS, NOS ANNOS DE 1889 E 1890.

1889	*Homens*	*Mulheres*	*Total*
Existião	190	149	339
Entrárão	43	50	93
Sahirão	13	11	24
Fallecêrão	49	42	91
Ficão em tratamento	171	146	317
1890			
Existião	171	146	317
Entrárão	304	194	498
(*) Sahirão	115	102	217
Fallecêrão	92	65	157
Ficão em tratamento	268	203	471

(*) Neste numero estão incluidos 39 homens e 39 mulheres transferidos para as colonias da Ilha do Governador.

Movimento do 1º trimestre do corrente anno de 1891

Passárão de 1890	268	203	471
Entrárão	50	14	64
Sahirão	22	2	24
Fallecêrão	19	11	30
Evadirão-se	4	—	4
Forão licenciados	2	—	2
Ficão em tratamento	271	204	475

Sobreleva notar que, não obstante ter o Hospicio recebido este anno mais 405 alienados do que no anno anterior, o Estado não concorreu com um ceitil sequer para auxilio do estabelecimento que o exonerou do pesado encargo de manter tão avultado numero de individuos.

No primeiro trimestre do corrente anno já recebeu o Hospicio 64 alienados; mas o desenvolvimento da alienação mental toma entre nós proporções taes, que ainda muitos doentes esperão no asylo de mendicidade remoção para os estabelecimentos de assistencia. E' isso devido, segundo nos informou o Dr. T. Brandão, a não estarem terminadas as obras que se effectuão em uma das colonias, no sentido de adaptar uma das casas ao recebimento de mulheres alienadas.

No mez proximo espera o Dr. T. Brandão estar habilitado a prestar soccorros da sciencia a essas infelizes.

A proporção dos individuos que sahem curados dos estabelecimentos da assistencia é muito consideravel como se evidencia da estatistica. Disse-nos, entretanto, o Dr. T. Brandão, que a proporção das curas será muito maior desde que os doentes forem submettidos a tratamento ás primeiras manifestações da molestia

E' para lamentar que as autoridades, deixando de observar o regulamento, enviem para o Hospicio os loucos encontrados nas ruas, sem informação de especie alguma, proxima ou remota, que possa trazer ao medico esclarecimento sobre as causas primarias da molestia e suas manifestações symptomaticas. Comprehende-se facilmente as vantagens scientificas e praticas que resultarião do conhecimento das causas que tanto concorrem entre nós para o desenvolvimento das molestias mentaes.

No Brazil ainda não se presta aos estudos psychiatricos a importancia que tem em todos os demais paizes

Só agora e depois de muita lucta, começa o Dr. T. Brandão a reunir em torno de si discipulos dedicados no afan de propagar e desenvolver o gosto por essa especialidade.

Voltaremos em outro artigo a completar as informações sobre o Hospicio, externando as observações que elle nos tenha suggerido.

Nada mais curioso e capaz de despertar sentimentos os mais oppostos do que uma visita através das secções de um asylo de alienados. Aquillo é um mundo a parte *sui generis*, onde os contrastes se affrontão e se entrechocão a todo o momento. A dôr profunda, resignada, o desespero, a alegria, a indifferença e o tedio vêm-se esculpidos, ao mesmo relancear de olhos, na face da multidão que nos cerca. A

uns traz a visita a esperança da liberdade que approxima-se ; a outros o desengano de um esquecimento supposto ou o receio de uma condemnação proxima.

Ao entrarmos em uma das secções, veio ao nosso encontro um moço de olhos vivos e escaveirado. Corria para nós, balbuciando palavras que não percebemos e fazendo tregeitos e momices.

— E' um imbecil, disserão-nos, a sua unica aspiração é ser um *burro de bond* ou *cavallo de tilbury*. Logo que ouvio essas palavras voltou causado, sacudindo a cabeça, ora pondo as mãos no chão, ora simulando os movimentos dos cocheiros dos bonds, quando travão o freio, ora o movimento dos animaes.

Mais adiante mostrarão-nos um velho, cégo, ainda erecto, apezar dos annos, que entrou para o hospicio em 1854, e é seu hospede até hoje.

Mais longe encontrámos um moço que solicitava calorosamente permissão para retirar-se do hospicio.

Era a familia, dizia elle, que o perseguia cruelmente, fazendo fechar após elle as portas do hospicio.

Era poeta repentista : aceitava qualquer *motte* e immediatamente o glosava. A glosa era um disparate quanto á idéa e á rima. Queixava-se amargamente de que a musa lhe fugira desde que elle entrára para o hospicio. Não era esta a sua unica habilidade ; imita admiravelmente o sibilo da locomotiva e o ruido que produz o vapor na marcha e contramarcha do trem. Junto a este, ouvindo-o com sobranceria e desdem estava um doente, joven ainda, de physionomia altiva ; era um millionario de cuja fortuna se apoderarão malfeitores. Ao lado e junto a nós, passeavão outros: alguns ruminando um eterno monologo, muito graves e pensativos, absortos em profunda meditação ; a maior parte, porém, calmos, sem que o menor vestigio de emoção lhes alterasse os traços physionomicos.

No pavimento inferior vimos um americano, trabalhador infatigavel : foi *clown*, conhecido por *homem de ferro*. No Rio de Janeiro enlouqueceu, e deu entrada no hospicio. Alli continúa nos exercicios acrobaticos acompanhado da algaravia dos *clowns*, como se em sua vida nada se alterasse. Trabalha constantemente ; e é preciso para que não se exaspere permittir que durante o trabalho faça o alarido que no circo produzia. E' um verdadeiro homem de ferro, um hercules ; tem satisfação quando se lhe pede a demonstração da sua força, produzindo nos membros contorsões que deixão patente os relevos dos musculos.

No pavilhão da casa forte entretivemo-nos com um velho de physionomia placida, de trato ameno e conversação agradavel. Estava encerrado em um quarto forte porque o director ia comnosco. E' « um propheta, em communicação constante com S. Paulo, de quem recebe ordens. »

A historia desse doente é muito interessante. Um dia, tocava elle violão junto a um filho, quando arrebatado com os sons dos accordes que tirava, tão enthusiasmado ficou, que despedaçou o violão na cabeça do filho, que cahiu atordoado. Foi a primeira revelação da molestia. Ha muitos annos que se acha no hospicio. A sua missão actual é «regenerar o mundo por meio do fogo».

Ha annos, quando mais incandescente se achava a questão do elemento servil, recebeu ordens de S. Paulo de dar um golpe decisivo na questão, ateando o incendio e demonstrando ao mundo o poder maravilhoso que possuia de passar incolume no meio das chammas. E como o director oppoz-se ao projecto, quasi o matou. Tem em seu quarto uma grande quantidade de formigas, que de vez em quando ingere para illuminar-lhe a intelligencia. E' um doente excessivamente perigoso.

Conversamos tambem com um outro velho, que se intitula *estado-maoir da côrte do Rio de Janeiro*, é possuidor de uma fortuna fabulosa, tudo quando existe lhe pertence, o hospicio é o seu palacio. Subordina-se, entretanto, ao regimen da casa, porque ainda não chegarão os soldados que mandou vir para prenderem dous ladrões que habitão o pavimento superior e estão de posse da sua fortuna.

Vimos ainda um doente que perpetuava a tradicção de Sansão: tinha o culto dos cabellos. Ninguem lhe tocava nas barbas e nos cabellos, de modo que os têm immensos, dando-lhe um aspecto extravagante. Ha um, poeta e pintor, que se reputa notabilissimo. Procura os seus assumptos na religião, e elle proprio inscreve debaixo de seu nome este lemma sacro: *J. N. R. J.*

Morreu a pobre rainha que na sala das costuras attrahia a attenção dos visitantes com o seu sceptro e corôa. A velhice e o marasmo que a seguio não respeitarão as grandezas e o esplendor de seu throno.

Na secção das mulheres vimos casos curiosos. Nada menos de duas rainhas ainda ahi disputavão a supremacia do commando. São as mulheres mais indoceis e desconfiadas que os homens, e difficilmente põem o visitante ao corrente das suas idéas.

Uma nota coriosa: Em Abril do anno passado passou do Asylo de Mendicidade para o Hospicio uma mulher alienada. Na occasião

de mudar as vestes encontrárão, amarrada a uma das pernas, a quantia de 533 francos.

—Ao deixarmos o Hospicio, sahimos com o coração confrangido diante de tanta desventura. Felizes aquelles que, tendo a desgraça de perder a razão, tombão de uma vez nas trevas da demencia. Esses, ao menos, na noite que os envolve, não lobrigão jámais essas intercadencias da luz que lhes deixão ver o infortunio em que cahirão.

16 de Abril de 1891.

Casa de S. José

Quando, ha cerca de tres annos, a imprensa denunciou o estado miserando em que se achava o Asylo de Mendigos, o Sr. Ferreira Vianna, que era então ministro da justiça, resolveu-se a visita-lo e não pouco o commoverão os menores que lá foi encontrar vegetando nas mais tristes condições. Para obviar a taes inconvenientes, S. Ex. pensou em crear um asylo; e para isso pediu e recebeu donativos.

Um generoso cavalheiro cedeu por cinco annos uma casa situada á rua do Barão de Itapagipe, no Rio Comprido; outros entregarão-lhe dinheiros, comestiveis e roupas ; e dentro de poucos dias, todos os pequenos que chafurdavão no Asylo da Mendicidade, forão removidos para a nova casa, que recebeu do ministro a denominação de Casa de S. José e foi entregue ao zelo de algumas irmãs de caridade. Assim e precariamente, ao favor da caridade publica, manteve-se por algum tempo. Em Maio do anno passado, o Sr. Dr. Cesario Alvim, que era ministro do interior, teve um bom movimento e expedio um decreto organisando a assistencia á infancia desvalida. Por esse decreto, o governo creava dous hospitaes de crianças para 100 leitos, sendo um para molestias contagiosas e outro para molestias communs. Nesses hospitaes ninguem mais fallou; e, todavia, era tudo que de novo consignava o decreto. O mais não estabelecia senão novos regulamentos para os dous estabelecimentos já existentes: a Casa de S. José e o Asylo de Meninos Desvalidos; e posto os tornasse muito mais complicados, não sabemos em que servio ao progresso de taes asylos. A Casa de S. José passou a ser mantida á custa de uma parte dos impostos sobre bebidas alcoolicas neste municipio.

Creárão-se cargos remunerados, alguns dos quaes verdadeiras inutilidades, como seja o de superintendente--que tambem o é do asylo de Desvalidos—que teria talvez razão de ser em uma verdadeira e complexa organisação da assistencia, mas que pouco mais é que uma sinecura no simplissimo e rudimentar serviço que existe. Por essa reforma, a Casa de S. José ficou sendo uma especie de preparatorio para a entrada no Asylo de Meninos Desvalidos: entrão os menores para ella aos 6 annos e aos 12 são transferidos para o asylo. Mas tanto uma como o outro regorgitão: e o resultado é que naquella conservão-se 31 rapazes que já excederão a idade exigida para passarem ao asylo e na sua secretaria existem 73 requerimentos de admissão que não podem ser attendidos por não haver vagas.

Ha actualmente 130 asylados e bem se póde affirmar que é muito mais do que o que a casa póde comportar.

O regimen da casa é regular: os asylados levantão-se ás 6 horas da manhã; seguem para o banho em turmas de 15 e tomão depois café com pão. Almoção de garfo ás 9 horas da manhã, jantão ás 2 1/2 e ás 6 1/2 ceião. Das 11 ás 2 horas funcciona a aula primaria, e das 12 ás 2 a dos mais adiantados. Depois do almoço e das 3 ás 5 da tarde, vão para o recreio, estudando depois das 7 ás 8 da noite. Nas segundas e quintas fazem exercicios gymnasticos e militares; ás terças e sextas, das 5 ás 7 da tarde, estudão solfejo e canto. Havia tambem uma officina de chinellos e trabalhos em madeira, sob a direcção do professor, Olavo Freire; essa officina, porem, foi extinta, por não haver local onde funcione.

A casa não só não basta ao crescido numero de asylados existentes, como não reune as necessarias condições hygienicas. Como dissemos, um generoso cavalheiro offertou-a ao governo para por cinco annos servir ao asylo. Quando terminar esse prazo, ella voltará ao seu proprietario—que não é o doador—com todas as bemfeitorias feitas; e é bom notar que o governo já despendeu nella cerca de 40:000$000. Nessa quantia entra sem duvida o custo de um sobrado que, depois da reforma, o governo mandou erguer sobre paredes que o não podem sustentar e estão rachando, o que parece-nos escusado salientar, constitue grave perigo. O cavalheiro que offereceu o predio comprometteu-se, caso o asylo fosse transferido para outro, a contribuir mensalmente com a quantia de 200$ até esgotar-se o alludido prazo. Essa providencia impõe-se.

O refeitorio é tão acanhado que os asylados mal se podem mover; uma aula funciona no pateo sob um telheiro, em falta de melhor local;

os dormitorios são tão pequenos, que os leitos estão quasi unidos uns aos outros. Accresce que ao lado esquerdo do edificio, precisamente o em que estão os dormitorios, ha um estabulo; e exactamente sob a janella do grande dormitorio fica o fogão onde se coze a alimentação das vaccas e não podem ser mais desagradaveis o cheiro e a fumaça que vêm d'ahi. Nos fundos do edificio ha um grande capinzal em terreno mais elevado que o em que está situado o asylo, a que fornece sobejamente de insectos. Taes circumstancias evidentemente não recommendão muito a Casa de S. José pelo lado hygienico; todavia o asseio alli mantido e o cuidado da direcção são taes, que desde Janeiro de 1891, não temos nenhum obito a assignalar. Cumpre entretanto, salientar que no edificio não ha enfermaria; os menores accommettidos de molestias graves são transferidos para a Misericordia ou para o hospital da Saude. Ha uma pequena pharmacia; o medico Dr. Bernardo Xavier Rabello visita diariamente o estabelecimento e um dentista duas vezes por semana presta os seus serviços aos asylados. A alimentação é boa e abundante; os asylados vestem uniformes de brim pardo ou casimira preta, cinturão e bonet preto com uma estrella. Ha no estabelecimento uma lavanderia, horta e jardim bem tratados. A inspecção sobre os asylados é exercida por mulheres, sob a superintendencia de uma economia e é feita com rigor disciplinar e carinho. As roupas são mudadas regularmente duas vezes por semana ; a rouparia está em boa ordem e nos dormitorios os leitos têm o necessario conforto. Um asylado exerce as funcções de cabelleireiro; outro orgulha-se de ser nos exercicios militares o commandante das tropas.

O patrimonio da casa de S. José é muito reduzido : consiste em 1:037$980 de donativos e um uma apolice municipal do valor de 500$ doada pelo Sr. major Felippe Nery Pinheiro, a qual desappareceu, sem que até agora se saiba de seu paradeiro. O mesmo cavalheiro que offereceu o predio, prometteu doar todos os annos no dia 2 de Julho uma apolice do valor de 1:000$ de 5 % de juros ; mas suspendeu a offerta desde que as irmãs de caridade deixarão o estabelecimento, em virtude da reforma por que elle passou.

O orçamento fixado em 1889 para o maximo de 150 menores é de 65:700$ e a média mensal da despeza é de 5:000$. De 17 de Agosto do anno passado a 31 de Março ultimo, já se havia despendido 38:457$559. A escripturação é feita com muita clareza. Ha na Casa de S. José o director que é actualmente o Sr. Dr. Alberto de Saboia Viriato de Medeiros; o medico, o escrivão, o almoxarife, uma economa, quatro inspectoras, dous serventes, uma cozinheira, duas lavadeiras, um hortelão,

e um porteiro; o pessoal lectivo consta de um professor e uma professora de portuguez, arithmetica, historia do Brazil e geographia, e mestres de trabalhos manuaes, de gymnastica, de musica, de desenho e calligraphia.

Desde a fundação até hontem tem sido matriculados naquelle asylo 233 menores, que tem tido os seguintes destinos:

Removidos para o asylo do Galeão	10
Para a companhia dos marinheiros	12
Evadirão-se	15
Fallecêrão	7
Sahirão	33
Forão dados á soldada	16
Ficão no asylo	130

Essas remoções derão-se antes da reforma. O novo regulamento não as permitte.

A Casa de S. José é sem duvida um estabelecimento digno de applausos e representa um bom esforço e uma louvavel iniciativa do governo; mas cumpre que quanto antes se modifiquem as pessimas condições do predio, se porventura não houver meio de remover o asylo para edificio mais apropriado.

18 de Abril de 1891.

A Ordem do Carmo

A 19 de Julho de 1648 reunio-se no Convento do Carmo desta cidade os irmãos professores em Portugal D. Balthazar de Castilho de Andrade, André Rosa e Francisco Nunes e, de accôrdo com o padre vigario do Convento Frei Antonio dos Anjos, resolverão instituir no Brazil a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Esta resolução foi consignada no seguinte termo, que reproduzimos sem alteração:

Em os 19 dias do mez de Julho de 1640 anos se faz mesa n'este convento de N. S. do Carmo e nela se estatoio a ordem Terceira im a qual se achavam presentes o Reverendo Padre frei Antonio dos Anjos, vigario deste dito convento e o Padre frei inassio da Porificação comissario que agora hé desta dita ordem terceira e assim mais o doutor

baltazar de Castilho de Andrade Irmão Professo de Lisboa e o irmão andré da Rosa tambem Professo e Por se assim Passar na verdade nós assinamos todos — Fr. Ignacio da Purificação, Dr. Balthazar de Castilho Andrade, André da Rosa, francisco nunes e fazendosse deligencia que irmãos assim Professos como novissos avia se achavam aver os seguintes o irmão doutor balthazar de Castilho andrade e o Reverendo Padre João manuel vigario de N. S. da Candelaria o irmão capitão Antonio de azevedo o irmão fr^co. nunes todos professos o que tudo consta assim por cartas que mostraram da irmandade como por bem conhecidos que herão assim o irmão Vitorino Peres como o irmão Alexandre Corrêa ambos novis^os assim mais a irmã Francisca aranha a irmã Domingas de Silveira e Ignes Henriques e para constar assinamos todos aqui. (Seguem-se as assignaturas.)

No mesmo dia procedeu-se á eleição, que consta do seguinte termos :

« Aos 19 dias do mes de Julho de 1648 anos estando neste convento de n. s. do Monte do Carmo juntos o reverendo Padre vigario do mesmo Convento frei Antonio dos Anjos e reverendo Padre frei inacio da Purificassão e o irmão doutor Balthazar de Cartilho andrade e o irmão André da Rosa e o irmão francisco nunes e logo se Procedeu a eleição para a qual nomeou o reverendo Padre comissario todos os irmãos Professos he eles co o Padre comissario e o Padre vigario do dito convento emlegerão Por Prior da dita Ordem o Irmão doutor balthazar de Castilho andrade e o Irmão o Reverendo Padre João manoel vigario de N. S. da Candelaria por Su Prior e o irmão André da Rosa secretario e o irmão francisco nunes zelador. — Frei *Ignacio da Porificação* commissario. — *André da Rosa*. — *francisco nunes*. »

Esta foi, pois, a primeira administração da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo no Brazil e a regeu por um anno, pois que a 16 de Outubro de 1649 procedeu-se a nova eleição como se verifica dos autos seguintes :

«Aos 16 dias do mez de Outubro de 1649 anos estando os irmãos terseiros nos todos ejuntos com o reverendo P^e Prior frei antonio do ninsimento e o reverendo Padre mestre frei iginasio da Porificação Comissario da mesma ordem terseira logo em o mesmo dia asima dito as sinco horas da tarde em a mesma casa dos mesmos terceiros se Procedeo a emleissão de novo Prior *Péra* o que se nomearão quatro irmãos a saber o irmão baltezar de Castilho de andrade, revdo João manuel o irmão André da Roza e o irmão manoel glz barroso e votando na tal emleissão assim Professos como novisos Por dispensasão que ouve

forão os votantes vinte a qual em leição se fechou e selou com o selo da nossa ordem Por se assim pasar en verdade nós asinamos aqui todos e eu André da Rosa secretario o escrevi. »

— « Aos 17 dias do mez de Outubro de 1649 anos e estando Presente o Reverendo Padre Prior frei antonio do ninsimento e o Reverendo Padre Mestre frei iginacio da Porificação Comisario da dita ordem e os irmãos da mesa seabriu diante de todos a Caixa onde estava aeleisão selada e fechada e nomerandose os votos achouce que o irmão João mel. levava sete votos para Prior he o irmão doutor baltezar de Castilhoe treze ê vendo ou oeixeso que o irmão levava ficou logo enleito ê Prior ê como o tal de todos os irmãos foi obedisido de que asin sê Pasar na verdade eu andrê da rosa seCretario o escrevi. »

— Aos 16 dias do mez de Outubro de 1649 anos fes enleisão das irmas terseiras e se aiuntarão as irmãs Ines anrique e a irmã frca. aranha e a irmã ma. da fonseca e a irmã ma. do nasimento e a irmã joseifina de san boa teles e outras noviças não estiverão Presente Por empedimento q' teverão mas a todas se derão votos Pera se Porseder a enleisão da Prioresa Para o que forão nomeadas quatro a saber Airma ines anraques a irma domingas da silveira a irma marea do nasimento a irma fra aranha e votando natal enleisão asim Porfesas como novisas Por desPensasão que ouve se fechou a enleisão e se guardou. Pa, se abrir ê o dia seguinte na qual eleição votarão taobem o comisario e ficarão sendo os votantes sete.

« e no tal dia 17 de Otubro da mesma era de 1649 as sinco oras da tarde estando presentes o Reverendo P.e frei Antonio do nensimento Prior e o Reverendo P.e frei inasio da Porificação Comisario da dita ordem e os mais irmãos da mesa seabrio atal eleisão diante de todos achouse q' levara a irma ma. do nasimento ù voto airma domingas da silveira 2 a irma Ines anriqves 4 voto e vendo o eixeso que a tal irma levou ficou logo enleita e Prioresa e de todas as irmas foi como tal obedisida e Por ser verdade eu andré da rosa secretario o escrevi.

—Anno de 1649 em 18 de 8bro.—Elleicão dos Irmãos da Veneravel hordem Terceira de nossa sennora do monte do Carmo. Este anno de mil seis centos quarenta nove aos dezoito de Octubro A qual seffez com toda a solenidade que nossas leys dispoem :

Comissario o Rdo Pe. frei Ignacio da purifficação. Prior o Irmão Doutor Baltezar de castilho e Andrade Suprior o Irmão André da rosa Secretro. o Irmão Miguel Soarez cardozo Thesouro o Irmão Manoel glz. barrozo Vigario do uculto divino o Irmão Joam miz pretto Seu adjunto o Irmão Jacome Romeu Informador E difinidor Prim.o Pedro da Costa

Informador o Irmão Diogo fez E juntamente Infermeiro. Zelador o Irmão Manoel George feigo.

« Elleisão que seffes das Irmaa da Veneravel ordem Terceira de nossa Sennorã docarmo este anno de mil seiscentos quarenta E nove em 18 de 8br° :

« Priorera a Irmãa Ignes Henriquez. Sua Prioreza a Irmã Maria do Nascimento Mestra de novissias a Irmãa Maria da fonceca. E eu o Irmão Secretario osobscrevy Carmo do Rio de Janeiro sobredito anno. Secretario Miguel Soares Cardozo. »

O Revdm. Padre Prior do Convento enviou á Ordem Terceira algumas indicações sobre as quaes se organisárão os estatutos nos primeiros annos e bem assim a Regra do Preceito e Obediencia.

E' trabalho muito curioso e de certa valia esta regra, onde abundão conceitos e conselhos inspirados no bom senso, posto que não rareiem tambem derivados dos preconceitos da era. « Porque é cousa opposta á honestidade das mulheres, preceitúa em certo ponto, andarem com frequencia pelas ruas da cidade, villas e logares publicos, não sahirão as nossas Irmãs terceiras de suas casas senão raramente. »

« Tanto ellas como os nossos Irmãos terceiros evitarão quanto possivel o assistir a comedias profanas, bailes indecentes e espectaculos perigosos. A par disto, apparecem maximas : « Usem de discripção que é a directora e mestra de todas as virtudes. »

Esta regra foi mais tarde em 1705 e depois em 1778 correcta e impressa em Lisboa e ainda vigora hoje em dia.

Assim organisada a Ordem, iniciou-se logo o culto rezando-se missas e effectuando-se enterros á custa della.

Em 1661, sendo Prior Gonçalo Ribeiro Barbosa, passou a Ordem a occupar a Igreja do convento para os cultos divinos. O convento de que vimos fallando era estabelecido onde hoje se acha a cathedral do bispado que é a antiga capella imperial. Nos fundos deste convento, construio a Ordem uma capella que foi inaugurada aos 30 de Novembro desse mesmo anno de 1661 e nella se rezarão os officios divinos por espaço de vinte e um annos.

Progredindo sensivelmente a Ordem em 1749, sob o priorado de Gonçalo Gonçalves Chaves, resolveu edificar nova capella, escolhendo para esse fim uma area de terreno proximo do convento.

Lançou-se a primeira pedra para a nova Igreja a 16 de Julho de 1755 e em Julho de 1770 era entregue ao culto divino.

Concluido o adro da Igreja, construio-se um arco de pedra, de maneira a pôr em communicação a rua que então se chamava de

Traz do Carmo (actualmente do Carmo), com o interior da nova Igreja. Para cima desse adro foi então transportado o Oratorio que estava á esquina do antigo hospital. Ainda hoje lá se acha esse nicho, onde se encontra a Nossa Senhora do Cabo da Boa Esperança. Outr'ora, os moradores da localidade elegião annualmeute uma devoção que solemnisava com pompa essa santa invocação. A pouco e pouco foi desapparecendo a tradição; mas não inteiramente, que sempre que as esmolas e donativos bastão para as despezas, os fieis realizão a solemnidade religiosa.

Dessa época para cá, tem a Igreja passado por grandes reformas que a embellezarão, sem que, todavia, se tenha muito alterado o cunho historico. Ha em a nave seis altares representando os Passos do Senhor, figurados em paineis a oleo sobre madeira. No tecto ha diversos medalhões com os bustos dos apostolos. No corredor do lado da epistola vêm-se onze grandes quadros emmoldurados á talha, pintados a oleo sobre madeira, representando passagens importantes da vida de Christo e de alguns dos apostolos. Encontrão-se ainda pinturas sobre madeiras na Capella do Noviciado installado sob a invocação de Nossa Senhora do Amor Divino. Esses paineis representão *Maria Magdalena*, *Santa Theresa de Jesus*, *S. Simão recebendo o escapulario de N. S. do Carmo e o Purgatorio*. Estas pinturas, que naturalmente não satisfarão ao gosto moderno, datão da fundação da Igreja. O nome do pintor permaneceu no anonymato em que jazem os demais operarios que para ella contribuirão; e que como simples mecanico era considārado, prova-o o exiguo salario de 120 rs. diarios com que era remunerado o seu trabalho.

A decoração interna do templo é sobria e revestida dessa simplicidade grandiosa que impressiona. Ha entretanto mnito que se admire, especialmente esculpturas em madeira e marmore e ricos trabalhos de talha.

Posto os altares sejão illuminados a cêra, a illuminação geral do vasto templo é feita a gaz, por meio de lustres e arandellas, dentre as quaes sobresahe um com trinta bicos.

No corredor do lado esquerdo da Igreja ha o busto em marmore do commendador José Maria Pinto Guerra que foi quem maiores donativos fez á Ordem. No pavimento superior, aos fundos da Igreja achão-se a secretaria e a repartição funeraria. Do lado opposto, está o Consistorio: -- um vasto salão com grande mesa e poltronas de cujas paredes vêm-se pendentes os retratos a oleo em tamanho natural dos seguintes irmãos benemeritos: Barões de Sapucaia, da Lagôa, de Ipane-

ma, 1º Barão do Rio Bonito, Visconde de Sistello, Commendadores João Baptista Lopes Gonçalves, João Teixeira Bastos e Antonio Dias Guimarães, no fundo, em um docel, vê-se a imagem do Senhor da Agonia.

— Avalia-se em 50,000 os irmãos que a Ordem hoje tem.

O seu patrimonio consta de 15 predios, 128 apolices de diversos valores e quatro acções do Banco do Brazil de 200$ cada uma.

Em objectos de prata possue ella 104:314$650, em objectos de ouro 2:517$ e em brilhantes e outras pedras preciosas 109:788$650. Os donativos avultados, quer em dinheiro, quer em objectos para o culto, são frequentes.

Em 1817 pagava-se de joia de entrade 4$; e essa joia foi successivamente elevada, de modo que hoje monta a 150$000.

De 1813 a Abril de 1891, tem a Ordem despendido em esmolas mensaes aos irmãos a quantia de 1.229:751$567. Durante o mesmo periodo, em esmolas extraordinarias tem despendido a somma de 38:345$200.

Actualmente, a Ordem distribue pensões mensaes a 512 irmãos, sendo as esmolas assim distribuidas.

De 6$000	481
De 7$500	1
De 15$000	3
De 18$500	21
De 22$500	3
De 30$000	1
De 45$000	2

Este anno foram as esmolas augmentadas de 50 % cada uma.

Desde a sua fundação em 1648 até hoje tem a Ordem tido 48 Padres commissarios e 167 Priores. Actualmente exerce aquelle cargo Frei Manoel Santa Thereza Trovão, que serve desde 1872, e este o Sr. Barão de Itacurussá.

Na secretaria trabalhão dous escripturarios; na repartição funeraria ha dous empregados; na egreja ha um commissario, um sacristão, tres andadores, tres ajudantes de missa, um servente e um sineiro.

O archivo da Ordem está encerrado em caixas da folha de Flandres cuidadosamente guardadas na secretaria com as cautelas necessarias para que os manuscriptos não sejam inutilisados.

Em outro artigo occupar-nos-hemos do hospital e do cemiterio mantidos por esta Veneravel Ordem.

Apezar dos poucos recursos de que ao fundar-se, em 1648, dispunha a Ordem do Carmo, auxiliava, como podia, aos indigentes e enfermos professos no seu instituto, e para maior regularidade na administração economica e pontual applicação de soccorros, mais tarde, em 17 de Outubro de 1650, a mesa creou o cargo de enfermeiro, elegendo naquelle mesmo dia para tal exercicio o irmão Manoel George Feijó e em 1651 completou essa medida, elegendo enfermeira a irmã D. Veronica Carneiro.

Foi em 1733 que o irmão prior João Gonçalves Preto, homem energico e bem inspirado na caridade christã, allion o seu nome á generosa obra da Ordem, fundando um hospital com casa propria para beneficios dos irmãos. Escolhêra o prior para edificar a casa, que servio de hospital até 1812, o terreno fronteiro á antiga capella dos Terceiros, cujos fundos attestavão com o becco que communicava a rua Direita com a então de Traz do Carmo. Demolirão-se algumas casas alli existentes e em poucos annos cresceu o edificio, concluindo-se com extensas enfermarias abobadadas e largas salas crescidas para a frente pelo lado da rua de Traz do Carmo.

Sobre a porta principal desse edificio achava-se collocado um brazão com a corôa da Senhora do Monte do Carmo, onde se lia esta inscripção: — *Esta hobar foi levandº em dªs de Frº do Nº de* 1733.

E' pouco intelligivel; mas pelo que se comprehende, foi o edificio principiado em 2 de Fevereiro do mencionado anno e, posto que só se concluisse em 1745, começou a funccionar em 1733. O hospital foi construido graças ás esmolas feitas pelos fieis e aos proprios recursos da Ordem, que o fez sem nada dever á pessoa alguma.

Os serviços que o Hospital do Carmo então prestava á população do Rio de Janeiro, só podem ser bem avaliados sabendo-se que naquella época além delle, havia, apenas, nesta cidade, o de Misericordia e o Militar, este destinado exclusivamente aos membros do exercito e aquelle quasi restringido ao curativo de escravos, cujos senhores lhe estipendiavão o tratamento.

Em 23 de Junho de 1810, o Conde de Aguiar, então ministro de D. João VI, communicou á mesa que Sua Magestade precisava do pavimento alto do hospital para estabelecer a Bibliotheca Publica, não só por causa da capacidade que tinha, mas porque facilitava communicação com o Paço, por meio de um passadiço. A Mesa não se sentio com animo de resistir á intimação do ministro e transferido os enfermos para o pavimento terreo, onde o hospital permaneceu até que, por aviso de 3 de Novembro de 1812, o Governo mandou transferil-o para o Re-

colhimento do Parto Installado o hospital nesse edificio. que foi incendiado duas vezes e restaurado por ordem de D. Luiz de Vasconcellos em 1789, os Irmãos Terceiros tomárão o lugar das recolhidas, transferidas para a Misericordia, gozando a Ordem da communicação que havia com a Igreja, ainda hoje denominada do Parto.

O hospital por essa época tambem servia de hospicio, como o prova um termo que encontrámos no seu archivo, datado de Dezembro de 1814, do qual consta que a irmã Thereza de Jesus «Tendo a idade avançada de 64 annos, e sentindo a necessidade de procurar meios de poder viver com alguma quietação de espirito para melhor se empregar no serviço de Deus e de Nossa Mãi Santissima, muito de sua livre vontade offerecia 800$, a saber: 232$ em dinheiro, 168$ no valor de uma escrava prendada e 400$ que lhe pertencia por um credito passado por Antonio Rodrigues Nunes. » De 1850 a 1851 o Governo ordenou á Meza da Ordem que apenas apparecesse no hospital algum irmão affectado de febre amarella, fosse elle removido para os Lazaretos da Ilha do Bom Jesus dos Frades e da Jurujuba.

O edificio do recolhimento do Parto para que por ordem do Goververno foi transferido o hospital, foi alugado pelo prazo de nove annos por 2:000$ annuaes, fazendo-se o pagamento no thesouro por quantias adiantadas e na falta pagando-se o juro de 6 %: sendo de notar que o Governo nada pagava pelo edificio de propriedade da Ordem em que estava o hospital e de que elle se apossou violentamente.

Esse edificio do recolhimento não prestava nem pelo espaço, nem pelas condições hygienicas ao fim a que então se destinava. Urgia que adquirir algum que a tanto bastasse.

Em 1863, sendo prior da ordem o commendador Jeronymo José de Mesquita, que foi depois Barão e Conde de Mesquita, satisfez a esta necessidade comprando o terreno onde se achava edificada a casa n. 19 da rua de Matta-Cavallos, hoje do Riachuelo. E para attenuar o dispendio da Ordem, o prior Bernardo Casemiro de Freitas, actual Barão da Lagoa, recomeçou uma subscripção, que havia sido iniciada em 1861 pelo prior commendador Manoel Antonio Ayrosa.

Emquanto não se construio este edificio, o hospital foi transferido provisoriamente para a casa n. 17 da rua Matacavallos. Em 1864 a subscripção havia produzido em assignaturas 23:600$, dos quaes havia sido recebida a primeira prestação no valor de 5:400$, tendo sido já dispendidos 51:000$ na compra do terreno.

Em 1867 começarão as obras do hospital á rua do Riachuelo, as quaes concluirão-se em 1870. A ceremonia da inauguração, precedida

da benção e trasladação das imagens, deu-se a 24 de Junho de 1870, sendo prior o irmão Antonio Dias Guimarães, que grandes serviços prestou á Ordem do Carmo e que hoje padece em Portugal o tormento da cegueira — como consta do auto assignado pela então familia imperial do Brazil e por grande numero de irmãos graduados.

Despendeu-se, com as obras do hospital, toda roupa, mobilia, accessorios e terrenos, a quantia de 489:695$491. Para occorrer a essa despeza foi necessario a Ordem contrahir um emprestimo de 210:000$, ao juro annual de 7 %.

De 1813 a 1871 o hospital despendeu em esmolas mensaes a quantia de 377:484$990 e em esmolas extraordinarias a de 8:539$. Neste anno de 1871 a Ordem exonerou o hospital desse cargo, chamando-o a si.

O hospital actual, já tão conhecido do nosso publico, tem no pavimento terreo quatro enfermarias, que são a de *Santo Antonio*, para 12 leitos; a de *S. Manoel*, para 20; a de *S. João*, para 20, e a de *S. José*, para 8. Nesse mesmo pavimento, ao lado direito, estão em reconstrucção as enfermarias para mulheres, em dous salões com capacidade para 22 leitos

A snfermaria das mulheres, que agora se trata de restabelecer, foi ha tempos supprimida por conveniencia interna da Ordem, que as mandava tratar em outros hospitaes.

No pavimento superior ha á frente aos fundos 6 quartos particulares e 6 geraes, com dous leitos cada um, comprehendidos na enfermaria denominada de *Nossa Senhora do Carmo*.

Do lado dos quartos geraes está a sachristia, e entre os particulares a capella, montada com gosto e simplicidade. Ao fundo vê-se um bello quadro representando a *Descida da Cruz*, offerta da irmã D. Jeronyma de Mesquita Martins, actual Baroneza de Itacurussá. Nessa capella celebrão-se missas aos domingos e dias santificados, ás 9 horas da manhã, além das que são rezadas extraordinariamente por solicitações dos irmãos. Reside no hospital um capellão que presta aos irmãos ahi recolhidos todos os soccorros espirituaes.

Ha ainda no pavimento superior as enfermarias: do *Amor Divino*, com 4 quartos, tendo dous leitos cada um; a de *Santa Theresa de Jesus*, com 16 quartos, e da *Nossa Senhora das Dôres*, tambem com 16.

Em uma das alas do edificio encontrão-se o refeitorio com accommodação para 66 pessoas, a despensa bem sortida e a cosinha, onde se prepara alimentação boa e saudavel.

Na ala opposta acha-se a pharmacia, perfeitamente montada, seguindo-se a sala das operações, quartos para banhos sulphurosos, a casa-forte e dormitorios de empregados.

No pavimento terreo encontra-se, entre o páteo e jardim, um pequeno chalet, onde ha apparelhos electricos-therapicos; e aos fundos da enfermaria de *Santo Antonio*, uma pequena sala onde ha apparelhos hydrotherapicos.

No páteo, sob cada ala do edificio, vê-se, de um lado, uma capella que se destina a deposito de cadaveres; e do outro, o deposito de roupas usadas e de utensilios diversos. No sóco da escada que communica com o jardim existente no segundo plano, ha um nicho onde se vê a imagem de S. Luiz Morbiolo, curiosa e artistica obra em pedra, de desconhecido artista portuguez.

O hospital prolongou-se pelo morro de Santa Theresa, desdobrando-se em tres lances.

Ao fundo do segundo, afastado e em correspondencia com a ala direita do edificio, acha-se um chalet; construido de accordo com o systema Leford, destinado ao tratameuto das molestias infecciosas. Esse chalet, que é um modelo e um exemplo que a administração publica devia ter em vista na fundação dos hospitaes desta natureza, foi inaugurado a 13 de Outubro de 1889, graças aos esforços empregados pelo conhecido clinico Dr. Monteiro de Azevedo, então medico do hospital.

Não ha quem não conheça o systema Leford, o que nos dispensa de descrever minuciosamente essa dependencia do hospital; mas accentuamos bem as suas magnificas condições, dizendo que nesta terrivel epidemia que vem desde Janeiro, apenas fallecerão, victimas della, tres pessoas. O chalet accommoda de 20 a 30 enfermos.

Ainda no pavimento terreo, aos fundos da secretaria, encontramos um quarto apparelhado do necessario para exames ophtalmologicos.

Na secretaria existe a bibliotheca do hospital onde tres grandes armarios accomodão 2,430 volumes, que são frequentemente procurados pelos enfermos em condições de ler.

A secretaria communica com a rouparia, mantida em boa ordem, e com a sala de consulta dos medicos, onde se acha o busto em marmore do Visconde de Sistello.

O movimento do hospital, nos mezes de Janeiro a Abril deste anno, foi de 441 enfermos, dos quaes fallecerão 20, a maior parte victimados pela tuberculose ou por lesões cardiacas. A 30 do mez passado havia no hospital apenas 51 doentes.

Além das receitas para uso dos enfermos em tratamento no hospital, forão, nesses mesmos mezes, aviadas gratuitamente para doentes externos, 2,374.

O hospital mantem: no hospital dos Lazaros dous irmãos; no hospital de Alienados um; na casa do Dr. Eiras tres; e no hospital de Nossa Senhora da Gloria, 25 irmãs que searão transferidas para enfermaria das mulheres, quando concluida. Os doentes recolhidos aos quartos particulares pagão a diaria de 3$000.

O hospital está em obra: trata-se de melhorar ainda as suas condições hygienicas, aperfeiçoando o systema de ventilação e supprimindo, quanto possivel, a humidade.

O pessoal medico do hospital é composto dos seguintes clinicos: Drs. Alfredo Guimarães e Joaquim Coelho de Magalhães, cirurgia; Paula Fonseca, occulista; Pedro Macedo de Aguiar, allopatha; Ewerton de Almeida, homœopatha. O primeiro e o ultimo são os mais antigos no serviço clinico. Para auxiliar os medicos, o hospital mantém 40 medicos adjuntos.

Os clinicos visitão diariamente as enfermarias das 8 ás 9 horas da manhã, e em caso urgente, são immediatamente chamados.

Quando algum enfermo fallece, o direcção do hospital communica-o immediatamente á familia.

O pessoal administrativo do hospital compõe-se de um administrador, que é actualmente o Sr. Antonio Joaquim Gonçalves; um escripturario, o Sr. João da Silva Lemos, que exerce cumulativamente as funcções de bibliothecario e de pharmaceutico homœopatha; um pharmaceutico allopatha, tres enfermeiros e doze serventes; dous cozinheiros e um ajudante; um jardineiro e ajudante e um porteiro.

O hospital póde ser visitado ás quartas-feiras e domingos, das 3 ás 5 horas da tarde.

O mordomo do mez, ou o seu adjunto, visita-o diriamente, informando-se das necessidades porventura existentes.

O patrimonio do hospital consta actualmente de 43 predios, 117 apolices geraes e provinciaes, 28 acções do Banco do Brazil e de terrenos da antiga chacara do campo de S. Domingos, que ficão entre as ruas do Conde e do Senhor dos Passos, o largo do Rocio e o campo de Sant'Anna, hoje retalhados por varios foreiros.

5 de Maio de 1891.

Asylo de Santa Leopoldina

Em 1854, organisou-se em Nitherohy, sob a protecção do Imperador e da Imperatriz, a Irmandade de S. Vicente de Paulo que tinha por fim, além do culto e devoção de seu orago, o exercicio de caridade evangelica especialmente applicada á protecção e educação da infancia desvallida. A séde da irmandade era em Nitherohy; mas entrava em seus planos ramificar-se por toda a provincia do Rio de Janeiro creando filiaes onde conviesse.

Foi pelo Asylo de Santa Leopoldina que a benemerita irmandade deu começo á sua santa missão. Nesse mesmo anno de 1854 havia-se installado o asylo graças aos e-forços do Visconde do Rio Bonito, então vice-presidente da provincia e do desembargador José Ricardo de Sá Rego, que forão os iniciadores da irmandade, de cuja primeira administração fizerão parte, o primeiro na qualidade de provedor e o segundo na qualidade de vice-provedor. Os demais cargos forão preenchidos pelos Srs. Angelo Thomaz do Amaral, Bernardino Martins Ferreira de Faria, José Duarte Galvão Junior, Fernando Sebastião Dias da Motta, João Rabello de Vasconcellos e Souza, João Antonio Fernandes Pinheiro e Francisco Xavier Baptista.

O Asylo de Santa Leopoldina destina-se a recolher e educar meninas desvalidas que se habilitão a ganhar a vida pelo seu proprio esforço e recebem solida educação moral que lhe fortifica o caracter furtando-se assim á miseria a que sem isso fatalmente serião condemnadas.

Foi em uma modesta casa do bairro do Fonseca que esta instituição foi inaugurada, em 1854. Mais tarde, a irmandade de S. Vicente de Paulo obteve um terreno na rua da Praia e ahi construio um edificio onde hoje está a repartição de policia, para onde foi o asylo transferido.

Dentro em pouco, faltava o espaço reclamado pelo desenvolvimento do asylo e houve mister de adquirir casa que melhor satisfizesse a esta necessidade. A irmandade comprou então um predio na rua da Constituição, em Icarahy, onde ainda hoje funcciona o asylo, tendo elle sido augmentado posteriormente.

Conta o asylo actualmente 120 menores, cujas idades varião entre 5 e 21 annos; e á administração têm sido presentes requerimentos para admissão de 200.

As asyladas recebem ahi educação moral e litteraria, ao mesmo passo que aprendem a coser, a lavar, a engommar e cozinhar.

Ha tres aulas onde se ensinão ás asyladas as seguintes materias : calligraphia, portuguez, cosmographia, historia do Brazil, arithmetica, francez, doutrina christã e trabalhos manuaes de que annualmente prestão exames e, conforme o grão de adiantamento que accusão e o procedimento que tiverão, são premiadas. Cumpre salientar que foi satisfactoria a impressão que nos deixou o aproveitamento das meninas na visita que ao asylo fizemos ha dias. As asyladas cosem com rara perfeição : muitos estabelecimentos de modas da rua do Ouvidor incumbem a ellas de trabalhos que perfeitamente executão. Na cozinha, fazem semanas duas de cada vez ; da mesma sorte a fazem no trabalho de lavar e engommar as ronpas de modo que se fazem aptas para se desempenharem bem dos deveres domesticos.

O estudo de piano não é geral : antes só o fazem as que por sua distincção se tornárão dignas desse premio.

O edificio é ainda acanhado para o numero de asyladas que abriga e especialmente para as que carecem de o ser. Logo á entrada, na sala de recepção vê-se a imagem do orago da irmandade, S. Vicente de Paulo. Pendentes das paredes estão os retratos a oleo, tamanho natural, dos benemeritos do mesmo asylo commendadores João Antonio dos Santos Lima, Joaquim José Teixeira, José Rodrigues Guimarães, Manoel José de Freitas Travassos, Visconde de Abaeté, Barão de S. Gonçalo, Visconde do Rio Bonito, desembargador José Ricardo de Sá Rego, Barão da Laguna, brigadeiro Luiz da França Machado da Affonseca e Domingos Barbosa de Brito.

Junto a esta sala está a pequena e elegante capella de Nossa Senhora da Conceição, tão pequena que nem comporta todas as asyladas, assistindo-se á missa ou do côro, ou da sala de recepção, ou mesmo da escada. Junto á capella está a pequena sala das sessões da administração, de cuja parede do fundo pendem os retratos do ex-Imperador, alto protector da irmandade, e da ex-Imperatriz, velados por um tenue véo.

Em seguida está o gabinete da irmã Massard, superiora, que está no Brazil ha 30 annos e ha 12 serve ao asylo que muito lhe deve. Além da irmã superiora, dirigem o asylo mais oito irmãs de caridade, na maioria brazileiras, que desempenhão admiravelmente os seus deveres de preceptoras.

Aos lados do edificio, dous torreões servem de dormitorio para as médias e maiores e entre elles fica a enfermaria. Esses dormitorios

são muitissimo acanhados : os leitos estão collocados em filas de tres, unidos quasi, sendo de 75 o numero delles em cada sala. As menores de 5 a 6 annos dormem em uma pequena sala. Igualmente acanhado é o refeitorio, tanto que algumas das mesas, que são de tampo de marmore, forão collocadas nos corredores.

Ha um banheiro geral com 25 banheiras e outro grande de duchas. Encontra-se ainda uma pequena pharmacia ; e, em terreno do edificio uma construcção, que reclama promptos reparos, é utilisada para enfermaria de molestias epidemicas.

Não ha, como se comprehende, luxo no estabelecimento ; mas a ordem e o asseio irreprehensiveis que alli reina e talvez mais do que isto o ar de contentamento e felicidade que as asyladas ostentão mostrão bem o valor desse estabelecimento em que se pratica a mais bella das virtudes christãs.

As asyladas levantão-se ás 6 horas da manhã, dirigem-se aos banheiros, merendão e almoção ás 8 horas ; jantão ás 2 1/2, merendão á tarde e ceião á noite. A despensa é bem fornecida e a alimentação é muito boa. A's 8 horas da noite recolhem-se aos dormitorios. Todo o tempo é convenientemente divido ; ha horas para o recreio, para o trabalho, para aulas e para o estudo.

Semanalmente as asyladas mudão de roupa que uniformemente vestem : camisas branca e de lã, vestidos de chita, meias, sapatos, etc. Na rouparia, estavão oito asyladas occupadas em coser e remendar roupas. As asyladas nunca ficão sós : uma irmã de caridade as acompanha sempre.

O asylo começou a funccionar apenas com seis asyladas. Desde á sua fundação até hoje têm entrado no asylo 393 asyladas, das quaes 273 sahirão, tendo recebido conveniente educação, ou casadas, ou para professarem, ou ainda para se empregarem como professoras ou costureiras.

Em 19 de Setembro de 1870, o irmão commendador João Antonio dos Santos Lima aventou a idéa da creação da caixa dotal para as asyladas e conseguio realiza-la, auxiliado pelas Sras. DD. Carolina Leopoldina Rodrigues Guimarães Fróes da Cruz e Maria Carolina Rodrigues Guimarães Fleuiss. O patrimonio da caixa dotal consta actualmente de 45:200$ em apolices, 4:778$480 em dinheiro e de mais quatro apolices de 1:000$, que o finado Barão de S. Gonçalo deixou em usufructo a um seu sobrinho, que falleceu, e ainda não forão transferidas ao asylo. Feita esta transferencia, o patrimonio virá a ser de 50:000$: e a mesa

administrativa, que dotava as asyladas com 500$, passará a dota-las com 1:000$000.

Em 1867 o patrimonio do asylo constava de 500 apolices de 1:000$. Quando o Dr. Rocha Leão foi presidente da provincia mandou entregar ao asylo a quantia de 24:087$848 para que se fizesse permuta com terrenos de dominio directo da Santa Casa de Misericordia desta cidade situados em Icarahy e contiguos aos possuidos pélo asylo, concedendo a Santa Casa ao asylo o direito de receber os fóros e laudemios atrazados. Com essa quantia comprárão-se mais 20 apolices de 1:000$ para o patrimonio. O asylo possue mais : o dominio directo dos terrenos situados no bairro de Icarahy, que lhe foi legado pelo brigadeiro Machado de Affonseca, as bemfeitorias do terreno contiguo ao edificio que pertencêrão a D. Angelica Maria da França Affonseca, o chalet que foi construido em frente do edificio, do lado opposto da rua para residencia do capellão e que se acha agora alugado, e os terrenos fronteiros ao edificio.

Por acto de 27 do Setembro do anno passado, a Intendencia Municipal de Nitherohy, por solicitação do actual provedpr da Irmandade, Dr. Liberato de Castro Carreira, dispensou de impostos municipaes os fóros e laudemios percebidos pelo asylo. A provincia do Rio concedeu diversas loterias em beneficio dessa instituição, que deve tambem em grande parte a elevação do seu patrimonio a donativos dos irmãos. Entre estes, é de justiça salientar os Srs. commendadores Joaquim José Rodrigues Guimarães, José Joaquim Teixeira e João Antonio dos Santos Lima, que lhe têm prestado os melhores serviços.

As asyladas tambem concorrem para a renda do asylo : com o producto de seu trabalho de um anno já se tem pago quantia superior a 2:000$000.

A actual mesa administrativa é assim composta : provedor, Dr. Liberato de Castro Carreira ; secretario, tenente-coronel Belarmino Ferreira da Silva ; thesoureiro, commendador Joaquim José Rodrigues Guimarães Junior ; procurador, commendador Joaquim Monteiro de Queiroz.

Ha no asylo um capellão, que é o padre Thomé Barale ; um medico, o Dr. Manoel Pereira da Silva Continentino ; um advogado, o Dr. Galdino Travassos, e empregados subalternos em numero de onze.

O estado sanitario do asylo é excellente. No biennio que agora finda faliecêrão apenas quatro asyladas.

Corre actualmente uma subscripção com cujo producto a administração conta para augmentar o edifficio e construir uma nova ca-

pella. Não é preciso insistir sobre a benemerencia desta utilissima instituição para justificar os votos que fazemos para que seja coroada de bom exito essa subscripção, habilitando-se assim a Veneravel Irmandade de S. Vicente de Paulo a receber e a agasalhar mais algumas dessas infelizes menores que alli recebem amparo e conselhos que as guiem pelo caminho da virtude.

10, Maio, 1891.

Escola de Nossa Senhora do Amparo

O padre João Francisco de Siqueira Andrade inaugurou na cidade de Petropolis, a 22 de Janeiro de 1871, a Escola Domestica de Nossa Senhora do Amparo, construida mediante generosos donativos que obteve de todas as classes sociaes, com o intuito de educar meninas desvalidas, sem distincção de classe, condição ou origem.

Em terrenos proprios e isentos de fôros, decimas e quaesquer tributos, o vasto edificio ergue-se em Petropolis, como um sanctuario da virtude e do trabalho honesto, evidente trophêo da vontade firme do benemerito sacerdote paulista, que venceu apezar, dos obices que varias vezes se lhe offerecião, como bem se deduz destas suas palavras: «O respeito humilde que tributo aos dictames da experiencia illustrada, prostou-me algumas vezes em triste desalento; mas o desejo era forte, e não podia facilmente renunciar á esperança de tão longo tempo acariciada.»

Corria o anno de 1868; a 15 de Julho publicava o padre Siqueira o programma de seu instituto, quando a igreja fluminense se preparava para receber o seu pastor, D. Pedro Maria de Lacerda, que 14 annos depois devia benzer a igreja de Nossa Senhora do Amparo, a cuja sombra eleva-se a Escola Domestica.

Decorridos tres annos da publicação do programma de sua obra ou melhor da «obra de todos,» como elle dizia, sahio á luz o estatuto, que se tornou a lei organica da instituição, denominada *Escola Domestica de N. S. do Amparo.*

Tal incremento foi tendo o novo estabelecimento, que o padre Siqueira escrevia o seguinte a 19 de Março de 1873: «Ha apenas tres annos que se começou esta obra e seus resultados já provão eloquentemente quanto Deus protege as obras humanitarias e por conseguinte quanto protegerá seus bemfeitores.»

Não sendo possivel declarar os nomes de tão grande nnmero de poderosos bemfeitores, citaremos o nome do insigne Vicente Ubelhard, quo deixou em seu testamento o importante legado de 74:000$ em apolices da divida publica, que foi applicado ao patrimonio da casa, por seu testamenteiro o Sr. commendador Manoel José Rodrigues.

Entretaeto vendo o padre Siqueira que os seus dias estavão contador, arranca de seu coração o ultimo brado daquella fé robusta que o animava : « peço a todos em nome de Deus, que não se deixem levar pela falsa idéa de que com a morte do instituidor de uma obra boa, morre tambem a instituição ; não, isto é falso, é falta de fé. Deve acontecer o contrario ; se antes a instituição precisava do concurso e protecção de todas as almas generosas, dessa data em diante precisa muito mais. »

No dia 10 de Abril de 1881, em S. José dos Campos, falleceu o valente deffensor da orphandade desvalida, ficando a *Escola Domestica* com suas trinta e tantas meninas cobertas de pesado luto, esperando da Providencia quem continuasse a missão do caridoso sacerdote.

O Revdm. Sr. conego José Bento de Andrade, irmão do padre Siqueira, apezar da sua idade avançada, de seus trabalhos em Jacarehy, onde era e é vigario collado e foranéo acceitou o espinhoso encargo, segundo as disposições testamentarias do fallecido fundador a 14 de Novembro de 1880.

Assim como o padre Siqueira encontrára alguns collegas que muito concorrêrão para o engrandecimento de sua obra, como o Revdm. padre José Moreira, padre João Gomes, etc., assim tambem o conego Andrade teve no conego Antonio José Gonçalves um auxiliar activo e desinteressado, um forte apostolo da caridosa institnição.

O conego Andrade coadjuvado pelo conego José Gonçalves conseguio inaugurar a nova capella no dia 3 de Outúbro de 1882, officiando o Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, bispo diocesano e capellão-mór do ex-Imperador, que com sua familia e a côrte assistirão á solemnidade.

Desde então o numero de educandas foi crescendo cada vez mais, apezar da insignificante renda annual de 6:000$ para despezas de manutenção e obras do edificio.

Após a inauguração da capella seguio-se a inauguração do novo edificio, onde actualmente funcciona a escola domestica com suas noventa e oito educandas, sob a direcção da *Congregação de Nossa Senhora do Amparo*, de accôrdo com o que determinou o padre Siqueira em seu testamento, e prescreve o Rescripto Apostolico de 26 de Março de 1886 do Monsenhor Roque Cocchia Internuncio Apostolico.

Não podendo o Sr. conego Andrade continuar á frente da escola por motivos de molestia, recorreu ao prelado diocesano, então D. Pedro M. de Lacerda, e com S. Ex. resolveu confiar essa grande missão ao conego Amador Bueno de Barros, que acceitou a responsabilidade de tão espinhoso encargo.

Coadjuvado o conego Amador por innumeraveis amigos da instituição vai continuando o que emprehenderão os seus caridosos e dedicados antecessores.

Infelizmente ainda não está concluido o edificio : resta fazer um raio, onde funcionará o refeitorio, cozinha e outras dependencias, hoje existentes provisoriamente em uma varanda que ladeia o quintal do edificio.

Quem visita a Escola Domestica não pode deixar de notar a necessidade urgente desta obra de summa vantagem. Aqui faremos um apello a todos os corações generosos em favor desta obra que todos reputão urgentissima, e que é para todos, sendo obra de todos.

Digno de todo o reparo igualmente é o pequeno patrimonio da escola, que, educando quasi 100 meninas que tudo recebem alli, apenas tem uma renda de 6:000$ annuaes.

São bem notaveis os fructos desta instituição para inspirar toda a confiança ; ainda o ultimo relatorio do conego Amador fallando do numero de educandas, dizia, «que até áquella data tinhão-se matriculado na escola 139 meninas, das quaes já se tinhão retirado 53, umas para casas de seus pais ou protectores, outras forão empregadas, 14 casarão-se e apenas 7 fallecerão em todo o espaço de 19 annos. »

Resumindo o que levamos dito desta pia instituição, que reputamos uma das primeiras, neste genero, em nossa patria, diremos que ella tem tres épocas bem distinctas e notaveis : 1.ª no governo do padre Siqueira, 2.ª do conego Andrade, 3.ª do conego Amador,

Os gloriosos feitos do virtuoso apostolo da caridade, o immortal padre Siqueira, achão-se comprehendidos nesta bella synthese, estampada no relatorio de 1886 : « O que em 68 era apenas um pensamento, passou a ser um acto em 69, acto que teve seu incremento em 71, e hoje, com grande admiração de todos que se compadecem da infancia abandonada, o projecto do padre Siqueira é um facto consolador, é um refugio seguro, onde muitas meninas encontrarão abrigo á sua innocencia e amparo ás suas miserias; é, finalmente, o producto de uma coragem santa daquelle bom discipulo de Jesus, percorrendo provincias, cidades e villas, com tanta felicidade, que conseguio, de 15 de Outubro

de 1868 a 16 de Julho de 1877, levantar a somma consideravel de 329:396$200 »

O conego Andrade, a quem foi reservada a gloria de abrir o novo edificio commeçado por seu irmão, seguiu tão de perto aquelle de quem recebêra tão ardua empreza que, apezar de suas enfermidades e grandes occupações em sua parochia de Jacarehy, obteve consideraveis sommas para inaugurar a nova capella e o novo edificio com satisfação geral.

O conego Amador, desde 20 de Dezembro de 1885, assumio a direcção da escola, e tão feliz como os seus antecessores, tem sabido tornar próvida e fecunda a sua administração.

Attendeu não só ao edificio material, como á acção moral. Reparou todo o estabelecimento, fazendo obras de grande urgencia para conservação e embelezamento do edificio, ampliando suas dependencias e apropriando-as aos diversos misteres da instituição, e actualmente está bem animado em concluir o edificio, bem como augmentar a capella annexa ao mesmo.

Para acudir e sanar todas as lacunas relativas á educação e instrucção das meninas, publicou nova edição dos primitivos estatutos ; obteve da Santa Sé a creação da Congregação de Nossa Senhora do Amparo, monumento perpetuo da segurança da instituição ; nomeou uma commissão de senhoras da alta sociedade, para a qual deu regulamento, determinando a esphera de suas attribuições ; finalmente, tem publicado annualmente longos relatorios, expondo minuciosamente o movimento progressivo da escola, o que demonstra a benemerencia de todos que concorrem para tão vantajosa casa de real caridade.

O governo no regimen passado, bem como o actual tem acolhido benignamente tão bella instituição, já concedendo isenção de decimas, do imposto predial e de transmissão, como tambem decretando algumas quantias extraordinarias e até incluindo verba no orçamento para acudir às despezas da escola.

O Estado do Rio, desde o Sr. presidente Dr. Rocha Leão, tem concedido 6:000$ annuaes.

O ministerio do interior, por ordem do Sr. Dr. Cesario Alvim creou uma verba de 5:000$ annuaes.

Entretanto a escola sempre luta com difficuldades por causa do crescido numero de meninas e urgencia das obras do edificio, e para sanal-as é que se pede o auxilio e protecção das almas bemfazejas.

Do ultimo relatorio do conego Amador extrahimos os seguintes dados, que corroborão o que deixamos dito :

« Desde a origem da escola até o anno de 1886 sahirão para suas casas, ou empregadas em casas particulares 25 educandas

Em 1887 sahirão.....	6	»
Em 1888 »	9	»
Em 1889 »	9	»
Total.....	49	»
Além destas casárão-se.....	14	»
Addicionadas.....	49	»
Temos.....	63	»
com as que existião na escola .	79	»
	142	»
E mais, que fallecêrão.....	7	»
	149	»

Portanto, até o fim do anno de 1889 a escola mantinha 149 educandas.

Demais todo o corpo docente é formado com educandas da escola, contando-se entre ellas 10 que recebêrão diplomas de habilitação para abrirem collegios de instrucção primaria e leccionarem as respectivas materias.

Corpo docente — D. Francisca N. de Siqueira, D. Julia Castilho L. Nunes, D. Francisca B. Garcia, D. Rosa A. Machado, D. Francisca M. R. da Silva, D. Amelia Augusta Amaral, D. Candida B. da Silva, D. Eulalia F. de Mello, D. Jesuina M. da Conceição, D. Maria A. Ultra, D. Isabel Antunes e D. Emiliana da Silva.

Conselho administrativo da Congregação de Nossa Senhora do Amparo :

Director—Conego José Bento de Andrade.

Vice-Director — Conego Amador Bueno de Barros.

Directora — D. Francisca N. de Siqueira.

Vice-Directora — D. Julia Castilho Lessa Nunes

Secretarias — D. Francisca B. Garcia e D. Rosa A. Machado.

Thesoureira — D. Francisca R. da Silva.

Procuradora — D. Amelia Agusta do Amaral.

Conselheiras — D. Maria A. Ultra, D. Jesuina da Conceição, D. Eulalia de Mello e D. Candida Barbosa.

16 de Maio de 1891.

Gabinete Portuguez de Leitura

Ha 54 annos fundou-se nesta capital uma modesta associação que em pouco tempo se tornou poderosa, constituindo-se brilhante nucleo d'aquelles que longe da patria erguião em terra estranha, glorioso padrão attestador de acendrado patriotismo e subido amor ás letras.

Foi a 10 de Setembro de 1887 que começou a ter vida esta poderosa instituição, cujo influxo mais que benevolo tem contribuido larga e pujantemente, não só para que a instrucção se propague rapidamente, como para que, ligados por estreito laço de fraternidade, dêem os filhos de Portugal no Brazil, o mais vivo exemplo de uma união glorificadora da patria, pelos velhos fructos que produz.

Relembrar os factos mais importantes da existencia dessa poderosa associação, é dever que satisfeitos comprimos hoje nesta faustosa data commemorada no grandioso edificio da rua de Luiz de Camões.

A esses factos addicionaremos curiosas notas que provão mais uma vez a grandeza e o alto valor da notavel instituição.

A 14 de Maio de 1837 celebrou-se a primeira sessão da assembléa geral dos accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura, estando presentes 43 socios.

Essa reunião, devida aos exforços do Dr. José Marcellino da Rocha Cabral e de Francisco Eduardo Alves Vianna, o primeiro advogado, e o segundo negociante, foi celebrada em uma modesta casa, á rua Direita n. 20 onde residia o Dr. Coelho Louzada, sendo o pavimento inferior occupado pela relojoaria Norris.

Foi esta a primeira acta iniciadora da gloriosa existencia do Gabinete Portuguez de Leitura:

« Os accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro, reunidos em numero de 43, na residencia do accionista Antonio José Coelho Louzada, e estando presente o encarregado de negocios da Nação Portugueza, João Baptista Moreira, foi este senhor quem presidiu á assembléa, chamando para 1.º secretario Francisco Eduardo Alves Vianna, e para 2.º José Antonio Seixas. O 1.º secretario pediu a palavra para expôr o estado da Associação, e sendo-lhe concedida apresentou a lista geral dos accionistas, que sobem a 189, tendo subscrevido por 404 acções, e em seguimento offereceu á assembléa um projecto de Estatutos, por elle organisado, e esta offerta foi recebida com especial agrado. O mesmo accionista fez a seguinte indicação: — Proponho que

na falta de Estatutos, se adopte já o seguinte artigo do meu projecto: —O conselho administrativo da sociedade é nomeado em assembléa geral, e se compõe de sete membros ; um presidente, um vice-presidente, dois secretarios, um thezoureiro e dous agentes.— Pósta em discussão, os accionistas Louzada e Luiz José da Silva mandárão á meza a seguinte emenda:

Proponho que fique prorogada a presente mesa provisoria até á deffinitiva approvação dos estatutos. Entrando a emenda e a proposta em discussão o Presidente, depois de sufficientemente discutida a materia, poz a votos as seguintes questões: E' da approvação da Assembléa que fique prorograda á actual mesa provisoria e a Assembléa Geral decidio que não. Interrogou o presidente mais: Deve proceder-se á nomeação de uma nova mesa, composta de igual numero demembros? A Assembléa decidio que sim. Em virtude desta deliberação, o Presidente procedêra á eleição e a maioria de suffragios recahio para Presidente, no Sr. José Marcelino da Rocha Cabral: 1.º secretario Francisco Eduardo Alves Vianna ; 2.º secretario, José Maria do Amaral Vergueiro, os quaes tomárão os respectivos lugares.

O accionista Francisco Xavier Alvares propoz que, se agradecesse ao Sr. Dr. Antonio José Coelho Louzada a urbanidade com que se tinha dignado tratar a todos os accionistas presentes, franqueando-lhes a sua casa. O Presidente, como interprete dos sentimentos da assembléa, significou áquelle senhor que os portuguezes alli reunidos se achavão penhorados pela civil e hospitaleira recepção que lhes havia feito o Illm. Sr. Dr. Antonio José Coelho Louzada. Não havendo mais cousa alguma a tratar, o Presidente encerrou a sessão á 1 3/4 horas da tarde.

Sala das sessões da Assembléa geral dos accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, aos 14 de Maio de 1837.— (Assignado) José Marcellino da Rocha Cabral, Presidente.— Francisco Eduardo Alves Vianna, secretario. Está conforme. Henrique do Carmo Edolo, secretario.»

Como dissemos, deve o Gabinete Portuguez de Leitura a sua fundação ao Dr. José Marcellino da Rocha Cabral e Francisco Eduardo Alves Vianna, tendo sido resolvido mais tarde, em assembléa geral, que fossem esses dous nomes gravados em uma lamina de bronze no recinto da associação.

Não foi levada a effeito essa resolução, por ter-se separado Vianna da associação que fundára.

Desenvolvendo actividade verdadeiramente assombrosa e lutando

como um heróe, conseguio o Sr. Rocha Cabral erguer o Gabinete, que teve a sua primeira casa á rua de S. Pedro n. 83.

Em 1860 já a bibliotheca contava perto de 33,000 volumes, tendo subido o numero de accionistas a mais de mil.

Daquella casa foi transferido o Gabinete, em 1842, para a rua da Quitanda n. 55, onde estivera a typographia do *Despertador*, jornal tambem fundado pelo Dr. Rocha Cabral e onde mais tarde se estabeleceu o *Correio Mercantil*.

Nesse periodo da sua existencia, derão notavel impulso ao Gabinete o commerciante Antonio Ferreira Sobral e o guarda-livros João de Oliveira.

Tornando-se pequeno o espaço para a já opulenta bibliotheca, mudou-se o Gabinete, em Abril de 1850, para a rua dos Benedictinos n. 12.

De 1837 a 1860 forão directores da associação os Srs.: Dr. José Marcellino da Rocha Cabral, Dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho, João Henrique Ulrich, Dr. Adolpho Manoel Victorio da Costa e Dr. José Pedro Vicente Camacho, tendo sido este ultimo o principal autor do primeiro catalogo do Gabinete, trabalho de valor pela exactidão bibliographica.

De 1842 a 1860 occupou o cargo de bibliothecario Henrique Pereira Leite Bastos, a quem muito deve a associação.

Nesse ultimo anno teve o Gabinete de soffrer grandes modificações na sua constituição, sendo isto devido á nova pleiade de illustres representantes da colonia portugueza, entre os quaes citaremos Fernando Castiço, Manoel de Mello, Ernesto Cibrão, Ramalho Ortigão, Francisco Ramos Paz e Mello e Faro.

Muitos nomes teriamos de citar, se fossemos relembrar aqui todos os benemeritos da poderosa associação. E', porém, de justiça que não deixemos de salientar o nome de Antonio Xavier Rodrigues Pinto, cuja dedicação não teve limites, tendo sido elle o primeiro que aventou a idéa de um fundo reservado para a construcção de um edificio proprio. Nesse empenho encontrou elle grande auxiliar em José Joaquim Ferreira Margarido.

De 1860 a 1863, apezar das lutas que teve de travar, e das difficuldades que teve de vencer, conseguio o Gabinete adquirir mais 5,626 volumes e começar a formar o fundo destinado ao seu edificio.

Em 1870 concluio Manoel da Silva Mello Guimarães o catalogo supplementar do Gabinete, importante e correcto trabalho por elle iniciado em 1866.

Em 1872 contava a bibliotheca mais 4.544 volumes, sendo o numero de socios de 1,796. Nesse anno a remissão das mensalidades produzira 8:300$, tendo o fundo para o edificio subido a 39:155$000. Foi nesse mesmo anno encetada a compra do terreno para edificação do proprio.

Em Dezembro, ainda do citado anno de 1872, já o Gabinete possuia o terreno necessario para a construcção do seu edificio, e o fundo augmentara em cerca de 30:000$000. Contava a bibliotheca 20,371 obras, e havia um saldo na renda, de 1:700$000. O numero de socios era de 1,891, e o de subscriptores, de 175.

Concorrêrão para esse extraordinario impulso que havia tomado o Gabinete, entre outros, os Srs. conselheiro João José dos Reis, depois Conde de S. Salvador de Mattosinhos, João Martins Cornelio dos Santos, Boaventura Gonçalves Roque, Manoel Salgado Zenha e Joaquim Pinto de Carvalho Ramos.

Nesse periodo 1871—1872 forão apresentados quadros e plantas do projecto da obra pelo architecto Bosisio, e pelo engenheiro de Lisboa, Raphael da Silva Castro.

Bosisio preferia, no seu trabalho, a renascença italiana e Raphael de Castro a architectura Manuelina.

Em 1878 possuia o Gabinete 47,616 volumes, e o fundo para o edificio se elevava a 123:352$0 0. O numero de socios era de 1,433, e o de subscriptores, de 126. O movimento annual de livros era calculado em 43,500 volumes.

A 18 de Junho de 1879 proferio Eduardo Lemos um notavel discurso que foi ao mesmo tempo o bellissimo programma do Centenario de Camões, que o Gabinete pretendia celebrar.

Desse discurso tomaremos os seguintes periodos:

«Ligar o nome de Camões ao nosso instituto por um laço perpetuo, um vinculo de pedra, foi o primeiro pensamento da directoria. Nesse intuito projecta-se fazer com a maior solemnidade o lançamento da primeira pedra do edificio para a nossa bibliotheca no dia do mencionado centenario. »

«Camões e o infante D. Henrique, representados em bellas estatuas de marmore e ladeando o portico de puro estylo Manuelino daquelle monumento erguido ás letras, serão os patronos gloriosos da futura Bibliotheca Portugueza, no Rio de Janeiro. »

A 10 de Junho de 1880 foi lançada a pedra fundamental do magestoso edificio que hoje se ergue na rua Luiz de Camões, tendo assistido a esse acto o Sr. D. Pedro de Alcantara então imperador do Brazil.

No mesmo dia festejou solemnemente o Gabinete o tri-centenario de Camões.

A 10 de Setembro de 1887 foi brilhantemente inaugurado o edificio, tendo sido deslumbrantes as festas, a que assistirão altos funccionarios do Estado, membros da familia então reinante, representantes da imprensa e de institutos scientificos e litterarios.

Esse magestoso edificio construido sob a habil direcção do distincto architecto Frederico José Branco, custou á associação a quantia de 577:595$959, entrando nesta cifra a quantia de 91:707$736 despendida com a acquisição do terreno.

Com o valor das mobilias adquiridas, elevou-se essa quantia a perto de 600:000$, tendo sido a mesa e as cadeiras que guarnecem o grande salão de honra, compradas em Pariz pelos Srs. Camillo de Moraes e Visconde de Azevedo Ferreira.

Eduardo de Lemos, infelizmente fallecido, não podia ser olvidado pela associação a que prestára efficaz concurso. No salão central do edificio vê-se o seu busto testemunho em marmore da gratidão pelos notaveis serviços e pela dedicação com que sempre trabalhára em favor do engrandecimento do Gabinete.

O busto foi feito em Lisboa pelo habil artista Simões de Almeida.

Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, tambem fallecido, foi outro valente sustentaculo da poderosa instituição, que lhe deve relevantes serviços. O seu busto em marmore foi pelo Gabinete encommendado ao distincto professor Bernardelli.

Possue actualmente a associação cerca de 100 mil volumes, grande numero de revistas e jornaes em diversos idiomas, e até 30 de Julho contava cerca de dous mil socios.

O maior doador de livros para o Gabinete foi o Dr. Antonio Alves Ferreira, que offertou em 1887 a sua rica bibliotheca, composta de 767 volumes, sendo :— em francez, 474 em inglez, 90 em portuguez, 27 em italiano e muitos outros em diversas linguas, prefazendo o total de 1,400 volumes.

Entre as preciosidades que possue, têm o Gabinete a 1ª edição dos *Luziadas* (1572) e as *Ordenações do Rei D. Manoel* (1521), impressas em Evora e Lisboa, e em manuscripto, e entre outros, o original do *Diccionario da Lingua Tupy*, trabalho do notavel poeta Gonçalves Dias.

A' actual directoria e ao Conselho Deliberativo não regatearemos louvores pelo muito que tem feito em pról do engrandecimento daquella importante instituição, sendo digna de nota a formação do Cata-

logo Geral do Gabinete, cujo trabalho minucioso e methodico ficará concluido em meado do anno proximo.

Terminando, repetiremos o que esta folha disse em 1887, a proposito do Gabinete Portuguez de Leitura, e que servio de epigraphe ao relatorio apresentado em 1889, pela illustre directoria daquella associação :

« ... Glorificão uma nacionalidade instituições da ordem do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Quer a consideremos no intuito de sua creação, quer attendamos á sua longa e prospera existencia, quer, finalmente, apreciemos o influxo poderoso por ella exercido nas relações sociaes e os beneficios que largamente tem prestado, esta associação impõe-se á benemerencia publica. Com respeitosa admiração e dos que recordariamos aqui, se o pudessemos, os nomes não só dos que a instituirão mas de quantos a mantiverão e engrandecêrão até eleva-la ao ponto em que hoje se acha.»

....

18 de Setembro de 1891.

Igreja da Cruz

No dia de hontem a Irmandade da Cruz dos Militares commemora o 81º anniversario da sagração de sua igreja. Com effeito, foi ella entregue ao culto publico aos 28 de Outubro de 1811.

De todas as igrejas e capellas que as antigas colonias levantárão nesta cidade, é a igreja da Cruz uma das menores, mas em compensação a que ostenta fachada mais artisticamente correcta e uma elegancia de linhas que poucas imitão.

Onde ha cerca de um seculo ergueu-se a Cruz dos Militares, os povoadores da cidade tinhão construido um forte para sua defeza contra os indios e contra os corsarios que infestavão os mares do Brazil, e, que nos annos subsequentes á fundação da cidade de S. Sebastião, penetravão a miudo na nossa bahia.

Foi em 1605, quando o Rio de Janeiro principiava a descer do planalto do Castello para a restinga que é hoje rua da Misericordia, que o Governador Martim de Sá mandou construir junto á praia um forte,

que pouco servio aliás. Em 1623 os baluartes que mais servião contra os indios do que contra os invasores europêos, cahião em ruinas,

Nessa época, officiaes e praças da guarnição da cidade pedirão e conseguirão do mesmo Governador licença para edificarem uma capella sobre os alicerces da imprestavel fortaleza.

A capella foi concluida em 1628 com a invocação de *Santa Vera Cruz*. Officiaes e soldados, seus proprietarios, formárão uma irmandade religiosa concorrendo os officiaes superiores com *cem réis*, os subalternos com *cincoenta réis* e os soldados com *vinte réis* mensaes para as despezas do culto. O primeiro juiz eleito foi o proprio Governador Martim de Sá.

Forão extraordinarios os trabalhos e sacrificios dos irmãos militares, que empregavão os momentos de folga na construcção do Templo.

Na capella de *Santa Vera Cruz*, com licença da Irmandade dos Militares, festejavão tambem os commerciantes e navegantes a S. Pedro Gonçalves.

Em 1681 vio-se a Irmandade de *Santa Vera Cruz* exhaurida de meios para manutenção das despezas da capella e então resolveu ceder metade della aos festeiros de S. Pedro Gonçalves, com o onus de concorrerem com metade das despezas ordinarias e das obras que fossem necessarias.

Concordárão e confirmárão por escriptura publica, lavrada pelo tabellião José Corrêa Ximenes, em 18 de Março de 1682, sendo Governador do Rio de Janeiro o General Duarte Teixeira Chaves, e juiz da Irmandade dos Militares o capitão Manoel da Costa Cabral.

O primeiro compromisso da irmandade foi em 2 de Julho de 1700, sendo juiz da irmandade o general Arthur de Sá e Menezes, Governador do Rio de Janeiro.

O compromisso continha 20 artigos sobre suffragios pelas almas dos irmãos finados e disposições administrativas.

Por carta de renuncia dada pelo general Francisco de Tavora, então Governador, em 12 de Fevereiro de 1816, confirmada por El-Rei D. João V em carta regia de 3 de Outubro de 1722 e mandada cumprir pelo general Ayres de Saldanha de Albuquerque, tambem então Governador em 9 de Setembro de 1723, foi concedida á *Irmandade Militar de Santa Vera Cruz* todo o chão de marinhas que então existisse e aquelle que o mar fosse deixando em toda a largura do terreno que occupava a capella desta Irmandade.

Achando-se extraordinariamente arruinada a igreja de S. Sebastião, sita no morro do Castello e que então servia de Sé, conseguio o Bispo Diocesano que fosse o cabido transferido para a *Capella de Vera Cruz*, o que participou a El-Rei em 13 de Setembro de 1703, começando logo nella a celebração dos actos divinos.

Os militares arrependerão-se da concessão feita, representárão a El-Rei e este prohibio o Bispo que se utilisasse da mesma Capella.

Apezar da prohibição, o Bispo insistiu em requisital-a para a Sé, oppondo-se ainda a irmandade dos militares, lembrando-se então o Bispo de escolher para a cathedral a igreja da Candelaria.

Em 1733, o bispo D. Frei Antonio de Guadeluppe alcançou por alvará a desejada transferencia da Cathedral para a *Capella da Vera Cruz* e mais ainda que ficasse ella pertencendo ao padroado, o seu nome supprimido e a collocação do painel da imagem de S. Sebastião no altar da Cathedral.

Por provisão de 14 de Novembro do mesmo anno, finalmente, conseguio que revertessem em favor das obras da *Capella de Vera Cruz* os 20 mil cruzados que pertencião ás da Igreja da Candelaria,

Havendo grande opposição, sendo levantada á transferencia por parte da Camara e alguns conegos, o Cabido, com permissão do Prelado, illudio-os e aproveitando as trevas da noite de 23 de Fevereiro de 1734 conduzio occultamente para a capella a imagem de S. Sebastião.

Este procedimento offendeu profundamente ao Governador e á Camara, que enviárão uma representação a El-Rei em 14 de Dezembro de 1734 e dirigio severa censura ao Cabido, fazendo contudo sentir á Camara que nenhum direito assistia-lhe de impedir á trasladação da Imagem.

Os padres do Cabido de posse da capella começárão suas imposições, procurando até tornar-se exclusivos possuidores das sepulturas destinadas aos militares.

A Irmandade observando os continuos attentados á sua propriedade por parte do Cabido, representou a El-Rei, declarando sobrepticio o alvará alcançado; e sem que a representação tivesse tido solução ficárão os militares em paz em 1737, pela mudança da Cathedral para a Igreja do Rosario, ao que a isso forão obrigados os padres pelo pessimo estado da *Capella de Vera Cruz*, tendo sido de 3 annos, 5 mezes e 8 dias o jugo de taes hospedes.

Achando-se arruinada a primeira *Capella de Santa Vera Cruz*, a Irmandade dos Militares intentou edificar uma Igreja mais solida:

regular, e para isso convocou os festeiros de S. Pedro Gonçalves, afim de concorrerem com metade das despezas, na fórma contratada; porém, como já não existião os instituidores daquella festa, os que então existião recusárão a proposta, e não continuárão a festejar o seu Padroeiro.

A Irmandade dos Militares havia adquirido alguns predios por compra propria, e por dadivas de alguns devotos, e edificado outros conjuntamente com os festeiros de S. Pedro Gonçalves, ao lado e fundo da capella.

Não podendo por mais tempo conservar-se a *Capella de Santa Vera Cruz*, em razão de sua antiguidade e fraca construcção, resolvêo a Irmandade dos Militares, em sessão de 20 de Janeiro de 1780, que a Irmandade tomasse sobre si a empreza de construir novo templo; nisto empregando todos os seus recursos; e sendo convidados os festeiros de S. Pedro Gonçalves para deliberarem sobre a posse dos predios, que possuião em commum, resolverão então os festeiros que a parte que tinhão nos predios, cedião e davão á Irmandade dos Militares, ficando esta obrigada a fazer annualmente uma festa a S. Pedro Gonçalves, cuja imagem teria um altar na nova Igreja.

Lançada a primeira pedra em 1 de Setembro de 1780, deu-se principio ao novo templo, conforme o risco e direcção do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, sendo juiz da Irmandade o coronel José da Silva Santos e protector o Vice-Rei D. Luis de Vasconcellos e Souza.

Concluida a actual Igreja da irmandade dos Militares, foi sagrada em 28 de Outubro de 1811, com a invocação de — Santa Cruz — havendo nesse dia missa solemne a que assistio S. A. o Sr. D. João, Principe Regente, que aceitou o titulo de Protector da Irmandade, da qual era juiz o marechal de campo João de Barros Pereira do Lago Soares de Figueiredo Sarmento.

A Igreja da Santa Cruz dos Militares está collocada na rua Primeiro de Março canto da do Ouvidor, da parte do mar; tem do lado esquerdo uma grande porta e as janellas da sachristia: está entre dous espaçosos corredores ladrilhados, que dão entrada para a igreja, em cuja frente tem um grande portão lavrado, e latteralmente a elle estão situados, alem de duas portas, dous nichos, e no alto outros dous em que se aninhão duas estatuas.

O atrio é cercado por um gradil de ferro, moderno, com emblemas militares, assentando em baldrame e preso a pilastras de pedra, tendo

no centro um portão e aos lados dous menores, contendo aquelle o signal da irmandade, que é a cruz arvorada no Monte Calvario.

A fachada è de estylo barroco, mas de gosto classico.

No interior achão-se tres altares, sendo o da capella mór occupado pela Cruz sobre o Monte Calvario, imagens de N. S. da Piedade, Coração de Jesus e a do Senhor Desaggravado ; e do lado direito pela imagem de N. S. das Dôres e o do lado esquerdo pela imagem de S. Pedro Gonçalves.

Toda a capella mór é ornada de preciosa obra de talha representando os martyrios da Paixão e morte de N. Senhor Jesus Christo ; e o corpo da igreja com igual obra, representando todos os instrumentos e tropheos militares, achando-se collocadas aos lados do arco cruzeiro, dez bandeiras paraguyas tomadas na batalha de Avahy, em 11 de Dezembro de 1868 e offerecidas á irmandade pelo seu irmão benemerito o Duque de Caxias.

Sua Santidade o papa Pio VII, em Breves de 20 e 24 de Setembro de 1822, concedeu que todas as vezes que qualquer sacerdote regular celebrasse missa em altares de Nossa Senhora das Dôres e no de S. Pedro Gonçalves, por alma de qualquer fiel, esta alma alcance indulgencia do thesouro da Igreja.

Igual concessão dispensou o mesmo Pontifice, em Breve de 27 do mesmo mez, quando a missa fôr por alma de qualquer irmão e celebrada no altar-mór.

Pelo mesmo Pontifice, em Breve de 27 de Setembro de 1822, forão anniquilados os dias 21, 22 e 23 de Setembro de todos os annos para celebrar as festas compromissaes, facultando a todos os sacerdotes que celebrarem missa naquelles dias, na mesma igreja, dizerem a correspondente á festa que se celebrar, comtanto que se esta fôr de rito de 1ª classe, as missas privadas e a solemne rezem do officio do dia, mas se fôr de rito dito de 2ª classe serão do officio do dia e a solemne missa propria do objecto que a irmandade festejar.

Concedeu ainda Indulgencia Plenaria e remissão de todos os peccados a quem visitasse a Igreja no dia das festas da Exaltação da Santa Cruz e no de Nossa Senhora das Dôres e naquelle que fosse assignalado pelo ordinario.

Em 21 de Setembro de 1828 o Sr. D. Pedro I aceitou o lugar de Protector da Irmandade, que por decreto de 3 de Dezembro do mesmo anno teve o titulo de Imperial. Na fór a do compromisso o Sr. D. Pedro II substituio a seu pae naquelle lug

Augmentando a renda da Irmandade, não limitou esta seus beneficios sómente ao funeral de seus irmãos; conferiu pensões caridosas a suas viuvas e filhas sendo de 9$600 as dos officiaes generaes ; 6$400 as dos superiores e 3$200 as dos subalternos.

Progredindo o patrimonio da Irmandade, a Mesa Administrativa de então resolveu reformar o seu antiquissimo compromisso, que já contava 130 annos de existencia, sendo a reforma confirmada pela Carta Imperial de 28 de Agosto de 1830.

Neste compromisso foi extincta a pensão caridosa e estabelecida a compromissal correspondente á quarta parte do soldo com que contribuia o irmão, tendo a ella direito a consorte ou as filhas do irmão, que involuntariamente perdesse, por effeito de sentença, todo o seu soldo ou parte delle, provada que fosse a sua indigencia, disposição esta extensiva ao proprio irmão.

Tambem tinha direito á pensão a viuva do irmão e na falta della as filhas innuptas, a quem revertia por morte de sua mãi, passando de uma ás outras filhas até expirar a ultima.

Erão excluidas da pensão a viuva que contrahisse novas nupcias, as filhas consorciadas antes e aquellas que se consorciassem posteriormente ao fallecimento de seu pai.

O compromisso estabeleceu que a Irmandade fosse particular da Côrte e da Provincia do Rio de Janeiro, e só pudessem a ella pertencer os officiaes e praças de pret da 1ª e 2ª linha do exercito, e os empregados civis com graduação militar do exercito e soldo mensal.

A joia de admissão era paga conforme a patente e a idade do candidato ; segundo a patente consistia ella em meio soldo de um mez, de alferes a capitão ; soldo inteiro de um mez, de major a brigadeiro ; e dous soldos de um mez, de marechal de campo em diante ; segundo as idades ; a joia augmentava de mais de metade, de 35 annos inciados de idade, a 42 completos ; de mais outro tanto, de 42 a 48 ; do duplo de 49 a 55, e do quadruplo, de 56 a 62.

Desta ultima idade em diante, além de oito vezes mais a joia, as mesas administrativas arbitravão um augmento variavel para cada caso individual.

A contribuição foi fixada em metade do soldo de um dia, incorrendo na pena de exclusão o irmão que chegasse a dever seis mensalidades.

Por emendas apresentadas a 24 de Novembro de 1835, a escala da concessão de pensões foi modificada, estabelecendo-se que se não existissem viuvas e filhas innuptas competiria a pensão á mãi viuva do

irmão e na falta desta ás irmãs solteiras ; assim como em reversão passasse da ultima filha innupta á mãi viuva, e desta á irmã solteira, onde expiraria.

As referidas emendas creárão o accesso na Irmandade, alterárão a joia de admissão que passou a ser simples até a idade de 30 annos, e dahi em diante de mais meio soldo de um mez até 62 annos, continuando para os maiores desta idade o augmento arbitrado pela mesa ; e finalmente elevárão a um anno o prazo de seis mezes de divida de mensalidade para a eliminação do irmão.

Tomárão-se ainda outras providencias com relação a pensões em 1845.

O compromisso confirmado em 24 de Agosto de 1845 autorisárão as mesas a applicar as quantias designadas pelas commissões ordinarias em estender os effeitos da caridade aos orphãos de menor idade fazendo-os educar por onde podessem grangear a vida, quando seus pais não lhes tivessem legado meios.

Sobre esta irmandade existe o seguinte facto extraordinario, que assim narra uma publicação official :

« Em 29 de Julho de 1845, e portuguez Augusto Frederico Corrêa, um dos operarios que gessava a igreja de Santa Cruz, vendo sobre o altar do consistorio uma imagem do tamanho natural, que representava Jesus Christo morto desacatou-a, dirigindo-lhe improperios, e sendo reprehendido por outro operario que alli se achava, respondeu que aquillo era um pouco de madeira, e que só acreditaria em Deus, se elle o matasse ás 3 horas da tarde daquelle dia. A' primeira badalada das 3 horas ouvio-se um grito espantoso, que retumbou em toda igreja, e fez acudir a gente que se achava em differentes pontos, e encontrou-se o operario Augusto Frederico Corrêa, cahido em frente do altar de Nossa Senhora das Dôres, sem falla, sem sentidos e em horriveis convulsões. Conduzido em rêde para casa n. 48 da rua do Senado, onde morava, alli esteve tres dias em estado mortal ; e na sexta-feira 1 de Agosto achárão-o inteiramente curado, e abraçado com um quadro de Nossa Senhora das Dores.

Este acontecimento tão deplorave! e ao mesmo tempo tão util á fé catholica, foi immediatamente participado a todas as autoridades, e o Exm. e Revm. Sr. bispo D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo acompanhado das autoridades ecclesiasticas dirigio-se no dia 12 de Agosto ao lugar do delicto, e alli se entoárão preces em desaggravo daquelle desacato, e o deliquente posto de joelhos ao pé da

mesma imagem que offendera, pedio perdão, e proferio os actos de fé.

Era immenso o concurso de gente! A Igreja, os corredores, as salas, a sacristia e o consistorio achavão-se apinhados de pessoas que se precipitavão para vêr e adorar a sagrada imagem!

A rua em frente ao templo estava cheia de povo, que esperava occasião de poder entrar; e temendo o criminoso ser estrafegado pelo povo que o procurava, recorreu á protecção do conselheiro Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno, vigario geral do bispado, que o occultou e troxe em sua companhia.

Por este acontecimento tornou-se ainda mais frequentada a igreja da Santa Cruz dos Militares, onde immensa gente vem de grande distancia para adorar aquella imagem; e o benemerito irmão coronel Manoel José de Castro, offertou a quantia de 2.000$, para do seu producto dizer-se uma missa ás sextas-feiras, estando exposta a imagem do Senhor Desaggravado.

E este exemplo de piedade religiosa tem acarretado tão valiosas offertas, que além da missa instituida por aquelle digno e virtuoso irmão, ha uma festividade annual, á qual o povo assiste com muita devoção.»

As novas medidas compromissaes tomadas em 1845 não tardarão a mostrar quanto era ficticia a prosperidade do patrimonio da irmandade para accarretar os pesados encargos por ellas trazidos e pela reforma do compromisso confirmado em 12 de Novembro de 1850, a pensão tomou a quarta parte do saldo, revertendo repartidamente das viuvas ás filhas menores; prohibio a admissão dos empregados civis com graduação militar do exercito e soldo mensal, revogou a disposição que permittia a educação de orphãos, passou a joia a ser simples sómente até á idade de 25 annos e tomárão-se outras providencias.

Em 8 de Maio de 1854 outro compromisso incluio a concessão da pensão á irmã solteira,

Quuando em 1855 grassou o cholera, grande numero de distinctas senhoras, reunidas em commissão, esmolárão á porta do templo da Irmandade, em favor dos pobres accommettidos do mal.

Estas senhoras constituirão-se sob o protectorado de D. Theresa Christina, então Imperatriz do Brazil, a devoção de Nossa Senhora da Piedade, que hoje alli se venera. Esta devoção rege-se por si mesma, independente da Irmandade.

Pio IX por Breve de 11 de Maio de 1857 isentou a Irmandade da dependencia e sujeição do respectivo parocho.

Por edital de 10 de Junho de 1857 do bispado desta diocese, fez-se publico, por Breve da internunciatura, que são concedidos 100 dias de indulgencia aos que ouvirem a missa compromissal que se celebra ás sextas-feiras em honra do Senhor Desagravado e indulgencia plenaria áquelles que tendo se confessado e commungado visitarem a igreja da Cruz no dia da festa solemne do mesmo Senhor.

Em Setembro de 1857 e em Abril de 1861 tomarão-se outras providencias sobre admissão de irmãos e sobre melhoria de pensão e em Janeiro de 1867 ainda outras providencias forão tomadas sobre accumulação de pensões, etc.

Em 1870 alguns devotos de Nossa Senhora da Piedade por um chisma havido retirárão-se para a igreja do Sacramento, onde constituirão outra devoção com o mesmo titulo.

Ainda em 10 de Novembro de 1872 outro compromisso tomou ainda providencias sobre distribuição de pensões.

Em 1883, depois de diversas tentativas de reforma de compromisso forão approvadas diversas emendas para salvaguardar o futuro de centenares de familias dos irmãos.

A Irmandade muito deve ao general Severia Martins da Fonseca (Barão de Alagôas) já fallecido, um dos mais denodados trabalhadores para a salvação da crise em que se achava ella naquelle anno.

Em 1884 o general Ricardo José Gomes Jardim, que não pertencia á Irmandade, legou-lhe por testamento a duodecima parte dos remanascentes de seus bens, livres de direitos, importando esta dadiva em 24:631$695 sendo 22:302$ em 21 apolices de um conto a juro de 6 % e aceitas a 1:062$, segundo a cotação ao fazerem-se as partilhas e 2:329$695 em dinheiro.

A Mesa mandou tirar-lhe o retrato a oleo e o considerou no numero dos bemfeitores da Irmandade.

Era urgente a necessidade de restaurar o templo e sob a provedoria do então brigadeiro Antonio Enéas Gustavo Galvão (Barão do Rio Apa) em 1885 a 1886, forão por concurrencia essas obras confiadas ao Sr. Manoel José Ventura pela quantia de 16:550$000.

Em 1886 foi por acto legislativo concedida á Irmandade dispensa de pagamento duplo do imposto predial.

A Mesa agradecendo esse relevante serviço aos deputados Paulino Chaves e Carlos Castrioto, estes apresentárão como autor da idéa o Sr. Conselheiro Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, então Ministro da Guerra, pelo que em reconhecimento ao facto resolveu a Mesa

inclui-lo no numero dos bemfeitores, mandando tirar o retrato a oleo, o qual foi inaugurado a 21 de Setembro de 1887, dia da festa da Exaltação da Cruz.

Por proposta aceita pela Devoção de Nossa Senhora da Piedade, feita pela Devoção que sob o mesmo titulo se constituira na igreja do Sacramento, unirão-se de novo.

Por pedido da familia do marechal do exercito o legendario Ozorio, a Mesa Administrativa de 1887 resolveu receber e guardar dentro do templo da Irmandade o cadaver embalsamado do glorioso militar, que por força maior não podia permanecer no Asylo de Invalidos da Patria, de onde a 3 de Dezembro do mesmo anno foi trasladado solemnemente e depositado em uma pequena capella especialmente preparada á direita do côro.

Deste facto lavrou-se escriptura em notas do tabellião Francisco Pereira Ramos, bem como á Irmandade um auto de recebimento que foi assignado por todas as pessoas de distincção que assistirão ao acto.

Fallecendo o Sr. Barão de Alagôas, que relevantes serviços havia prestados á Irmandade, esta mandou tirar o retrato que está collocado entre os de outros benemeritos e fez celebrar solemnes exequias.

O augmento rapido observado na verba de despeza—pagamento de pensões, despertou á Mesa Administrativa de 1890 a acautelar o patrimonio da Irmandade resalvando assim os interesses de centenares de viuvas e orphãos.

Nesse nobre empenho o seu Provedor general Antonio José Maria Pego Junior, então coronel, deu providencias apresentando diversas propostas que discutidas, forão approvadas.

Conseguiu ainda a Mesa, do Governo Provisorio dispensa completa do imposto predial, por decreto de 25 de Maio daquelle anno e a exemplo do que havia praticado com o Sr. conselheiro Alfredo Chaves, resolveu dar ao Sr. conselheiro Ruy Barbosa igual prova de reconhecimento.

A esforços da Mesa, obteve ella em 26 de Novembro desse mesmo anno, permissão do Governo para permutar por predios as 1726 apolices da Divida Publica, que então ella possuia ; e dar applicação aos saldos futuros até 5.000:000$000.

Muito deve ao general Pego Junior esta Irmandade, pela digna direcção que a ella deu.

Fallecendo o Sr. D. Pedro de Alcantara, reunio-se a Irmandade em sessão extraordinaria a 9 de Dezembro de 1891, afim de prestar

homenagem ao illustre morto e resolveu, além de fazer celebrar exequias, collocar na sala dos bemfeitores uma estatua de marmore representando-o fardado de marechal e tomou outras providencias no sentido de exprimir o seu pezar.

O Ministro do Interior communicou á Irmandade ter permettido a trasladação do corpo do Marechal Osorio para — a crypta constraida na base do monumento que vai ser erigido na Praça Quinze de Novembro desta Capital, cujo trabalho foi confiado ao professor Rodolpho Bernardelli, que já concluio e cuja estatua vai ser fundida na Europa.

A trasladação realisou-se solemnemente em 21 de Julho deste anno.

Nesse mesmo dia foi approvado pelo Sr. Bispo Diocesano o novo compromisso da Irmandade, que consignou entre outras medidas a fundação da Devoção de Nossa Senhora das Dóres e S. Pedro Gonçalves, destinadas ás esposas, viuvas, filhos, pais e irmãos dos membros da Irmandade e de qualquer militar effectivo ou reformado, podendo della tambem fazer parte como bemfeitores os donatarios de quantias superiores a 400$000.

Esta devoção dá enterro de igual categoria ao que fez a Irmandade da Santa Cruz dos Militares.

Tem a Irmandade alienado 1229 apolices na importancia de 1,227:400$ com a qual adquirio 103 predios, que rendem 427:000$ annuaes, tendo as compras sido feitas pelo seu incansavel provedor general Pego Junior.

O importante trabalho apresentado em 1882 pelo mesmo provedor, forneceu-nos valiosos dados á recapitulação que segue.

«De 1830 a 30 de Junho de 1892 foi de 8.081:225$650 a receita bruta da Irmandade; de 7.821:499$199 a despeza, inclusive a compra de 1.671 apolices da divida publica de diversos valores; de 3.181:532$818 o total das pensões pagas; de 1.084 o numero de Irmãos, sendo de 322:559$295 a importancia cobrada de joias, de 461 o de irmãos fallecidos; de 315 o de excluidos por commisso; finalmente, de 1.465 o de pensões concedidas, comprehendidas as reversões.

Presentemente conta a Irmandade 308 irmãos; distribue 607 pensões da importancia total de 143:818$750 annualmente, sendo 52 da quarta parte, 106 da terça e 449 da metade do soldo; possue 130 predios que subdivididos dão o rendimento variavel de 250:000$000 annuaes, 496 apolices da divida publica de diversos valores e juros, e da importancia total de 421:000$000 e que rendem 21:080$000 por

anno ; finalmente, além das pensões que paga, tem para com os actuaes 308 irmãos a responsabilidade de 244:050$000.

« Forão juizes da Irmandade Militar de Santa Vera Cruz desde 1628 até 1811 :

Governador Martim de Sá, governador Duarte Corrêa Vasques, governador Domingos de Miranda Henriques, governador Martim Corrêa de Sá, governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, capitão Manoel da Costa Cabral, general Arthur Sá de Menezes, general Francisco Tavora, governador Ayres de Saldanha de Albuquerque, governador Mathias Coelho de Souza, marechal de campo Manoel de Almeida, marechal de campo Manoel de Freitas Fonseca, marechal de campo Domingos Teixeira de Andrade, general Luiz Antonio de Sá Quiroga, governador Luiz Bahia Monteiro, capitão Manoel Francisco Juizo, sargento-mór Pedro Vaz Guedes, capitão Francisco da Silva, capitão Francisco Pereira Leal, marechal de campo Pedro de Azambuja Ribeiro, capitão Francisco Mendes Galvão, capitão Antonio do Rego, capitão Euzebio da Silva Leitão, capitão João Martins Lopes, capitão Patricio Manoel de Figueiredo, capitão Francisco Cordovil de Siqueira, governador Gomes Freire de Andrade, coronel José Custodio de Sá e Faria, coronel Vasco Fernando Pinto Alpoim, coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes, coronel José Carlos da Costa, coronel João Rodrigues Gago, coronel Antonio Joaquim de Oliveira, coronel José da Silva Santos, coronel José Victorino Coimbra, vice-rei Marquez de Lavradio, vice-rei Conde Rezende, vice-rei D. Fernando José de Portugal, vice-rei Conde dos Arcos, marechal de campo Gaspar José de Mattos Ferreira e Lucena, marechal de campo João de Barros Pereira do Lago Soares de Figueiredo Sarmento.

Tem occupado o cargo de provedor desta irmandade, desde 1812 até 1892 : brigadeiro Antonio Joaquim de Oliveira, marechal Francisco de Paula Maggessi de Carvalho, tenente-general Manoel Martins do Couto Reis, brigadeiro Anastacio Corrêa Vasques, brigadeiro Manoel da Costa Pinto, brigadeiro José Custodio de Almeida Bessa, marechal Francisco de Paula Vasconcellos, coronel Carlos Cesar Burlamaque, coronel João Chrysostomo da Silva, brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva brigadeiro Francisco Carlos de Moraes, brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto, coronel João Caetano Espinho, coronel Manoel José de Castro, coronel Antonio João Rangel de Vasconcellos, tenente-general Manoel da Fonseca Lima e Silva, brigadeiro Manoel Antonio da Fonseca Costa, marechal José de V. Soares de Andréa, brigadeiro Galdino Justiniano da Silva Pimentel, marechal José Maria da Silva

Bitancourt, marechal Antonio Nunes de Aguiar, coronel Patricio A. de Sepulveda Everard, marechal Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu, marechal Duque de Caxias, tenente-general Visconde de Santa Theresa, marechal Henrique de Beaurepaire Rohan, marechal Francisco Antonio da Silva Bittencourt, tenente-general Barão da Penha, marechal de campo Severiano Martins da Fonseca brigadeiro Innocencio Velloso Pederneiras, brigadeiro Antonio Enéas Gustavo Galvão, brigadeiro Visconde de Souza Fontes, major Antonio Vicente Ribeiro Guimarães e general de brigada Antonio Josa Maria Pego Junior.

As mesas administrativas, como prova de reconhecimento aos irmãos que têm prestados serviços relevantes á irmandade, concedem-lhes o titulo de benemeritos e fazem collocar em uma sala especial escudos de marmore, em que lêm-se em lettras douradas os seus nomes.

Até á presente data só alcançarão esta distincção, os irmãos: governador Martim de Sá, governador Arthur de Sá e Menezes, governador Francisco de Tavora, brigadeiro José Custodio de Sá, brigadeiro Francisco Paula de Vasconcellos, brigadeiro José da Silva Santos, tenente-general Visconde de Santa Thereza, marechal do exercito Duque de Caxias, marechal José Maria da Silva Bittencourt, coronel João Caetano Espinho, coronel Manoel José de Castro, tenente-coronel Dr. Manoel José de Oliveira, capitão Antiocho dos Santos Faure, tenente-coronel Manoel Gonçalves Coelho e marechal de campo Ayres Antonio de Moraes Ancora.

Na mesma sala encontra-se um rico e sumptuoso quadro, contendo, em tamanho natural, o retrato do benemerito irmão general Antonio Nunes de Aguiar, mandado tirar e alli collocar pela irmandade, como testemunho de sua eterna gratidão e reconhecimento aos relevantissimos serviços por elle prestados, tendo tido lugar a inauguração a 21 de Setembro de 1864.

Devo á genorisidade do meu distincto amigo Coronel Souza Menezes esta circunstanciada discripção.

29 de Outubro 1892.

Estrada de Ferro Central do Brazil

As estradas de ferro no nosso paiz, cujo rapido incremento e crescente desenvolvimento se tem tornado tão notaveis nestes ultimos tempos, não têm ainda um passado remoto. Data effectivamente de

não muitos annos a primeira via ferrea que se construio no Brazil, a de Mauá á raiz da serra de Petropolis, a cuja inauguração assistirão ainda muitos dos nossos contemporaneos, e a mais importante das nossas linhas ferreas, a monumental Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Central do Brazil, da qual agora damos ligeiro esboço historico, é de data relativamente recente, pois a inauguração da sua primeira secção, da estação Central a Queimados, pouco excede de 30 annos.

Se é certo, porem, que o nosso systema de transportes terrestes por meio da maravilhosa invenção que trouxe tantas conquistas á humanidade, melhorando as suas condições, fazendo prosperar todas as fontes de riqueza, levantando cidades, creando o bem estar, povoando e fundando campos inhospetos e selvagens, consolidando a paz e a segurança do interior, pondo os mercados consumidores em contacto quotidiano com os productores» centuplicando as nossas forças e actividades, a nossa locomoção, a ponto de purturbar, na sua carreira vertiginosa, todas as nossas idéas e calculos sobre o espaço e o tempo, se é certo que tal systema não tem, como diriamos, o longo passado, que fôra de desejar, convém, entretanto, reconhecer, em justiça dos nossos antepassados, que de longa data se preoccupavão elles com a idéa de se adoptar e de estabelecer entre nós a viação ferrea.

Naturalmente são as condições topographicas de um paiz, as posições reciprocas entre os seus differentes emporios commerciaes, os diversos centros secundarios de produção, a fertilidade das regiões intermediarias e outros factos analogos que solicitão e determinão o traçado de um trabalho custoso como uma linha ferrea, em cujo emprego os capitaes possão achar remuneração desejavel. E' assim que por 1835 vemos amadurecida a idéa de estabelecer uma linha ferrea que, atravessando regiões fertilissimas e unindo cidades importantes, puzesse em communicação directa a Capital do então Imperio com as Capitães das importantes provincias de Minas Geráes e S. Paulo, e que no dezenvolvimento do seu percurso, pudesse servir ás riquissimas zonas que atrevessasse, enfeixando em estricta rede as tres provincias mais ricas do Brazil.

Sob a Regencia de Diogo Antonio Feijó, effectivamente, o Marquez de Barbaceña foi encarregado de ir a Londres estudar as disposições da praça sobre a organisação de uma companhia que tomasse ao seu encargo a construcção de uma estrada de ferro que preenchesse aquelle *desideratum*, tendo a lei n. 101 de 31 de Outubro de 1835 autorisado para tal fim a concessão do privilegio exclusivo por 40 annos.

Os intentos do Governo não se realisarão entretanto, e em 1839 o Dr. Thomaz Cockrane requereu previlegio para uma estrada de ferro do Rio a S. Paulo, e obteve-o por 80 annos. Cousas supervénientes impedirão que fosse levada a effeito essa empreza e caducado o privilegio por falta de exação de certas clausulas, em 26 de Junho de 1852 promulgava-se a lei que autorisava o Governo a permittir a uma ou mais companhias a construção total ou parcial de uma linha ferrea que, partindo da Capital fosse terminar nos pontos mais importantes de Minas e S. Paulo, autorisando de mais a conceder aquelles favores não a Cockrane, mas a aquem melhores condições apresentasse.

Tres propostas se apresentarão, uma de Teixeira Leite, outra do Marquez de Barbacena e a outro de Theophilo Benedicto Ottoni. Neste ponto encontramos uma grande lecuna.

As propostas ou forão rejeitadas ou ficarão na doce quietação das Secretarias, servindo de pasto ás traças, ou á idea, a principio calorosamente acolhida, se fôi pouco a pouco entibiando até ser esquecida, phenomeno a que já estamos tanto affeitos, quer nos parecer que de todas as razões esta é a mais aceitavel.

Ao primeiro movimento de enthusiasmo, succedeu logo um periodo de reação. Considerava-se uma poetica utopia fazer um tentamen de tal ordem, e os annáes do nosso Senado são rios de documentos a esse respeito, limitando-nos agora a arrancar do seu escrinio esta joia sem par.

Por occasião de se descutir o projecto que constituio a lei de 1842, exprimia-se pela seguinte forma o Senador Bernardo Pereira de Vasconcellos: «*E' uma estrada de ouro, não de ferro: carregará no primeiro mez toda a producção realisada, e ficará 30 dias ociosa!.... Cahisse do Céo prompta a Estrada que, todos desejão, a renda não será bastante pasa o custeio*»!...

Não era, porem, possivel que as riquissimas regiões, sobre as quaes se havião volvido olhos paternáes e intelligentes, permanecessem inteiramente isoladas, n'uma segregação que era a paralysação de toda a producção, quando uma pequena energia, solicita e potriotica, viria dilatar interminos horisontes a uma prosperidade cujo alcance seria difficil, impossivel determinar.

Não é outra a razão porque em 1855 a ideia foi novamente agitada, commetendo-se desta vez o encargo da empreza á legação de Londres. O nosso ministro de então na grande metropole, o Conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, depois de varias tentativas para conseguir a encorporação da Companhia, adjudicou a construção da primeira secção

a Eduardo Price, tendo-se o Governo reservado a faculdade de organisar companhia nacional, e sendo o contracto assignado em Londres a 9 de Fevereiro de 1855. Não se achando porem o contracto de conformidade com as disposições da lei de 26 de Junho de 1852, não se realisou a sua execução emmediata, e á vista de quanto declarára o ministro brazileiro, tomou o Governo a deliberação de organisar no Imperio a companhia, nomeando para tal fim uma commissão composta do Visconde do Rio Bonito, Dr. Caetano Furquim de Almeida, João Baptista da Fonseca e Melitão Maximo de Souza.

Realisada a organisação da companhia, que tomou o nome de—Estrada de Ferro D. Pedro II—foi-lhe commettida por decreto de 9 de Maio d'aquelle mesm anno de 1855, a execução do contracto celebrado em Londres com E. Price. Determinou o mesmo decreto que a estrada, transpondo a serra, se dividiria em dois ramáes um dos quaes se dirigeria para Cachoeira e o outro demandaria Porto Novo do Cunha.

As obras, afinal, depois de um preparativo tão longamente elaborado, forão iniciadas em 11 de Junho de 1855.

Em 19 de Junho de 1855 foi contratado o norte-americano Garnett para primeiro engenheiro da estrada, cujas obras caminharão com rapidez e já em 13 de Março do anno seguinte effectuava-se uma festa deslumbrante para assignalar o trafego de 16 milhas, de S. Diogo a Nazareth, que forão vencidas em 35 minutos.

A primeira emissão de 12 mil contos para a construção das duas primeiras secções, a primeira do Rio até Belém, a segunda de Belém até á Barra do Parahy, fôra de todo insufficiente; o Governo autorizou então a companhia a levantar por emprestimo contrahido dentro ou fóra do Imperio, um terço do seu fundo social ou 12.666:666$666, tendo sido o emprestimo ajustado entre o Governo e a companhia.

Em 29 de Março de 1858 inaugurou-se solemnemente a Estrada de Ferro D. Pedro II, entregando-se ao trafego quatro quintas partes da sua primeira secção, isto é 48.210 metros.

A festa fez-se com verdadeiro dilirio da população. As 9 horas da manhã desse dia o Conde de Irajá, acompanhado do Cabido, recebido com salvas de artilharia, descargas de musquetes, benzia as locomotivos, os carros, a estrada. O presidente da directoria, o Conselheiro Christiano Ottoni, cujo nome está indelevelmente ligado á estrada, pronunciava, no meio do mais religioso silencio, um eloquente discurso, applaudido ao qual respondeu o Imperador. As 10 1[2, por entre as mais clamorosas acclamações, no meio do dilirio estrepitoso e frenetico da multidão que ali se agglomerava, ao som do hymno nacio-

nal que oito bandas de musica, repetião, troando a artilharia e ao esfusiar dos foguetes e das gyrandolas, ouvio-se um sybilo estridente, e a nuvem de fumaça branca coroar a lôcomotiva. Era chegada a hora da partida. A um ligeiro acêno do machinista da locomotiva *Brazil*, no meio do mais commovente silencio, o poderoso motor poz-se docemente em movimento, ganhando inperceptivelmente a carreira.

A estrada estava inaugurada, e uma acclamação retumbante, expontanea, irrepremivel, da multidão, saudou o glorioso acontecimento. Partirão successivamente dois outros trens, um levado pela locomotiva *Imperador*, no qual ião as pessoas imperiaes e da côrte, os directores e accionistas da estrada, e o outro levado pela locomotiva *Imperatriz*, no qual ião diversos convidados.

Logo que o trem imperial chegou a Queimados e o fio electrico communicou que havia trasposto toda a linha, repetirão-se novamente aquellas explosões de alegria, sendo vivamente victoriadas a familia imperial e a directoria da companhia.

A primeira secção da estrada, da capital até Belem (61.675m), foi inaugurada em 8 de Novembro daquelle referido anno. Ainda nesse anno dava-se começo ás obras da segunda secção, de Belém á Barra do Pirahy (108.080m) e a 12 de Julho de 1863 entregava-se ao transito publico um trecho da secção até á estação do Rodeio. (85.94m) Desse ponto em diante as obras não poderão seguir com celeridade, por isso que a Serra do Mar oppunha obstaculos, que se dizião insuperaveis, com as suas agigantadas ondulações, que attravessavão o traçado da linha. Sendo muito longo e moroso o trabalho da perfuração da grande montanha que alli se eleva, como que desafiando pelas suas dimensões o esforço humano, rezolveu-se construir provisoriamente uma linha de fortissimos declives, que foi approvada em 23 de Abril de 1862. Em 7 de Agosto de 1864 inaugurava-se ella, com uma extensão de 5 kilometros Os seus gastos se elevarão a mais de 280:000$000, e foi franqueada ao serviço dos viajantes em 9 do mesmo mez e anno.

Em 13 de Abril do anno immediato inaugurou-se o trafego da estação do Ipyranga e em 18 de Junho abria-se a estação de Vassouras.

As obras entretanto parece que tinhão excedido todos os calculos e provisões orçamentarias. Grandes embaraços naturaes, accidentes inesperados, cuja resistencia era preciso ingente esforço para dominar e copiosissimas sommas, só o tunnel grande no qual se despenderão 3.000 contos de réis e mais de 300.000 libras de polvora, deixarão exhaustos os cofres da companhia.

Não havia em caixa senão 77:000$000, somma de todo incapaz para fazer face a avultados compromissos.

A Companhia representou nesse sentido ao Governo, fazendo sentir que se o Thesouro não viesse em auxilio, para o proseguimento das obras, a empreza aceitaria a transferencia da estrada para o dominio do Estado.

Pertencendo aos accionistas apenas o capital de 2.559:800$000 ao passo que na estrada se havião consumido 24.666:666$666, a importancia consideravel da empreza, a necessidade immediata, inilludivel que se impunha de continuar as obras encetadas, sem o que graves prejuizos advirião, taes forão as razões capitaes que determinarão o Governo em 10 de Junho de 1865 a encampar a estrada, transferindo para o dominio do Estado o resto das acções da companhia, que forão permutados por apolices da divida publica.

A companhia dissolveu-se em 26 de Julho. Dias depois reunia-se a directoria para entregar a gerencia ao director nomeado pelo Governo.

Não se achando porém, nomeado ainda o novo director, assumio essas attribuições o Conselheiro Christiano Benedicto Ottoni, que em 13 de Dezembro pedio demissão, sendo substituido pelo Dr. Bento José Ribeiro Sobragy.

Citando aquelle nome, fora grave injustiça, mesmo em singela noticia historica, não reconhecer naquelle illustre brazileiro os heroicos serviços que elle prestou a estrada, a sua tenacidade inabalavel, a sua intelligente energia, a sua coragem que nunca vacillou, raro conjuncto de qualidades esse a que deve a grande arteria os mais alevantados serviços,

Em mãos do Governo, continuarão entretanto, contra a espectativa geral os trabalhos a proseguir com regularidade e celeridade. Em 6 de Setembro de 1865 transferiu-se para o dominio do Estado o ramal de Macacos, que pertencia a Gomes Bastos de Carvalho; em 17 de Dezembro do mesmo anno inauguravão-se o grande tunnel, abandonando-se a ponte de ferro sobre o Parahyba, e a estação do Desengano (distante do rio 132,036 metros); em 29 de Novembro de 1866 a estação do Commercio (146,683 metros) e em 5 de Maio de 1867 a estação de Ubá (170,317 metros).

Neste ultimo anno, no dia 11 de Agosto realisava-se a abertura da estação da Parahyba (187,369 metros) e a 13 de Outubro a estrada trafegava até Entre Rios (197,669 metros) onde se devia bifurcar, partindo dahi em ramal para Porto Novo do Cunha (261,433 metros),

que devia passar pelas estações de Santa Fé, Chiador, Anta, Sapucaia, Ouro Fino e Conceição.

Entretanto todos os trabalhos, tanto no ramal que vai da Barra do Pirahy á estação da Cachoeira (distante da estação Central 265,278 metros) como na linha do centro, que continuava de Entre Rios em demanda da Capitalde Minas e da Bahia continuavão a ser executados com grande actividade.

O ramal da Cachoeira que devia ligar a capital do Brazil á florescente capital da provincia de S. Paulo, era solemnemente inaugurado em 9 de Maio de 1877, e um anno mais tarde realisava-se a inauguração da linha ferrea que partindo de S. Paulo, vae terminar naquella estação, pondo assim em relação directa as duas importantes cidades, e que foi recentemente encampada pelo Governo.

A linha do centro seguio aquella direcção que assignalámos. Deixando Entre Rios, e depois de ter atravessado a cidade de Juiz de Fóra e Barbacena (377,960 metros), e a capital do Estado de Minas Geraes, estende-se actualmente até Sabará, a uma distancia de 582,459 metros do rio, devendo procurar a bacia de S. Francisco e ligar assim a capital da Bahia á Capital Federal.

Ahi ficão, pois, em notas simples e resumidas os principaes lineamentos historicos da mais importante das estradas da America do Sul, da mais estrategica das nossas estradas, desde que se faça o desenvolvimento das vias-ferreas que lhe são convergentes, e emfim daquella que com mais larga escala tem concorrido para o desenvolvimento da riqueza nacional.

Se aos olhos dos nossos maiores, que ha longos annos sonharão em unir as tres mais ricas porções do territorio brazileiro por vasta rêde ferrea, contra o sentir dos Cassandras que auguravão que a renda da futura estrada de ferro não cobriria o seu custeio, ainda quando a mesma linha cahisse gratuitamente das alturas, como um aereolitho, fosse dado contemplar o presente, terião diante de si um bello e maravilhoso quadro: do coração do paiz, uma vasta arteria que se bifurca aqui, para se dividir além, levando já a circulação a pontos remotissimos, pondo em communicação outras regiões importantes que por sua vez já são centros de outros tantos systemas, para onde affluem e refluem em um movimento incessante outros pequenos canáes; o aproveitamento dos rios que como tributarios vêm engrossar toda a torrente do movimento, e por toda a parte e a toda a hóra em uma região, pequena, é certo, em relação á vastidão do paiz, mas grande pelo que já está feito e pela estreiteza do tempo, a circulação que não pára, antes cada dia tende a

se tornar mais vertiginosa, em um vaivem incessante, estabelecendo o equilibrio da producção, melhorando a nossa vida pela intimidade que lhe dá e promovendo a prosperidade geral.

E para concluir esta ligeira noticia seja dito que o saldo dessa estrada, que em 1858 era apenas de 132:752$000, attingiu já, apenas decorridos 20 annos, a 4,552 contos, apezar de estar a sua administração a cargo do Estado, que é o menos capaz de todos os administradores de companhias.

Veremos agora a estrada nos seus trabalhos, nas suas construções das suas obras de arte, etc.

Em um dos extremos da face occidental da Praça da Republica ergue-se um edificio de dois torreões com tres ordens de columnas; entre estes torreões destaca-se um corpo central com cinco arcos de alvenaria, na parte inferior, um grande terraço na altura do primeiro andar e na parte superior um relogio, sobre o qual se destaca a estatua do Progresso, trabalho do esculptor Almeida Reis. E' este o aspecto da fechada da estação Central da Estrada de Ferro Central do Brazil. No primeiro pavimento deste edificio nota-se um peristylo ornado de columnas, a agencia e sala de espera dos passageiros; o pavimento superior é occupado pela directoria, secretaria, archivo, e contabilidade, thezouraria, escriptorio do trafego e outras dependencias da administração. No fundo do edificio abre-se uma longa plataforma.

Sobre o local que occupa hoje esta estação erguia-se outr'ora a igreja parochial de Sant'Anna, que foi demolida para aquelle fim. Na mesma occasião forão para o mesmo effeito demolidos diversos predios, cuja desapropriação attingio a 800:000$000, afim de se dar espaço ao futuro edificio. A estação que então se fez, foi construida por Eduardo Price, empreiteiro da primeira secção da estrada, que se compromettera tambem a construir as estações dessa parte da linha. Essa primitiva estação foi mais tarde quasi am parte demolida, ou totalmente modificada, pelos inconvenientes que apresentava, e o trabalho, dirigido pelo engenheiro Jorge Rademaker, começou e terminou no correr do anno de 1870, podendo-se dizer que data de então a actual estação central.

Esta estação que é o ponto da convergencia de toda a linha, se no tempo em que foi construida podia ter dimensões necessarias á de então, já não satisfaz mais hoje as necessidades e é de todo insufficiente para o crescente movimento de passageiros e de cargas que ali se faz diariamente. Bastará dizer que dalli partem e chegão 80 trens de suburbios, isto sem contar os trens expressos, os de mercadorias, os de serviço extraordinarios, os de serviço de estrada, as manobras, e

ter-se-ha uma ligeira idéa do prodigioso movimento que ali se opera continuamente, em um campo relativamente acanhado, e portanto em detrimento e em atrazo do serviço.

A estrada é hoje dividida em tres districtos principaes; o 1º abrange a linha comprehendida entre a estação central e Entre Rios e os seus ramaes; o 2º a linha que vai da Barra do Pirahy a S. Paulo e o 3º comprehende toda secção da estrada além de Ent e Rios e seus ramaes. Essas tres secções dão actualmente á estrada uma extensão de 1.097,771 metros, distribuida pela seguinte forma: bitola larga 724,918 metros; bitola estreita 140,853 metros, e a estrada do Norte (bitola estreita) 232,000 metros, nas seguintes condições technicas: alinhamentos rectos 51,67 °/₀; curvas 48,33 °/₀; extensão em declive 29,42 °/₀; extensão em nivel 70,58 °/₀; raio minimo das curvas na bitola larga 181m,03; na bitola estreita 101m,28; desvio maximo na bitola larga 0m,018; na bitola estreita 0m,025.

Ao longo de toda a linha existem 119 estações, distribuidas po esta maneira, em relação aos diversos ramaes: a linha do centro 69, ramal de S. Paulo 32, ramal do Porto Novo 8, ramal de Ouro Preto 3, ramal de Santa Cruz 5, Macacos 1, Gamboa 1. Todas estas estações são actualmente servidas pelo telegrapho e possuem armazens para mercadorias.

Dentre as mais importantes destacaremos: a da Barra do Pirahy, Ypiranga, Vassouras, Desengano, Commercio, Entre Rios, dotada de grandes accommodações, mas de aspecto sombrio; as estações do ramal do Porto Novo, mórmente a do Porto Novo, que é a mais rendosa da estrada, depois da Central, e onde se entronca com a Geral, Barra Mansa, Rezende, Boa Vista, Cruzeiro, Cachoeira e S. Paulo, Serraria, Parahybuna, Mathias Barbosa, Juiz de Fóra, Rio Novo, João Gomes, Sitio e Barbacena.

São numerosas e algumas de elevado valor as obras de arte que a estrada teve de fazer, para vencer os accidentes de toda a natureza que encontrou no desenvolvimento do seu traçado. E' assim que encontramos nada menos de 35 tunneis, com uma extensão de 7804m,95; 130 pontes, 32 viaductos, 162 pontilhões e 3.188 boeiros.

O gigantesco tunnel que se teve de abrir na Serra do Mar, entre as estações do Rodeio e Mendes, afim de se vencer a montanha de 446 metros de altitude, que alli parecia levantar um obstaculo insuperavel, póde ser considerado como o trabalho mais monumental de toda a estrada. Esse tunnel, o maior da America do Sul, vulgarmente conhe-

cido como *tunnel grande*, tem 2.236m,58 de extensão, 4m,29 de largura e 4m,84 de altura.

E' em mais de metade revestido de cantaria e em longas extensões de paredes verticaes, ora de um, ora de outro lado, nos pontos em que a extratificação da rocha poderia ameaçar ruina. Consumirão-se nesse grande trabalho nada menos de sete annos e quatro mezes, tendo succumbido em consequencia de explosões e outros desastres 35 trabalhadores, e gastárão-se mais de 3.000:000$000.

A esse grande trabalho, segue-se-lhe talvez em importancia no kilometro 233, ramal do Porto Novo, cêrca de 200 metros abaixo da estação da Sapucaia a ponte do mesmo nome sobre o Parahyba, que no entender dos profissionaes, é no seu genero a obra mais notavel da estrada.

E' formada na primeira parte por tres arcos de 14m,785 cada um; na segunda de uma grande viga de ferro de 97 metros de comprimento apoiada á grande altura do nivel da agua sobre um encontro e dois pilares.

Citamos em seguida outras obras notaveis: a ponte da Cachoeira com 112 metros; o viaducto do Retiro com 108 metros, a obra mais notavel da linha do centro; a ponte do Desengano sobre o Parahyba, servindo tambem para estrada de rodagem, com 170m,73; a ponte do Paraizo sobre o Parahyba, com 189m,03; a da Boa-Vista sobre o mesmo rio, com 233m,84; o tunnel do Casal, com 16 m,36; a ponte da Serraria (entre Sitio e Entre Rios) com 194m,0; o tunnel do Marmelo, com 543m,0; o córte da garganta de João Ayres, que importou em perto de 400:000$000; a ponte de Humaytá (ramal de Porto Novo, kilometro 203,669) sobre o Parahybuna, com um comprimento total de 1.097 metros; os aterros coloniaes que se seguem á estação do Chiador; a ponte d'Anta e o córte que se lhe segue, um dos maiores de toda a estrada; as pontes do Bananal, Rezende e Salto e a ponte sobre o mar no ramal da Gambôa.

O material rodante da estrada compõe-se actualmente do seguinte: 127 locomotivas; 88 carros de bitola larga de 1ª classe, para passageiros (suburbios); 76 carros de bitola larga de 2ª classe, para passageiros (suburbios); 115 carros de 1ª classe para passageiros; 97 de 2ª classe; 16 de correio; 12 de correio e chefe; 13 de bagagem; 1.250 de mercadorias, fechados; 145 de mercadorias, abertos; 81 de mercadorias *á pivot*; 4 carros funebres; 12 de inflammaveis; 181 de animaes; 56 para carne verde; 8 de passageiros e mixtos; 1 de estado; 101 de lastro; 2 de dormitorio. Na bitola estreita: 2 carros de inspecção;

2 de passageiros de 1ª ; 6 de passageiros de 2ª ; 3 mixtos ; 2 de bagagem; 29 de mercadorias ; 9 de animaes ; 8 *á pivot*; 20 de lastro ; 1 de dormitorio ; 3 de bagagem ; 1 de correio e chefe.

Além desse material foi encommendado mais o seguinte pela directoria em Março do corrente anno : para bitola de 1m, 0, 3 locomotivas para passageiros ; 3 «Mogal» ; 4 Consolidation ; 10 vagões fechados; 10 abertos; 20 carros para immigrantes; para bitola de 1m,0 : 3 locomotivas para passageiros ; 3 «Mogal» ; 4 de Consolidation ; 4 carros para passageiros de 1ª classe ; 4 para de 2ª e 8 carros dormitorios.

São numerosas as linhas ferreas que convergem á Central, á concessão de muitas das quaes não presidio o mais ligeiro criterio, perturbando-se e reduzindo-se assim o futuro economico da estrada.

A secção da Barra a Entre Rios, que corre em plena zona cafeeira, já um tanto esgotada, é servida pelas seguintes estradas : Sant'Anna, na estação do mesmo nome ; Santa Isabel do Rio Preto, com 70 kilometros de percurso na estação da Barra ; Vassourense, 6 kilometros na estação de Vassouras ; União Valenciana, com 63 kilometros, atravessando a melhor zona de Valença ; União-Mineira, hoje Geral, na Serraria ; Juiz de Fóra a Piau, naquella estação : Oeste de Minas, no Sitio até Lavras, no Rio Grande e até certo ponto passando por Oliveira, na bacia de S. Francisco. A linha principal concedida ultimamente, de Lavras até Catalão deve entroncar-se na Central, entre Barra Mansa e Commercio, tendo tambem sido concedida desta estação uma linha até S. Francisco Xavier, isto é, até a Capital Federal.

Em Lafayette, a estrada que vai ter a Santa Luzia ; em Porto Novo a Geral, que mais adeante passa o tronco da antiga Cantagallo A pratica e a engenharia já demonstrárão cabalmente que este é de todo insufficiente para servir á vasta rede da antiga Leopoldina. Esta estrada, que serve importantes zonas do Parahyba, é a realisação do prolongamento da «Pedro II» para o Rio Dôce, tão reclamado por Mariano Procopio, e que infelizmente o Governo não realizou, concedendo-o a uma estrada particular e sacrificando-lhe assim as condições technicas.

No ramal de S. Paulo, encontramos as seguintes : em Saudade, a do Bananal, com 27 kilometros atravessando uma zona já cançada ; em Suruhy, a de Rezende a Arêas ; em Cursino, a *Minas and Rio*.

O movimento da Central, tanto de passageiros como de cargas, tem seguido sempre uma escala ascendente. E' assim que em 1861

notamos o movimento de 136.559 passageiros, em 1881, 2.755.487 e no anno passado 5.304:408, para o qual muito têm concorrido os trens de suburbios.

Antigamente percorrião por dia os suburbios 40 trens, numero este que foi elevado pelo actual director a 80, visto o crescente numero de passageiros.

Para se fazer uma comparação do movimento de passageiros nesses trens bastará vêr o seguinte quadro :

Com o antigo horario transitarão durante o mez de Abril	476.700
Passageiros, média diaria	15.856
No mez de Maio (novo horario, 80 trens)	532.337
Passageiros, média diaria	17.076
Havendo uma differença para mais de passageiros diarios de	1.316
Com o novo horario transitarão no mez de Junho.	639.192
Passageiros média	21.306
Passageiros, e uma differença da média de Maio que foi de	17.176
A de passagens	3.773

A exportação de mercadorias da Capital para o interior foi no 1º semestre de 1890 de 129.592 toneladas e em igual periodo deste anno de 143.893. A importação teve estes algarismos : em 1890 (1º semestre) 55.388 toneladas e em 1891 (igual periodo) 58.758 toneladas.

Em continuação a essas informações, dadas unicamente para tornar mais conhecidos os pontos mais importantes da Central, trabalho esse no qual pela brevidade do espaço e do tempo não foi possivel seguir a coordenação desejavel, passamos a dar as notas tomadas pelo nosso representante, na visita que fez ultimamente á estrada.

A estação da Cachoeira estava repleta de mercadorias e por falta de vagons e trens, a expedição estava sendo retardada.

A linha de S. Paulo, que dahi parte, acha-se em pessimas condições. Os dormentes estão carcomidos e a linha descarnada. O Dr. Crockat de Sá, actual director, requereu ao Governo a compra de dormentes de aço, que durão mais tres vezes que os de madeira, e foi a isso levado pela absoluta falta de dormentes de madeira, que se nota actualmente, e pela necessidade vigente de reformar quanto antes a linha.

O material rodante acha-se em condições lastimaveis.

O serviço do trafego de mercadorias e de passageiros exige actualmente o dobro do material existente, e as despezas orçadas pela directoria para os melhoramentos necessarios, são calculados em 1.000 contos.

Não se póde attribuir a outra circumstancia o facto de se acharem repletos de cargas as outras estações das linhas, mesmo despresando-se o excepcional augmento de mercadorias, ultimamente. Os carros, pela falta de accommodações nos armazens, servem de deposito de mercadorias, e isso ainda vem concorrer para reduzir o numero dos de serviço. O pessoal do serviço é tambem insufficiente.

Na estação de S. Paulo não ha armazem especial para inflammaveis, e no armazem do trafego mutuo encontramos caixas de dynamite, polvora e outros generos explosivos.

A linha fornece actualmente 7 carros de passageiros de 1ª classe, 1 de dormitorio, 1 de Estado, 9 de 2ª classe, 3 de correio, 4 de 1ª e 2ª classes (mixtos), 4 para bagagens, 2 para animaes, 139 de mercadorias, fechados, 78 abertos, 11 gondolas, 7 de lastro, abertos, 12 engradados para gado.

Dos 139 carros de mercadorias, fechados, ha a deduzir os seguintes: emprestados pela estrada de ferro Sapucahy 20, pela de Minas e Rio 6, e fornecidos pelo ramal de Ouro Preto 15. Possue mais 20 machinas no serviço diario e 4 em reparação, existindo ainda nas officinas do Engenho de Dentro, nesta Capital, 5 machinas que se estão montando.

O movimento de trens regula diariamente entre 30 e 40 além dos especiaes e de immigrantes.

Naquelle numero estão comprehendidos os de suburbios.

Trafegão diariamente da estação da Cachoeira para S. Paulo: 7 trens de carga com 8 a 9 carros cada um.

A média de cada carro é de 8 toneladas de carregamento.

O movimento de lenha e materiaes para os suburbios é de 400 toneladas diarias e de 700 o numero de passageiros.

Nas officinas da estrada trabalhão 180 operarios, inclusive machinistas e foguistas.

O pessoal da estação de S. Paulo compõe-se de 1 agente e 179 subalternos, sendo destes: 20 conductores, 40 guarda-freios, 12 bagageiros e 60 trabalhadores.

Da estação do Cruzeiro parte para a da Cachoeira um terceiro trilho intercalado de 1m,0, afim de poderem os trens da linha de S. Paulo transitar até aquella estação, que então ficará servindo unica-

mente para o serviço de passageiros, destinando-se a de Cachoeira para armazem de cargas e bagagens.

Em Porto Novo achavão-se tambem os armazens abarrotados de café com destino á Capital, e de mercadorias para a Estrada de Ferro Geral, que tambem não tinha carros sufficientes. Notámos naquella estação 50 carros carregados de café e servindo de deposito, por falta de armazens apropriados.

A estação maritima da Gambôa possue tres vastos armazens com café, de 151m,0 de comprimento por 7m,55 de largura; outro de 151m,0 de comprimento por 11m,88 de largura; outro, novo, construido de madeira e zinco, com 151m, × 8m,4, com mercadorias; outro de 55m, × 10m,75 com mercadorias, devendo ser construido ainda outro de 151m,0 de comprimento.

No terreno fronteiro á estação, ha um pequeno armazem para inflammaveis. A ponte que se acha nesse terreno, onde se recebem cargas e mercadorias, quer por mar, quer por terra, mede 200 metros de comprimento, é bastante larga, tendo tres linhas para os trens. Nesta ponte funccionão actualmente dois guindastes, por estarem os outros dois em concerto. Vão ser montados mais dois guindastes e uma draga.

A ponte vai ser augmentada com mais 50 metros de comprimento.

Todo o grande terreno fronteiro á estação, está cheio de materiaes para diversas estradas de ferro, e de grande quantidade de mercadorias e material para construcção.

O actual director da estrada, que se acha apenas ha quatro mezes na administração, pretende mudar as bilheterias na Estação Central para o lado esquerdo da plataforma, onde actualmente se recebem as bagagens e encommendas, e mandou fazer entre as duas plataformas da estação, um escriptorio em quadro, todo gradeado, afim de acudir com maior presteza aquelle serviço. Pretende alargar o edificio para o lado direito, até onde funcciona o motor electrico.

Seja-nos licito, terminado estas ligeiras notas, dizer que a linha da Capital até Serraria, (até onde fomos), da Barra do Pirahy até Cachoeira e Porto Novo, está em magnifico estado de conservação e limpeza e que, com excepção do movimento de café, que cresceu exhorbitantemente, fóra das previsões, nestes ultimos tempos, o serviço de transportes é feito com a regularidade desejavel.

As reclamações, aliás justas, que se levantárão ultimamente, e de que nos fizemos éco, provém das pessimas condições da linha de

S. Paulo, hoje pertencente á Central, e que, como dissemos, nem tem pessoal, nem o material rodante necessarios para as exigencias do serviço.

E' de suppôr, porém, que brevemente essas reclamações desapparecerão, desde que se façáo os melhoramentos projectados, e que a Estrada de Ferro Central, com todos os seus ramaes, vasta como é, com um movimento prodigioso de cargas e passageiros, fórme um todo homogeneo e harmonico, e que funccionando sem accidentes e irregularidades, continue a ser a todos os respeitos o que tem sido até hoje, a nossa primeira arteria de locomoção.

3 e 10 de Agosto de 1891.

Assalto á mão armada

Em nossa folha de ante-hontem, noticiámos com pormenores o assalto de que forão victimas os habitantes das ilhas das Moças e dos Meiões, no dia 3 do corrente. Muitas praças—talvez 240—das tres armas forão para alli destacadas para o fim de capturara desertores e com elles ia o capitão Justiniano e um 2º sargento do corpo de policia desta Capital.

Os soldados entregárão-se aos excessos de um verdadeiro saque, arrombando, roubando e esbordoando.

Tinha a população o direito de exigir a mais prompta syndicancia destes factos; mas fomos sorprehendidos com informações do capitão ajudante e do 2º delegado, negando os factos que o *Jornal de Commercio* noticiára.

Nossos leitores que lêrão hontem estes documentos de desidia e inepcia lembrão-se que o capitão Justiniano teve a ousadia de attribuir á nossa noticia o «espirito malevolo» e de admirar-se que este orgão criterioso e imparcial fosse «pouco escrupuloso» nas allegações que fez.

E quanto ao delegado, que em todo esse negocio fez um papel que só podemos qualificar de ingenuo, declarou ao chefe de policia (diz este) «com o criterio e independencia que o distinguem», que «os soldados não praticárão nem uma violencia nem attentados», apenas, com um ar bucolico e innocente, chupárão algumas cannas de um cannavial.

Já hontem corroborámos em todos os pontos a nossa noticia, em cujo abono apparecerão logo dous cidadãos francezes, um delles director technico da fabrica de bi-sulfito de cal de Bruère Rossé & C.

Para que não haja duvida sobre o attentado de que forão victimas os pacificos habitantes das ilhas das Moças e dos Melões e para que fique patente á população da Capital Federal da Republica do Brazil a que mãos está entregue a sua policia, e a sua soldadesca, mandamos hontem áquellas ilhas um dos nossos representantes com instrucções de saber exactamente dos proprios habitantes como se tinhão dado os factos.

O que póde a boa vontade de um só cidadão, é evidenciado neste verdadeiro inquerito que em seguida publicamos

E' elle um padrão de amostra da desidia, da negligencia criminosa de certos officiaes publicos, civis e militares, a quem infelizmente as circumstancias nos obrigão a entregar a nossa vida e a nossa propriedade.

A indifferença com que estes funccionarios faltão á verdade, publicamente conhecida em uma ilha inteira, só póde ser equiparada a mais perfeita apathia com que o ajudante general e o chefe de policia recebêrão as partes desses seus inferiores sem se abalarem em dar as providencias necessarias para o castigo que merecem elles e os soldados sob suas ordens.

Está claro que se um reporter do *Jornal do Commercio* póde em poucas horas colher todos estes depoimentos, que agora publicamos, as autoridades do exercito e da policia se tivessem em mira cumprir o seu dever, poderião a esta hora ter obtido essas mesmas e muitas outras informações.

Nem se pense que fallamos violentamente.

E' preciso gritar quando a nossa vida, a nossa paz se achão entregues a gente tão pouco disciplinada no cumprimento dos deveres que assumirão.

Hontem foi a ilha dos Melões: amanhã serão nossas ruas.

— Na Ilha das Moças — O major José Sebastião de Souza, fiscal da alfandega junto ao trapiche desta ilha, confirmou ao nosso representante tudo quanto noticiamos a respeito do facto.

O capitão Polycarpo Carneiro, administrador geral daquelle trapiche, declarou que fôra ameaçado pelas praças, as quaes inopinadamente invadirão o estabelecimento que administra, varejando a casa existente na ilha e um dos quartos desta, em que se guardão retortas e outros utensilios destinados a experiencias chimicas. Nesse compar-

timento encontrárão uma garrafa com vitriolo, mas rotulada com a palavra—«laranjinha»—cujo conteúdo quasi ingerirão: não o tendo feito por desconfiarem não ser a substancia alcoolica que desejavão, pelo que quebrárão a referida garrafa.

Disse mais o Sr. capitão Polycarpo que um grupo de soldados, atravessando a ponte para o lado da praia Formosa, dirigiu-se para uma taverna, onde esteve algum tempo, regressando de novo para o trapiche, onde por vezes o ameaçou, chegando um cabo a extremo de dizer que,se fosse preciso,lhe cortaria o pescoço. Que apresentou ao commandante da força todo o seu pessoal,composto de 10 portuguezes. Que o trapiche, que administra, é alfandegado, destinado a receber machinismos, e outros generos, e não carvão de particulares.

Manoel Alves Ribeiro, feitor do trapiche, declarou que os trabalhadores da ilha são quasi todos portuguezes; e que se achava almoçando na taverna da rua de Santo Christo, quaddo nella entrarão os soldados. Nessa taverna, cujo dono estava enfermo, só havia um caixeiro menor para attender aos freguezes, e como este não podia servir com a desejada presteza aos assaltantes, resolveu aquelle feitor tambem servi-los, para evitar conflictos, pois, os soldados a todos ameaçavão com réfles.

Tanto o major Sebastião, como o capitão Polycarpo e o feitor, declararão tod s que a força antes das 10 1|2 horas já se tinhão retirado, tendo alli chegado ás 8 1|2, mais ou menos: e que os contingentes do 1º, e 9º regimentos de cavallaria e 2º de artilheria retirárão-se por terra, atravessando a ponte do trapiche para a praia Formoza

O Sr. capitão Polycarpo Carneiro, administrador do trapiche, dirigio immediatamente ao Sr. gerente da Companhia União dos Trapiches a seguinte parte:

Illm. Sr. capitão-tenente José Carlos de Carvalho, gerente da Companhia União de Trapiches.

« Communico a V. S. que ás 9 1|4 horas da manhã foi esta ilha invadida e varejada por uma força militar, composta de soldados e inferiores das tres armas, cavallaria, infanteria e artilheria, commandada por um capitão do 1º regimento, acompanhado por um paisano, que me disse vir commissionado pelo ministro da justiça e com orde ☰ de pegar desertores, que por denuncia soubera que aqui se achavão acoutados.

A referida força invadio e percorreo a ilha sem dar satisfação nem aviso prévio a ninguem, e alguns soldados parecião exaltados, proferião

ameaças e outros até desembainhárão os sabres e tentarão matar os cachorros das ruas.

« A mesma força já havia ido a ilha dos Melões e varejou a officina Rezina. As 10 horas ainda aqui se conservão.

« Limitei-me apenas a fazer ver a alguns inferiores que estabelecimento era este, mas sem poder protestar energicamente, visto a attitude aggressiva de algumas praças que ameaçavão e até algumas já havião desembainhado os sabres. Dei immediatamente ordem ao pessoal para nada dizer, afim de evitar conflicto.

« O que communico á V. S. para sua sciencia. 3 de Setembro de 1891.—*P. Carneiro*, administrador da ilha das Moças.»

Na ilha dos melões—O Sr. Pedro Midosi dos Anjos Espozel, fiscal da alfandega junto ao deposito de inflamaveis ahi estabelecido, disse que, chegando á ilha pouco antes das 9 horas da manhã, encontrou numerosa soldadesca, sob as ordens de um capitão. Procurando saber o motivo da presença dessa força, o administrador João Pereira Soares, lhe informára que, algum tempo antes, aquella mesma força tinha desembarcado na ilha, querendo dirigir-se para dentro do deposito de inflamaveis, elle havia fechado todas as portas, para evitar que de alguma imprudencia resultasse qualquer desastre; e que o referido feitor fora ameaçado, por ter praticado aquelle acto. O Sr. Espozel approvou o seu procedimento.

Acompanhava a força assaltante um paisano, que mais tarde foi reconhecido como o 2º delegado de policia.

Dirigindo-se áquella autoridade para saber o motivo da deligencia, soube que se tratava da captura de desertores do exercito.

Fez ver ao 2º delegado que ninguem podia penetrar naquelle estabelecimento sem prévia licença do Sr. inspector da Alfandega; razão porque não abria as portas, tanto mais quanto, se fossem franqueados os armazens, ficavão estes expostos á qualquer imprudencia dos soldados, ignorantes do perigo que corrião.

O 2º delegado pedio-lhe então lhe proporcionasse um logar para escrever, compromettendo-se a mandar guardar a porta por sentinellas, para que os armazens não fossem invadidos. Satisfeito o pedido do delegado, ficou este, com quatro praças no escriptorio, emquanto o commandante da força percorria a ilha com os soldados.

O delegado em conversa com o Sr. Espozel, declarou que reconhecia aquelle serviço ia ser mal executado, visto como a força chegára por mar com desnecessaria antecedencia, antes que por terra fossem tomadas as sahidas. Nesse momento, *dous agentes, que acompa-*

nhavão o delegado informárão-lhe que as praças estavão fazendo diabruras pela ilha.

Com effeito, logo em seguida approximou-se do Sr. delegado um morador da ilha, queixando-se de que as praças acabavão de estragar parte de um cannavial e laranjal, pertencente a seu velho pai. O delegado ouvio-o, affirmando que era caso para indemnisação.

— O Sr. Espozel dirigio ao inspector da alfandega um officio communicando o occorrido, e narrando-lhe as providencias que adoptára para evitar conflictos, terminando por declarar que ouvira graves queixas de moradores da ilha contra a conducta dos soldados; não tendo disso tomado conhecimento, por não lhe competir tal procedimento.

O Sr. Espozel ainda referio ao nosso representante que alguns soldados, penetrando na cozinha onde se preparava o seu almoço, o tomárão á força da guarda do cozinheiro e delle se servirão a vontade. Que um tenente que passava por junto da cozinha respondêra á reclamação do cozinheiro asseguran lo que o almoço seria pago.

— João Pereira Soares, administrador interno do trapiche, confirmou quanto havia dito ao Sr. Espozel, com relação ao protesto que fizera, e ás ameaças que lhe forão feitas.

— Manoel Barroso Pereira, vigia do trapiche, morador nos fundos do mesmo, declarou que assistindo aos assaltos na visinhança, observára que aquelle não era um modo regular de se fazer uma deligencia, o que indignou ás praças, que incontinente invadirão-lhe o quarto, chegando até ao gallinheiro, que arrombárão, onde inutillisarão duas duzias de ovos, que estavão sendo chocados, comendo vinte e tantos outros, que estávão em um jacá. Dirigirão-se em seguida á uma casa de madeira, proxima, onde morão Lucio Pinheiro e outros, todos pescadores, que na occasião estavão ausentes; e ahi arrombando uma janella nella penetrarão, revolvendo tudo quanto encontrárão, não sendo possivel ainda saber se foi commettido algum roubo. Que fôra por vezes ameaçado, até por um cadete, que promettera vesgasta-lo com um pequeno chicote, que trazia, sendo por fim espaldeirado, recebendo duas pranchadas no braço esquerdo, cujas escoriações forão vistas pelo nosso representante.

Antes de varejarem as casas, fazião os soldados recolher para junto da ponte os moradores, não obstante os protestos destes e os rogos das mulheres e crianças.

— Domingos João, vigia do mesmo trapiche, morador na casa n. 1, declarou que, varejada a sua casa, fôra antes detido junto a

ponte, ficando em casa apenas sua mulher, de quem os soldados brutalmente exigirão comida e bebida, no que não forão satisfeitos, por não haver na occasião.

— Alexandre Mearim, morador na casa n. 1 A, disse que tambem sua casa fôra varejada, tendo os soldados esvasiado um garrafão de aguardente que estava guardado no quarto; tendo sido igualmente detido junto a ponte.

— Na casa fronteira á precedente se achava a mulher de José dos Santos Pereira, ahi residente, a qual referio que, tendo preparado o almoço de seu marido e filhos, retirara do fogo a panella collocando-a junto ao fogão. As praças que ahi penetrarão, atirárão-se á panella, devorando o que ella continha, servindo-se para isso da concha de cozinha, que encontrára á mão.

—José Maria Gonçalves, João Francisco Maia, Antonio de Andrade Simas, João Gonçalves Regadas, todos pescadores, moradores na casa n. 9, declarárão que se achávão em casa quando a força entrou e a varejou; que tambem forão recolhidos á ponte, depois de terem fechado sua casa.

Ao voltarem, porém, encontrárão arrombada a porta da cozinha, quebrada a janella da sala (vidros e porta de madeira), apresentando ambas as portas dessa janella grande numero de golpes feitos a ponta de refles.

Um delles queixou-se de ter-lhe um soldado tirado a navalha de que se servia na occasião para concertar uma rede.

— Luiz Jaqueta, morador na casa n. 9 A, foi tambem detido junto a ponte, e ao retirar-se vio que os soldados entrárão em sua casa, exigindo de sua mulher que lhes desse comida e bebida, e, como estas lhas fosse negada, investirão para um barril de aguardente, da qual fartárão-se, apropriando-se de seis ovos de pata, que estavão sobre o barril e de mais outros que estavão dentro de uma cesta no quarto.

— A. Buére, director technico da fabrica de bi sulfito de cal, ha dias inaugurada nesta ilha, confirmou tudo quanto já havia informado ao *Jornal do Commercio*. e mostrou ao nosso representante o condensador; que estava sendo reparado de alguns golpes feitos a sabre.

Disse mais que apenas falla o hespanhol e o francez, e que, vendo a insistencia das praças em leva-lo preso para a ponte com todo o seu pessoal, todos estrangeiros, insistia para que consentisse retirar o fogo

da fornalha, porquanto, estando a retorta carregada com 400 kilos de acido sulphurico, aquella faria explosão uma vez abandonada.

Que, a custo e aos empurrões, conseguio abafar o fogo, e deixar-se levar para a ponte; notando-se que até um dos empregados, que se achava em um dos depositos, fazendo pequenos reparos, foi dahi retirado nú e tambem remettido para a ponte. Accrescentou que de tudo iria dar conta ao seu consul, por isso que lhe havião prejudicado em quantia não pequena, além da interrupção do trabalho da fabrica, que é urgente pelas encommendas que tem.

— Manoel Gomes Marques, morador em um dos quartos do escriptorio do engenheiro Dr. Castillos, encarregado das obras que se estão fazendo na ilha, declarou que, sendo invadido o seu quarto e o escriptorio, e conduzido elle para o ponte; sua mulher fechára a porta e se refugiára na outra casa, onde se achava a mulher do engenheiro Bruére.

Ao regressar ao seu quarto, encontrou a porta forçada, tudo em desordem, dando por falta da quantia de 200$000, em uma nota de 100$000, e em outras de 10$, 5$ e miudas, que se achavão dentro de um bahú, estando a roupa completamente espalhada.

— Joaquim Borges, encarregado do serviço dos aterros, declarou que ao voltar a sua casa, depois de ter estado na ponte, encontrára a porta forçada.

— Manoel Alves da Silva, morador na parte da ilha pertencente ao Sr. general Couto de Magalhães, declarou ser pescador, e ter quatro companheiros de casa. Disse que um grupo de soldados lhe invadira o quarto, exigindo comida, bebida e dinheiro, tendo cessado essa exigencia com a presença de um alferes.

— Jacintho Thomaz, João Nina, Domingos San Marcos, José Simões Telles, Manoel Norton, pescadores todos, e residentes em outro quarto do mesmo local, declarárão que tambem o seu quarto fôra varejado, sendo elles ameaçados pelas praças, que pedião dinheiro, e que carregárão com roupa de uso e uma faca, por não terem sido satisfeitos em sua exigencia.

— José Gonçalves de Aguiar, portuguez, administrador da propriedade que o Sr. general Couto de Magalhães tem nessa ilha, disse que conta 95 annos de idade, e que alli reside ha 20.

Possuido de indignação pelo que tinha visto, e pelo que havia soffrido, fez largos commentarios ácerca do que se passára, queixando-se de ter sido levado aos empurrões para a ponte, por não poder acompanhar a marcha da soldadesca, á vista da fraqueza de suas

pernas; mostrou, sentido o estado em que havia deixado o cannavial, o laranjal e outras plantações. Levou até sua casa o nosso representante, afim deste ouvir de sua propria nora como havião invadido o quarto desta, que apenas tres dias tinha de parto. Esta mesma senhora e seu marido, João Fernandes de Aguiar, referirão de que modo brutal havia sido invadida a casa, a tal ponto que aquella aterrada, não obstante o seu melindroso estado, abandonára o leito.

— Tanto estes, como o velho Aguiar, queixão-se de que os soldados havião subtrahido um casaco, um par de botinas e a boceta de rapé daquelle ancião.

— Disse mais o velho Aguiar que conhecia a familia do Sr. Presidente da Republica, a quem dera banhos de mar ha muitos annos; que a dita familia sempre havia sido generosa para com elle, principalmente o general Deodoro; que a tempos se dirigira a pessoa dessa familia, pedindo providencias a respeito dos exercicios do quartel fronteiro á ilha, onde frequentemente cahião balas, tendo sido benevolamente acolhido e attendidoem sua reclamação, e finalmente, que de novo havia de voltar á presença do generalissimo para reclamar providencias relativas ao attentado que soffrêra.

Ao despedir-se do nosso representante, pedio-lhe, em extremo commovido, que não deixasse de pugnar pelos seus direitos, nem de verberar este attentado, não tanto por elle como principalmente pelas familias honradas que ali residião.

6 de Julho de 1891.

Fabrica de Tecidos do Bangú

Em trem especial da Estrada de Ferro Central do Brazil, partirão no domingo passado, ás 8 1/2 da manhã, para o ramal de Santa Cruz, afim de fazerem uma visita á fabrica de tecidos da Companhia Progresso Industrial do Brazil, no lugar denominado Bangú, os Srs. Drs. Bernardino de Campos, presidente da Camara dos Deputados, commendadores Estevão José da Silva, presidente da Companhia, Antonio Xavier Carneiro, director-gerente, Domingos Peixoto Ferreira de Souza, José Antonio de Almeida, Fernandes Neves, accionistas, Bruno Ribeiro e sua familia, Dr. Ferreira da Costa, secretario da legação do Brazil em Buenos-Aires, Dr. Arthur Alvim, engenheiro-fiscal da Companhia ; engenheiro empreiteiro J. V. Segwald Muller,

W. F. Lieson, Dr. Eduardo de Moraes Gomes Ferreira, representante dos empreiteiros das obras da fabrica e o representante desta folha.

Esta companhia foi constituida em 6 de Fevereiro de 1889, para o fabrico de morins e chitas, e fez elevar para esse fim no lugar denominado «Bangú», proximo da estação do Realengo, uma importante fabrica.

O edificio cobre a área de 18.640m,59 e tem a fórma de um rectangulo, cujos lados medem 174m,9 e 106m,63, e estão-lhe annexos dois pequenos corpos do lado da fachada principal, destinados, um ao escriptorio do gerente e da contabilidade e o outro residencia do porteiro.

Toda a construcção repousa sobre fundações de concreto sobre os quaes se construio embasamento geral de alvenaria de pedra denominada rustica, que se eleva até á altura dos peitoris das janellas.

Nesse ponto uma fiada geral de pedra artificial separa o embasamento de alvenaria de tijolo apparente de que é construido todo o edificio. Nos primeiros pavimentos o chão é forrado de concreto que nas salas dos teares recebeu um revestimento de ladrilhos. Os assoalhos das salas do primeiro pavimento repousão sobre espessa camada de concreto que se applica sobre as vigotas de ferro, tendo a fórma de duplo T e apoiadas sobre fórtes vigas de aço da mesma fórma e que repousão sobre columnas de ferro fundido, que por intermedio de grandes placas do mesmo metal apoião-se sobre os pilares de concreto que fórmão as fundações.

A fachada da fabrica está orientada segundo a linha E. O. e voltada para o leito do ramal de Santa Cruz, da Estrada de Ferro Central do Brazil, a que está ligada por um pequeno ramal que parte do Bangú, situada no kilometro 31.

Na parte posterior do edificio forão collocados 1.221 teares em um pavimento terreo que mede 106m,63 por 26m,22, sendo esta sala separada do compartimento por um muro de tijolo. A esta grande sala seguem-se duas alas. Na do lado direito, á entrada, está a sala dos grandes motores (dos teares de fiação) que mede 21m,5 por 16m,5, estando a ella reunida a parte em que funccionão as rodas destinadas á transmissão e que occupão um espaço de 17m,49 por 16m,5.

A sala dos motores mereceu especial cuidado dos architectos Potts Son & Pockup, e pela ornamentação interna o aspecto constitue uma peça notavel.

A esta sala seguem-se em corpo de dous pavimentos de 72m,14 por 38m,99 as salas de fiação e cardas.

A sala das cardas tem o tecto chato e como o sólo é formado de concreto, revestido, porém, exteriormente de um forro de asphalto natural até aos muros das cimalhas, para poder receber uma camada de agua destinada a manter a sala em temperatura adequada á fabricação do fio. No angulo do lado interior e formando saliencia foi construida uma torre, onde está a escada que communica os dous pavimentos. As salas de fiação e a dos teares são postas em communicação por ascensores destinados ao transporte do fio e mais materiaes.

Por baixo da sala dos carreteis e medideiras fica um compartimento subterraneo para deposito do fio destinado aos teares. Nesta sala se preparará o algodão para passar á sala dos teares e dahi á sala esquerda, onde se fará o branqueamento, a tinturaria e a estamparia. As salas em que se farão esses trabalhos occupão 76m,21 por 30m,5. A metade desta ala tem dous pavimentos e a outra um só, estando nesta o motor para a estamparia etc. Na face principal, esta ala é completada por um edifficio de dous pavimentos, medindo 51m,72 por 15m,25 destinado ás salas de gravuras e outros trabalhos da secção de estamparia. No pateo formado pelas construcções acima, ficão em corpo separado as officinas de machinas e de carpintaria e a sala das caldeiras. Esta occupa 27m,3 por 17m,3.

As caldeiras, em numero de seis, são de aço e dos fabricantes Buckley & Taylor.

Proximo ao local, em que existe a sala das caldeiras fica a chaminé de tijolo que se eleva a 55 metros acima do nivel da sala das cardas e que é excellente trabalho de alvenaria de tijolo fabricado na olaria que a companhia ali possue.

Tres são os motores para o serviço do typo Compaund. O destinado ao preparo do algodão é de 1.100 cavallos, tendo um volante transmissor com 8m,54 de diametro que deve fazer 55 revoluções por minuto. O cylindro de alta pressão tem 0m,56 de diametro e o de baixa 1m,60, sendo o curso embolo de 1m,525. A transmissão é feita por 12 cabos de 0m,04 de diametro.

O terceiro motor, que é destinado á estamparia é de 300 cavallos com um volante de 5m,34 que fará 63 revoluções.

Os cylindros tem respectivamente 0m,46 ou 0m,92 e o embolo de 1m,22 de curso. Os gornes do volante são 12 e para o cabo de 0m,04 como os precedentes.

Para condensação e tinturaria existem dous tanques com capacidade para 25.103:000 litros cada um, para os quaes é conduzida a agua em encanamento de ferro com seis kilometros de extensão e 6m,25 de diametro. A agua vem da Serra do Guandú.

A Companhia comprou por 1.500,000 um sitio com uma cachoeira na fazenda do Guandú do Senna, para cohibir o córte dos mattos na serra onde nascem as cachoeiras pertencentes á Companhia e tambem para quando seja preciso reunir aquella cachoeira as aguas que já possue.

A execução dos trabalhos foi contratada com os Srs. De Morgan Snell & C., que construirão a fabrica desta Capital « Rio de Janeiro Four Milles & C. » e que tem como engenheiro superintendente dos trabalhos o Sr. J. V. Segwald Muller.

O Sr. Muller foi auxiliado por varios mestres inglezes, tendo sob suas ordens cêrca de 500 operarios.

Para executarem o contrato pelo preço total de 4.100:000$, da construcção completa da fabrica fizerão installações que comprehendem grandes armazens para depositos, carpintaria, ferraria e escriptorios, montárão machinas para britar a pedra para o concreto, estabelecêrão olaria com duas machinas aperfeiçoadas de Murray, installárão dous brituradores para argamassa e um apparelho para preparar concreto, todos movidos a vapor.

Para transportar areia para os amassadores, argila para a olaria e a pedra britada ou não, assentárão linhas de trilhos que medem 4.600 metros.

Todos os apparelhos de fiação e os teares que devem produzir cêrca de 36.000 metros por dia são dos fabricantes Platt, Brothers & C., de Oldam; os machinismos para o alvejamento, tinturaria e estamparia, forão fornecidos por Mathew Platt & C. e os tres motores sahirão das officinas de Buckley Taylor & C.

A primitiva idéa da directoria era construir este grande estabelecimento nos terrenos da chacara que pertenceu ao Duque de Caxias, á rua Conde de Bomfim, estudada, porém, a questão do fornecimento de agua, teve ella de abandonar a idéa resolvendo então levar a effeito o seu empenho no local em que ora se acha. Não forão poupados esforços para se conseguir a realisação do seu desideratum, sendo as suas principaes causas a demora na descarga do material importado e o transporte pela Estrada de Ferro Central do Brazil, a ponto de terem sido as obras interrompidas por falta de carvão e de cal.

A companhia possue grande superficie de terrenos, cêrca de um

legua quadrada, por ter adquirido as fazendas do Bangú, do Retiro, sitios do Agostinho, dos Amares e o sitio na fazenda do Gandú do Senna, este comprado por 1:500$, como aquelles por 132:137$910.

Actualmente procede activamente á construcção de 300 casas para seus operarios, collocando-os convenientemente em ruas de 20 metros de largura. Os diversos typos adoptados e as disposições das casas mostrão que todas as condições hygienicas forão attendidas e que dentro em pouco tempo o local será transformado em florescente povoado.

A companhia tinha gasto até o balanço feito em 31 de Dezembro do anno passado, a quantia de 6.607:846$151, e tinha até a mesma data 118 accionistas, representando 15.000 acções. Contratou no anno passado um emprestimo no valor de 3.000:000$, representado por 15.000 debentures ao portador, ao juro de 7 % ao anno, com o Banco Rural Hypothecario e Rio Matto Grosso.

O engenho que a directoria fez remontar na fazenda do Retiro, tem continuado a beneficiar os rendeiros da companhia, moendo cannas da sua lavoura sem prejuizo para a companhia.

A fabrica será entregue dentro de poucos dias á companhia e estará prompta a funccionar com 2.000 operarios.

Do parecer do engenheiro fiscal da companhia, Dr. Arthur Alvim, sobre a fabrica, extrahimos o seguinte topico, que muito honra aos seus empreiteiros: « Até a presente, os trabalhos forão executados com todo o escrupulo e posso desassombrada e imparcialmente affirmar, que nenhuma outra fabrica terá sido construida no Brazil com mais cuidado e talvez nenhuma possa igualar a esta como conjuncto de machinismos aperfeiçoados, correcta distribuição e solida construcção. A companhia póde ufanar-se de possuir uma installação que difficilmente será igualada em qualquer parte do mundo. Assim seja ella bem conduzida, pois os resultados serão seguros e esses são os meus votos.»

Depois da visita ao estabelecimento, passárão os convidados para a casa de vivenda da fazenda a um kilometro da fabrica.

Esta casa, antiga Fazenda do Bangú, de propriedade do primeiro Barão Piraquara, aparenta ter um seculo de construcção.

Pela posição em que está collocada deixa descortinar todo o terreno da fazenda, que offerece uma impressão agradavel.

Nesta casa costumavão descançar os ex-Imperadores Pedro I e II, quando se dirigião a Santa Cruz.

Ahi foi offerecido aos visitantes, pelos representantes dos empreiteiros, um proficuo almoço, trocando-se animados brindes. A's 3 horas

da tarde regressárão os visitantes á cidade, agradavelmente impressionados pelo aspecto dessa fabrica, que contará entre os factores da nossa nascente industria e penhorados pelo acolhimento que lhes foi feito.

Forão, entre outros promotores e incorporadores da empreza os Srs. Conde de Figueiredo e Barão de Salgado Zenha.

A actual directoria da companhia compõe-se dos Srs. Commendador Estevão José da Silva, Manoel Moreira da Fonseca e Antonio Xavier Carneiro, a quem muito deve ella, pelo zelo, dedicação e esforços empregados na realisação de uma empreza de tamanha importancia para a industria brazileira

8 de Junho de 1892.

Collegio Militar

O Collegio Militar, que ante-hontem tivemos occasião de visitar, pelas excellentes condições do edificio em que funciona, pela sua organisação, pela sua disciplina e moralidade, idoneidade do corpo docente, empenho esforçado e ininterrupto daquelles que o dirigem em beneficio dos alumnos que alli recebem a instrucção, e por tantas outras condições exigiveis nesses institutos de educação, offerece a mais agradavel impressão ao visitante, e tanto quanto permitte uma simples inspecção póde ser considerado como um estabelecimento modelo e merecedor dos mais justos encomios.

Na rapida visita que alli fizemos, pudemos observar com prazer que aos requisitos materiaes, tão indispensaveis nos estabelecimentos de educação, e que alli são os melhores, vêm juntar-se as imprescindiveis condições de methodo, de disciplina, de organisação, sem as quaes não se póde alcançar o progresso moral e intellectual da juventude. O Collegio Militar, fundado ha apenas trez annos, por iniciativa do conselheiro Thomaz Coelho, pôde nesse pequeno lapso conquistar o renome de um excellente estabelecimento de instrucção, e os resultados que tem apresentado e pudemos verificar, tem á porfia justificado a reputação que soube adquirir.

O edificio, bem localisado, acha-se situado na falda do morro da Babylonia, em S. Francisco Xavier, e consta de tres grandes palacetes, dotados de vastas salas arejadas, confortaveis, uma das quaes merece especial menção, pela sua belleza architetonica. Circundão-nos vastos

pateos arborisados, por onde discorrem as crianças e meninos nos seus jogos infantis. e vão, pelas diversões physicas, retemperar as suas forças para os estudos.

No palacio principal lê-se a seguinte inscripção, que assignala a época e o ministro a quem o Collegio deve a sua fundação :

Pedro II Braziliæ Imperator
Regnante
Rebvs Bellicis & Præposito Ministro
Consiliario Senatore
Thomaz José Coelho de Almeida
Hic Militaris
Patriæ Defensorvm Filiis Didatvs
Edvcationis Doctrinagve Lvdvs
Creatvs est
Anno MDCCCLXXXIX

Penetrando-se nesse corpo do edificio encontra-se do lado direito a secretaria e do lado opposto a sala das congregações, a bibliotheca, o pedagogium, e ao fundo, a enfermaria, que occupa salões arejados e cercados de arvores. A enfermaria, como os dormitorios, que occupão arejados salões com 50 camas, possuem excellente mobilia de cedro, e é com satisfação que se assignala a limpeza, o asseio irreprehensivel de todos esses utencilios—camas, roupas de cama, lavatorios, aparadores etc.

O palacete destinado aos serviços de cozinha, cópa, dispensa, pesagem de mantimentos é elegante, e no andar superior, dous vastos salões, servem com decencia ao refeitorio.

As mesas são como as de casa de familia, e cada uma recebe um pequeno numero de alumnos que se affeiçoão às regras praticas de sociabilidade sob a direcção de um inspector.

Duas salas deste palacete, que se prende ao palacete-gymnasio por um vasto e largo corredor, reservão-se para as preparações de zoologia e botanica indigenas que devem fazer parte do *pedagogium* annexo á bibliotheca.

O palacete-gymnasio é o que ha de mais correcto em pedagogia, senão em toda a America do Sul, pelo menos entre nós.

As salas mobiladas com rigor, excluem o mais possivel os aparelhos que tornão o estudo fastidioso, entibiando e plantando noções falsas.

O commandante coronel Dr. Luiz Mendes de Moraes, e o seu

ajudante o capitão Alexandre Carlos Barreto disserão-nos e com razão, que os apparelhos de ensino figurão só no pedagogium annexo á bibliotheca, e os educandos sò os procurão depois de leccionados, naturalmente pelos respectivos professores.

O regimen alimentar é satisfactorio, e os generos de melhor qualidade. A comida é sadia e abundante. Os alumnos accórdão ás 5 horas, tomão banho ás 6, e meia hora depois tomão café com pão; almoção de garfo ás 9 horas, merendão ao meio-dia, jantão ás 3 1|2 e ceião ás 6 horas.

Todo a roupa mesmo a lavada, é fornecida pelo Collegio.

Sob a importante questão da moralidade, pode-se dizer que o Collegio Militar a esse, como a outros respeitos, offerece as melhores condicções. A vigilancia no estabelecimento é continua e admiravelmente observada; faz-se de noite e de dia, e em todas as dependencias do edificio.

Todo o pessoal do estabelecimento trata os alumnos com carinho e brandura. Não ha castigos corporaes; apenas a reclusão em sala livre, retirado do recreio e as privações da sahida são correctivos sufficientes para assegurarem a disciplina.

Ao Marechal Floriano Peixoto deve-se a reforma apresentada pela directoria, reforma que creou as especialidades, dotando o collegio de um corpo docente idoneo, e dando novo objectivo á educação da mocidade.

Ahi são hoje os exercicios militares apenas feitos para incutir no educando o amor da patria, e como verdadeira gymnastica que exclue os trabalhos de acrobacia; todo e qualquer educando póde retirar-se do estabelecimento, terminado ou não o seu curso, e seguir qualquer outra profissão sem indemnisar aquillo que ahi recebeu; não é obrigatoria a profissão das armas.

No curso de adaptação, instrucção primaria integral, cada professor expõe naturalmente e incute o ensino com os processos de intuição, usando de «modos espontaneos» dispensando os apparelhos, que uma verdadeira educação historica repelle, no conscioso dizer do velho Michel Bréal. A reforma, porém, creou, como já vimos, o musêo, onde o alumno recebe conhecimento especial dos mappas, instrumentos, globos, arithmometros, e de todos os objectos de ensino, criticando-os e fortalecendo dest'arte o que aprendeu intuitivamente com o especialista.

São desta reforma tambem o musêo, que vimos, de preparações

indigenas, a cargo de dous professores ; a fauna e a flora são ahi cuidadosamente conhecidas e o ensino é tambem historico.

Tivemos occasião de assistir a algumas aulas, entre as quaes aquellas que dirigem os Drs. Maximiano Maciel, Araujo Lima e Fausto Barreto, e de verificar assim o aproveitamento que alli têm, dirigidos por mestres competentes, os alumnos do estabelecimento. Não sabemos o que mais nos encantou, se a precisão das respostas, a segurança absoluta com que os meninos respondião ás diversas questões propostas, se o modo alegre, communicativo a um tempo respeitoso e affavel, com que elles a fazião, dando ao visitante uma impressão salutar, fazendo-lhe parecer que alli não havia alumnos, nem mestres, mas irmãos ligados por intima amisade, o mais velho dos quaes dirigia os seus irmãos mais moços. Essa impressão foi geral, e não traduzimos senão imperfeitamente os sentimentos que todos alli experimentamos.

Na aula do Dr. Fausto Barreto, este illustre professor, em breve locução aos seus alumnos, assignalou-lhes que a presença dos visitantes lhes era um premio e um incentivo, e dirigio ás pessoas alli presentes affectuosas expressões de agradecimento, ás quaes respondeu o representante desta folha. Em seguida chamou diversos alumnos, os quaes derão significativas provas do seu adiantamento e amor ao estudo.

Resumindo a excellente impressão que tivemos, diremos mais uma vez que o Collegio Militar é uma instituição modelo, e que entre nós não possuimos nenhuma igual. Ella honra aos seus organisadores e á sua atual direcção.

O estabelecimento é dirigido pelo seguinte pessoal :

Commandante, coronel de engenheiros Luiz Mendes de Moraes ; ajudante capitão de artilharia, Alexandre Carlos Barreto ; secretario, capitão de artilharia Jonathas de Mello Barreto, medico, major Dr. José Olivio de Uzeda ; commandante da 1ª companhia, tenente de infantaria, João Pereira de Oliveira ; commandante da 2ª companhia, capitão de cavallaria Antonio Netto de Oliveira Silva Faro ; commandante da 3ª companhia, tenente de infantaria Raymundo Penaforte de Araujo ; commandante da 4ª companhia, capitão de infantaria, Alfredo de Souza Mendes ; quartel-mestre tenente de infantaria, José Aureliano Bezerra Cavalcante ; agente, tenente de infantaria Alfredo Fernandes da Silveira e bibliothecario, major do estado-maior de 2ª classe, Francisco Victor da Fonseca e Silva.

Corpo docente compõem-se de 23 professores.

O instructor da infantaria é o tenente Agricola Guanabara; o de cavallaria o capitão, Manoel Antonio da Cruz Brilhante e o de artilharia e esgrima o 1º tenente Esperidião Roza, e o de gymnastica e natação o Sr. Manoel Gonçalves Corrêa.

Tem o collegio sete inspectores; um porteiro, um escripturario, dous amanuenses, além de outros empregados destinados aos serviços internos do estabelecimento.

23 de Dezembro de 1892.

Lazareto da Ilha Grande

A 65 milhas de distancia desta Capital, ao Sul, ergue-se o Lazareto da Ilha Grande, situado na enseada de Abrahão.

Natureza esplendida, opulenta de vegetação secular, riquissima de excellente agua, com um porto natural immenso ao abrigo de todos os ventos, dando entrada franca aos maiores navios do mundo, este local prestava-se á construcção de um estabelecimento igual, senão superior, aos melhores do universo.

Como o seu nome indica, é um verdadeiro refugio tranquillo, sadio e alegre.

Uma bellissima cascata a dous passos do lazareto, offerece banho da melhor qualidade a par de uma paisagem das mais pittorescas.

Por mar, embarcando-se aqui no nosso porto, a viagem faz-se em seis a sete horas commodamente, indo-se desembarcar na ponte dos lazareto. Por Santa Cruz a viagem é incommoda. Primeiramente toma-se o trem da Estrada de Ferro Central do Brazil até o Curato de Santa Cruz. Ahi passa-se para um bond da Companhia Terreste Maritima Rio de Janeiro, onde ha ausencia de qualquer idéa de conforto e que tem o privilegio de descarrilhar com a maior facilidade. Aos trambolhões chega-se á praia de Sepetiba, onde se encontra o rebocador ao serviço do Lazareto, o qual fundeia bastante longe da terra.

Uma pequena canôa de fundo de prato conduz até o mesmo vapor. Se o tempo está calmo, o embarque faz-se sem novidade, mas se sopra sudoeste, (o que felizmente não é commum) então o embarque torna-se perigoso ou ás vezes impossivel.

Infelizmente as obras do Lazareto não correspondem á magnificencia da localidade, em boa hora escolhida. Disserão-nos varias pessoas, conhecedoras do lugar que: quem hoje alli vai não póde fazer

idéa do que foi aquillo, logo depois de dado por prompto. A *racha* fôra elevada á altura de um principio; paredes ... tão fortes que cahião com um... pontapé ; agua tão mal captada, que, sendo de uma abundancia immensa na ilha, havia falta no estabelecimento. Ainda se nota este defeito.

Ultimamente, graças ás reclamações dos Inspectores Geraes de Saude dos Portos, e á solicitude do Governo, as cousas mudárão muito.

Em primeiro lugar o Dr. Arnaud de Mattos corrigio muitos defeitos das obras primitivas. Muito fez esse distincto engenheiro. Depois delle o Dr. Eugenio de Andrade trabalhou em bem do estabelecimento com a proficiencia que o caracterisa, e presentemente o Dr. Bettencourt da Silva, e o seu ajudante Lourenço Tavares, hão de naturalmente completar todo o trabalho de reparação.

Pela descripção que abaixo fazemos, verão os leitores o que é o Lazareto da Ilha Grande, onde ingentes trabalhos de prophylaxia têm sido praticados, livrando-nos das epidemias de cholera-morbus, que nos ultimos annos assolárão a Europa e as Republicas do Prata. Outrosim, verão os leitores que o alludido Lazareto satisfaz as exigencias da Convenção Sanitaria Internacional. Não é elle o caricato barracão de madeira da Ilha de Martin Garcia, (que o nosso correspondente de Buenos Ayres espirituosamente chamou *rancho* pomposamente rotulado com o nome de *Lazareto*), onde nem os navios podem aportar ; porquanto não tem fundo necessario para isso.

O nosso não obdece, é certo, a uma orientação architectonica, tem alguns defeitos, que se procura corrigir, mas é um *lazareto*.

A commissão do Ministerio de Agricultura de lá chegou convencida da vantagem de serem alli recebidos todos os immigrantes, medida esta, ha muito reclamada pelos inspectores de hygiene de mar e de terra.

A commissão vem mesmo tão satisfeita que, consta-nos quer propôr a mudança da hospedoria da Ilha das Flôres para o Lazareto. A isto com boas razões certamente oppora embargo o illustrado e incansavel Inspector Geral de Saude dos Portos Dr. D. José de Souza da Silveira.

Ao actual ministerio caberão os mais justos louvores se, como tudo induz a crêr, afastar daqui e de Santos, todos os immigrantes. Mais vale tarde do que nunca.

Passemos agora á descripção :

O lazareto da Ilha Grande na *Enseada do Abrahão*, comprehende quatro grandes edificações.

Uma, situada no fundo, em plano elevado e que é a maior, composta de duas alas parallelas, divididas por pateos, sem uma fórma verdadeiramente definida (mais ou menos em H invertido). E' vasta, perfeitamente arejada por todos os lados, e tem dous andares A ala da frente, que olha para o mar, contém: no primeiro andar. 16 quartos, cada um dos quaes com dous leitos; duas salas e dous compartimentos para criados, 4 latrinas patentes e 2 banheiros. Vestibulo e entrada independente. O andar superior contém 32 quartos das mesmas dimensões dos do primeiro andar, divididos em duas secções de 16 quartos cada uma.

Além do vestibulo e entrada independente, cada ala tem duas salas de recreio, um salão de jantar, 4 latrinas patentes e 2 banheiros. Este andar superior está mobiliado com cuidado para receber quarentenarios de primeira classe.

Na parte posterior do edificio, parallela á que acabamos de descrever, ha acommodações identicas ás já referidas. Na parte central e inferior estão as cozinhas, cópas e mais dependencias, tudo muito espaçoso e servido por meio de elevadores a todos os pavimentos. O terreno foi mal aproveitado. E' accidentado, e não convenientemente nivelado, de modo que as construcções acompanhão os accidentes do sólo. O edificio, que é vasto não tem architectura alguma, senão mesmo feio.

Outro grande edificio é o pavilhão destinado aos quarentenarios de 3ª classe. Está situado á beira-mar, á esquerda da ponte de desembarque, tem uma fórma definida e elegante.

E' um grande rectangulo de quatro faces com pateos internos, divididos por uma ala onde estão as latrinas, banheiros e quartos dos guardas. Tem quatro entradas, uma em cada face, as quaes dão accesso ás quatro grandes alas que podem folgadamente conter 800 passageiros.

Estas quatro alas podem-se communicar ou violar á vontade, por meio de portas interiores.

Executadas certas modificações, pedidas e autorisadas, este edificio melhora consideravelmente, porque, além de ficar com agua em abundancia e isolamento mais completo, poderá conter maior numero de passageiros.

A casa central da administração, antiga casa da *Fazenda do Hollandez*, e a mais solida construcção do Lazareto, está em obras. Concluidas estas será um bello edificio de agradabellissimo aspecto, onde se installarão á vontade: no andar superior o director do serviço sa-

nitario, a secretaria e o archivo ; no andar inferior, o telegrapho e a agencia do correio, que já ahi se achão funccionando, e o almoxarifado do estabelecimento, que em breve tempo ahi encontrará magnifica accommodação.

Em seguida a este edificio e na sua parte posterior, está-se construindo uma casa de 14 metros de frente por 54 de fundo, em fórma de T. onde brevemente serão installadas cozinhas, corpo de guarda, arrecadação, pharmaria, padaria e açougue.

A' direita da ponte está a enfermaria de molestias communs, podendo conter 100 leitos.

Além dos quatro edificios descriptos, ha mais um, collocado em plano muito superior aos outros, e á direita de quem entra, o qual fôra primitivamente destinado para enfermaria e que hoje é utilisado para moradia de empregados, porque é penoso aos doentes galga-lo.

Para molestias contagiosas e pestillenciaes exoticas, ha enfermarias fluctuantes.

A ponte, de construcção recente, toda de madeira de lei, muito commoda e elegante, tem 80 metros de comprimento sobre 4 de largura.

Fazem parte do Lazareto, do qual distão um kilometro, seis grandes armazens destinados á alfandega. Neste local está montado o *Desinfectorio* do estabelecimento, composto de tres grandes e excellentes estufas do systema Generte & Herscher, (ultima palavra da sciencia em materia de desinfecção), uma estufa de Moabit e outra de gaz sulphuroso.

Infelizmente, a ponte desta parte do Lazareto, quiçá a mais importante, está em ruinas e pede urgente reconstrucção.

Pelo plano do Sr. Dr. Silveira, actual Inspector Geral de Saude dos Portos, a ponte e construir deve ser dividida em duas partes inteiramente distinctas : uma para entrada dos objectos impuros no desinfectorio, e outra para sahida dos mesmos já purificados. Um poderoso guindaste tem de ser collocado sobre a dita ponte.

O Lazareto tem apenas o numero de empregados strictamente necessarios : um administrador, um pharmaceutico, chefe de desinfecção, um almoxarife, um escripturario e guardas.

Por esta rapida noticia têm os leitores conhecimento do Lazareto, importante estabelecimento que merece toda a attenção pelos serviços que deve prestar.

31 de Dezembro de 1892.

Companhia S. Lazaro

Cumprindo o que promettemos ante-hontem, quando noticiámos em poucas palavras, devido á escassez de tempo, a visita dos Srs. accionistas ás diversas officinas que a Companhia S. Lazaro mantém á praia de S. Christovão, no Retiro Saudoso e no Encantado, desobrigamo-nos hoje dessa tarefa, fazendo uma succinta descripção de uma das mais importantes emprezas industriaes desta Capital.

A fabrica S. Lazaro foi fundada em Outubro de 1878, sob a firma individual do Sr. José Maria Teixeira de Azevedo, em um edificio de acanhadas dimensões, situado á praça dos Lazaros, edificio que aquelle senhor tratou de melhorar tanto quanto podia então fazer, por não dispôr de capitaes que o habilitassem a desenvolver a industria nascente e inteiramente nova no paiz. Em uma fabrica, que empregava machinismos em pequena escala, e, além disso, mais ou menos antigos, os artefactos erão camisas de meia, e meias com costura. Produzia diariamente 200 duzias de meias e 10 duzias de camisas, lutando o seu proprietario com a falta de pessoal idoneo, chegando até a contratar para o serviço immigrantes das ilhas das Canarias, aos quaes teve que dar casa e comida.

No artigo *meias* podia a fabrica competir com o importado, pois este pagava de direitos 600 rs. á duzia, quer fosse de superior qualidade, quer de ordinaria. Ainda assim, e apezar de ser esse o unico genero em que o trabalho nacional podia competir com o similar estrangeiro, os importadores e intermediarios fazião uma guerra de exterminio a tal ponto que a fabrica, que iniciava, como dissemos, industria nova, chegou a ter em deposito um *stock* de cerca de 300,000 duzias de meias. Havia como que firme proposito, por parte desses adversarios, de acabar com a fabrica, que custava na sua mantença incriveis sacrificios. Quanto ás camisas de meia, possivel não era á modesta usina S. Lazaro fabrica-las de modo a offerecer competencia com as similares estrangeiras, de ver que estas pagavão, em direitos aduaneiros, 1$000 cada duzia, muito embora essa unidade passasse oito ou dez vezes mais que o artigo «meias», e mesmo tivesse maior valor nos preparos e no feitio. Após insano trabalho, ao organisar-se a reforma das tarifas aduaneiras, conseguio o proprietario da fabrica «S. Lazaro» alguma elevação nos direitos que pagavão as camisas de meia importadas, e só assim póde o estabelecimento começar a manufacturar esse ramo de industria.

Todo o constante esforço do Sr. Azevedo, que áquelle tempo lutava desacompanhado de qualquer auxilio de capital, foi obter dos poderes publicos uma tarifa que compensando o trabalho nacional, prestigiou-o, concorrendo para o seu completo desenvolvimento, e aquelle industrial conseguio ver realisado tão nobre *desideratum*, quando o ultimo ministerio da monarchia organisou uma reforma da tarifa aduaneira, que foi posta em execução pelo Governo Provisorio, se bem que um tanto transformada e para peior.

Com uma tarifa elaborada nessas condições, nenhum motivo de receio havia de se augmentar, extraordinariamente, o machinismo para o fabrico, em alta escala, de meias e camisas de meia, além de outros artigos, tudo baseado pela tarifa habitual. Bem podemos dizer que, durante tres annos, assignalados por decepções, desgostos e difficuldades ingentes, a tarifa então vigente só dava ao proprietario da modesta fabrica «S. Lazaro» enormes prejuizos, que reproduzião-se tambem na falta de pessoal, recusando-se os nacionaes a esse mistér.

Em 1884 mudou-se a fabrica para a praia de S. Christovão, estabelecendo-se na casa que servira até então de residencia ao capitalista José Maria Pinto Guerra, que havia fallecido mezes antes. Edificio de construcção antiga, sem como é intuitivo imaginar-se, accommodações necessarias para uma usina, exigio do locatario muitas reformas, que elle realizou pouco á pouco, de accôrdo com as forças de muito minguado orçamento Quem hoje vê o airoso predio em que funcciona a secção dos tecidos de malha, edificado sob o risco de profissional competente, certo não sabe que alli, não ha muitos annos, existia uma dessas casas chatas, acaçapadas, ao gosto da *architectura* arbitraria dos mestres de obras boçaes e ignorantes. Em Agosto de 1887 a fabrica passou a pertencer a uma companhia que então se constituio sob o titulo de «Companhia Fabrica de Tecidos S. Lazaro», com o capital de 450:000$, sendo, um anno depois, em Agosto de 1888, elevado a 800:000$. Ainda em Setembro de 1889, de novo elevou-se este capital a 1.750:000$. Em Julho de 1890 a assembléa geral dos accionistas da companhia autorisou a sua directoria a adquirir todo o passivo e activo da Companhia Nacional de Tecidos de Seda, industria essa completamente nova no paiz, e a fusão das duas emprezas com o capital de 3:200:000$, com a «Companhia de S. Lazaro».

Augmentando de dia para dia a sua esphera de acção, aproveitando, além disso, a expansão do desenvolvimento industrial, que se accentuava por um impulso vigoroso, em assembléa realizada a

27 de Outubro de 1890, os accionistas approvárão, por votação unanime, que a *S. Lazaro* fizesse fusão com as seguintes emprezas, todas ellas participando mais ou menos de seu benefico influxo: «União das Industrias», «Centro Industrial de Chapelaria», «Lavanderia Fluminense», «Terrenos e Construcções» e «Cortume pela Electricidade», o que representava um capital nominal de 31.350:000$, de que estavão realisados 6.355:000$. Organisára-se, pois, o colosso industrial, que deu e ha de dar renome á iniciativa individual neste paiz, que jámais assistira a tão proveitosas manifestações do trabalho humano.

A 5 de Novembro de 1890, os accionistas, de novo reunidos, approvarão tambem por unanimidade, a avaliação dos louvados, nomeados em anterior assembléa, ficando o capital da companhia elevado a 40.000:0000, em 20.000 acções, das quaes 16,000 intregalisadas, e 184,000 com 50%. Em Dezembro de 1891, os accionistas, em assembléa geral, delegárão á directoria autorisação para contrahir um emprestimo de 18.000:000$, e caso não fosse possivel essa operação com vantagens, fazer a chamada de capital a 5 %; com intervallo de 60 dias.

A primeira directoria da Companhia Fabrica de Tecidos «S. Lazaro» ficou constituida pelos seguintes Srs.: commendador Luiz A. F. de Almeida, Francisco Gonçalves Queiroz e commendador João Baptista Vianna Drummond, sendo a gerencia confiada ao commendador Teixeira de Azevedo.

A segunda directoria foi exercida pelos Srs. Barão de Drummond, commendadores Luiz A. F. de Almeida e J. M. Teixeira de Azevedo.

Constituida pela fusão com as diversas emprezas de que já fallámos, sob o nome generico de «Companhia S. Lazaro» teve por directores os Srs. Barão de Drummond, desembargador Abel Graça, visconde Ferreira de Almeida, commendador José Moutinho dos Reis e J. M. Teixeira de Azevedo.

Retirando-se os Srs. Barão de Drummond e commendador Moutinho dos Reis, ficárão exercendo a direcção da Companhia os Srs. desembargador Graça, como presidente, visconde Ferreira de Almeida, como thesoureiro o commendador Teixeira de Azevedo, como director-secretario e gerente-geral.

Quando a classe industrial, reconhecendo os serviços que lhe prestou, como ministro da fazenda, o Sr. Dr. Ruy Barbosa, fez a este senhor uma manifestação. A Companhia *S. Lazaro* sobresahio-se, entre as congeneres, pela perfeição e bem acabado de seus diversos

productos. Organisando, passado tempo, uma exposição geral dos seus artefactos na Chapelaria Ingleza, propriedade do Sr. Arthur Watson, ferão, justamente, apreciados, e, em noticia, demos então a nossa opinião a respeito. Em todos os certamens industriaes, quer naciones, quer estrangeiros, a que a *S. Lazaro* tem concorrido, obtém os melhores premios.

Passamos á descripção dos diversos estabelecimentos e das propriedades da Companhia.

Secção de fiação e tecidos—Funccionão estas secções, em um vasto predio de 3020m2 de área com dous pavimentos. Fóra deste edificio, em casas especiaes, estão installados o motor e a caldeira, que funcciona em um compartimento de 11m2 é do systema Cornish, e foi fabricada nas officinas de Willian John Yates, em Lancasire. Mede 2m,13 de diametro e 9m,14 de comprimento, supportando uma pressão de 100 libras por pollegada quadrada.

O motor de todo o machinismo das duas secções está installado em um compartimento de 50 metros de área, ventilado por tres amplas janellas e uma porta. E' do systema horizontal Compound e tem uma força effectiva de 350 cavallos, A agua necessaria para o condensador de contacto (*Surface condenser*) é trazida do mar por uma rêde de tubos de ferro de 0m,20 de diametro para um reservatório de 90m3.

Fiação—Da casa da machina passa-se ao compartimento, em que estão collocados tres batedores e um abridor de algodão, dos fabricantes inglezes Howard & Bullough, e dahi á sala de fiação, que occupa uma área de 1,288m2 e é ventilada por 13 janellas de um lado, e 12 janellas de uma parte do outro.

Ahi estão montadas as seguintes machinas dos referidos fabricantes:

14 cardas.
3 passadores.
2 maçaroqueiras.
3 ditas intermediarias.
8 ditas finas.
14 fiadeiras continuas com 3,258 fusos.
4 espulas.

No fundo do pavimento superior estão situados o ventilador e a sala de mistura.

Tecidos de malha—Esta secção occupa quasi todo o pavimento superior ; é dividida em dous compartimentos, sendo o da frente

occupada pelas costureiras, e estando nelle montadas as seguintes machinas.

52 de costura (antigas).
27 ditas de Wilcox & Gills.
1 dita Singer.
2 ditas de casear Singer
2 ditas de prégar botões Singer.

No outro compartimento, estão situadas cento e quinze machinas diversas, destinadas aos seguintes misteres: fabricar meias e camisas de meia com e sem costura, lisas ou riscadas, com ou sem elasticos, fazer merinó, felpo, paletots e ceroulas de meia: cortar fazenda, enrolar panno, empacotar, etc. Na frente do pavimento terreo funcciona provisoriamente o escriptorio e trabalhão os encarregados do acondicionamento dos productos, destinados ao mercado, e da distribuição de costuras a domicilio. A' direita do edificio, que acabamos de descrever, ficão situados mais dous edificios: o da «União das Industrias», em construcção, com uma superficie de 4,563m2; e o destinado a escriptorio, alvejamento e fabricação de morins, com uma área de 1,092m2. No pavimento terreo deste edificio, já concluido, funccionão:

6 prensas a vapor.
2 ditas hydraulicas.
3 machinas de lavar.
1 turbina a vapor.
1 caldeira.
2 machinas de alisar roupa
1 grande estufa.

União das Industrias—Esta secção funcciona no pavimento terreo do edificio da secção de sedas, um predio de construcção elegante, com 800m2 de superficie.

Como todos os outros, esse edificio é bem ventillado e illuminado tendo amplas janellas.

A caldeira e o motor de todos os machinismos deste e da secção das sedas estão installadas em um compartimento provisorio de 80m2 de superficie. No pavimento terreo estão installadas 109 machinas, diversas, destinadas ao fabrico de cadarços, barbantes, torcidas para lampeões, rendas, atacadores para sapatos e espartilhos, esteiras, cigarros, caixas de papelão, colchetes, grampos e alfinetes. As machinas destinadas ao fabrico de colchetes, grampos e alfinetes são do fabricante francez Mays e muito interessante pela sua extraordinaria producção.

Secção tecidos de seda—Funcciona no andar superior do edificio, já descripto, e o accesso para elle é feito por uma elegante escada de ferro fundido, de muito gosto artistico.

Ahi estão montados:

26 teares.

5 Machinas de dobrar seda.

8 urdideiras.

1 Instrador.

4 machinas de dobrar fitas.

Existe mais uma grande quantidade de machinismos que não forão montados, por falta de espaço, como sejão : 32 teares, uma machina completa de dobrar, uma urdideira, assim como diversos accessorios e peças sobresalentes.

Produz esta secção sedas de desenhos e gostos variados, para vestidos, fitas de todas qualidades, sedas para chapéos de sol, galões e alamares, etc.

As secções, que acabamos de descrever, ficão situadas na praia de S. Christovão e entre ellas existem ruas que as separão.

Entre os dous edificios principaes fica a rua *S. Lazaro* que dá accesso á villa do mesmo nome.

Ahi estão construidas sessenta e tantas casas hygienicas para morada dos operarios e empregados, um grande edificio, em que estão estabelecidos o armazem de viveres, o açougue e o hotel.

Ha tambem uma sala de escola e de reunião de operarios, uma igreja em construcção e quatro grandes caixas d'agua.

As ruas da villa são todas arborisadas de mangueiras e cajueiros.

No alto do morro está montado um escavador com a capacidade para extrahir 800 metros de aterro, por dia, destinado a abertura da rua Paraná, que deve separar as propriedades da companhia do cemiterio de S. Francisco Xavier.

Aterro.— A companhia tem aterrado uma boa parte das marinhas fronteiras aos seus edificios, e já construido solido cáes com cêrca de um kilometro, para sustentar o aterro; ahi trabalhão dous guindastes, sendo um a vapor.

Lavanderia e chapelaria.— Estas duas secções, assim como a de camisas de homem, têm seus edificios na praia do Retiro Saudoso, que se communica, directamente, com a de S. Christovão pela rua da Industria, recentemente aberta pela companhia.

Além de uma officina completa de carpinteiro e ferreiro, com

muitas machinas aperfeiçoadas, estão montados, nesta rua, quatro chalets de madeira muito elegantes e graciosos.

Das tres secções referidas, duas, a lavanderia e chapelaria, têm os seus edificios em construcção já bem adiantados, estando já comprado o o respectivo machinismo, que é allemão e norte-americano. A camisaria funcciona provisoriamente no magnifio predio n. 25

Ahi trabalhão as seguintes machinas :

50 de costura.
4 de casear.
2 de cortar.
1 machina de lavar.
1 pequeno motor horizontal da força de 6 cavallos.

A fabrica está dividida em nove compartimentos ; escriptorio, deposito de fazendas, deposito de productos, sala de accondicionamento, salas de casear, de lavar, engommar, cortar, coser, etc.

A producção consiste em camisas, collarinhos e punhos de algodão e de linho, tudo perfeitamente trabalhado.

Ainda no Retiro Saudoso, existe um grande deposito de madeiras, materiaes e machinismos. Além dos existentes na villa S. Lazaro, possue a companhia mais 50 e tantos predios e diversos terrenos na praia do Cajú, no Retiro, e em outros mais do bairro de S. Christovão. De S. Christovão seguimos em trem especial da estrada de ferro «Rio do Ouro» para o Encantado, onde estão estabelecidas as importantes secções : «Cortume pela electricidade», «Terrenos e construcções». Nesse lugar tem a companhia cêrca de 1,500,000m,2 de terreno, parte occupada pelos edificios das secções, e a outra parte demarcada e dividida em 902 lotes. Os terrenos são atravessados por um ramal da estrada de ferro «Rio do Ouro», e a companhia tem vinte vagões que construio e mandou construir para o seu serviço.

O edificio do cortume, em parte construido, é grandioso e imponente : todo de ferro e tijolo, assentando sobre alicerces de alvenaria. Occupa uma superficie de 52,625m,2 e consta de quatro corpos com 225 metros de comprimento cada um, entre os quaes ficão situadas a casa das machinas e duas chaminés, uma de 30 metros e outra de 25 metros de altura. Na casa das machinas, estão montadas seis caldeiras e dous motores, um de força de 1,500 cavallos e outro da de 450. O primeiro destes motores destina-se a producção da electricidade e do movimento das diversas machinas; o segundo exclusivamente ao movimento das machinas de fabricar tanino. A madeira,

depois de triturada e extrahido o tanino, é empregada como combustivel. As machinas existentes em deposito são as seguintes :

104 toneis (dos quaes quatro estão funccionando) para curtir couros de boi em 96 horas, e os de cabra em 22, sendo que cada tunel comporta 50 dos primeiros e 1,000 dos segundos.

2 machinas de limpar o couro ;

2 de alisar ;

2 grandes martellos mecanicos;

2 machinas para cortar o couro em laminas de qualquer dimensão;

5 machinas de cortar correias e outras tantas de cose-las á franceza ou crava-las pelo systema inglez ;

2 poderosas machinas para triturar madeira de qualquer grossura e extrahir tanino ;

Machina para experimentar a resistencia das correias e muitas outras para diversos misteres. Além dessas machinas, está depositada em um grande barracão, bem construido, grande quantidade de material e apparelhos de electricidade, como sejão muitos dynamos, mais de 500 lampadas incandescentes e de arco voltaico, quadros de resistencia, conductores, isoladores, etc.

Proximo a este barracão estão situados os laboratorios de chimica, e o escriptorio, onde se vê muitas plantas e o plano geral do edificio. Em parte de um dos corpos deste, já funccionão quatro tambores que curtem, regularmente, grande numero de couros, sendo os tambores movidos por um pequeno motor, collocado provisoriamente. Existem tambem ahi tanques para limpeza dos couros, mesas provisorias para lustrar, cortar e coser os que são destinados para correias.

Tivemos occasião de vêr algumas excellentes correias, couros e solas de apparencia igual aos similares francezes e inglezes, e, de facto, rivalisando com elles, segundo affirmárão os profissionaes presentes, inclusive um antigo adversario do cortume por electricidade. Sobremodo chamou-nos a attenção uma correia homogenea que alli examinamos.

Desta importante secção, que tambem impressionou aos visitantes, seguimos para a de

Terrenos e construcções—Esta secção occupa dous elegantes predios, solidamente construidos, em um dos quaes estão o escriptorio e o deposito de madeiras.

No segundo que lhe fica fronteiro, funccionão as diversas machinas de serrar e de apparelhar madeiras e de fazer tijolos, estando no

pavimento superior as destinadas ao preparo de lambrequis, etc. A' direita estão installadas a caldeira e um motor fixo: de alta e baixa pressão, dos fabricantes Howard & Bullough, da força de 120 cavallos. A' esquerda vê-se um grande tendal destinado á secca dos tijolos Uma bem montada officina de ferreiro e de construcção de carro. demora na parte posterior do edificio.

A machina de fazer tijolos é o que existe de mais aperfeiçoada, e produz cêrca de 40,000 por dia, sendo digno de nota o methodo que preside a esse trabalho. Todos os tijolos empregados na construcção do cortume e das chaminés, têm sido ahi fabricados. Possue a companhia mais as seguintes propriedades annexas á secção que ora descrevemos: uma caieira na ilha do Governador, tendo a seu serviço quatro barcos; um grande terreno na Cascata da Tijuca com 542,700m.2 ; tres grandes depositos de materiaes, situada na respectiva praia de S. Christovão ns. 15 a 23, praça do Engenho Novo ns 32 a 36 e rua Madureira em Cascadura ; e finalmente muitos outros terrenos em differentes localidades.

Todos os terrenos, que são de propriedade da companhia, serão aproveitados em tempo opportuno para construcção de predios e vendidos os que não forem necessarios á empreza, que tenciona estabellecer nelles um nucleo de operarios. Todos os machinismos destinados ás differentes secções em construcção achão-se depositados, uns em barracões, outros em terrenos, convenientemente abrigados.

Descripta assim minuciosamente o que é a empreza industrial *Companhia de S. Lazaro*, temos em vista evidenciar a relevancia do serviço que ella presta á implantação do regimen do trabalho. O grande numero de operarios, a que a companhia dá emprego, offerece valioso contingente de forças activas, que alli se exercitão em um aprendizado util, aproveitando as aptidões dos nacionaes.

E', como já ha dias notámos, afflictiva a situação que onera a nossa praça, assoberbada por uma crise violenta que chega a esmorecer as actividades mais audazes.

A *Companhia de S. Lazaro* como as suas iguaes, não esperava chegassemos á situação presente, que difficulta todo e qualquer desenvolvimento material, e se nos afigura bom preceito de politica patriotica auxiliar uma associação que presta renome ao paiz.

Aos seus operarios dá ella commodidades relativas em habitações hygienicas a que já nos referimos, na chamada *Villa de S. Lazaro* estanciando em uma collina, ainda ha bem pouco coberta de matto, e servindo de pastos.

Proporciona tambem remedios e botica, e, por iniciativa de um dos directores, o Sr. Visconde Ferreira de Almeida, foi instituida uma caixa beneficente para assistencia dos operarios, quando invalidos para o trabalho.

Creárão elles, ha pouco um club musical que funcciona em salão proprio.

Do que vimos na visita de domingo a todas as dependencias da companhia, resalta ao nosso espirito a mais grata impressão, e não é justo, julgamo-lo sem a menor intenção de insinuação que não podemos nem devemos fazer, perecer uma empreza de importancia subida, simplesmente porque o paiz, que ainda tem para onde apellar, atravessa uma dessas quadras difficeis, aliás produzida por causas cujo perigo em tempo assignalámos.

A directoria, de uma amabilidade incansavel, offereceu aos accionistas, representantes da imprensa e demais convidados, entre os quaes muitos deputados e senadores e diversas senhoras, um lauto almoço, trocando-se, ao *champagne*, diversos brindes, orando o Sr. Dr. Antonio Felicio dos Santos, o representante d'*O Paiz*, e desta folha que respondeo ao brinde feito á imprensa fluminense, por um jornalista mineiro, presente á festa.

3 de Agosto de 1892.

O Instituto Profissional

O intuito de tornar mais conhecido do publico o importante estabelecimento de caridade e instrucção outr'ora denominado Asylo de Meninos Desvalidos, e que um decreto do Poder Legislativo Municipal transformou em Instituto de Ensino Profissional, suggerio-nos a idéa de faze-lo visitar por um dos nossos representantes.

Ahi gentilmente recebido pelo respectivo director o Dr. Francisco Moreira Sampaio, que da melhor vontade se promptificou a acompanha-lo, pôde o nosso representante percorrer todas as dependencias da importante casa de educação e ajuizar *de visu* da irreprehensivel administração que tem actualmente.

Cumpre notar que, feita sem prévio annuncio, a visita não podia dar origem a qualquer preparativo de armar ao effeito ao declararmos a lisongeira impressão que de lá trouxe o nosso companheiro.

Occuppa o *Instituto Profissional* o antigo palacete Rudge, construido sobre uma pequena collina, rodeado de magnifica chacara, no começo do Boulevard Vinte e Oito de Setembro, em Villa Izabel.

O edificio, outr'ora limitado ao predio que hoje serve de residencia ao director, e a um pequeno prolongamento, têm sido consideravelmente augmentado desde que ahi foi installado o antigo asylo para a infancia desamparada, creada por um decreto de 1874, só em 1875 posto em execução.

Assim é que o primitivo prolongamento se estendeu por mais algumas dezenas de metros e sobre elle ergueu-se um pavimento superior para dormitorios.

Novas construcções forão mais tarde feitas para as officinas e, ainda depois da Republica, construiu-se um pavilhão, completamente isolado do edificio, para a enfermaria, do que mais adiante trataremos.

Um pateo interno occuppa o centro das duas alas que se seguem á fachada do edificio, ligadas por uma varanda ladrilhada, em cujas extremidades se abrem portas de communicação para outro pateo, vasto quadrilatero limitado por duas outras alas, uma mais extensa do que a outra, onde estão installadas as officinas, sala de aulas, banheiro, etc.

Fecha-o um pavilhão de lavanderia e no centro vê-se o galpão para gymnastica. Além, dando frente para cuidadoso jardim, eleva-se a enfermaria.

Começou a nossa visita pela sala situada no extremo do pavimento da ala esquerda. Alli funcciona a secretaria do Instituto. Grandes armarios encerrão cuidadosamente arrumados e escripturados, os livros de matriculas, correspondencias, etc. Dous excellentes retratos do Marechal Floriano Peixoto e do ex-prefeito Dr. Henrique Valladares, trabalhos a crayon de João Baptista, uma das glorias da casa, um outro photographado do Dr. Prudente de Moraes, e uma collecção de vistas photographicas do estabelecimento, ornão as paredes. Ahi foi apresentado ao nosso representante o sub-director do Instituto, o Sr. Bento Ferreira, digno funccionario que tendo entrado para o estabelecimento, quando se fundou, como simples inspector de alumnos, foi pouco depois elevado ao cargo que hoje exerce e do qual ha longos annos revela zelo não vulgar.

Tivemos em seguida occasião de vêr a aula da esculptura e a officina de entalhador, que por falta de espaço funccionão em uma sala contigua á secretaria, conjuntamente, sob a direcção do mestre da primeira, o Sr. Benevenuto Cellini, artista brazileiro, vantajosamente

conhecido. Alguns menores ahi trabalhavão e diversos trabalhos nos forão mostrados feitos por elles e que revelão notavel approveitamento e apreciaveis vocações. Mencionaremos alguns bustos e medalhões em gesso, pequenas estatuetas e florões de talha, não esquecendo um medalhão com a effigie do ex-vice-presidente da Republica, aberta em pequiá-marfim.

Passamos ao almoxarifado, compartimento circumdado de altos armarios contendo diversos artigos para uso dos alumnos, material de aulas, officinas; etc , e d'ahi á copa que communica com a cozinha, a despensa e uma pequena área, coberta para lavagem de louça, precedendo á padaria, espaçosa e ventilada.

Nessas dependencias, onde mais accentúa o acceio e boa ordem que notamos desde a nossa entrada no estabelecimento, empregados auxiliados por menores preparavão os alimentos e louça para o jantar. Enormes caldeirões fumegavão na cozinha derramando ao ambiente penetrante odôr, ao passo que da padaria erão transportados em grandes cestos os pães destinados aos alumnos. Um desses pães tirados ao acaso foi-nos offerecido. Provamo-lo, e manda a verdade que affirmemos que era muito bom.

O tamanho de cada um regula o que por ahi se vende a 60 e 80 réis ; o sabor e a alvura patenteião o cuidado e a excellencia da farinha com que é fabricado.

Na despensa, certificamo-nos da superior qualidade dos generos ahi depositados e escrupulosamente preservados de estragos pelo tempo e animaes damninhos.

Dirigimo-nos depois, sempre guiados pelo Sr. Dr. Moreira Sampaio e seu digno substituto, para o refeitorio que tambem communica com a copa por uma porta interna. E' um extenso salão, occupado por compridas mezas de marmore, ladeadas dos competentes bancos e sobre os quaes já se enfileiravão os pratos, talheres e copos, para os menores.

Occupou-nos em seguida a attenção o lavatorio geral para os alumnos, situado na varanda ao fundo do primeiro pateo. Uma grande peça central de marmore, com as competentes bacias e torneiras, estas de metal reluzente, constitue o que ahi existe.

Passámos ás salas das aulas de musica e desenho, installadas na varanda direita. A primeira, mobiliada com bancos e estantes em curva e sobre estrados superpostos para os ensaios da banda do estabelecimento, armarios para musicas e instrumental, e outro estrado para o mestre. E' decorado com o retrato do maestro Henrique Mes-

quita, tendo no lado os de Francisco Braga e Luiz Moreira, antigos alumnos que exercêrão o cargo de professor de musica do Instituto, ainda Asylo então.

Uma corôa de louros que adornava o retrato de Francisco Braga, chamou-nos particularmente a attenção.

O Dr. Moreira Sampaio nos explicou então que isso era um dos constantes tributos de affeição que não se cansão de consagrar ao seu querido ex-mestre e companheiro os alumnos do Instituto, tão honrado na Europa por Francisco Braga.

— E' ainda verdadeiro culto o que aqui existe pelo distincto moço, referio-nos o digno director. Não imagina o jubilo com que é sempre commemorado nesta casa o dia 15 de Abril, anniversario natalicio de Braga. O seu retrato é garridamente enfeitado de flôres e desde o romper da aurora saudado pela banda com as mais predilectas composições do nosso joven maestro ; uma festa intima entre os discipulos e empregados que forão companheiros de Braga solemnisa esse dia, e nunca deixa de ser enviado para Paris um telegramma de sincera congratulação ao que é hoje discipulo querido do grande Massenet. Eu, é bem de vêr, tenho sempre prazer, em permittir taes manifestações a que me associo de bom grado e que são um bello estimulo.

Na aula de desenho, varios trabalhos a crayon demonstrão o merito de alumnos que sob a direcção do professor Souza Lobo, que faz parte do corpo docente do asylo desde a sua fundação, e João Baptista da Costa, têm-se distinguido nessa arte.

Com palavras repassadas de pezar pela perda que soffreu o estabelecimento, o Dr. Moreira Sampaio nos indicou trabalhos do alumno Gil, esperançoso joven roubado pela morte ha dous annos e cujo extraordinario talento como retratista, especialmente, se revela no que deixou.

Um dos dous grandes banheiros que possue o Instituto foi o que depois vimos, antes de subirmos aos dormitorios situados, como já dissemos, no pavimento superior. Oito ha no estabelecimento, contendo de 60 a 45 camas cada um e divididos segundo a idade dos menores. Ventilados por meio de numerosas janellas, com persianas, encerrão solidas camas de ferro, com bons colchões, lençóes e travesseiros cuidadosamente arranjados. O aceio e a ordem ahi, são ainda notaveis. Em cada dormitorio ha um cubiculo para o respectivo inspector e a vigilancia nocturna é exercida por empregados dessa cathegoria que se revezão de duas em duas horas, sendo obrigados a

fazer soar de 30 em 30 minutos uma campainha electrica, que existe no pateo, e que denuncia a vigilancia do empregado.

O que nesses dormitorios nos póde causar reparo foi o pouco espaço de intervallo que existe entre os leitos.

Reconhecendo como nós esse inconveniente, disse-nos o illustre administrador do Instituto que não está na sua alçada poder remedia-lo, visto que provêm do acanhamento do edificio para o numero actual de alumnos. Por muitas vezes tem reclamado do poder competente, recursos para o augmento necessario, mas diversas causas têm obstado a que possa ser attendido.

Passando pelos arejados corredores que margeiam os dormitorios, visitámos, ao pavimento superior, ainda a rouparia, onde o fardamento e roupa branca para os menores são guardados na mais completa ordem. O cargo de roupeiro, como muitos outros do Instituto, é desempenhado por um ex-alumno da casa.

Descendo começámos pela de sapateiro a nossa visita ás officinas, sem duvida parte das mais importantes em um estabelecimento do genero daquelle de que tratamos.

Conta essa officina 45 menores, cujo grão de adiantamento varia. E' seu mestre o Sr. João Manoel Gonçalves de Novaes, tendo por contra-mestre o ex-alumno Alfredo Luiz Vianna. Fornece todo o calçado para os menores do estabelecimente e, sabido que o numero destes eleva-se a 400, ver-se-ha que não tem mãos a medir. Está bem montada, dispondo de boas machinas de pontear e de boa ferramenta.

Segue-se-lhe a officina de alfaiate, em que trabalhão tambem 45 menores. O seu mestre é o Sr. Maximiano José da Silva, e o contra-mestre o ex-alumno Adriano José da Silva. Tambem trabalha exclusivamente para a casa, fornecendo não só o fardamento como a roupa branca. Tem produzido não poucos profissionaes habeis e ainda não ha muito era contra-mestre da conceituada Casa Colombo, um official sahido desse *atelier*.

Está igualmente bem montada e dispõe de doze machinas de costutura.

Passámos á officina de encadernação, uma das mais importantes do Instituto. Como as outras, conta 45 menores ; tem por mestre o Sr. Luiz Pereira Pederneiras e por contra-mestre o ex-alumno Cesar de Freitas.

Assistimos ahi ao preparo de algumas obras e pudemos notar a destreza e pericia com que trabalhão muitos alumnos, Examinámos

diversos volumes de differentes dimensões já encadernados e folgamos em asseverar que podem ser confrontados com os que sahem das nossas mais acreditadas officinas publicas ou particulares, rivalisando com elles em perfeição e solidez. Não poucas encommendas satisfaz essa officina e vem a pello lembrar aqui o auxilio que poderia prestar o Governo Municipal determinando que ahi exclusivamente fossem satisfeitas as encommendas das repartições e estabelecimentos da Prefeitura.

Possue tambem boas machinas para cortar, dourar, numerar e picotar, prensas, etc.

Formando angulo com a precedente, está situada a officina typographica. Como a de entalhadura é de fundação recente ; data apenas de Agosto ultimo. Não obstante, conta já cerca de vinte menores, relativamente adiantados e alguns mesmos demonstrando notavel aptidão para esta arte. E' seu mestre o Sr. Manoel José Gomes, profissional, conhecido ao qual tem estado confiada a direcção das officinas de importantes jornaes e que accumula as funcções de impressor.

Embora em espaço acanhado, está regularmente montada a officina typographica do Instituto. Dispõe de 10 caixas de typo commum, cerca de 50 de fantasia, um prelo simples de Marinoni; podendo imprimir trabalhos de formato em oitavo francez, um outro menor, de pedal e do mesmo fabricante para trabalhos de menor formato, como cartões, avisos etc., e um terceiro, americano, do fabricante Franklin, tambem de pedal, para obras de formato um pouco maior que os do precedente.

Alguns trabalhos, entre elles o specimen-dos typos, já feitos ahi, pudemos vêr, que em composição simples quer em composição de fantasia são bem feitos. Tem esta officina a denominação de Henrique Valladares, em homenagem ao ex-Prefeito, ao qual muito deve o Instituto.

Outra grande officina, das que mais resultados dão ao estabelecimento, contigua á typographia, é a de torneiro. Dirige-a o Sr. Frederico Martins, é seu contra-mestre o ex-alumno Francisco da Rosa e conta 45 menores.

Possue 12 tornos a que dá movimento força transmittida do motor geral a vapor, do estabelecimento. Grande quantidade de balaustres, vimos já promptos e outros em andamento, trabalhados com esmero. Além disso, pequenos objectos de madeira, como paliteiros, copos, etc., nos forão mostrados, revelando a perfeição do que lá se faz.

Uma porta interna dá accesso dessa para a officina contigua : a

de marceneiro. A impressão lisongeira que das outras traziamos subio de ponto nessa officina. E' exclusivamente filha da casa, pois que tanto o seu mestre, o Sr. Antonio Servulo da Rocha, como o Sr. Augusto Lemelle, contra-mestre, são dous ex-alumnos do Instituto que nunca sahirão.

Nella trabalhão tambem 45 menores e sem exagero, podemos affirmar que os seus productos não devem receiar confronto com os apresentão os melhores estabelecimentos particulares do Rio de Janeiro.

Comquanto muito jovens ainda, os chefes dessa officina são dous peritos profissionaes. Na occasião em que chegavamos, occupavão-se os menores no fabrico de uma artistica mobilia de luxo, em canella, suppomos, para quarto, encommenda de um official da armada. A cama e o guarda-casacas, quasi promptos, provocou a nossa admiração e francos encomios, pela solidez, elegancia e bem acabado da sua mão de obra.

Outros moveis, igualmente feitos, examinámos ainda, e entre elles uma primorosa mesa de mosaico, destinada a ser offerecida pelo Instituto aos membros da Commissão Oriental se estes o visitassem e que esteve exposta na rua do Ouvidor. E' um trabalho cujo elogio ciframos no adjectivo com que o qualificamos.

Tem essa officina uma pequena serra mecanica e bancos para 12 operarios

Entre essa officina e a de funileiro fica o motor geral, do systema Weyher & Richemond e força de sete cavallos.

Entrámos em seguida na officina de funileiro, cujo mestre é o Sr. Paulo Augusto Xavier. O contra-mestre, como o das demais officinas, é um ex-alumno da casa : o Sr. Antonio Latier. Conta 45 menores e é a officina que de maior numero de machinas dispõe.

Tem-nas para cortar a folha, estampar, enrolar, remanchar, etc. E' igualmente das mais desenvolvidas do Instituto e trabalha em grande escala para fóra, no fabrico de fôrmas para doces, latas para goiabada, marmellada, kerosene, etc., além de fornecer todos os utensilios para o serviço do estabelecimento. A perfeição dos productos dessa officina é ainda digna de menção.

Percorremos depois a officina de carpinteiro, situada no extremo da ala direita do segundo pateo. O mesmo numero de alumnos a frequentão e o seu trabalho honra do mesmo modo o Instituto. Tem por mestre o Sr. José Antonio da Silva e por contra-mestre o ex-alumno José Cordeiro do Nascimento.

A officina de ferreiro, de fundação recente, pouco desenvolvimento ainda tem. Falta-lhe espaço para funccionar e diversas machinas necessarias. Não obstante já presta bons serviços ao estabelecimento e conta 10 menores. Dirige-a como mestre o Sr. Carlos Antão de Oliveira.

Antes de nos dirigirmos á enfermaria, visitámos as duas salas de aulas, situadas no lado opposto ás officinas. Nessas duas unicas salas, regularmente mobiliadas, com carteiras para um alumno, funccionão todas as aulas do ensino primario e humanidades do Institnto, contendo uma dellas dous armarios com uma pequena collecção de apparelhos de physica experimental.

— Como vê, disse-nos o Sr. Moreira Sampaio, é o que mais me falta aqui: casa para as exigencias do ensino, e tenho que levar em conta ao horario das aulas o pouco espaço de qne disponho para o seu funccionamento. Devo declarar que da parte dos Ministros e Prefeitos, especialmente do actual, o Dr. Valladares, tenho encontrado muito boa vontade, porém nem sempre está nas mãos delles attender a tudo. Um grande passo já foi a transformação do asylo de caridade em *Instituto de Insino Profissional*, para o que não pouco concorreu o Dr. Valladares; muitas necessidades com tudo não poderão ser attendidas no decreto da reforma. No orçamento que se discute, entretanto, e no novo regulamento por mim elaborado e que pende da aprovação do Prefeito ha providencias no intuito de sanar algumas das lacunas que hoje se fazem sentir. A questão dos meios para obras extraordinarias, porém depende do legislativo municipal, cujos membros nem sempre podem conhecer de perto as necessidades de uma casa como esta.

Vimos de passagem ainda o outro grande banheiro para uso dos menores, bem como os mictorios e latrinas, onde o asseio nada deixa a desejar.

— E para obter este resultado, referio-nos mais o Dr. Sampaio, em resposta á nossa observação sobre a limpeza irreprehensivel que notámos, não calcula a difficuldade com que aqui se luta ás vezes, graças á escassez da agua. Tem-se dispendido muitos contos de réis na canalisação do Instituto e no entanto ha occasiões em que falta a agua para as necessidades mais urgentes, sendo-se obrigado a transporta-la cá para cima do reservatorio, que deve ter visto á direita da alameda da entrada. E' o unico logar onde não falta absolutamente agua em certas occasiões. Tenho reclamado providencias quanto posso, mas não se logrou até agora achar onde está a origem do mal. Presen-

temente mesmo os engenheiros da Municipalidade estudão o problema Oxalá que lhe encontrem a solução.

Conversando atravessavamos o pateo e a nossa attenção foi despertada por pequeninos jardins de um a tres metros quadrados, quando muito, se ostentavão viçosos ao lado da cêrca de telhas de de zinco que divide o pateo de um pasto reservado para os animaes da carroça do estabelecimento.

— São trabalhos dos alumnos nas horas vagas, nos explicou o digno ajudante do director. Alguns não encontrão, durante o recreio, melhor distracção. Os primeiros jardineiros despertárão o desejos de outros e por isso é que tantos jardins em miniatura está vendo. E repare que bellas flôres ha nelles.

E com effeito, de alguns, escrupulosamente tratados, erguião-se formosos cravos, rosas, dhalias, etc. Chegavamos á enfermaria, cujo recinto ajardinado uma grade de ferro separava do pateo.

E' uma elegante construcção, de forma rectangular, abrindo janellas para ambos os lados e ventilada ainda mais por lagos respiradouros abaixo do telhado. A sala dos enfermos occupa o centro, separada por pequenos patamares da pharmacia e quarto de isolamento, que estão situados nas extremidades.

A pharmacia, do lado do pateo, dispõe de espaçosa sala, com as paredes encobertas por armarios envidraçados, onde, classificados cuidadosamente, se vêm diversos ingredientes e preparados. Um balcão ao centro, com diversos accessorios para a manipulação dos medicamentos, lavatorio de marmore, etc., completa o que aqui se nota.

E' encarregado da pharmacia, sob a direcção do medico do estabelecimento, o Sr. Gastão de Souza, auxiliado por outro ex-alumno, o Sr. Torres e um empregado subalterno.

Penetrámos na sala dos enfermos. Vinte leitos de ferro, com macios colchões e travesseiros, alvos lençóes e confortaveis cobertores, vimos enfileirados, deixando ao centro larga passagem, ao meio da qual uma mesa destinada ás refeições dos convalescentes. A' cabeceira de cada leito uma prateleira presa á parede e um pequeno quadro com a papeleta de prescripções para o enfermo. Um asseio de irmã de caridade em tudo; nem mesmo o classico odor dos hospitaes ahi se notava.

Dous menores, enfermos sem gravidade, achavão-se nos leitos. Tres ou quatro, já convalescentes, conversavão sentados em torno da mesa.

Como é natural, informámo-nos sobre as condições de salubridade do instituto.

—Não podem ser melhores, disse-nos o Dr. Moreira Sampaio. Basta dizer-lhe que jámais epidemia alguma aqui se manifestou. Apenas alguns casos de impaludismo, e esses, devidos á natureza do terreno do bairro de Villa Isabel, são o que aqui se dá de maior gravidade. Não obstante ter sido elevado o numero de alumnos, este anno só um unico obito aqui houve e esse de um menor de constituição doentia, desde o berço por assim dizer condemnado á morte. Outros casos, contudo, se derão bastante graves, todos mais ou menos pela mesma causa que lhe apontei—o impaludismo ; mas forão todos restabelecidos pelo medico do Instituto, o Dr. Eurico Quadros.

Estava terminada a nossa visita. Agradecêmos ao Dr. Moreira Sampaio e seu digno auxiliar a gentileza com que nos acolherão, depois de exprimir-lhes a nossa agradavel impressão pelo que vimos, e retirámo-nos.

Antes de terminar, porém daremes alguns apontamentos sobre o importante estabelecimento e que nos forão graciosamente fornecidos pelo Sr. Bento Ferreira, a tradição viva da casa.

O Asylo de Meninos Desvalidos, que como dissemos, foi creado por decreto de 1874, e installado em 1875, na administração do Conselheiro João Alfredo, teve por seu primeiro director o Dr. Rufino de Almeida.

O numero de asylados foi fixado em 100, mas o estabelecimento inaugurou-se apenas com 14 menores. As primeiras obras feitas no edificio pouco o ampliárão, sendo sómente em épocas posteriores augmentado até as proporções que tem hoje.

Primitivamente apenas tinha a aula de primeiras lettras, desenho e musica, e as officinas de alfaiate, sapateiro e carpinteiro.

Em 1881, uma reforma sob a administração do Dr. João Joaquim Pizarro, foi o numero de alumnos elevado a 200, creadas novas officinas e a aula de mathematicas elementares.

Ao Dr. Pizarro succedeu na administração o Dr. Daniel de Almeida, filho do primeiro director. De novos melhoramentos foi o Asylo dotado, creando-se as officinas de torneiro, funileiro e marceneiro e a aula de historia e geographia do Brazil e o numero de alumnos foi elevado a 300.

A admnistração do Dr. Moreira Sampaio, em Dezembro de 1889, foi iniciada pelo pagamento das dividas atrazadas do Asylo que mon-

tava a mais de 50:000$ e para o que obteve o credito necessario do Ministerio do Interior.

Não parárão ahi os serviços prestados á instituição pelo seu benemerito director actual. Graças aos seus esforços, diversos melhoramentos forão feitos no edificio, como a construcção do muro que hoje cerca o Instituto, o calçamento da alameda da antrada, a construcção da enfermaria modelo que possue o estabelecimento, em substituição do estreito aposento que para tal fim servia, a nova padaria e muitas outras.

Tambem aos seus constantes esforços se devem as duas reformas por que passou o Asylo, a da administração Cesario Alvim e a que transformou a antiga casa de desvalidos no actual Instituto Profissional, sendo nellas augmentados os vencimentos do pessoal e creadas novas aulas e officinas, nomeadamente as de typographia, esculptura e entalhadura e elevado o numero de alumnos a 400.

Pelo regulamento actualmente em vigor é o curso do Instituto dividido em seis annos, sendo exigido para a admissão um exame de leitura e conhecimento das quatro operações.

No seu pessoal docente conta ainda hoje o Instituto dous professores nomeados na data da fundação do Asylo—o Sr. Pires Machado e o Sr. Souza Lobo, o primeiro professor do curso primario e o segundo de desenho

Como terão tido os leitores occasião de vêr, todos os contramestres são ex-alumnos do estabelecimento. Não é sómente nessa classe que tal facto se nota e explica-se pela norma sempre seguida pelo actual director de preencher de preferencia os cargos da casa, semprejuizo da competencia necessaria, por seus antigos educandos.

Assim é que tambem o actual secretario do Instituto, o Sr. José de Souza Rocha, um dos professores de musica, e respectivo adjunto, Paulino do Sacramento e Luiz de Medeiros, o professor de desenho, o distincto João Baptista da Costa e um dos adjuntos do curso primario, o Sr. João Ferreira da Rocha, bem como diversos inspectores de alumnos e outros empregados forão todos educados da casa.

O Instituto tem, como se sabe, uma banda de muzica, com justiça citada entre as menores que se conhecem na nossa Capital. Della não poucos musicos distinctos fizerão parte.

Merece sem duvida menção em primeiro lugar Francisco Braga, a quem já tivemos occasião de nos referir e tanto tem sabido honrar no estrangeiro o nome brazileiro e o estabelecimento de onde sahio.

José Francisco de Lima Coutinho, notavel clarinetista e compe-

tente professor do Instituto Nacional de Musica, tambem foi alumno do antigo Asylo de Meninos Desvalidos. Luiz Moreira, autor da partitura dos *Amores de Psyché*, tambem de lá sahio, Paulino do Sacramento, Luiz de Medeiros, alumnos distinctos do Instituto de Musica, a cuja matricula são admittidos os menores que revelão aproveitamento no estabelecimento profissional e muitos outros que fazem parte de bandas militares e particulares, forão educandos do Instituto Profissional.

Não é só á arte musical que tem dado precioso contingente o antigo asylo, João Baptista da Costa o laureado artista nacional, cujo merito acaba de ser consagrado pelo jury da ultima exposição de bellas-artes com o premio de viagem á Europa, é mais um discipulo que honra o Instituto Profissional.

Em outros ramos de actividade contão-se hoje tambem distinctos cidadãos que no importante estabelecimento receberão educação e instrucção. Citaremos o Raul Villa Lobos, funccionario da Bibliotheca Nacional, seu irmão o Sr. Eugenio Villa Lobos e o Sr. Horacio Banks, que occupão invejavel posição no commercio.

Alguns donativos tem a instituição de que tratamos merecido de particulares, avultando entre elles o dos remanescentes do finado Barão de Santo Antonio. Infelizmente porém não tem sido em algarismos que possa dispensar a manutenção official.

Quanto ao regimen interno e disciplina que actualmente tem o Instituto, reputimo-lo, só nos póde merecer encomios pelo que pudemos verificar em uma visita inesperada e que portanto só nos podia dar a impressão do que realmente lá existe.

14 de Janeiro de 1895.

Sociedade Amante da Instrucção

A 5 de Setembro de 1829, dez moços de modesta posição tiverão a idéa de constituir uma sociedade em que os seus associados se podessem congregar em reuniões periodicas, afim de se entregarem a exercicios de cultura intellectual, palestras litterarias e scientificas, etc. Erão esses os Srs. Damaso da Fonseca Lima, Joaquim Berrardes Leal, José Lopes Xavier, Victorio José Barbosa da Lomba, Luiz Antonio Goulart, Elias Affonso de Lima, Luiz José de Meirelles, Ludgero Braulio Ferreira, Francisco Antonio Sobral e João Carneiro dos Santos.

Assentada esta lembrança, aceita a proposta, reunirão-se no sotão da casa n. 1 do Becco do Proposito e ahi installarão a sociedade com a denominação de *Juvial e Instructiva*. Para presidir a sociedade foi escolhido o Sr. Luiz Antonio Goulart, elaborando-se logo os respectivos estatutos, que forão approvados, sendo o numero de socios elevado a 21. Inauguravão-se as reuniões na casa de residencia do Sr. Joaquim Bernardes Leal.

Em uma unica sala disponivel daquella humilde habitação, começarão logo a funccionar alternadamente cinco aulas: de latim, philosophia, francez, musica e tachygraphia, regidas gratuitamente pelos associados.

Em 1831, entenderão os associados ser necessario dilatar o campo de acção da sociedade e, movidos de alevantado e generoso sentimento, resolvião franquear as aulas a todas as pessoas pobres; para isso, porém, preciso era que as aulas fossem diarias e que houvesse meios para a sua manutenção. Em sessão de 12 de Maio desse anno ficou assentado que cada socio concorresse com a mensalidade de 1$ para o aluguel da casa e que angariasse donativos particulares, afim de se augmentarem os insignificantes recursos sociaes. Nessa sessão deliberou-se tambem crear uma aula primaria para meninos, e, sendo modificados os estatutos, passou a associação a denominar-se *Sociedade Amante da Instrucção*.

Alugado o pequeno predio n. 11 do becco da Lapa, ahi se estabeleceu, a 15 de Agosto do referido anno, a primeira aula primaria para o sexo masculino, matriculando-se desde logo dez meninos pobres da visinhança, numero esse que com rapidez se elevou a 150, vendo-se então a sociedade na contigencia de mudar para um predio mais vasto; no largo da Ajuda, esquina da rua de Santa Luzia, a sua escola primaria, que passou então a denominar-se *Externato de S. Pedro de Alcantara*. A 7 de Agosto da 1832 inaugurou-se nesse predio a aula de primeiras lettras.

Erão inauditos os esforços empregados pelos membros da sociedade para dar-lhe maior desenvolvimento e todos unificados em um só pensamento, trabalhavão com rara abnegação, não poupando sacrificios para a realisação de tão humanitario *desideratum*.

Não podia aos estadistas de então ficar esquecida a propaganda que em prol da instrucção operaria fazia a benemerita sociedade, e o eminente estadista Visconde de Cayrú foi pessoalmente visitar as aulas do Externato, e tal foi a sua admiração por aquelle humanitario emprehendimento, que quiz concorrer para elle, offerecendo diversos

compendios para serem distribuidos pelos alumnos. Foi esta a primeira e espontanea visita honrosa que teve a sociedade, cujo numero de socios augmentava de dia a dia, merecendo geraes applausos pelos beneficios que desinteressadamente prodigalisava.

Um anno depois os socios da *Amante da Instrucção* pensarão em estender ás meninas pobres da freguezia de S. José o salutar beneficio que prodigalisava aos meninos, e aceitando o espontaneo offerecimento feito por D. Candida Benigna de Almeida Gralha, estabelecerão o *Externato de Santa Thereza*, dirigido por aquella distincta senhora, em uma casa da rua das Marrecas. Reconhecendo os sacrificios que a mesma senhora fazia, resolveu a sociedade concorrer com a quantia mensal de 30$ para pagamento do aluguel do predio e marcar a lotação do externato em 50 meninas.

O favor publico principiava a manifestar-se em prol de tão util associação e, além de grande numero de socios que se inscrevão, recebia ella constantes donativos espontaneos ou sollicitados por uma commissão que a sociedade creára com o fim de annualmente obter esmolas destinadas á compra de calçado e vestes para serem distribuidos aos meninos ou meninas que por falta delles não podião comparecer ás aulas. Esta commissão, que se denominava de *Caridade*, recebeu logo o concurso dos Srs. Drs. De Simoni, Geraldo Gondrim e Angelo Pedroso, que gratuitamente offerecêrão seus serviços medicos para os alumnos, e o dos pharmaceuticos Ezequiel Corrêa dos Santos, Vieira do Nascimento e João Caetano de Oliveira Guimarães, que tambem gratuitamente fornecião os medicamentos necessarios.

Augmentando-se os recursos da associação, abrio-se uma aula primaria para 100 meninos na freguezia de Sant'Anna e logo em Novembro de 1834 abrio-se uma outra na freguezia de Santa Rita, para 50 meninas.

Em cinco annos de existencia, a associação modesta que teve origem na iniciativa desinteressada de dez moços amantes da instrucção, havia disseminado em oito escolas, o ensino, a educação, o vestuario, os soccorros medicos e o medicamento a 436 alumnos de ambos os sexos. Para perpetuar os fins da util associação, o conselho administrativo resolveu conferir a D. Pedro II, que então contava oito annos de idade o titulo de protector.

Em 1841 mandou o Imperador menino, como lembrança, uma collecção de escriptas suas desde o tempo em que estudava primeiras lettras, escriptas estas que forão religiosamente guardadas, sendo mostrada aos alumnos como incentivo e estimulo. De dia a dia

augmentavão-se os sympathicos pela benemerita sociedade, recebendo ella continuados favores do publico. Em 21 de Maio de 1846 a Ordem dos Monges Benedictinos doou á associação o usufructo por nove annos de um sobrado de dous andares na rua da Assembléa para que ahi funccionasse a escola de meninos. A 13 de Agosto a ordem dos Carmelitas doava nas mesmas condições o sobrado do becco da Lapa n 3, para a escola de meninas. Passados annos, a sociedade dispensou esses predios, continuando aquellas benemeritas ordens a auxilia-la com uma mensalidade, até hoje mantida. Em 1845 a então Imperatriz do Brazil D. Thereza Christina aceitou o titulo de Protectora, sendo que toda a ex-familia imperial dispensava á util associação toda sua benefica influencia e amparo. A 12 de Julho daquelle anno recebeu a sociedade o titulo de imperial. Em 21 de Janeiro de 1846 o socio fundador Joaquim Bernardes Leal propôz a criação de um asylo para recolhimento de meninas pobres e desamparadas.

O Grande Conselho approvou a humanitaria proposta, destinando para o asylo o predio doado pela Ordem dos Benedictinos. Uma commissão encarregou-se de obter donativos e organisou o novo estabelecimento, executado esse trabalho com o maior desvello e esforço, para elle muito concorreu o thesoureiro de então, commendador Patricio Ricardo Freire.

Para começar a grande obra do amparo, em beneficio das meninas desvalidas, escolheu a commissão dez das mais necessitadas e assim constituio o asylo.

Para provar o gráo de beneficio que tão benemerita associação tem prestado á pobreza, devemos fazer menção nesta ligeira noticia do seguinte facto :

Das dez meninas que ella asylára, a que maior aproveitamento obteve, não só pela correcção da sua conducta como pela sua intelligencia, chegou a ser regente do collegio e dahi sahio para unir-se a um respeitavel negociante desta praça, em cujo lar é uma esposa modelo e invejada pelos seus generosos dotes do coração. Pois bem, essa distincta mãi de familia foi encontrada orphã pela commissão, na maior miseria, quasi semi-núa, em humida e detestavel habitação, sem ar, sem luz, soffrendo as maiores provações em companhia de uma avó septuagenaria.

A inauguração desse asylo realisou-se com acto solemne a 4 de Outubro de 1846 e, segundo o historico dessa sociedade, intelligentemente organisado pelo Sr. Dr. Alfredo do Nascimento, trinta annos depois ainda a lembrança dessa inauguração fazia

estremecer de jubilo e derramar apaixonadas lagrimas o benemerito Joaquim Bernardes Leal, a quem coube a ventura de narrar essa commovedora historia, evocando um passado de glorias ao assistir á commemoração do 50º anniversario da sociedade que fundára.

Imponente foi essa cerimonia. Sahindo incorporadas da casa do largo da Ajuda, onde tinhão sido provisoriamente recolhidas, as dez horphãs, cada uma acompanhada por seu padrinho, precedidas de todos os alumnos e professores das aulas existentes e seguidas dos socios e membros da administração, encaminhárão-se para o mosteiro de S. Bento, ás 9 horas da manhã.

Ahi realizou-se a celebração da missa solemne e ministrou-lhe o Bispo Diocesano, D. Manoel do Monte Rodrigues, o Sacramento do Chrisma.

Após a solemnidade seguio o prestito para o recem-creado asylo, onde pronunciou eloquente discurso o desembargador Luiz Fortunato de Brito, offerecendo nessa occasião o socio commendador Patricio Freire uma apolice de 1:000$ para dote da primeira orphã que se casasse.

Aos esforços da administração, a Assembléa Geral Legislativa fez a concessão de quatro loterias em favor da sociedade, concedendo tambem a Camara Provincial do Rio de Janeiro, no anno seguinte uma loteria.

Os auxilios particulares vierão reforçar a caixa da sociedade — entre estes o do notavel actor João Caetano dos Santos e a seu exemplo muitos emprezarios offerecerão um beneficio annual em seus theatros, recebendo tambem a sociedade grande quantidade de compendios para as aulas, offerecido pelo então Ministro do Imperio Visconde de Macahé e pelo Presidente do Rio de Janeiro, Visconde da Praia Grande.

Pensou a Sociede em ter um predio proprio para o Asylo e a escolha recahio sobre o terreno da rua de Santa Luzia, onde estava o antigo matadouro, para construcção do edificio.

A esforços do presidente commendador João Rabello Vasconcellos de Souza, alcançou-se do proprietario do terreno a sua doação, e da Camara Municipal e cessão dos direitos foreiros.

Um requerimento enviado ao Corpo Legislativo pedia approvação desse acto, porém á approvação unanime da Camara seguio-se infelizmente o silencio do Senado, que adiou o pedido para mais tarde, e

nesse interim o Governo destinou esse terreno para o Asylo da Mendicidade.

No Senado defendeu a pretenção o Visconde de Abaeté ; e o Visconde da Guaratiba offereceu entregar á Sociedade 10:000$ no dia em que se lançasse a pedra fundamental do predio.

Era isso no correr do anno de 1849 ; o plano da edificação de um proprio era uma realidade, e em breve adquiria a Sociedade, por 5:900$, um terreno no morro de Paula Mattos, e ahi se começava a construcção do edificio com a denominação de Seminario da Caridade Christã.

Grande foi o compromisso tomado, achando-se, pois, a Sociedade em circumstancias precarias. Cerca de 50:000$ se tinhão dispendido, figurando nesta somma grande parte dos fundos sociaes, perto de 7:000$ offerecidos pelo coronel Miguel de Frias, 4:000$ dados pelo Imperador, 2:000$ pela Imperatriz e muitos donativos recebidos da caridade publica. As obras parárão, apresentando o balanço um *deficit* de 17:000$000.

Esta inesperada situação obrigou a Sociedade a supprimir algumas aulas e em Maio de 1859, isto é, dez annos depois de denodados e inauditos esforços para manter-se a Sociedade, assumio a presidencia o general José Maria da Silva Bittencourt, animado da mais viva esperança em reerguer a Sociedade, dando-lhe futuro garantido.

A 5 de Setembro desse anno, em que se commemorava o 30º anniversario de sua fundação, compareceu inesperadamente á solemnidade o Imperador, que como se vio, desde tenra idade era socio protector. Essa primeira visita reanimou os associados, que redobrárão os seus esforços, e apezar de se terem visto forçados em 1862 a supprimir a unica aula de meninos que ainda existia, tomados de coragem alcançárão de novo a generosidade publica. O Visconde de Souto, que por vezes fizera importantes donativos, offerecia gratuitamente para o estabelecimento do asylo o seu palacete da rua da Imperatriz, por sua conta reformado e preparado para esse fim, responsabilisando se ainda por todas as despezas do recolhimento durante um anno, e quando atroz enfermidade accommetteu esses asylados, abrio-lhes as portas da sua chacara na ponta do Cajú. A quebra do banqueiro não deixou perdurar os seus salutares auxilios, mas ainda assim esses e outros auxilios melhorarão a situação da Sociedade, que se julgou com força para concluir a edificação do Asylo em Paula Mattos. O presidente nesta occasião, Barão de Mauá, envidou todos os esforços para realizar tal intento, mas teve de desistir dessa idéa, e em 1874 vendia-se em hasta publica a parte do edificio que estava concluida, não

dando o producto, que era insignificante, para pagamento total da divida, perdendo a Sociedade enorme capital e sendo assim sacrificada a sua existencia.

Na noite de 5 de Setembro de 1879, entretanto, graças a auxilios inesperados, celebrava a associação o seu meio seculo de humanitaria existencia, e no meio das geraes acclamações e enthusiasticos applausos subiu á tribuna para historiar a existencia da Sociedade o venerando fundador Joaquim Bernardo Leal, tendo perto de si o almirante Barbosa Lomba, sendo esses os unicos que restavão do grupo dos dez fundadores da *Jovial* e *Instructiva*. Presidia essa imponente solemnidade o commendador João Wilkens de Mattos.

Desapparecido como já estava o *deficit* social, e refeito o patrimonio, foi este elevado nesse anno a 142:000$, augmentando progressivamente o numero de socios e de donativos.

Fazendo-se um retrospecto da sociedade desde sua fundação até essa data, havião desta recebido auxilios 2.889 meninos e havia ella recolhido 265 orphãs, das quaes 36 se havião retirado do asylo para constituirem familia, como esposas dignas e respeitadas. A sociedade havia desde 1829 creado doze aulas, tendo sido por necessidade extinctas oito, suspensas duas, funccionando porém, duas, sendo uma de S. Bento, no Asylo do internato das Orphãs, e de Santa Theresa ou externato para meninas pobres. Estas aulas erão dirigidas então por D. Francisco de Assis Mascarenhas, que á sociedade prestára relevantissimos serviços, e a aula de musica pelo maestro Bento Fernandes das Mercês.

Em 1879 os Srs. Alvares Bourgeth, Duarte Fiuza e Alfredo Reis, proprietarios do salão do extincto Rink, offerecêrão um beneficio em favor da sociedade e a 11 de Agosto a Exma. Sra. D. Maria Antonieta de Saldanha da Gama organisou um concerto no salão do Cassino, cujos resultados forão destinados tambem para auxilio da sociedade.

Em 1 de Novembro desse anno celebrou-se a primeira missa na capella do Asylo e d'ahi por diante em todos os domingos e dias santos forão alli celebradas pelos Rev. Padres José Herculano da Costa Brito e João Manoel de Carvalho.

A' solemnidade da primeira missa compareceu o então Ministro do Imperio Sr. Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho e a ella assistirão os orphãos e os membros da sociedade. Os monjes Carmelitas e Benedictinos, que desde 1845 auxiliavão pecuniariamente a sociedade, passárão aquelles a dar a pensão trimensal de 200$ em vez da de 180$ e estes

de 150$, e mais 800$ por anno cada uma dessas ordens para pagamento do professorado das aulas de Santa Thereza e S. Bento.

A sociedade recebeu por vezes importantes donativos e legados e entre estes o do Dr. Peregrino José Freire, que lhe deixou bens no valor de 70:000$000.

Em 1882 o director das aulas Dr. Sebastião José de Saldanha da Gama, com a approvação do conselho da sociedade, creou um curso de professorado dividido em dous, um de sciencias e lettras e outro de arte, abrangendo um periodo lectivo de quatro annos, sendo neste seu empenho efficazmente auxiliado pelo padre Simeão José de Nazareth, Manoel Olympio Rodrigues da Costa, João Alves Mendes da Silva, João Selling, Miguel Miranda e Mathias Teixeira, que compuzerão o corpo docente.

Entre os protectores da sociedade figura tambem o pranteado reporter Octaviano Hudson, devotado promotor dos premios para a infancia estudiosa. Em 1884 a directoria da sociedade, que até então era presidida pelo commendador Wilkens de Mattos, mais tarde elevado a Barão de Maruhá, resolveu iniciar uma série de conferencias, no intuito não só de tornar mais frequentado o asylo, como ao mesmo tempo de dar ás orphãs maior somma de conhecimentos.

Inaugurou as conferencias o ex-senador conselheiro Manoel Francisco Corrêa, seguindo-se depois os Srs. Dr. Affonso Celso Junior e Conselheiro Antonio Ferreira Vianna, tendo essas conferencias cessado por motivos alheios á vontade da directoria.

Tendo a directoria adquirido por 85 apolices de 1:000$ o predio n. 4 da rua Ypiranga, pertencente ao Sr. Barão de Irapuá, mudou o asylo para este predio, depois de fazerem importantes obras para lhe dar as condições de um estabelecimento desta natureza, no dia 3 de Abril de 1887. O asylo foi inaugurado com toda a solemnidade, havendo sido benta a capella do asylo e dizendo a missa cantada o conego Honorato. Assistirão á solemnidade o então Ministro do Imperio Barão de Mamoré, representantes de todas as classes sociaes e crescido numero de senhoras.

Este é o resumo historico da benemerita sociedade, e que extrahimos de um minucioso trabalho feito pelo Sr. Dr. Alfredo do Nascimento.

O edificio actual do asylo, á rua do Ypiranga occupa um terreno de 430 palmos de frente por mais de 700 de fundo e é precedido de um vasto parque fechado por elegante gradil de ferro.

O edificio comprehende tres pavimentos, tendo de frente 24 janellas.

Uma linda entrada dá accesso ao edificio, no primeiro pavimento.

No fim do primeiro lance de escada vê-se o busto em marmore do finado Dr. Peregrino José Freire, com a seguinte inscripção em letras douradas:

«Gratidão da *Imperial Sociedade Amante da Instrucção* ao seu bemfeitor, o Dr. Peregrino José Freire. Nascido em Julho de 1807. Fallecido a 2 de Agosto de 1887.»

Na pequena sala, que logo se encontra, notão-se na parede duas placas de marmore de letras douradas com os seguintes dizeres: na da esquerda «Eduardo Thomaz Cadwell — Fallecido a 29 de Dezembro de 1873. Legado 10 apolices geraes de 1:000$ cada uma; uma casa n. 163 da rua do Senado por morte de D. Estelina da Silva. Tendo sua usofructaria obrigação de mandar a Sociedade celebrar uma missa pelo repouso de sua alma e das dos seus parentes todos os annos, no dia do seu fallecimento. Na placa da direita: Directoria que fez acquisição deste predio para o Asylo: Conselheiro João Wilkens de Mattos, presidente; Visconde de Santa-Cruz, vice-presidente; Commendador João Carlos de Oliveira Rosario, 1º secretario; João Antonio Abreu Gonzaga, 2º secretario; Commendador João Alves Affonso, thesoureiro; Cavalleiro Ricardo Alfredo de Souza Castello, procurador, 13 de Dezembro de 1886».

Dos lados ainda pendem os retratos dos finados Commendador Antonio Alves Pereira Coruja Junior e Dr. Vicente de Semoni.

Salão de Honra—Neste salão estão collocados os retratos a oleo dos ex-imperantes D. Pedro II, D. Thereza Christina, a ex-princeza D. Izabel e o Sr. Conde d'Eu. A' esquerda vê-se o busto de Evaristo Ferreira da Veiga, um dos benemeritos da Sociedade.

Outro salão espaçoso e decorado com singeleza e gosto é destinado ás solemnidades e ás sessões magnas. De suas paredes pendem os retratos dos seguintes socios benemeritos da Sociedade: Dr. João Brazil, D. Mariana Correia, Conde Sebastião de Pinho, tenente Herculano Pessoa da Silva, Antonio Godinho da Silva, almirante Lomba, commendador João Alves Affonso, conselheiro Manoel Francisco Correia, Barão do Maruhá, Dr. Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada.

Salão do Conselho.— Neste salão vê-se um quadro a oleo, pintura antiga, com o retrato dos fundadores da *Instructiva Jovial*. O quadro representa a sessão daquella sociedade em 5 de Setembro de 1829, vendo-

se em torno de uma mesa, uns sentados e outros em pé, as figuras dos fundadores Damaso da Fonseca Lima, Joaquim Bernardo Leal, José Lopes Xavier, Victorio José Barboza da Lomba, Luiz Antonio Goulart, Elias Affonso de Lima, Luiz José de Murinelli, Ludgero Braulio Ferreira, Francisco Antonio Sobral e João Carneiro dos Santos.

O quadro foi pintado em 1843 e, segundo a versão, é trabalho feito em 1843, por um pintor hespanhol, de nome Vedras. Neste salão existe ainda outro quadro, com os retratos em photographia dos superintendentes que servirão no asylo.

Capella. — A capella, cujo altar é vistosamente decorado, tem a invocação de Nossa Senhora da Conceição, e nella celebrão-se missas aos domingos e dias feriados, ás 9 1|2 da manhã, assistindo todos as orphas, e entoando algumas dellas, em um elegante côro, canticos sacros durante a missa. E' capellão do asylo o padre-mestre Antonio Alves Teixeira.

O asylo tem quatro inspectoras, sendo regente D. Maria Honorina da Porciuncula. Tem ainda como professora externa D. Rosalina Baptista, e é medico o Dr. João Climaco de Oliveira Aguiar.

No 1º andar achão-se os dormitorios, que são longos e espaçosos, e onde se vêm boas camas de ferro e roupas asseiadas. O 1º dormitorio tem 19 leitos, o 2º 14 o 3º conta 60, estando, porém, desoccupados, 12. Todos estes dormitorios podem accommodar 300 leitos, quando assim exigir a necessidade, ficando ainda espaço. São todos guarnecidos de janellas e cada dormitorio tem um quarto contiguo destinado á regente e ás inspectoras.

Ha ainda uma sala, onde se acha o lavatorio geral, que é todo de marmore, e caprichosamente feito.

As salas das diversas aulas estão bem montadas e os moveis são os mais aperfeiçoados.

Existe tambem no estabelecimento um externato que funcciona das 8 1|2 á 1 hora da tarde, destinado ás crianças pobres da localidade, e que é frequentado actualmente por 59 alumnas.

Esse externato, de instrucção primaria, é dividido em classes e dirigido pela professora D. Adelina Pimentel Bueno.

O asylo tem um bem organisado archivo e bibliotheca.

Os refeitorios, que são em numero de dous, têm longas mesas de pedra marmore, lavatorios, etc., e podem accommodar umas 100 meninas e o outro 70.

Na cozinha trabalhão seis meninas cada semana, sendo cada uma dellas a chefe da turma.

A lavanderia tambem é dirigida pelas asyladas, divididos em turmas por semana. A rouparia tambem é dirigida semanalmente por tres asyladas.

O asylo tem uma bem montada enfermaria para molestias contagiosas, nos fundos dos terrenos. Esta enfermaria possue um fogão a gaz, bacias, latrinas e todos os accessorios. Ha ainda outras enfermarias para as enfermidades ligeiras. O salão de recreio e o pateo têm apparelhos para gymnastica.

No pateo do recreio ou no salão é curioso vêr-se a união e o respeito e a disciplina do estabelecimento. Aqui uma asylada brinca com uma galante boneca, outras cosem roupinhas de criança, alli um grupo se acerca de uma ave moribunda, cercando-a de desvelos. Outro grupo de crianças, acolá, pula na corda, outro brinca o *tempo será*, e no meio desta feliz e descuidosa desordem dos jogos e preoccupações da infancia satisfeita, o visitante sente a alegria, o bem estar, que só provém dos carinhos, dos desvelos, que lhe são dispensados por almas sãs e generosas. O asseio no estabelecimento é digno de nota e nhenhum dos asylos que temos visitado poderá exceder áquelle nesse particular. A regente e as inspectoras são em extremo bondosas, para as crianças e não é raro que algumas dellas sejão as asyladas do estabelecimento.

As aulas são assim dirigidas : a de musica, por D. Gabriela Tirberne ; a de costura, por D. Maria Isabel Figueiredo Moura; a aula primaria e de bordados, por D. Luiza Ramos e D. Carneiro.

O asylo desde sua fundação tem educado 436 meninas desvalidas, a maior parte das quaes tem sahido do estabelecimento para se casarem, sendo que muitas receberão da sociedade pequeno dote e enxoval.

No então externato de S. Pedro de Alcantara, desde sua fundação até sua extincção, de 1832-1862, forão as aulas fraquentadas por 1.550 meninas.

Nos externatos de Santa Thereza e Santa Rita, até esta data, 1.070 meninas.

A Sociedade viveu, pois, 59 annos sem auxilio official; apenas nestes ultimos quatro annos tem o Governo auxiliado o custeio do asylo com quatro prestações de 20:000$000.

A administração de 1892 que construio a parte nova do edificio, era asssim composta :

Presidente, Manoel Francisco Corrêa; vice-presidente, commendador José Antonio de Oliveira Moraes; 1º secretario, Henrique Chagas de Andrade; 2º secretario, José Gonçalves de Souza Rebello, thesoureiro, commendador João Alves Affonso; procurador, commendador Antonio de Freitas Guimarães.

O actual presidente da Sociedade é o Sr. Dr. Luiz Raphael Vieira Souto, continuando os demais membros, por terem sido reeleitos.

Concluindo esta noticia, em que procuramos assignalar a gloriosa historia dessa Sociedade tão relevantes serviços prestados por ella em tão larga escala e em tão longo decurso á infancia desvalida, seja-nos licito, agora, que ella acaba de completar o seu 64º anno de existencia, sauda-la na sua directoria, que tanto por ella se tem desvelado, e destacar desta o nome do Sr. Conselheiro João Alves Affonso, que ha 14 annos lhe dedica inestimaveis e perseverantes esforços.

5 de Setembro de 1893.

Instituto dos Surdos-Mudos

Em fins de 1855, chegou ao Rio de Janeiro o subdito francez E. Huet, surdo-mudo e aqui fundou no anno seguinte, em Janeiro, um pequeno estabelecimento com o titulo acima.

Tentativa meramente industrial, ao fim de seis annos depois, entregava ao Estado 12 surdos-mudos, mas sem instrucção alguma e sem meios de poder adquiri-la, retirando-se para a Europa.

O estabelecimento fundado por Huet não tinha nem livros apropriados, nem apparelhos e instrumentos proprios e necessarios ao ensino.

O Governo resolveu então confiar aquelles 12 surdos-mudos á guarda de Frei João de Nossa Senhora do Carmo, até que pudesse vir da Europa professores habilitados para a direcção do instituto, dando-lhe conveniente orientação.

Em Agosto de 1863 chegou de Pariz um professor e especialista, contratado para esse fim.

Essa tentativa, porém, parece que não produzio salutar resultado, porquanto em Janeiro de 1868 o Governo encarregou o Sr. Dr. Tobia Rebello Leite então chefe da secção da secretaria do Imperio, de exa-

minar o Instituto e propôr as medidas necessarias para melhorar o seu estado.

O Sr. Dr. Tobias Leite apresentou ao Governo minucioso relatorio de tal importancia, que se chegou a triste conclusão de que tal instituto era apenas uma casa em que se alojavão dezeseis surdos mudos em completo abandono.

O Governo, por aviso de 19 de Abril daquelle anno de novo incumbio o Dr. Tobias de organisar um regimento interno para o Instituto, se não pudesse dar execução ao regulamento annexo do decreto n. 4.046 de 19 de Dezembro de 1867.

Approvado esse regimento por acto de 26 de Maio, foi o Dr. Tobias Leite nomeado em 5 de Agosto, para exercer o cargo de director interino do Instituto, e pôr em execução o regulamento de 19 de Dezembro.

A 10 de Agosto tomava posse o Dr. Tobias como director desse Instituto, que tinha então 16 alumnos, dos quaes só quatro tinhão as primeiras noções de linguagem escripta, e ainda mais, sem pessoal habilitado para proseguir o ensino, sem livros, nem outro qualquer objecto necessario para essa especialidade de ensino.

No anno 3º n. 20 d'*A Instrucção Publica* de 10 de Agosto de 1868, assim se exprime o illustrado director:

« Não havendo no mercado desta Côrte livros, nem ao menos catalogos que dessem noticia dos que erão indispensaveis, mandei vir de França todos os livros que tratassem da educação de surdos-mudos, e, emquanto não chegárão, occupei-me em escolher e educar o pessoal para o serviço administrativo e, auxilia-lo por um adjunto das escolas publicas, que solicitei do Governo, em entreter os alumnos com o muito pouco que sabião, e de que procurámos tirar o maior proveito.

Eis o que era o Instituto dos surdos-mudos em 10 de Agosto de 1868, dia em que assumi a sua direcção. »

Hoje o Instituto dos surdos-mudos, devido aos esforços infatigaveis, á escrupulosa e excepcional força de vontade do Dr. Tobias Leite, é um estabelecimento que faz honra ao Brazil.

O methodo-mixto adoptado para a instrucção dos alumnos, isto é, a linguagem escripta combinada com a dos signaes, ou a palavra articulada combinada com a escripta, collocou o Instituto a par dos primeiros estabelecimentos congeneres dos Estados-Unidos da America do Norte, que baseião a educação do surdo-mudo no *saber util*, preparando-o para occupar na sociedade o lugar que lhe é indicado por suas aptidões, condições pessoaes e pelo meio em que vive.

O Sr. Dr. Prudente de Moraes, visitando o Instituto no dia 22 de Dezembro do anno passado, escreveu no livro dos visitantes o seguinte.

« Visitei hoje o Instituto dos Surdos-Mudos e encontrei em muita boa ordem, o que prova o zelo de sua admidistração. E' lastimavel que os nossos patricios não tirem deste Instituto humanitario as grandes vantagens que offerece aos infelizes surdos-mudos. »

O edificio do Instituto está situado na rua das Larangeiras em proprio do Estado e tem as necessarias condições para um estabelecimento dessa natureza.

E' assobradado e tem um pavimento superior e uma grande enorme chacara onde ha tempos o Dr. director ensaiou o ensino da apicultura e onde está estabelecida uma escola pratica de agricultura.

No 1º corredor do lado direito achão-se as salas onde funccionão tres aulas: a de mathematicas, geographia e historia do Brazil, de linguagem escripta e de desenho.

No mesmo corredor do lado esquerdo está o salão da congregação, etc.

Tem o estabelecimento um importante musêo escolar na seguinte ordem: substancias alimentares no estado natural, e sob as diversas fórmas porque passão atê serem ingeridas; habitações desde a caverna até o palacio; instrumentos de caça e pesca; meios de locomoção terrestre desde o burro atè o trem do caminho de ferro, meios de locomoção por agua desde a jangada até o vapôr; roupas desde o algodão em rama e as suas modificações até o tecido mais fino; lã desde o carneiro até o tecido mais fino; calçado desde o couro crú até a pellica; utensilios da vida de nossos camponezes, feitos com bambú côco, piassaba, sipó, chifre e clina; o osso e as suas applicações, até o carvão animal; moveis de casa, desde os da choupana até os da habitação mais opulenta; materiaes para a construcção de casas e os instrumentos dos officios de pedreiro, carpinteiro e ferreiro, etc.; apparelhos para o ensino de arithmetica e colleção de pesos e medidas; globos e mappas geographicos; cerca de mil estampas representando animaes, costumes e scenas da vida em todas as classes.

Emfim, um musêo para o ensino intuitivo das cousas.

No andar superior estão os dormitorios dos alumnos e rouparias, etc.

Estes dormitorios, cercados de janellas, são bastante arejados e conservados em bom asseio. Em cada um dos dormitorios encontra-se o competente compartimento, onde fica o zelador dos alumnos que são constantemente vigiados e inspeccionados.

No pateo interior do estabelecimento achão-se diversos apparelhos para gymnastica.

Ao lado estão as officinas de encadernação e de sapateiro, seguindo-se-lhe outro salão immediato—o refeitorio geral.

Estas officinas são providas de machinas e instrumentos os mais modernos, sendo contra-mestre da officina de encadernação um ex-alumno de nome Reginaldo.

No fundo do pateo estão os banheiros e as latrinas.

Ha tambem uma enfermaria separada completamente do edificio, a um lado dos banheiros, tendo, além de uma pequena sala para a pharmacia, dous quartos para enfermos e um para o enfermeiro.

A cozinha está a um lado do refeitorio geral, e dá gosto vêr o asseio geral do estabelecimente, a boa ordem e a disciplina que nelle existe.

Tivemos occasião de assistir á refeição dos alumnos e podemos garantir ser ella de excellente qualidade e abundante.

Actualmente tem este humanitario estabelecimento 30 alumnos gratuitos. O Sr. Dr. Prudente de Moraes, Presidente da Republica, acaba porém, de ordenar que se eleve a 60 o numero dos gratuitos.

Na vasta chacara occupão-se os alumnos pela manhã em cultivar o jardim e a horta, e a aprender a plantar, tratar e colher canna, café, algodão, cacáo, milho, feijão, arroz e batatas de diversas especies, sendo que já a horta fornece variados e abundantes legumes para o gasto do estabelecimento.

O ensino de apicultura cessou por falta de verba para essa despeza.

O ensino profissional é dado nas officinas de encadernação e sapataria, as quaes produzirão no anno proximo findo 13:709$200, sendo 12:882$600 a de encadernação e 826$600 a de sapataria.

A metade desse rendimento passa para o Thesouro Federal a titulo de indemnisação da materia prima e a outra metade vai para a caixa economica para peculio dos alumnos, que fica consignado em caderneta da Caixa Economica com a quota equivalente ao trabalho de cada um.

A verba votada para o Instituto é de 90:365$, sendo: pessoal docente e administrativo 35:440$, pessoal por contrato 13:835$, materia prima, etc., 41:090$000.

O Instituto tem 1 director, 2 professores de linguagem escripta, 1 de linguagem articulada, 1 de mathematica, 2 de desenho, 3 repeti-

dores, 1 medico, 1 agente, 1 escripturario, 1 mestre de gymnastica, cozinheiros, criados, etc.

Tem ainda o estabelecimento a sala da pequena bibliotheca e da secretaria, com todos os livros necessarios para a escripturação que é feita com o maximo escrupulo e cuidado.

Na sala da bibliotheca que serve de sala de recepção, logo á entrada do edificio, vê-se nas paredes o retrato do abbade L'Epée, quadros com as vistas dos principaes estabelecimentos de surdos-mudos —dos Estados Unidos da America do Norte, e a galeria dos retratos dos surdos-mudos que forão educados no Instituto, muitos dos quaes são hoje negociantes e outros exercem profissões artisticas e commerciaes.

Do Instituto só temos a dizer que muito e muito deve merecer do Governo Brazileiro que assim vai com o seu prestigio secundar os esforços dos Srs. Drs. Tobias Leite, director, Borges Carneiro, vice-director, incansaveis e dignos chefes daquella casa de caridade.

10 de Abril de 1895.

Lycêo Litterario Portuguez

Causou-nos a mais agradavel impressão a visita que ultimamente tivemos occasião de fazer a esse estabelecimento, certamente um dos mais invejaveis exemplos do que póde a iniciativa particular, quando intelligentemente encaminhada.

O Lycêo Litterario Portuguez conta já effectivamente 24 annos de existencia, e póde-se desvanecer de ter conquistado nesse lapso o justo renome de que gosa, e de ter chegado ao grão de prosperidade a que se elevou, sem nunca ter recebido o mais ligeiro auxilio do Governo. Para se conhecerem os reaes serviços que elle tem prestado á causa da instrucção publica, que ha diffundido indistinctamente, desinteressadamente por todas as cathegorias sociaes, bastará dizer que de 1884 a 1892, isto é, em um periodo de nove annos, os seus differentes cursos forão frequentados por 11.116 alumnos, o que representa uma média annual de frequencia de mais de 1.200 alumnos.

Bem humildes e modestos forão entretanto os intuitos e as primeiras bases com que se fundou esse benemerita associação. Em 10 de Setembro de 1868, um grupo de moços portuguezes, quasi todos empregados no commercio, desejosos de se instruirem, de cultivarem os seus espiritos,

deliberavão fundar uma associação litteraria, onde pudessem, nos lazeres que lhes deixassem as suas occupações materiaes, educar a intelligencia, pelo estudo, pela troca de idéas, pelas conferencias pelas leituras, pelos debates de theses litterarias e scientificas, emfim pelo cultivo da vida intellectual. Dentro de pouco tempo, esse pequeno gremio devia inspirar-se de outras idéas, e trocar, embora com sacrificios, o objectivo modesto com que se fundára a associação por outros intuitos ainda mais nobres e elevados, procurando exercer uma benefica esphera de acção social pela diffusão da instrucção popular.

Effectivamente, um anno mais tarde, a 27 de Setembro de 1869, resolvêrão aquelles socios fundadores dar uma applicação mais importante aos seus esforços, creando aulas nocturnas gratuitas de instrucção primaria, que forão inauguradas nessa occasião. Essas duas datas assignalão as duas primeiras phases da existencia da Associação.

Como era de esperar, as aulas começárão a tomar incremento, as classes encherão-se de alumnos, e apezar, porém, dos valiosos sacrificios moraes e pecuniarios dos directores, o Lycêo já não podia custear senão difficilmente as enormes despezas que lhe acarretavão a generosa tarefa que tomára ao seu encargo.

Foi nessas circumstancias que, a 30 de Julho de 1881, assumio pela primeira vez a presidencia effectiva da Associação o Sr. conde do Alto-Mearim, que, dotado de inquebrantavel vontade, e, pondo em serviço do Lycêo os seus proprios recursos pecuniarios, conseguio melhorar as condições materiaes do Lycêo, adquirindo um predio proprio para a Associação. Os seus valiosos esforços forão amplamente coadjuvados pelos seus companheiros de directoria e pelo publico desta Capital. Em fins do anno de 1883 erão victoriosamente inauguradas as aulas no novo edificio, que é o mesmo em que actualmente funcciona o Instituto. O valioso impulso dado á Associação augmentou de modo notavel as listas de frequencia do Lycêo e assim é que vemos attingir nessa data a 1.500 o numero de frequencia dos seus alumnos.

Tendo-se retirado da presidencia, onde se assignálara pelos mais relevantes serviços, o conde do Alto-Mearim não se esqueceu da associação a que, por assim dizer, ligara o seu nome. Tendo sido um dos organizadores do Banco Constructor, e coadjuvado pelos Srs. conselheiro Mayrink e Matta Machado, cedeu com estes em favor do Lycêo e dos orphãos da Santa Casa da Misericordia, em partes iguaes, a somma de 600:000$, que fôra votada pelos accionistas do banco em beneficio dos incorporadores.

Com esse grande auxilio, muito melhorárão as condições do Lycêo, até que pouco depois em uma subscripção levantada entre os seus amigos, conseguio o Sr. conde a somma de 1.000:000$. para o patrimonio do lycêo.

Graças a tão valiosos recursos, póde a directoria augmentar o corpo docente, desenvolver mais os seus cursos, e cogita actualmente de aproveitar os armazens do seu vasto predio para installar as officinas, realisando assim a ultima parte do seu programma: o ensino profissional.

Apresentamos agora aos leitores o programma do ensino.

O ensino primario e secundario, está dividido em 4 classes e estas subdivididas em 9 secções, para melhor se attender á distribuição dos alumnos conforme o seu grão de adiantamento, como em relação ás idades.

Todas essas aulas são diarias, durando cada lição 2 horas, e obedecem, cada classe e suas respectivas secções, ao seguinte programma:

1ª CLASSE — Consta de 3 secções: adultos, médios e crianças.

Leitura — Abecedario e syllabario.

Escripta — Traços calligraphicos, lettras maiusculas e minusculas e syllabas.

Contabilidade — Algarismos, numeração fallada e escripta, taboada das quatro operações fundamentaes dos numeros inteiros.

Prelecção — Deveres do alumno para com os seus professores e condiscipulos, seu procedimento nas aulas, exemplos sobre a utilidade do estudo.

2ª CLASSE — Consta de 3 secções: adultos, médios e crianças.

Leitura — Desde a reunião de syllabas até á leitura corrente, tanto da lettra de imprensa como da calligraphia, valor pratico da pontuação.

Escripta — Palavras.

Contabilidade — As quatro operações fundamentaes dos numeros inteiros e suas applicações.

Prelecção — Deveres para com a familia, patria e comsigo.

3ª CLASSE — Consta de 2 secções: adultos, médios e crianças.

Leitura — Prosa e verso com a respectiva pontuação.

Escripta — Orações.

Contabilidade — As quatro operações fundamentaes sobre fracções ordinarias e decimaes, preliminares sobre systema metrico decimal, proporções.

Grammatica — Analyse etymologica.

Geographia — Do Brazil e de Portugal.

Prelecção — Deveres do homem para com os seus semelhantes, superiores, iguaes e inferiores.

4ª classe — Indivisa.

Leitura — Trechos em prosa e verso de livros classicos com sua respectiva synonimia e analyse de sentido.

Escripta — Ditados e descripções sobre diversos assumptos.

Contabilidade — Complexos, regras de tres, de juros, de descontos de companhia.

Grammatica — Analyse logica.

Historia — De Portugal e do Brazil.

Prelecção — Deveres para com a sociedade em geral.

As disciplinas que formão o gráo superior do Lycêo estão organizadas da seguinte maneira :

Linguas — Franceza, ingleza, allemã e italiana : tres vezes por semana.

Mathematica — Arithmetica, algebra, geometria e trigonometria : tres vezes por semana.

Sciencias physicas e naturaes — Astronomia, cosmographia, noções de physica, de meteorologia e de chimica : duas vezes por semana.

Sciencias moraes — Historia, geographia : duas vezes por semana.

Artes—Calligraphia, desenho linear, geometrico, desenho de architectura, desenho de machinas e desenho de ornatos e figuras : duas vezes por semana.

Os programmas das diversas classes que constituem o curso superior, são organizados pelos respectivos professores e sujeitos á approvação da administração.

Damos em seguida os nomes dos cavalheiros que compõem a directoria, conselho da associação e corporação docente do Lycêo.

Directoria : presidente jubilado, Conde do Alto-Mearim; presidente effectivo, Barão do Monte-Castello ; vice-presidente, Barão do Candal ; 1º secretario, Commendador Léo de Affonseca ; 2º dito, João Chaves ; thesoureiro, Commendador Agostinho Amancio Guedes Lisboa ; procurador, José Ribeiro de Bastos Freitas ; bibliothecario, Commendador João A. Barbosa de Araujo

Conselho : Barão Peres da Silva, Barão de Burgal, Commendador Antonio Martins Marinhas, Victorino Roque, Commendador Henrique Chaves, Ernesto Cibrão, Commendador Antonio José Rieves, José Maria da Cunha Vasco, Commendador Faustino F. de Sá e Gama, An-

tonio Telmo, Commendador Bruno Augusto da Silva Ribeiro e Manoel Alvaro de Pinho e Silva.

Direcção das aulas — Director, Dr. Joaquim Adherbal da Costa; sub-director, professor Guilherme da Costa Junior.

Corpo docente — Curso primario e secundario: Franklin Cardoso, José João de Povoas Pinheiro, Sebastião Lino de Christo, Alberto Felix Moreira Machado, Manoel José Teixeira, Julio Cesar Pacheco do Carmo, Ricardo José da Silva Graça Junior, José Luiz de Oliveira Guimarães e Franklin Guedes.

Linguas — Francez: Commendador Etienne Gabalda; ingleza e allemã: Dr. Gustavo Heinz; italiana: Cyro de Pasquale.

Mathematica: Dr. Emilio da Gama Lobo d'Eça.

Astronomia e nautica: 1º tenente da Armada, Alfredo de Avila Menezes.

Historia, geographia e cosmographia: Carlos José Gonçalves Cardoso.

Calligraphia: Narcizo J. Figueiras.

Desenho linear, geometrico, de architectura e de machinas: Commendador Arthur Franco Teixeira.

Desenho de ornatos e figuras; Commendador José Maria de Medeiros.

Escripturação mercantil: Commendador Etienne Gabalda.

Tachygraphia: Antonio Cantanhede de Moraes.

O edificio, admiravelmente collocado na parte mais commercial e laboriosa da cidade, está situado na praça Vinte e Oito de Setembro, onde tem a sua fachada principal, e acha-se comprehendido no espaço limitado por esta praça, rua da Prainha, Felippe Nery e da Saude.

Como architectura, nada offerece de notavel, pois, comquanto reformado, ainda conserva a pesada monotomia das construcções antigas; impõe-se porém pela sua grandeza e abundancia de luz que banha todas as suas salas, achando-se actualmente, graças ás grandes obras que nelle se fizerão, em condições de perfeita adaptação ao fim a que o destinárão, satisfazendo a todas as exigencias da hygiene e da pedagogia.

Por uma bem lançada escada chega-se ao primeiro vestibulo e depara-se com uma lapide com a seguinte inscripção:

« Deus, Patria e Liberdade. Inauguração deste edificio em 14 de Junho de 1884, sendo presidente da directoria o commendador José João Martins de Pinho, vice-presidente Manoel Firmino Souza Cotta,

1º secretario Bernardo José de Andrade, 2º secretario Primo Augusto Teixeira de Pinho, thesoureiro Manoel José Affonso Gonçalves Roque, bibliothecario Dr. José Maria Moreira Senra, orador, Luiz de Faro Oliveira. »

Chegando-se ao primeiro pavimento encontrão-se duas portas, uma á direita e outra á esquerda, sobre as quaes se lêm as seguintes duas inscripções :

Na direita :

« Tempo cedo virá que outras victorias
Estas que agora olhaes abateráõ. »

Camões.

A' esquerda :

« A ignorancia, lidando muito, aproveita pouco ; a intelligencia, diminuindo o trabalho, augmenta o producto e o proveito. »

Marquez de Maricá.

Sobre a janella que illumina a escada, lê-se :

« Se todos não pódem ter talento, todos são obrigados a ter caracter. »

Senador *Manoel Francisco Corrêa.*

A' direita, existe a sala dos professores, mobiliada com gosto e onde, d'entre diversos retratos de benemeritos portuguezes, destaca-se um bello retrato de D. Pedro V, estampado em seda.

Desta sala, passa-se ao salão de honra, decorado com luxo e apurado gosto, destacando-se igualmente ricos candelabros e arandelas.

Pela sanefa do tecto, achão-se dispostos os escudos das differentes nacionalidades, com as côres heraldicas que lhes são proprias, notando-se, em posição mais saliente os de Portugal e Brazil.

Do centro do tecto, que é um primor de decoração, destaca-se uma bella allegoria á Instrucção.

Pendem das paredes os retratos a oleo de diversos benemeritos da instituição, destacando-se em frente á mesa dos trabalhos, um bello retrato em tamanho natural, do Sr. Conde do Alto-Mearim, justa homenagem que lhe foi prestada pelos seus companheiros de directoria.

Vem em seguida a secretaria e sala da directoria, e mais sete espaçosas salas de classe, amplamente illuminadas, dispondo todas de material apropriado e dos diversos utensilios para o ensino intuitivo.

Subindo ao segundo pavimento, depara-se com a seguinte maxima de Mendes Leal :

« A patria honrae que a patria vos contempla. »

Sobre as duas portas de entrada, correspondentes ás do 1º pavimento, destácão-se as seguintes inscripções :

A' direita :

« E' necessario saber muito para muito admirar gosando as obras e producções da natureza. »

Marquez de Maricá.

A' esquerda (entrada para a bibliotheca) :

« Dest'arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado. »

Camões.

Seguem-se 11 salas de classe, arejadas, commodas e luxuosamente mobiliadas.

Funccionão no 2º pavimento as aulas de francez, inglez, allemão, italiano, curso commercial, tachygraphia, desenho, geographia e historia, mathematicas e o curso livre de nautica.

Ricas de modelos, em cartão e gesso, são as aulas de desenho ; ainda mais notavel é a collecção de mappas geographicos, globos, planetarios e instrumentos de navegação, que possue a aula de nautica,

Annexo a essa aula existe um grande terraço na altura de um 3º pavimento, e onde funcciona o observatorio astronomico e a escola pratica de astronomia, montada com todos os instrumentos necessarios, entre os quaes destacão-se uma «luneta astronomica equatorial» e uma «luneta meridiana».

Este curso foi montado a expensas do Conde de Alto-Mearim, que forneceu tambem todos os instrumentos necessarios ao ensino.

Sendo esse o unico curso particular de pilotagem que possuimos, nos é grato registrar os bellos resultados que tem alcançado, pois nestes dous ultimos annos já formou o Lycêo 19 pilotos, com carta passada pela Escola Naval, onde forão confirmadas as notas obtidas pelos alumnos nos exames do Lycêo.

Resta-nos tratar da bibliotheca, installada em um vasto e bello salão, e contando hoje cerca de 10.000 volumes, devidamente catalogados, trabalho este organisado pelo Dr. Adherbal da Costa, incansavel director das aulas.

20 de Fevereiro de 1893.

Instituto Benjamin Constant

O cégo brazileiro José Alvares de Azevedo, tendo completado a sua educação no Instituto dos Cégos, em Pariz, regressou em 1853 ao Brazil e aqui tornou conhecidos os processos especiaes de que se serviam para a sua educação.

Moço, pois contava a esse tempo 19 annos de idade, Azevedo principiou a ensinar a uma moça céga filha do Dr. José Francisco Xavier Sigaud. Pessoa que nessa época gozava de certa influencia, insistindo sempre na idéa que tinha de fundar um Instituto no Rio de Janeiro, conseguio que este e outras pessoas dispensassem o seu franco apoio á creação de uma instituição tão util quanto humanitaria.

Em 17 de Setembro de 1854 inaugurava-se nesta capital o Imperial Instituto dos Meninos Cégos, que hoje passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant, pois que este illustre brazileiro, foi durante 20 annos seu director e consagrou grande parte do seu coração e actividade intellectual á manutenção e desenvolvimento desse benemerito estabelecimento, que attrahe para seus fundadores as bençãos de uma multidão de infelizes e que faz honra ao Brazil.

Installado o Instituto no predio n. 3 da rua do Lazareto, passou em 1866, para a casa n. 17 do Campo da Acclamação e hoje Praça da Republica, sendo finalmente transferido em 1891 para o edificio onde presentemente se acha na praia da Saudade, junto do da Escola Superior de Guerra.

O vasto edificio em que agora se acha installado o Instituto é um edificio ainda incompleto, construido, porém, expressamente para esse fim, tendo sido lançada a primeira pedra fundamental em 29 de Junho de 1872, em terrenos doados pelo seu proprietario o Sr. D. Pedro II.

O Dr. Sigaud foi o primeiro director do Instituto e seu nome, conjunctamente com o do joven cégo Alvares de Azevedo, é saudado no dia de hoje pelas lagrimas de reconhecimento dos infelizes a quem tem sido tão util e tão proveitosa esta instituição.

Muito mais extenso seria o écho dessas bençãos neste dia se muito mais conhecido fosse o Instituto; se a maior parte dos cégos brazileiros, alguns milhares, não ignorassem a sua existencia que data de 41 annos.

Não serão, pois, perdidas algumas palavras relativas aos fins deste Instituto e ao modo por que, na actualidade, desempenha sua missão.

Creado com excessiva prudencia, justificada talvez pela incerteza da sua proficuidade, tem o Instituto dos Cégos, desde os seus primeiros annos, apresentado resultados que poderião levar a convicção aos mais exigentes do apostolo incredulo. Entretanto, só em 1890 foi essa instituição ampliada, habilitando-se a tornar mais extensos e efficazes os beneficios que derrama.

Pelo novo regulamento o ensino ministrado abrange tres secções : Sciencias e Lettras, Musica e Officios manuaes.

Quer scientifico e litterario, quer musical, quer profissional, o ensino é dado de modo a tornar o cégo apto para luctar pela vida utilisando a sua actividade e intelligencia.

Admittidos á matricula meninos cégos de 6 a 14 annos de idade, depois de um curso de oito annos, tem desenvolvido as suas faculdades physicas e intellectuaes, aproveitando-se as vezes bons talentos que ficarião esterilisados se á noite da cegueira se juntasse a da ignorancia.

O curso de sciencias e lettras subdivide-se em primario e secundario, adoptando-se para a escripta o systema Braile, e fazendo-se uso nas respectivas aulas de pranchas para calculo, cartas geographicas, figuras geometricas em relevo e muitos objectos adequados a especialidade do ensino.

O ensino de musica para o qual os educadores de cégos votão em geral, attenção particular, é no Instituto dado pela aula de rudimentos, solfejo, harmonia, canto, orgão, piano, quartetos de cordas e instrumentos de sopro.

Ha no estabelecimento officinas de encadernação, typographia, afinação de pianos, empalhação de moveis, cartonagem e fabricação de escovas e vassouras, e o começo de uma officina de carpintaria.

As alumnas aprendem a fazer tricot, bordados, costuras e outros trabalhos da mesma natureza compativeis com a sua condição.

Ha tambem um professor de gymnastica para os alumnos, a quem esses exercicios, scientificamente apropriados, são da maior utilidade.

Não é pequeno o numero de individuos que o Instituto dos Cégos tem restituido á sociedade, tornando uteis os seres que a desgraça reduziria a uma existencia de dependencia absoluta ou de inacção

No corpo docente do Instituto, figurão alguns antigos alumnos, desempenhando com proficiencia os deveres de seu cargo.

A propria D. Rosa Sigaud, filha do 1º director Dr. Xavier Sigaud e ex-discipula de Alvares de Azevedo, é hoje professora aposentada do Instituto.

Nesta Capital e nos Estados-Unidos andão disseminados muitos ex-alumnos, havendo alguns que por seu talento e actividade, têm gozado de uma reputação invejavel, como succedeu na cidade de Campos, onde por seu trabalho, alcançou situação vantajosa para si e sua familia o cégo Felismindo Nogueira da Costa, alli muito considerado e estimado e que falleceu ha pouco mais de um anno.

O Instituto tem tido até hoje os seguintes directores: Dr. José Francisco Xavier Sigaud, Claudio José da Silva, Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares e interino o Dr. Francisco Xavier de Oliveira Menezes, que é professor vidente do estabelecimento ha 18 annos.

No salão de honra do estabelecimento vê-se o busto em marmore do Dr. Sigaud com a seguinte dedicatoria gravada: « J. F. X. Sigaud, collaborador de J. Alvares de Azevedo, o fundador do Instituto dos Meninos Cégos, 1º Director do mesmo Instituto », retrato a oleo de Alvares de Azevedo, com a seguinte inscripção: « J. Alvares de Azevedo, o fundador do Instituto dos Meninos Cégos, natural do Rio de Janeiro, fallecido a 17 de Março de 1854 na idade de 19 annos, 1º que no Brazil montou o systema de instruir os cégos », retratos a oleo do 2º director Claudio José da Silva e do 3º Dr. Benjamin Constant, ainda um outro a oleo do Visconde do Bom Retiro, ex-commissario do Governo junto do Instituto.

Nesta sala existem dois pianos e um magnifico orgão.

Depois deste salão seguem-se as salas do Director e da Secretaria, os salões das tres aulas das alumnas, enfermaria, banheiros e latrinas, etc.

As alumnas são em numero de 30, sendo duas dellas aspirantes ao magisterio, visto já terem terminado o curso.

A mais antiga dessas alumnas no estabelecimento é a Sra. D. Eliza Bastos, pois já alli está ha 20 annos, e a mais intelligente e distincta é a Sra. D. Maria das Dôres, excellente professora de piano.

Tivemos occasião de vêr a alumna D. Maria Porto enfiar a linha em uma agulha commum, com rara presteza e agilidade como se céga não fosse.

Vimos um grupo de meninas jogando as cartas — *o jogo do burro*, como vulgarmente chamamos, com a maior precisão no meio de uma alegria suave e communicativa.

Examinamos os trabalhos de agulha feito por ellas, com perfeição, asseio e bom gosto.

Duas inspectoras as acompanhão durante o dia e a noite e a fiscalisação é alli exercida com o maximo rigor.

Na enfermaria encontrámos duas alumnas quasi restabelecidas de beri-beri, porém, ainda em uso de tratamento especial.

Em um dos salões encontrámos uma moça de seus 24 annos acompanhada por mais quatro irmãos mais moços e uma irmã de cerca de oito annos de idade, todos cégos.

Estavão seus irmãos alli reunidos por ser dia feriado.

Interrogada, respondeu serem ella e seus irmãos naturaes da cidade de Campos, que ainda tinha nesta cidade um outro irmão cégo e que já fallecêra tambem um outro nas mesmas condições, que seus paes eram vivos e que só póde attribuir aquella infelicidade á seu pai ser casado com prima-irmã.

Na ala pertencente aos alumnos tambem interrogado um delles, declarou que tinha cinco irmão cégos, e que existia igual parentesco entre seus progenitores.

As idades dos alumnos e alumnas alli existentes varião de 6 a 35 annos.

No pavimento superior destinado aos alumnos nota-se : o primeiro salão que é destinado a sala dos professores e o segundo para arrecadação dos instrumentos e aula de ensino da banda de musica.

Alli tivemos occasião de ouvir alguns trechos de musica executados pela banda de musica dos alumnos, sendo que tambem foi executada uma graciosa polka intitulada : *Escola Militar*, composição do alumno Benedicto Salvador da Costa.

Ouvimos tambem um quarteto de instrumentos de corda, com acompanhamento de piano, pelos alumnos e pelo director Sr. Dr. Oliveira Menezes.

Os alumnos são em numero de 36, tendo mais dous aspirantes ao magisterio por terem terminado os respectivos cursos.

O mais antigo no estabelecimento é o Sr. Joaquim Maria de Jesus, que alli se acha ha 20 annos, e o mais distincto pela sua intelligencia e aproveitamento é o Sr. Luiz Margutti, que apenas tem 16 annos de idade.

Depois destes dous salões seguem-se as tres aulas do curso havendo tambem um pequeno musêo, de historia natural, mappas em alto relevo, figuras geometricas, apparelhos para gymnastica e para lições de physica, etc.

O dormitorio dos alumnos é muitissimo arejado e dividido em dous compartimentos, um para os alumnos maiores e outro para os menores.

Em ambos, dous inspectores permanecem em constante e assidua vigilancia.

Um telephone junto a cama do inspector está ligado á sala particular da residencia do Director no mesmo edificio, de maneira que a communicação para qualquer providencia se faz rapidamente.

Em uma das aulas o Sr. Director apresentou-nos o alumno Sr. Luiz Margutti que tendo á sua frente um mappa da Europa em alto relevo, deu com maxima precisão uma lição de geographia. Em seguida, chamou o alumno Sr. Bazilio da Rocha, de 11 a 12 annos de idade e mandou que elle escrevesse uma pequena saudação ao nosso representante.

Isto feito, chamou o alumno Francisco Ribeiro do Rosario, e mandou que lesse. Rosario, menino de seus oito a nove annos, leu a saudação com presteza.

Assistimos ainda a um sólo de violino pelo alumno Margutti, com acompanhamento de piano e uma graciosa melodia ao piano pela alumna D. Maria das Dôres.

Os alumnos e alumnas levantão-se no inverno ás 5 ½ da manhã e no verão ás 5.

A's 6 horas tomão café, ás 8 ½ almoção, ao meio-dia, tomão de novo café, ás 3 ½ jantão, ás 8 horas tomão pão, chá, mate ou café e deitão-se ás 9.

As aulas começão ás 9 ½ da manhã e terminão ás 3 ½ da tarde, havendo o descanço de um quarto de hora para cada uma dellas e ha ainda local para o recreio dos alumnos.

No pavimento terreo estão a cozinha, a dispensa, os refeitorios, a arrecadação e as officinas.

A cozinha é espaçosa e a alimentação é boa e abundante

Nas officinas, que são as já acima mencionadas, tivemos de assistir aos trabalhos dos alumnos, encarregando-se porém, sómente as alumnas no trabalho de fabrico de caixas de papelão.

A officina de vassouras e escovas foi inaugurada pelo actual Director Dr. Oliveira Menezes, a 31 de Julho do corrente anno e principiou a funccionar no dia 5 de Agosto, e os seus productos muito bem manufacturados já são conhecidos pelo publico que os tem visto expostos na *Torre Eiffel*, na rua do Ouvidor.

Existe tambem uma rouparia e lavanderia.

O pessoal do Instituto compõe-se de um director, um medico, um escripturario-archivista, um economo, um inspector de alumnos, uma inspectora de alumnas, dous ajudantes destes, uma roupeira, um porteiro, um dispenseiro, um feitor e comprador, um cozinheiro, um ajudante e quatorze serventes.

O pessoal do magisterio compõe-se de quatorze professores, inclusive uma professora; oito repetidores, um dictante-copista, uma mestra e uma contra-mestra de trabalhos de agulha, sete mestres e dous contramestres para os trabalhos das officinas.

O medico do estabelecimento é o Sr. Dr. Francisco Soares Pereira.

O numero dos alumnos contribuintes é illimitado e o dos gratuitos é limitado pelos recursos do orçamento do Instituto.

Aos alumnos gratuitos o Instituto fornece sustento, vestuario, calçado e tratamento medico.

Aquelles que não forem reconhecidamente pobres pagarão a pensão annual de 400$ por trimestres adiantados e uma joia de 200$000.

Os livros e instrumentos necessarios ao ensino são fornecidos pelo Instituto.

As alumnas são sempre separadas dos alumnos, e têm á parte salas de estudos e casas de trabalho, local de recreio e passeio, refeitorio, dormitorio e enfermaria, sala de banhos, retretas, etc.

Os alumnos conforme as idades e desenvolvimento physico são separados por turmas.

Os que tendo findado o curso houverem revellado aptidão para um ou mais ramos do ensino profissional e pratico, continuão no Instituto na qualidade de operarios das officinas.

O Instituto resente-se em geral da falta de moveis, não só escolares como para o uso dos alumnos; é desagradavel a impressão que causão as salas do Instituto despidas de moveis, mesmo os mais indispensaveis.

A parte do edificio que está concluida e que é servida pelo Instituto actualmente, tem necessidade de ser pintada e as suas portas de ser envidraçadas e de receber melhoramentos de que tanto carece esse estabelecimento, visitado muitas vezes por estrangeiros, melhoramentos indispensaveis ao ensino que alli se distribue.

O estabelecimento é conservado em todas as suas dependencias com muito asseio.

O Sr. Dr. Oliveira Menezes, desde que assumio a direcção do estabelecimento, tem melhorado muito as suas condições internas, procurando com todo zelo, cuidado e dedicação dar aos alumnos o con-

forto necessarios e o desenvolvimento intellectual de que tanto carecem para attingir ao seu *desideratum*.

Ha no Instituto quasi sempre falta de agua, tanto para o serviço do estabelecimento, como para os de latrinas, mictorios, etc.

O edificio está reclamando séria attenção, porque parte dos alicerces estão apparecendo, dando em resultado grandes fendas na cantaria, desde o sólo até a cimalha, podendo até occasionar algum desastre.

Existe, segundo nos dizem, um patrimonio pertencente, ao Instituto e que orça em mais de 700:000$, entretanto o que é certo é que o edificio não tem a sua parte interna pintada, faltão-lhe muitos melhoramentos e obras para commodidade dos alumnos.

Podemos assegurar, por informações insuspeitas, que o actual Director interino tem empregado os maiores esforços para melhorar as condições do estabelecimento, tendo feito transferencias de um ponto para outro das aulas mal collocadas, estabelecendo a enfermaria em local mais adequado.

Os alumnos mostrão-se muito satisfeitos com o seu actual Director que reune as exigencias da disciplina á affabilidade e amenidade no trato.

O Sr. Presidente da Republica já teve occasião de visitar o estabelecimento e póde bem apreciar o que ha alli a fazer para completa satisfação dos seus generosos e uteis intuitos.

Ao nosso representante dispensou a administração do Instituto as maiores attenções, na visita que alli fez afim de colher as informações supra para publicar hoje, commemorando o anniversario da fundação desse estabelecimento.

17 de Setembro de 1895.

Conselheiro Ferreira Vianna

Não ha quem não conheça o espirito scintillante de graça, de fina ironia, de *humour* do Sr. Conselheiro Ferreira Vianna, o encanto da sua palestra tão espontanea, tão viva, tão animada, de continuo illuminada por traços de observações imprevistas e subtis, ou pela torrente de casos e anecdotas, reaes ou fantasiadas, em que transparecem a sua graça e a sua *verve*, e com que deixa ao espirito do ouvinte suggerir aquillo que tantas vezes elle não quer dizer... O que elle diz e conta, não se poderia escrever: é preciso ouvi-lo. Não poderia eu agora fixar em traços tão rapidos a sua physionomia tão rica, tão singular e tão expressiva. O modelo é arduo, é difficil, e ao pintor falta toda a competencia. Aqui deixo apenas algumas notas, alguns traços, para o leitor reconstituir uma das nossas mais curiosas e interessantes physionomias.

* * *

O Conselheiro F. Vianna tinha singular sympathia, ou pelo menos assim o dizia quando ministro, pelos reporters. Uma vez levou-o essa sympathia até a declarar em pleno Parlamento «que os reporters erão seus parentes».

* * *

Uma vez, reunidos os reporters na Secretaria do Imperio, o Sr. Conselheiro conversava com elles, quando um delles se esforçou por se desculpar de um artigo que fôra publicado no jornal a que pertencia, o qual censurava um acto ministerial da pasta dirigida pelo Conselheiro.

O Dr. Ferreira Vianna, com ar risonho, dirigindo-se aos reporters contou o seguinte caso:

— Em mil oitocentos e não sei quantos, existia aqui no Rio de Janeiro, um eximio tocador de violão, pardavasco, pernostico e cheio de si pela fama que possuia como excellente tocador desse instrumento. Um importante fazendeiro de Minas Geraes querendo dar grande brilhantismo á festa nupcial de uma de suas filhas, convidára o tocador de violão para exhibir-se nesse dia em sua casa. O pardavasco fez-se de viagem para Minas. Na noite da solemnidade estava o salão da residencia do fazendeiro repleto de senhoras e de cavalheiros da maior importancia da localidade. O nosso tocador, com a proficiencia que lhe era peculiar, executou diversos trechos de operas conheci-

das. Notava, porém, que o auditorio se mostrava frio, que não sabia comprehender o seu engenho e que bem raros erão os applausos.

Quando de novo começava outro bello trecho musical, o fazendeiro dirigio-se ao tocador de violão e pousando-lhe a mão sobre o hombro, perguntou-lhe :

— *Então, seu mestre,* o Sr. não toca o rasgado ?

O pardavasco levantou-se n'um impeto, deixou descahir o violão até o sólo, pousando a mão direita sobre a ponta do braço do instrumento e em attitude solemne e cheio de indignação, exclamou :

« Cra vão ..... vocês não comprehendem isso » e retirou-se bruscamente.

O seu jornal, disse o Conselheiro dirigindo-se ao reporter, quer que eu toque o rasgado e eu não sei...

Uma gargalhada enorme da reportagem saudou o original caso.

***

Outra vez estavão com o Sr. Conselheiro diversos *parentes seus,* quando um delles chamou a attenção do Conselheiro para a maneira pouco attenciosa por que um jornal da tarde o tratava.

O Conselheiro, tomando da palavra começou :

— A noite passada sahi daqui da Secretaria tarde e dirigi-me para o *Convento,* quando ao passar pela rua da Carioca ouvi um *psio, psio, psio...* Olhei em roda de mim e ao longo da rua e não vi ninguem proximo. Entretanto, o *psio* continuava e então notei que era uma pobre filha do peccado que se havia enganado, chamando por mim. Não me zanguei; continuei o meu caminho e chegando ao *Convento,* orei, pedindo a S. Francisco de Assis perdão para aquella desgraçada. A .... (disse o Conselheiro pronunciando o nome do jornal) quer que eu vá lá, eu não vou, continuo o meu caminho.

***

Como fazendo parte da *parentella* do Conselheiro, fui um dia ao Convento de Santo Antonio, onde S. Ex. residia, colher algumas noticias.

O Conselheiro estava na sua cella. Um chambre de chita já um tanto usado, deixando ver um enorme rasgão na fazenda junto ao hombro direito, na parte posterior, envolvia o corpo do illustrado e benemerito ministro. Depois de algum tempo de conversação perguntou-me se eu já tinha visto o côro do Convento.

Disse-lhe que não.

O Conselheiro convidou-me a ir vê-lo.

Ahi chegados mostrou-me os *stalos* que cercão parte do côro, indicando-me aquelles onde se sentavão os maiores vultos da Ordem em outras eras, e sobre cada um dos personagens se entreteve, traçando delles ligeiros esboços physicos e intellectuaes.

De repente dirigio-se para junto de uma estante onde havia um grande livro aberto de musica, com palavras latinas, cercado de lindas e ricas illuminuras e com uma simplicidade admiravel, levantou a voz e entoou umas palavras, fazendo compasso com a mão direita.

A um canto do côro estava um pardo velho, antigo servidor do Convento occupado a apanhar o cisco que tinha varrido. O pobre velho parando rapidamente o seu serviço, disse :

— Oh ! Sr. Conselheiro, V. Ex. deu agora uma nota errada.

— Não, não, diz-lhe o Conselheiro, acha ... e continuou ainda por alguns segundos entoando o canto-chão.

Quando terminou a pagina S. Ex. parou e dirigindo-se a mim, disse :

— E' admiravel, é sublime, e beijou respeitosamente o tal livro.

Escusado é dizer que no outro dia dei bastantes *furos* nos collegas.

***

Um bello dia foi o Conselheiro visitar a Casa de Correcção. Entre os presos com quem conversou achava-se um rapaz ainda bem moço, de maneiras delicadas, cheio de vivacidade, porém, transido de uma tristeza que impressionava.

— Então, qual é teu crime ? perguntou-lhe o Conselheiro.

— Senhor, eu abusei da honestidade de uma menor.

— Por quanto tempo foi condemnado ?

— Por quatro annos de prisão, já aqui estou ha dous e faltão-me ainda outros dous ; se, porém, V. Ex. quizer proteger-me obtendo o meu indulto eu comprometto-me a casar com a offendida.

— Olhe, accode-lhe o Conselheiro, quer um bom conselho, conselho de amigo, cumpra o resto da pena...

***

No primeiro despacho Imperial do ministerio do Conselheiro João Alfredo, no Paço de S. Christovão, o Conselheiro F. Vianna, então ministro da Justiça, apresentou-se um pouco tarde, quando já o tra-

balho havia começado sob a presidencia da Princeza Imperial. Ao entrar no salão disse o Conselheiro João Alfredo:

— Tão tarde, Sr. Vianna.

— Tem razão, mas primeiro admirem como está bonito o frei Antonio todo agaloado. Referia-se S. Ex. á farda de ministro que trazia.

* * *

Foi uma manhã de despacho ministerial no antigo Paço de São Christovão.

O Conselheiro F. Vianna ao entrar, encontrou-se com o nosso poeta Mucio Teixeira que alli escrevia uns versos á porta do gabinete onde morava naquelle paço.

— Vejo que está ás voltas com as musas; disse o Conselheiro amavelmente.

— E' verdade Exmo., e ninguem melhor do que V. Ex. póde aprecia-los e julga-los como mestre.

— E' engano seu, respondeu o Conselheiro, eu só conheço prosa, porque sou afinal um grande prosa.

— Ah! verdade, Conselheiro, ainda não lhe agradeci a parte que tomou na minha nomeação de consul brazileiro em Caracas...

— Ah! sim! então está você consul de Cacaracá...

* * *

Em um dos ultimos despachos presididos pelo Imperador, no ministerio João Alfredo, no Paço da Cidade, o Conselheiro Ferreira Vianna demorou-se mais de uma hora com o Imperador, facto este que os reporters que alli se achavão estranhárão; finalmente, ao descer S. Ex., um delles dirigindo-se ao Conselheiro, disse-lhe:

— Teve longa conferencia com o Imperador...

— Qual! respondeu S. Ex., pura conversa, estive tirando da cabeça do Imperador uma porção de caraminholas que lhe metterão a meu respeito, que eu era republicano e até, vejão que calumnia, que eu era o autor da *Conferencia dos Divinos*.

* * *

Diariamente os reporters procuravão o Sr. Conselheiro em casa, isto quando S. Ex. já então residia na rua do Catette.

Uma occasião S. Ex., ao retirarem-se os reporters, disse que no dia seguinte ia jantar no Paço.

A imprensa no dia noticiou o facto.

A reportagem poz-se a postos no Palacio da Cidade e muitos curiosos apparecerão no saguão do Palacio.

Effectivamente o Sr. Conselheiro lá estava.

Depois de umas tres horas de demora eis que apparece o Conselheiro descendo a escadaria do Palacio.

A reportagem ávida e curiosa para obter informações do jantar, corre pressurosa ao seu encontro.

— Então, Sr. Conselheiro, perguntou um delles, póde dar-nos a nota do que se passou no jantar ?

— Que jantar ?

— O jantar offerecido a V. Ex. aqui no Paço.

— Ah ! sim ; eu vim jantar com o meu particular amigo ..... o Sr. Conde de Motta Maia.

* * *

Outra vez frei João Costa, provincial de Santo Antonio, enumerou-lhe as pessoas que residirão no convento e que depois forão ministros e exercêrão importantes cargos publicos.

Quando assim fallava, o Conselheiro poz-lhe uma das mãos na bocca e disse-lhe :

— Frei João, frei João, falla baixo e não contes isto lá fóra a ninguem senão o convento fica cheio de moradores.

* * *

Estava uma vez o Sr. Conselheiro na Camara dos Deputados, quando vio entrar um conhecido, homem politico e litterato, muitas vezes incluido na lista triplice senatorial, mas sempre esquecido. Homem de notavel talento, porém, avarento, apresentava-se no parlamento com um paletot muito seboso junto aos quadris.

O Sr. Conselheiro, querendo pilheriar com elle, approximou-se e pousando a mão pelas partes do paletot que estava seboso, perguntou :

— Que é isto F.....

— Não é nada, não é nada, diz-lhe com máo modo o interpellado.

— Ah ! já, já sei, são signaes dos varáes da liteira da gente que tens conduzido para o Senado.

* * *

Proclamada a Republica achava-se um dia o Sr. Conselheiro na cella do convento, quando lhe baterão á porta.

S. Ex. abrio. Era um official do exercito que o vinha prender.

— O Sr. Conselheiro Ferreira Vianna ?

— E' o proprio, que deseja, disse o Conselheiro com a affabilidade de que é dotado.

— Venho prendê-lo por ordem do Sr. Ministro da Guerra.

O Conselheiro não se perturbou, calmo, simples e bonachão, disse :

— Bem, então me dê licença que eu acabe de rezar o santo officio.

Quando estava na sala principal do Quartel General para ser apresentado ao Ministro da Guerra, eis que lhe apparece o seu illustrado, sincero e velho amigo, o provincial de Santo Antonio, frei João do Amor Divino Costa, que o vinha ver.

O Conselheiro cruzando os braços sobre o peito, com ar piedoso e beatifico, exclama :

— Meu provincial, deite-me a sua santa benção...

Frei João não se fez esperar deitou-lhe a benção pedida.

O Sr. Conselheiro Silveira Martins que alli tambem se achava detido, vira-se para as pessoas que o cercavão e exclama :

« Este frade Vianna ainda hade pregar um grande calote a Deus. »

Joaquim Serra

Ignotus, pseudonymo do festejado escriptor, honrava-me com a mais sincera affeição. Não me cabe em notas despretenciosas dizer o que foi na litteratura brazileira o illustrado e fecundo jornalista e litterato, cuja perda irreparavel ainda hoje as lettras patrias lamentão tão profundamente. E' apenas um traço de sua vida que eu desejo narrar e que sirva ao menos de testemunho da minha estima pessoal e de penhor da minha saudade sincera.

Pretendia Joaquim Serra por humorismo ter o condão de fazer fallir os botequins onde era mal servido.

Quando o botequim lhe agradava, por fornecer bom cafê, Serra nelle não se demorava, bebia o café e logo se retirava. Afinal por commodidade propria, Serra, principiou a frequentar com certa assiduidade o antigo *Café Cruzeiro*, onde hoje está estabelecido o *Diario de Noticias*, na rua do Ouvidor, e ahi se reunião diariamente em volta

do alegre conversador seus amigos e admiradores que discreteavão sobre todos os assumptos. Eramos entretanto alli mal servidos. Serra diariamente esperava-me ou eu a elle para tomarmos café juntos e muitas vezes em companhia do illustrado engenheiro e denodado abolicionista Dr. André Rebouças.

— Havemos de acabar com este café, onde somos tão mal servidos, disse elle; para isso basta a minha assiduidade em frequenta-lo.

Pouco tempo depois o *Café* liquidou-se.

— Bom, disse elle depois que o café effectivamente se havia fechado, e acompanhando o vaticinio de uma gargalhada nervosa e prolongada, vamos agora para o *Londres*.

Principiamos então a frequentar o *Londres* que era em frente da antiga confeitaria Castellões; tendo porém sido aberta na rua do Ouvidor a Livraria Faro & Lino, fomos então para ahi fazer ponto.

Serra collaborava na *Folha Nova*, onde dia a dia apresentava o seu artigo sob o titulo de *Topicos do dia*.

Uma vez que iamos para a redacção desse jornal, que era então na rua Nova do Ouvidor, reparamos que o predio da esquina estava em obras.

— Que vão fazer alli ? perguntou este.

— Não sei, respondi, mas vou sabel-o.

Indaguei e soube que ia ser alli estabelecido um botequim.

— Ah ! um café, vamos ver a casa.

Fomos.

Lá estava o dono do estabelecimento com quem conversamos, lembrando Serra ao proprietario que desse o nome do botequim de *Café da Imprensa*.

Effectivamente o *Café da Imprensa*, foi frequentado pelas maiores summidades dessa benemerita corporação.

Na primeira meza redonda á direita sentavão-se sempre, Serra, o autor destas notas e alli se reunião amigos e collegas para ligeiros cavacos. No começo tudo ia bem, mas afinal Serra, convenceu-se de que a sua permanencia tinha feito desapparecer mais um botequim.

Mudamos de rumo, fomos para o *Café America*, na mesma rua, entre Quitanda e Becco das Cancellas,

Oh ! este botequim era detestavel ! Foi curta a nossa permanencia porque tambem deu á casca.

Passamos de novo para o *Londres*.

Um bello dia, mudou-se o botequim e o hotel que era no pavimento superior para a antiga *Casa Deroche*, onde se cha ainda hoje. Serra continuava a frequentar a Livraria Faro & Lino.

Depois de ligeira prosa chegava a hora do café. Para vir ao *Londres* era *contra mão*, como dizia elle, passemos pois para o *Cascata* que é na esquina do Becco das Cancellas.

— Vá feito, seja o *Cascata*.

Mas esse mesmo em pouco tempo passou de proprietario

Quando commentavamos o seu *mão olhado*, a sua *jettatura*, para com os botequins, ria-se a bom rir e dizia-nos : « Sou um homem fatal para essa gente, acabão ainda por não me darem café senão á porta da rua»...

* * *

Quando estabeleci o *Diario de Noticias* com o Sr. Manoel Carneiro, consultei a Serra e esbocei o meu plano.

O *Diario* publicava tres secções politicas escriptas por membros de cada um dos partidos militantes: Conservador, Liberal e Republicano.

Acontecia, ás vezes, que tinha artigos de duas facções politicas e faltava-me para a terceira. Corria ao *Café* e lá no fundo com uma rapidez e fertilidade pasmosa, Serra escrevia o artigo pedido e algumas vezes mesmo sobre os tres partidos.

Ria-se, galhofava, e tal era a sua variedade de conhecimentos e illustração que ninguem seria capaz de perceber que os artigos fossem de uma só penna.

* * *

Na primeira pagina de meu album conservo como reliquia a seguinte quadra por elle escripta e assignada :

Meu caro Senna, um conselho,
Conserve sempre a penna
Servindo á bôa causa...
Que o chamarei á *Scena!*

Barão de Cotegipe

Era então ministro do Imperio o arguto Estadista. Avesso a dar noticias, raramente se comprazia em prestar attenção aos reporters.

Uma occasião o reporter G. subio uma escada da residencia do Barão, escada que dava accesso particular para a sala de jantar, e ficava na pequena travessa que vai ter ao mar, na rua do Senador Vergueiro. No meio da escada eis que surge o Barão. Vendo o reporter, perguntou-lhe desabridamente o que queria. O reporter respondeu-lhe que desejava saber o que se passava no Rio da Prata, com relação ás quarentenas. O Barão, interrompendo-o bruscamente, perguntou-lhe com que direito elle assim penetrava em sua casa por uma escada particular.

— Queixe-se de seu criado, diz-lhe o reporter.

— Queixo-me do senhor que me entra em casa sem o meu consentimento. Isto dizia com máos modos e um tanto irritado.

— Sr. Barão, cumpro a minha obrigação. Procuraria V. Ex. inda mesmo que tivesse de ficar em baixo da vossa cama.

— Sim, sim, havia de encontrar alguma cousa pouco cheirosa debaixo d'ella...

— V. Ex., diz-lhe o reporter, é bastante aceiado para não consentir cousas pouco aromaticas no seu quarto.

— Mas, então que quer, que quer?

O reporter disse-lhe o que queria e o Barão, compondo a sua irritação, deu-lhe as informações exigidas.

* * *

O Barão de Cotegipe, era amigo dedicado do velho coronel Deschamps, Consul Geral do Brazil em Montevidéo.

Deschamps se me afeiçoara e quasi todos os dias nos achavamos juntos á porta da casa do *Novo Grão Turco*, na rua do Ouvidor, onde depois de alguns momentos de conversa, ou iamos tomar café no botequim da *Cascata* ou tomar canja de gallinha no *Hotel do Globo*.

Uma occasião, estando eu com o coronel Duque Estrada, escrivão da Provedoria, tambem amigo de Deschamps, soubemos que este havia fallecido repentinamente em uma casa... provisoria para os lados do Largo da Lapa. Sahimos á procura da casa e depois de pesquizarmos alguns pontos que elle frequentava, soubemos que a casa era na rua do Riachuelo.

Effectivamente Deschamps morrera alli repentinamente.

Já lá estava a policia.

Tratámos de communicar a noticia ao Barão e á familia de Deschamps. O Barão não se demorou; chegando ao local onde estava Deschamps abraçou o cadaver e soluçante, agitado, fallou da sua amizade de longos annos, com o morto, dizendo que assim iáo indo seus velhos amigos e que elle tambem já se sentia encaminhando para breve termo.

Quando o corpo do coronel foi collocado na padiola afim de ser conduzido para a residencia da familia, o Barão retirou-se da sala.

No corredor da casa parou fictando-me, estendeu-me a mão e disse-me:

— Senna, eu já era teu affeiçoado, mas a amizade que o Deschamps te tinha e a maneira porque te portaste para com esse meu velho amigo, tornão-me tambem teu amigo. Ambos perdemos em Deschamps um amigo leal, bom e generoso.

Desde essa occasião o Barão dispensou-me todas as attenções tendo por vezes recebido noticias d'elle, escriptas por mão de suas exmas. filhas.

* * *

Uma occasião encontrou-me no Hospicio de Alienados, visitando a exposição annual, do estabelecimento. Era elle então Provedor da Santa Casa, e em companhia do Sr. Dr. Teixeira Brandão, Director do estabelecimento, acompanhou-me na visita. Dias depois recebia eu um rico jogo de almofadas offerecido por S. Ex.. e feito pelos alienados.

D. Pedro de Alcantara

Foi nas condições mais curiosas que tive ensejo de me entreter pela primeira vez com D. Pedro de Alcantara. Era eu reporter da *Gazeta da Tarde*, que tinha então como proprietario e redactor-chefe o Sr. José do Patrocinio. Havia apparecido naquella época, nesta cidade, uma menina brazileira, de 9 annos de idade, por nome Julieta dos Santos, uma pequenina chrysalida de actriz, que infelizmente não devia realizar as promessas de sua precocidade. Recebi ordem de fazê-la apresentar ao Imperador. Dirigi-me ao Paço da Boa Vista e consegui ser apresentado a Sua Magestade como irmão de Julieta.

O Imperador conversou com a pequeninha actriz rio-grandense e fez-lhe diversas perguntas ácerca de sua familia, seus estudos, local

em que ella nascera, etc. Tratou-a admiravelmente e em seguida mandou-nos comprimentar a Imperatriz.

Achava-se esta em uma pequena sala, sentada em um divan, distrahida a fazer crochet, e tinha ao seu lado a Sra. Viscondessa de Fonseca Costa, sua dama de honor. Julieta beijou a mão da Imperatriz, a quem convidou para assistir ao seu espectaculo que se realizaria no theatro de S. Luiz:

Dirigindo-se depois a Julieta, disse-lhe a Imperatriz:

« Vê lá que já temos uma Gemma Cuniberti e como ella bem poucas poderão sobresahir! »

Prometteu ir ao espectaculo, o que fez.

Quando de novo voltamos, o Imperador estava no corredor que deitava para o pateo, conversando com diversas pessoas. Comprimentei-o. O Imperador perguntou-me se haviamos chegado do Rio Grande. Respondi-lhe que minha irmã já de lá viera ha annos e que eu desde muito criança que de lá sahira.

— Bem, bem, eu não me esquecerei, irei vê-la no S. Luiz, adeus, e pousou a mão na cabeça de Julieta.

Dessa recepção dei minuciosa noticia na *Gazeta da Tarde* do dia seguinte.

Foi esta a primeira vez que fallei ao velho monarcha.

* * *

Em outra occasião, fui como reporter acompanhar o Imperador á Fazenda de Santa Cruz. Depois de breve demora na Fazenda, o Imperador e a sua comitiva dirigio-se a cavallo para Sepetiba a visitar o local. Ia vestido de preto, sobre-casaca e chapéo molle preto de abas largas. Como sempre, sahia vertiginosamente na frente, acompanhando-o difficilmente a comitiva. Eu não era, nem sou ainda um bom cavalleiro. Procurei equilibrar-me no cavallo e alcançar a comitiva. De repente, porém, a um arranco do animal, senti-me cahir em cheio no chão. A comitiva parou, e o Imperador voltando rapidamente o cavallo em que montava, dirigio-se para o ponto em que eu cahira.

— Machucou-se, não?

Eu não sentia o tombo que dera na areia; o que bem sentia era o papel triste que fizera.

Meio enleiado, só pude responder:

—Não senhor, apenas ralei a face aqui ... e indiquei-lhe a face direita.

— Ainda bem. Vá devagar, vá devagar.

Montei de novo, fazendo um esforço de coragem. Felizmente, o cavallo comprehendera que me expusera a um critico papel e chegamos á Fazenda sem outro incidente.

*
* *

Outra vez, estava eu no Paço da Cidade e graças á proverbial bondade do meu bom amigo, o Sr. Conde de Motta Maia, era eu o unico reporter que penetrava nas salas do Palacio.

Era isso dias depois do desacato succedido no largo do Rocio, quando o Imperador por alli passava de volta do theatro. Copiava eu uns telegrammas de felicitações e mensagens dirigidas ao Imperador, por ter escapado daquella tentativa. O Imperador acabava de dar audiencia diplomatica ao ministro americano, e dirigia-se para o segundo andar do Palacio, afim de mudar a farda de almirante com que estava, e não sei porque dirigio-se para a sala dos camaristas, onde eu, sobre uma mesa redonda de pedra marmore fazia aquelle trabalho.

— Ah! disse-me elle, está copiando esses telegrammas, isso não foi nada, não foi nada.

Tomado de surpreza e receioso de me achar alli, levantei-me quasi que insensivelmente e nada respondi.

— Deixe-me mudar esta farda, proseguio elle, está calor e isto pesa-me...

Isso disse-me, sahindo e dirigindo-se para a escada do segundo andar.

Nas minhas cartas com o titulo de *Pormenores interessantes*, publicadas no «Correio Paulistano» em fins de 1889 até 1890, encontrarão os leitores outros factos de que fui espectador, pois jantei no Paço da Cidade na mesa dos camaristas, nos dias 15 e 16 de Novembro de 1889, sendo que no dia 15 jantou tambem o meu estimavel collega, o reporter Theotonio Regadas.

*
* *

Desse memoraval jantar conservo o cardapio em que o Imperador se servio.

Conselheiro Rodrigo Silva

Generoso, delicado e affavel para com todos os reporters, recebia-os e procurava satisfaze-los nos seus pedidos de noticias.

Como o Conselheiro Ferreira Vianna, era muito estimado por toda a classe. Sabendo elles uma vez que o Conselheiro, então Ministro da Agricultura, seria escolhido senador, forão no dia do despacho imperial á Quinta da Boa Vista, em um *landau* puxado por uma bella e soberba parelha de cavallos brancos, tendo havido entre os reporters escôte para offerecer ao Conselheiro uma lembrança como sympathia e gratidão que lhe consagravão.

Os reporters erão os Srs. Alfredo Gonçalves, Ferreira Guimarães, Fernando de Castro, Theotonio Regadas e o autor destas notas.

Escolhido senador nessa noite, descia o Conselheiro da sala do despacho, quando foi cercado pela reportagem que lhe offereceu um rico *bouquet* de flores artificiaes, tendo na fita a seguinte inscripção: « Ao Conselheiro Senador Rodrigo Silva — a reportagem fluminense, » e tendo orado em nome dos seus collegas o reporter Senna, a quem respondeu o Sr. Conselheiro agradecendo bastante emocionado.

*
* *

Uma occasião, fui, como em outras muitas vezes, procura-lo na sua residencia á rua das Laranjeiras. O criado levou-me para a sala de jantar, onde permaneci alguns segundos, emquanto o criado ia annunciar-me. De novo voltou e conduzio-me para o quarto particular do Sr. Conselheiro. Achava-se elle sentado, com o braço pousado sobre uma pequena e elegante mesa coberta de um rico panno de velludo *grenat*, bordado a ouro.

Comprimentamo-nos.

O Conselheiro dirigindo-se a mim disse.

— Recebo-o aqui; para assim dar-lhe a maior prova de estima e confiança. Neste aposento só entrão os que me são caros, e bem poucos têm tido de mim tal consideração . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Effectivamente, naquelle aposento só penetravão entes queridos e privilegiados.

Dias e occasiões havia em que elle para recepções se transformava em florido jardim, onde o alvo leito rescendia perfumes inebriantes, onde os angulos do quarto, as pequenas mesas, as estantes

douradas, os pequeninos e artisticos jarros erão cobertos de delicados ramilhetes e o chão tapizado de flores.

* * *

A ultima vez que o vi foi na antiga casa Torres, na rua da Quitanda.

O Conselheiro estava residindo em Paquetá, onde fôra em busca de melhoras para a sua saude.

Conversamos. O Conselheiro ardia em febre, a tysica se apoderava rapidamente do seu organismo.

Sentado, tendo a cabeça repousada sobre o encosto da cadeira, era constantemente agitado por uma tosse impertinente e prolongada.

De repente, uma mulher formosa, elegante, de olhos grandes e luminosos, nos quaes se lia uma magoa infinda,denunciando anciedade, entrou e dirigio-se ao Conselheiro.

Este volveu-lhe os olhos, repassados de affectuosa ternura. Procurou mostrar-se forte, animado e expansivo.

— Como vai ? disse-lhe a senhora, apertando-lhe a mão direita convulsivamente.

— Melhor, muito melhor, não achas ?

Aquellas mãos conservarão-se estreitadas longo tempo; erão duas almas que se abraçavão, erão dous corações que se confundião em um só sentimento affectivo.

A senhora, deixando-lhe a mão que escaldava em febre, dirigio-se para o interior do estabelecimento.

Chorava !.....

Dr. Luiz de Castro

Foi em Outubro de 1886 que principiei a trabalhar como reporter do *Jornal do Commercio*.

O Sr. Conselheiro Leonardo Caetano de Araujo, um dos proprietarios desta folha, conduziu-me á sala do Dr. Luiz de Castro e ahi fez a minha apresentação. O Dr. Luiz de Castro conversou longamente commigo e expôz em ligeiras phrases a orientação do *Jornal*, insistiu sobre a segurança e o cuidado que eu devia ter com relação ás noticias que desse, o escrupulo de não fazer o *Jornal*, cahir em noticias falsas e menos exactas, etc. Contei-lhe succintamente a minha vida na imprensa e assegurei-lhe que procuraria servir-lhe com a maxima

lealdade, correspondendo assim á gentileza com que havia sido acolhido e á gratidão que devia por ter entrado para o *Jornal* sem haver vaga e por seu convite especial.

Lembro-me que o Sr. Conselheiro Leonardo me offerecêra dispensar do serviço por alguns dias, visto ter eu nesse mesmo dia liquidado os meus negocios com o *Diario de Noticias* de que fui co-proprietario. Agradeci a dispensa, declarando que desejava trabalhar desde essa occasião

Acquiescerão ambos ao pedido.

Durante o dia tratei de percorrer as Secretarias de Estado, conversar com os amigos e fazer as apresentações officiaes.

A' noite fui á sala do Dr. Castro. Escrevia elle uma noticia das de *Varias procedencias*. Aproximei-me.

— Oh! que temos, disse elle com aquelle ar inalteravel e bondoso, tão peculiar d'elle.

— Trago esta noticia: « Consta que está exonerado o Conselheiro Lafayette, do cargo de presidente do Tribunal Arbitral do Chile, e que será substituido pelo Sr Barão de Aguiar de Andrade ».

— Olhe, isto é importantissimo, veja que é a sua estréa.

Fiquei muitissimo satisfeito, vendo no dia seguinte publicada a noticia como eu a tinha redigido.

Confirmou-se uma semana depois e, apezar de ter dado muitas outras noticias, nesse interim, só essa me preocupava o espirito.

Ganhei reputação.

Estava consagrado!

* * *

Em certa occasião lembrei-me de fazer umas quadras relativas á um dos acontecimentos da actualidade.

Levei-as ao Dr. Castro; elle leu-as, pareceu-me que lhes havião agradado e no dia seguinte vi as publicadas nas *Varias Procedencias*.

Fiquei em extremo lisongeado por ser eu a primeira pessoa que publicava máos versos na parte editorial do *Jornal do Commercio*.

A seu convite continuei por muito tempo collaborando, bem mal, é certo, na folha, publicando pequenas quadras sobre assumptos da occasião.

* * *

Um dia o destino feriu-me no que eu tinha de mais caro e de mais affectuoso, roubando-me a esposa idolatrada. O Dr. Castro publicou

em o *Jornal* a noticia que aqui transcrevo, como testemunho de minha immensa gratidão ao maior vulto da imprensa brazileira e ao mais respeitado jornalista de sua época :

« *Fallecimento.*— O nosso companheiro Ernesto Senna, passou hontem pelo doloroso transe da perda de sua esposa D. Emilia Luiza de Senna.

Forão baldados todos os esforços da sciencia e desvelos da familia contra a cruel enfermidade que na idade de 24 annos a levou ao tumulo.

Consolações não as temos, nem as ha para offerecer ao nosso amigo em tamanho infortunio.

O que podemos fazer, fazemos como companheiros que todos o prezamos ; com elle sentimos, com elle tomamos parte na dôr immensa que nesse momento o acabrunha ».

***

Sempre delicado, sempre bondoso, quando lia no *Jornal* alguma noticia mal redigida, ou quando encontrava qualquer ataque á grammatica, limitava-se a perguntar ao autor onde tinha aprendido, pois que no seu tempo assim não ensinavão os mestres. Isto sempre em ar prazenteiro, sem que de leve podesse offender as susceptibilidades alheias.

***

Uma vez no seu anniversario os companheiros do *Jornal* lembraram-se de offerecer-lhe um mimo. Quando elle appareceu na sala da Redacção, o Sr. Conselheiro Leonardo, entregou-lhe em nome dos seus amigos da Redacção uma caixa contendo um tinteiro de prata, de somenos valor, mas que significava a estima em que elle era tido.

Foi a primeira vez que notei nelle uma leve perturbação.

Agradeceu com palavras, que difficilmente lhe escapavão dos labios, um tanto tremulo e commovido.

Disse que havia muitos annos que trabalhava na imprensa e que nunca fôra tão commovido por um acto de tão subida prova de amizade de seus bons amigos e companheiros.

Effectivamente, o Dr. Castro pelo seu genio um tanto misanthropo parecia a outros que o não conhecião de perto, homem inaccesivel e até aspero. No entanto, raro era o dia em que de sua bolsa não

sahisse um obulo para os necessitados, observando sempre o preceito evangelico.

* * *

Um dia o Dr. Castro enfermára. A enfermidade aggravou-se e eu fui visital-o em sua residencia á rua do Riachuelo.

Já se achava bastante mal. Estava recostado sobre uma *chaise-longue*, em uma saleta proxima do seu quarto, tendo o ante-braço direito pousado sobre a cabeça, sempre de *toilette* branca, com aquella correcção que todos conhecerão.

Recebeu-me com visivel expressão de agradecimento.

Depois de informar-me do seu estado, sentei-me um pouco distante. De repente fez-me um ligeiro aceno, chamando-me.

Aproximei-me.

Pousando a sua alva mão esquerda sobre o meu braço direito, perguntou-me : « Quando de novo se casa ? »

— Desejo isso o mais breve possivel, mas as minhas circumstancias actuaes não m'o permittem fazel-o já.

— Case-se, case-se e seja feliz.

Havia pouco mais de um anno que eu enviuvára.

A doença aggravou-se e tomou uma marcha progressiva e fatal.

Já o Dr. Castro estava quasi agonisante quando cheguei á sua casa.

Erão 6 horas da noite mais ou menos.

Sua familia dividia-se em extremosos cuidados e em soccorros medicos para salval-o.

No quarto via-se ajoelhado á cabeceira da cama, com as mãos sobre a fronte e o peito do grande jornalista, o seu compadre e velho amigo José Ricardo Muniz, que procurava dissimular a dôr intensa, penetrante e cruel que lhe pungia a alma.

Era já tempo.

A materia deixára de soffrer e aquelle espirito bom, generoso e nobre alara-se delle sem uma contração, sem outro signal que não fossem duas lagrimas derradeiras deslizando-lhe pelo sulco da face desmaiada, e tão claras, tão limpidas como os fios de prata da sua branca e longa barba.

Eu e Muniz vestimos o seu corpo com a *toilette* branca, dando o seu filho Luiz o laço na gravata tambem branca com salpicos pretos, conforme nos havia pedido que fizesse.

Conselheiro Maciel

Ao Snr. Conselheiro Francisco Antunes Maciel, ministro do Imperio no extincto regimen, devo eu os mais inolvidaveis obsequios, e á sua estima e profunda sympathia por minha pessôa, boa parte do nome que acaso pude adquirir no exercicio da minha profissão.

Logo que terminavão os despachos que então se fazião á noite no Palacio de S. Christovão, S. Exª. se recolhia ao Grande Hotel na rua do Marquez de Abrantes, onde residia. Alli recebia quasi que diariamente todos os reporters a quem fornecia noticias. A mim, porém, sempre me cabião umas tantas noticias especiaes. E quando succedia não poder recebel-as, por estarem presentes outros reporters, deixava-me sahir com os collegas e pelo telephone fallava-me para a *Folha Nova* e então era uma messe abundante...

* * *

Certa vez, serião 7 horas da noite, quando me dirigi á casa do conselheiro Maciel.

— Conselheiro, então tenho hoje boas noticias?

— Sim, sim, tem, mas hoje desejo apreciar a anciedade que deve ter um reporter sabendo que existe uma boa noticia.

Estava ao lado de S. Exª o Snr. Conselheiro Alves de Araujo.

S. Ex.ª pedio-me que me affastasse de junto de si e convidou o Snr. Conselheiro Alves de Araujo a escrever. O Sr. Conselheiro Araujo sentou-se e escreveo a dictado do Conselheiro Maciel longas tiras de papel. Eu não despregava os olhos de quanto se passava, mas o Conselheiro Maciel dictava as palavras em voz baixa. Era-me impossivel ouvir. Afinal exclamou o Conselheiro Maciel: « Está prompta. E' uma noticia de sensação! » A minha anciedade e a minha curiosidade não tiverão mais ilmites. Aproximei-me, SS. Exas. metterão as tiras dentro de um enveloppe, fecharão e subscriptarão-no a mim. Offerecerão-me licores, refresco, café, mas a carta conservava-se cuidadosamente guardada por elles. Alteravão os assumptos de conversa, rião-se e de vez em quando contorcião-se em risadas de satisfacção.

A minha impaciencia tocava o extremo.

— Conselheiro, disse-lhe eu afinal, dê-me a carta, veja que já se faz tarde e eu não chego a tempo; deixe-me ao menos chamar um tilbury para chegar cedo á redacção.

O pedido não os demovia e ameaçavão-me de não ser entregue a carta, se eu sahisse.

A minha situação era cada vez mais angustiosa.

Ia eu para a janella, procurava dissimular a minha impaciencia, mas a minha curiosidade podia mais. Afinal derão 11 horas da noite quando SS. Exas. me entregárão a carta, declarando que apenas querião ver um reporter cheio de curiosidade e de impaciencia.

Sahi apressadamente e quando cheguei á porta da rua já ali estava um tilbury pago para levar-me a redacção.

Não me contive!

Rasgo o enveloppe e dentro se achava a noticia completa do decreto que revertia para o Estado os bens das Ordens Religiosas.

Fui o unico a dar esta noticia no dia seguinte com geral successo.

* * *

Em outra occasião fui á secretaria do Imperio onde encontrei o meu collega Affonso Montaury.

Escusado é dizer que eu tinha a maxima liberdade na secretaria; corria os reposteiros e penetrava no gabinete sem que os continuos, que em geral são muitos ciosos de seus deveres, me fizessem a menor observação. Conversavamos quando notamos na mesa do Ministro um diploma que lhe dava o Governo Francez, agraciando-o com o grande officialato da Legião de Honra,

— Bôa noticia, dissemos um para o outro.

Pedimos licença para publical-a, depois de havermos felicitado S. Exa. Em seguida tomamos a liberdade de offerecer-lhe eu a fita e o collega Montaury o passador, para a sobrecasaca.

O Snr. Conselheiro disse-nos então que um reporter perspicaz, activo e intelligente, quando era recebido por qualquer funccionario em sua propria mesa de trabalho, o funccionario devia ter a precaução de não deixar exposto sobre a meza papeis rezervados e que muitas vezes o proprio ministro evitava dar uma noticia como aquella da graça que recebera do Governo Francez, mas que a deixara sobre a meza para um reporter experto.

A lição foi bôa.

* * *

Era ministro da Guerra do gabinete de então o Sr. Senador Franco de Sá.

Indo eu á Secretaria da Guerra, fui recebido como sempre por S. Exa. quando notei um aviso dirigido ao Ajudante General, mandando prender diversos officiaes, como implicados no assasinato de Apulchro de Castro.

Era um achado!

Deitei disfarçadamente sobre a lista os olhos e procurei reter na memoria os nomes dos officiaes.

No dia seguinte a *Folha Nova* dava a noticia, que produzio grande alvoroto na secretaria e acres accusações contra os innocentes empregados.

* * *

Nos dias de conferencia ministerial que se realisava na Secretaria do Imperio, os ministros ahi jantavão.

Como já acima disse tinha eu liberdade de entrar no gabinete Havia terminado o jantar, quando ahi penetrei.

A primeira pessôa que vi foi o Sr. Ministro da Guerra, que, um tanto zangado, accusava-me de ter commettido um abuzo.

Desculpei-me negando; mas afinal voltando-me para o Sr. Conselheiro Maciel, disse: « V. Ex. queixe-se do Sr. Conselheiro Maciel, foi elle quem me ensinou a ser um tanto indiscreto, » e contei-lhe a lição que S. Exa. me havia dado e ao coll ga Montaury.

O facto terminou em risadas e em desculpas.

Eu porem desde então só entrava no gabinete do Sr. Ministro da Guerra, fazendo-me annunciar e ficava sempre longe da mesa porque S. Exa. vinha a meu encontro.

* * *

Bons tempos esses em que, avido de nome profissional, moço e forte, sem preocupações de famlia, só tinha eu um unico ideal: ter lugar saliente na profissão que exerço.

Benjamin Constant

Com certeza é esta a primeira vez que se divulga a noticia de uma scena extraordinaria, decorrida nos primeiros tempos do Governo Provisorio, na qual forão protogonistas aquelle illustre Brazileiro e Deodoro da Fonseca.

Este facto, cuja apreciação eu deixo ao espirito do leitor, e que naturalmente podia ter tido as mais graves consequencias, guardou-o no mais absoluto sigillo, por conveniencias politicas explicaveis a discrição dos ministros de então. Por circumstancias excepcionaes pude eu ouvir de alguem, e agora, volvidos já tantos annos, não é sem reviver uma intima emoção, que então nos agitou profundamente a todos os presentes, á narração que tento reproduzir os lances capitaes de toda aquella scena.

Naquelles tempos, quando o Marechal Deodoro concentrava dictatorialmente nas suas mãos todos os poderes, cercado de alguns patriotas empenhados no bem publico, mas tambem de muitos falsos amigos, que lhe exploravão a boa fé ingenua, occupava Benjamin Constant as pastas da guerra e da instrucção, correios e telegraphos. Aos sabbados celebravão-se habitualmente os despachos collectivos do ministerio, e nestas conferencias discutião-se conjunctamente todas as resoluções que se pretendião tomar, as reformas que devião ser realizadas, etc.

* * *

No dia 27 de Setembro de 1890, havia no Palacete do Itamaraty uma dessas conferencias. Cada um dos ministros havia fallado por sua vez, explicando os seus actos, sujeitando ao alvitre commum as reformas que devião ser levadas a effeito. O marechal Deodoro a todos ouvia calmo, silencioso, concentrado, mas o observador attento bem poderia notar naquella mudez, naquelle silencio, na concentração daquella physionomia a tempestade que lhe ia na alma.

Quando se terminou a conferencia, subitamente, deante de um gesto imperioso seu, do mais extraordinario vigor, fez-se o mais absoluto silencio. Erguendo-se da cadeira em que se achava, com gesto firme e decidido, disse elle com uma vóz que a todos impressionou:

— Basta. Tenho que ajustar contas com dois ministros. Um faltou; o outro é o Sr. Ministro da Instrucção Publica.

Benjamin Constant, deante daquella interpellação quasi insultuosa, não vacillou.

Ergueu-se, e interrogou ao Marechal qual o motivo do ajuste. O Marechal historiou o caso. Havia sido nomeado, sem seu conhecimento, thezoureiro dos correios do Rio Grande do Norte um

moço, aliás dotado de todos os predicados para o bom desempenho desse cargo. O Governador do Estado, Dr. Xavier da Silveira, já havia proposto entretanto por indicação sua, para o lugar, outro nome. Dias depois de feita a nomeação, pretendeu o Chefe do Governo destruir aquella nomeação, pondo no lugar o empregado proposto pelo Governador, ao que não havia accedido o Ministro.

O Marechal Deodoro fazia deste facto um severo capitulo de accusação contra Benjamin, e ao terminar, exclamou:

— Muito tenho sido trahido.

Benjamin ouviu no mais absoluto silencio toda a accusação, e quando Deodoro ao fazer aquella exclamação final, pretendeu levantar-se, ergueu-se por sua vez e com voz calma, explicou o facto aos seus collegas, que classificava como uma «tempestade em um copo d'agua».

Deodoro, fulo de raiva, não podendo dominar a sua indignação, bradou:

— O Sr. é um trahidor! Trahiu-me ainda nas promoções.

— Como? retorquiu energicamente Benjamin.

— Promovendo uns *bigorrilhas*, uns *troca tintas* de botequins e esquinas.

— Mas quem são elles?

— Annibal, Saturnino Cardozo, Thomaz Cavalcanti, etc.

— Meus Srs., disse Benjamin Constant, esses moços têm muita habilitação, muitos serviços, são dignos da consideração de todo o homem de bem, e eu os conheço pessoalmente e os considero bastante.

O dialogo continuou em um *crescendo* de exasperação, até que o Marechal, cada vez mais enraivecido, pronunciou uma phrase insultuosa.

—Não seja tolo, gritou-lhe Benjamin, já fóra de si. Não sou mais seu ministro. O Sr. é um monarcha de papelão. Eu nunca tive medo dos monarchas de carne e osso, quanto mais os de papelão.

Deodoro atirou-se contra Benjamin e disse-lhe quasi rosto a rosto:

—Para militares como nós, só um duello.

—Pois que seja, replicou Benjamin. Tragão armas e decidamos tudo neste momento, que eu não o temo em nenhum terreno.

Os ministros que se haviam conservado mudos e quietos até então, dominados pela grandeza da scena, levantarão-se para intervir. O Marechal tomado de uma syncope, foi carregado para o interior do palacio, emquanto Floriano Peixoto, o ministro que havia faltado ao despacho e com o qual «havia contas a ajustar», e que entrara durante a scena tempestuosa, deu o braço a Benjamin e o levou para a Secretaria da Guerra, atravessando o salão em que se achava a reportagem, a qual, anciosa, procurava desvendar em vão na agitação dos dous personagens o facto mysterioso que se passara.

Abrira-se assim a lucta no seio do ministerio; por esta forma violenta determinára-se a crise politica, que entretanto dias depois era resolvida ou sanada, graças á generosidade e patriotismo de Benjamin, que mais uma vez se sacrificava, calcando os seus sentimentos pessoaes em beneficio da ordem politica e da harmonia do governo. Effectivamente sete dias depois, reuniu-se o ministerio em despacho e ahi comparecia o Ministro da Instrucção Publica.

* * *

Algum tempo assim se passou sem que entre os dous chefes republicanos houvesse a mais leve troca de palavras, ou o mais insignificante contacto. No dia 5 de Novembro, porém, Benjamin fora convidado para ir a Palacio conferenciar com o Chefe do Estado. Tratava-se de decidir a questão suscitada por uma concessão feita pelo governador do Estado do Rio, Dr. Francisco Portella, á Estrada de Ferro Sapucahy, concessão que era impugnada pelo Ministro da Agricultura, Sr. F. Glycerio. Foi nessa conferencia que pela primeira e ultima vez, depois da scena de 27 de Setembro, se encontrarão a sós dous membros do Governo Provisorio, em uma pequena sala do Itamaraty, cujas portas se achavão cuidadosamente cerradas. O que ahi se passou, sabe-o alguem da intimidade de Benjamin, seu discipulo e amigo e sabem-no alguns reporters que ouvirão contar o que se passou no recesso da sala. O Marechal, com a nobreza e sinceridade que o caracterizavão, deante de Benjamin, confessava o seu arrependimento e pedia perdão ao seu amigo pela affronta que lhe dirigira naquelle dia. Benjamin procurava evitar o constrangimento de Deodoro, alterando a direcção do assumpto, protestando o seu completo esquecimento, e resolveu aquella situação incommoda, descorrendo sobre o futuro da politic[a]

republicana, aconselhando paternalmente a Deodoro que, como presidente eleito, respeitasse cégamente a Constituição, que bem a estudasse e até a decorasse.

***

Julguei interessante trazer a publico o conhecimento destas duas scenas, que illuminão tão vivamente a physionomia dos dous chefes do Governo Provisorio, dos dous fundadores da Republica.

Paula Ney

Não é intuito meu, sabe-o o leitor em demasia, nestas singelas notas extrahidas do meu canhenho de reporter, traçar os perfis das nossas individualidades mais notaveis por qualquer titulo. Desejo apenas fixar nestes apontamentos um ou outro traço que me parece mais curioso, mais interessante e cujo conhecimento possa completar a physionomia dos individuos a quem mais de perto conheci.

Evocando agora o nome de Paula Ney, estou certo de que o leitor percorrerá com prazer tudo quanto a elle se referir. Quero consignar apenas alguns movimentos irresistiveis da sua expontaneidade natural, alguns traços do seu espirito, da sua verve arrebatadora, e o que é mais da grandeza de seu coração.

Paula Ney, tem como poeta feito correr mundo bellos e inspirados sonetos, que ainda que poucos, constituem o bastante para libertar o seu nome do esquecimento.

De Paula Ney, prosador, apresento aqui ao leitor, um bellissimo trecho, que sem duvida poucos conhecerão, e que dará uma idéa do seu talento.

. . . . . .

. . . . . .

« Dolorosas cogitações essas, tão fundas como aquellas que isoladamente o destino abre no coração humano.

Nem por muito soffrer é passivel a dôr. A vida, já de sua natureza tão precaria e ingrata, menos toleravel se torna quando após venturas gozadas, ideaes de fortuna eterna calculados, a circumstancia da morte vem pôr termo ao estado de alegrias julgada sem fim.

Só então é que se calcula o valor de um affecto e ao mesmo tempo a valentia da alma na luta contra o desespero. Apparelhão-se todas

as forças do espirito para resistir á invasão da angustia e da descrença no coração.

Essas são as forças que Ernesto Senna deve evocar, como amparo do seu desalento, a viuvez de seu amor e a orphandade de seu filho.

Têm sido de funestas horas os ultimos dias deste amigo. Ha um anno, tudo de santo a morte lhe arranca desapiedadamente. Que terrivel partilha de lagrimas não lhe tem cabido em tão pouco tempo! Quando os sulcos da saudade, ainda frescos, lhe ulceravão o coração, um outro sulco mais fundo e mais largo do que todos juntos, abre-se, lhe arrebatando a esposa, que era um anjo pela virtude e foi uma martyr pelo soffrimento.

Nem talvez o olhar brilhante do filho tenha luz bastante para desterrar do lado de Ernesto Senna a tenebrosa athmosphera de luto que o envolve ».

*
* *

Não sei porque motivo o Ney não era affeiçoado do conhecido litterato França Junior.

Sempre que tinha occasião de ridicularisal-o, o Ney fazia-o com aquella graça e aquelle espirito fino, tão popularmente conhecidos.

E' assim que, tirando-se dos seus cuidados, o Ney foi uma noite á *kermesse* que no « Cassino Fluminense » havião promovido senhoras da nossa melhor sociedade, sob a direcção geral da Princeza D. Izabel.

No salão principal foi logo o Ney abordado por grande numero de senhoras que lhe offerecião objectos, flôres, etc.

O Ney com a franqueza leal que todos nós conhecemos, esquiva-se com a seguinte pilheria :

— Desculpem-me V.V. Exas., não tenho dinheiro, e tirando do bolso do collete uma pequena bolsa de velludo azul ferrete, e recolhendo uns nickeis que nella guardava, disse dirigindo-se as senhoras :

— « Aqui tem, offereço para a *kermesse* esta bolsa ôca e vazia como a cabeça do França Junior ».

*
* *

Chamado á delegacia para depôr como testemunha em um inquerito, o Ney sentou-se ao lado do delegado com visiveis signaes de respeito, mas um tanto contrariado com a demora. Quando ia recostar o braço

direito na meza, notou que era contrangido por uma ruma de cadernos de papel encapados. Dirigindo-se então ao escrivão disse-lhe :

— Homem, mandem tirar esta almanjarra d'aqui, pois quero estar á vontade...

— Estes papeis são precisos agora, são autos de diversos processos, intentados contra F..., uns em andamento e outros que forão archivados, responde-lhe o escrivão.

— Ah ! são processos contra F... replica o Ney... com certa accentuação.

O Delegado começa a inquerir o Ney :

— Então o Sr Paula Ney conhece o Sr. F...?

— Sim senhor.

— Nunca ouviu dizer que o Sr. F... é um conhecido desordeiro, um máo homem, um cidadão de máos costumes ?

O Ney cada vez mais aborrecido, por lhe haverem dado como testimunha contra um seu conhecido, e ainda mais contrariado, porque não queria e nunca quiz concorrer para a infelicidade alheia, vira-se para o Delegado e exclama :

— E' a mim que o Sr. faz esta pergunta, quando aqui estão diversos autos contra F... a mim ? Ora Sr., isto de ouvir dizer não é sério, pois dizem que eu sou um estroina e o França Junior um litterato.

* * *

O Sr. Conselheiro Francisco Belizario Soares de Souza, então ministro da fazenda havia realizado durante a sua gestão naquella pasta, julgo que dois ou tres emprestimos externos.

Uma occasião passava pela rua do Ouvidor, quando Ney, saudando-o respeitosamente, disse-lhe :

— Bom dia Sr. Conselheiro, amigo e collega sobretudo.

O Sr. Conselheiro correspondeu affectuosamente ao comprimento, mas, um tanto embaraçado.

O Ney então deu a explicação :

— « Sim, collega porque eu e V. Ex. vivemos de emprestimos...

* * *

Isto foi no Theatro Sant' Anna.

O Ney entrava quando foi logo cercado por duas *provisorias*, que com o desembaraço que lhes é peculiar, perguntão-lhe :

— Então seu Ney, não paga nada ?

— Pois não, diz o Ney, e voltando-se para o creado do buffet exclama :

— *Garçon, mercurio* para tres !...

***

Uns amigos havião convidado o Ney para almoçar no Hotel Daury.

O Ney acquiesceu e no hotel sentárão-se defronte de uma pequena meza em que estavão um cavalheiro e duas mulheres que não primavão nem pela belleza, nem pela idade, e de cujos rostos qualquer pintor poderia fazer uma palheta.

Os gestos desconcertados d'aquellas mulheres, os meneios e requebros, chamarão a attenção do Ney.

O caixeiro dirigindo-se com o cardapio ao Ney, pergunta-lhe :

— Sr. Dr., por onde quer principiar ?

— Por aquellas duas ostras, diz o Ney apontando para as taes mulheres...

***

O Ney atravessava a rua do Ouvidor, sobraçando um maço de jornaes inglezes e allemães.

— Oh ! Ney, diz-lhe um collega, que levas ahi?

— Jornaes inglezes e allemães.

— Mas tu sabes o inglez ou o allemão ?

— Não, não, retorquiu o Ney, mas sei o paiz em que vivo !...

***

Fallava-se do poder da Imprensa :

— A Imprensa, dizião, é um grande corpo.

— Sim, é, é, diz o Ney, mas o Dr... nesse corpo é o callo do dedo minimo do pé esquerdo !...

***

Darião para encher um livro as boas e espontaneas respostas e pilherias de fino espirito do Paula Ney ; aqui apenas consigno estas para dar uma idéa ligeira dessa sua naturalidade e de seu talento.

***

Um dia um emprezario theatral lembrou-se de distribuir todas as noites aos espectadores um bilhete numerado que dava direito a receber como premio um lindo e valioso collar de brilhantes.

O Ney collocava-se a entrada do theatro e pedia aos espectadores os bilheres-tombola, pois a maioria delles jogavão fóra.

Pois bem corre a róda e o bilhete premiado coube ao Ney!

Com aquella abundancia de coração que lhe é tão sua, com aquelles movimentos de generosidade em que ninguem lhe excede, Paula Ney entregou o collar ao Provedor da Santa Casa de Misericordia para ser doado á orphã que primeiro se casasse.

Podia enumerar ainda diversos outros factos que attestão o coração generozo e bom de Paula Ney, mas, limito-me a consignar estes.

Absolutamente elle é estimado e querido por todos que tem a ventura de conhecel-o de perto e de com elle conviver.

***

E' enorme! como a phrase que elle popularizou!

Marechal Floriano

Foi em 1889 que o Sr. Tenente-coronel João Soares Neiva me apresentou na rua do Ouvidor ao general Floriano Peixoto. Acostumado a ouvir pronunciar desde muito o nome do denodado militar que, depois de terminada a campanha, se recolhera á sua terra natal, entregando-se á vida de agricultor, confesso que me emocionou um tanto essa apresentação e que me senti desvanecido em apertar a mão de tão distincto brazileiro.

Desde então nos encontramos por vezes na rua do Ouvidor, e em uma occasião levei-o a visitar a redacção do *Jornal do Commercio*.

N'aquella epoca, como ainda hoje, o General Floriano era o mesmo homem, inimigo das ostentações, modesto, retrahido e taciturno.

Foi ainda com o Sr. Tenente-coronel Neiva, que tive a honra de apresental-o ao Sr. Conselheiro Souza Ferreira, então redactor-chefe do *Jornal*.

O Sr. General conversou durante algum tempo com o Sr. Conselheiro Souza Ferreira, com toda a lhaneza, sem affectação, sem *pose* e com a mesma naturalidade de hoje. Foi depois dessa data que foi nomeado Ajudante General do exercito, no ministerio Affonso Celso e Ministro da Guerra no Governo Provisorio e Vice-presidente da Republica pelos successos já bem conhecidos.

Jamais notei no marechal qualquer vislumbre de mudança, quer no trato, quer na affabilidade.

O seu nome e a sympathia que me inspirava tornarão-me seu fervoroso apologista. Quando se tratou de reivindicar os nossos direitos e restaurar o respeito á Constituição, que fôra rasgada por influencia de um conselho de máos e perniciosos amigos do então Chefe do Estado, Marechal Deodoro, eu alistei-me no numero daquelles que vião no Marechal Floriano o unico homem capaz de assumir o Poder, já pela sua situação politica, já pelo prestigio de sua pessoa.

Foi com bastante satisfacção que me dirigi ao palacete de Itamaraty afim de o felicitar, depois dos successos de 23 de Novembro.

* * *

A reportagem desde o inicio da Republica tinha no Palacio de Itamaraty como sala de operações (é preciso dizel-o) os pateos baixos do Palacio, em promiscuidade com criados e soldados, que por vezes discutião em altas vozes assumptos da vida domestica dos seus habitantes. Por vezes alguns dos meus collegas reclamarão dos ministros contra aquella situação. Estes promettião remediar o mal.... mas ficavamos sempre na mesma. A pobre classe era mal vista no Palacio

Assumindo porém, o Marechal Floriano o poder, logo teve ella por ordem de S. Ex. sala com mesa, cadeiras, papel, penna, tinta, etc. e todas as considerações com que ainda até hoje alli é recebida.

* * *

Quando o Marechal assumiu o Governo, toda a população desta Capital recebeu-o com vivo enthusiasmo.

Dias depois fui com o Estado Maior da Guarda Nacional, do qual era eu Major e Commandante Superior, o Sr. Marechal Almeida Barreto, comprimentar o Sr. Marechal Floriano. S. Ex. agradeceu em breves, porém significativas palavras, a demonstração de lealdade e firmeza da corporação. Depois, dirigindo-se ao General Barreto, abraçou-o, bem como ao Dr. Paranhos Pederneiras, e quando depois de comprimentar outros officiaes chegou a minha vez, apertou-me a mão e distinguio-me tambem com um abraço.

* * *

O Marechal Floriano assumindo o poder, dirigiu aos Chefes de Estados das Republicas Americanas, a seguinte carta autographa, que até hoje não foi publicada :

« Rio, 30 de Novembro.

Grande e bom amigo.

Tendo assumido o Governo do Estado, segundo os preceitos da Constituição e por chamado do Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, que expontaneamente resignou o poder no dia 23 do corrente, me apresso a assegurar a V. Ex. que no alto posto a que me elevou a confiança da Nação Brasileira, será meu constante empenho estreitar e fortalecer cada vez mais as boas e cordiaes relações que felizmente existem entre os Estados Unidos do Brazil e a Republica.....

Tenho a esperança de que estes sentimentos serão correspondidos por V. Ex., rogando-lhe queira aceitar os sinceros protestos que faço pelo progresso e engrandecimento da Republica e pela felicidade pessoal de V. Ex.—*Floriano Peixoto.—Fernando Lobo.* »

***

Sempre despido de vaidade e de ostentações, o Marechal esteve algum tempo em Santa Thereza, acompanhado de uma filinha que enfermara. Mais tarde foi residir na rua de Santa Alexandrina e depois na estação da Piedade.

***

Correndo boatos de que se tentava fazer a restauração, diversos corpos do exercito fizerão um manifesto, declarando adhesão ao Governo e ás instituições.

A Guarda Nacional reunida na sala da secretaria do Commando Superior e sob a presidencia do Marechal Almeida Barreto, approvou o seguinte manifesto :

« Exm. Sr. Marechal Vice-Presidente da Republica.

A Guarda Nacional que distinguio-se sempre pelo seu amor á ordem a á legalidade, e nunca rejeitou seus serviços para assegurar o respeito á lei e á obediencia á autoridade, hoje que sinistros boatos de disturbios e de perturbação da tranquilidade publica preoccupão e apavorão a pacifica população desta cidade, os abaixo assignados, commandantes e officiaes da mesma Guarda, nesta Capital, julgão de seu dever vir á vossa presença, para declararem que a Guarda Nacional está prompta a auxiliar a V. Ex. com toda a dedicação na defeza da legalidade e na manutenção da ordem com o intuito de ser garantido o livre exercicio de todos os direitos autorgados ao povo pela carta Constitucional Republicana.

Capital Federal, 17 de Dezembro de 1891 ».

Assignárão a moção 333 officiaes.

Reunida a Guarda Nacinal, o Sr. Tenente-coronel Josino Silva, secretario geral, leu a moção, tendo sido a leitura terminada no meio de geraes applausos, orando por esta occasião o Sr. Coronel Dr. Sampaio Ferraz, Commandante da Brigada de cavallaria e o Dr. Thomaz Delfino, major cirurgião da brigada, os quaes exaltárão o nobre procedimento da Guarda Nacional.

O Sr. general Almeida Barreto, póz a votos a moção que foi unanimemente approvada e assignada em primeiro lugar pelo Sr. general Almeida Barreto, Commandante Superior e em seguida pelos officiaes presentes. Este manifesto foi entregue ao Sr. Marechal Floriano, pelo Coronel Noronha e Silva, chefe do Estado Maior. O Sr. Marechal agradeceu aquella expontanea manifestação da Guarda Nacional, declarando que conservaria como prova de apreço dos patrioticos membros dessa corporação civica.

* * *

Surgio nessa epoca a revolta na Fortaleza de Santa Cruz.

Eu estava no Palacio de Itamaraty, serião 4 horas da tarde colhendo informações.

A Guarda Nacional estava sendo então dirigida pelo Sr. Coronel Noronha e Silva, chefe do Estado-Maior, por ter pedido demissão o Sr. Marechal Almeida Barreto.

Fallando com o Marechal Floriano, disse-lhe que se elle ordenasse, eu faria aquartelar dentro de duas horas a Guarda Nacional. S. Ex. ouvio-me e respondeu :

— E' possivel isso ?

—Se V. Ex. me permittir,eu trarei á sua presença e já, o commandante de um corpo que está aqui perto.

— Pois traga.

Sahi e voltei com o Sr. Tenente-Coronel Godofredo Braga de Araujo, commandante do 6º da Guarda Nacional.

O Marechal recebeu-o affavelmente e perguntou-lhe quantos homens poderia obter para o seu batalhão.

— Dentro de uma hora, só do meu batalhão aquartelarei 150 homens.

— Pois, bem, disse, dirigindo-se a mim, faça ficar de promptidão toda a Guarda Nacional.

Compri immediatamente a ordem, tendo para esse fim communicado e recebido instrucções do Sr. Commandante Superior interino, coronel Noronha e Silva, aquartelando 1.036 homens.

A's 11 horas da noite não havia policiamento na cidade, porque a Brigada Policial estava de promptidão nos quarteis.

Lembrei ao Sr. General Telles a conveniencia de ser a cidade policiada pela Guarda Nacional, e de accôrdo com o Chefe de Policia, Dr. Martins Torres, e com a acquiescencia do Marechal Floriano, a Guarda Nacional fez effectivamente o policiamento durante seis dias, merecendo os maiores elogios da imprensa e das autoridades policiaes.

Durante estes dias foi sob immediata fiscalisação minha dirigido o serviço, o qual consta da ordem do dia do Commando Superior. Sendo major ajudante de ordens desse commando, foi por expontaneidade e proposta do Sr. Ministro da Justiça, Dr. Fernando Lobo, galardoado com as honras de tenente-coronel honorario por decreto de 7 de Abril de 1891.

*
* *

No dia 10 de Abril quando se preparava a resistencia para manter a ordem publica que ameaçava ser perturbada, dirigi-me ao Palacio de Itamaraty e em seguida ao quartel do 3º batalhão da Guarda Nacional, onde communiquei ao Sr. major Octaviano Marcondes, então commandante interino o estado de sobresalto em que estava a população e as ameaças que fazião espiritos irriquietos e exaltados de deporem o Marechal Floriano. Depois de ligeira conferencia, combinamos em fazer retirar as praças da Guarda Nacional que havião ido fazer o policiamento de parte de bairro da Cidade Nova e reunil-as ás que estavão no quartel. Feito isso o Sr. major Marcondes, accompanhado do Sr. capitão ajudante Chapot Prevost, mandou formar as praças e ahi o Sr. capitão Prevost em caloroso discurso narrou-lhes o que se estava passando, convidando a que formassem em defesa da ordem publica e da permanencia do Chefe do Estado.

A resposta foi um unanime viva ao Marechal Floriano Peixoto.

Immediatamente o Sr. major Marcondes declarou que os officiaes que não tivessem fardamento no quartel formassem como praças; o convite foi logo acceito, e em menos de um quarto de hora o 3º batalhão formava com cerca de 100 praças e dirigia-se para o quartel do 10º do exercito, quando compareceu o Sr. capitão Eduardo Silva, ajudante de ordens do Marechal Floriano, que agradeceu em nome deste a expontaneidade e o patriotismo do 3º batalhão.

No meio de calorosos vivas, o batalhão deixou o quartel e tomou conta da Estrada de Ferro Central do Brazil, á disposição do Sr. Vice-Presidente da Republica que se achava de viagem da Estação da Piedade para a cidade. Admirado o Sr. marechal ao descer do trem ordenou que o 3º ficasse á sua disposição.

De novo permaneceu a Guarda Nacional de promptidão, fazendo ainda o serviço de policia, durante alguns dias.

* * *

Depois disto só me dirigi ao Marechal Floriano raras vezes para tratar de assumptos relativos á Guarda Nacional e sempre por ordem de meus superiores e uma vez para lhe pedir a reintegração de um official da Guarda Nacional que fôra suspenso e que a ella prestara e ainda presta inolvidaveis serviços.

S. Ex. satisfez o meu pedido, declarando-me que tinha a maior satisfacção, quando reparava uma injustiça.

* * *

Ahi estão pois, nestas linhas tudo o que posso dizer com relação á minha pessoa e áquelle a quem os successos posteriores devião dar um tão notavel papel na historia do nosso paiz.

* * *

Para que nada falte, devo tambem accrescentar que fui de novo galardoado com as honras de coronel, por proposta e livre expontaneidade do então Commandante Superior o Sr. general Estevão Ferraz, por serviços prestados á organisação da milicia civica.

1891.

Parteira Durocher

Maria Josephina Mathilde Durocher, nasceo em Pariz a 6 de Janeiro de 1808, época em que Napoleão I, no apogêo de sua gloria e do seu explendor chamava sobre si e sobre sua patria a admiração universal.

Além de ter vindo ao mundo ao termo de sete mezes, os parcos recursos de sua mãi não permittirão que ella lhe dispensasse os cuidados precisos á sua tenra idade, de sorte que foi accommettida de uma ophtalmia, de que lhe resultou a perda da vista do olho direito.

Seus soffrimentos se aggravárão tanto nessa occasião, que o Dr. Antoine Dubois, cremos nós, que a examinou deu-a por perdida.

Grande, porém, foi a sua sorpreza, quando tempos depois, elle vio a mãi e a filha, que o procurárão a consulta no hospital, que satisfeito de vê-la viva e forte, presenteou a sua ex-doente com um pequena moeda de ouro.

Durante alguns annos passarão uma vida de privações, e algumas vezes soffrerão os rigores do inverno. A mãi da pequena Maria tinha de cuidar e prover á subsistencia não só de sua filha como tambem de sua propria mãi, idosa e enferma, de sorte que o producto de seu trabalho mal chegava para manterem a existencia.

***

Em principios do anno 1816, tendo ella já perdido sua mãi, vendo escassear o trabalho, sem ter os meios de educar sua filha, para a qual era muito estremosa, e com o coração amargurado por ver a sua cara patria invadida e occupada pelas tropas das nações alliadas, resolveu abandonar a França e emigrar para o Brazil, para onde, naquelle tempo já affluião muitos francezes, alguns delles das mais altas classes sociaes.

Anna Durocher, mãi de Maria, tinha recebido uma execellente educação de uma tia abastada, residente na Allemanha; ella sabia diversas linguas, era costureira e florista e tinha sido discipula do famoso florista portuguez, Constantino, que viveu em Pariz. Em um dos primeiros mezes daquelle anno embarcarão ellas em Flessingue, na Hollanda, em um navio que destinava-se ao Brazil.

A travessia foi longa e perigosa O navio era velho e tinha sido segurado pelo armador, que parece induzira o capitão a dar á costa com o navio; o que é verdade é que elle ia naufragando perto da ilha Wight, ao sul da Inglaterra.

Na occasião do sinistro e com a precipitação da descida para os botes, a pequena Maria cahio ao mar, conseguindo salva-la a pericia e a coragem de um marinheiro prussiano.

Depois de demorados reparos feitos nas avarias do navio, este partio para o Rio de Janeiro, onde chegou quasi sem viveres e sem agua, depois de haver navegado muito para o sul deste porto.

Por intermedio de compatriotas seus, residentes nesta Capital, Anna Durocher, obteve o credito necessario para estabelecer uma mo-

desta casa de miudezas e modas e em breve tempo o seu estabelecimento prosperou.

* * *

Em 1821, quando D. João VI e sua côrte regressarão para Portugal, muitas figuronas esquecerão-se de saldar os seus debitos na loja de modas, não tendo sido pequeno o prejuizo.

Apezar disso, porém, quando no anno seguinte se fez a independencia do Brazil, Anna Durocher que já se affeiçoára á sua nova patria, festejou brilhantemente esse faustoso acontecimento, ornamentando luxuosamente a fachada do seu estabelecimento e expondo um quadro allegorico, que era illuminado por transparencia e que D. Pedro I dignou-se ir ver e muito o apreciou.

Além disso, as fitas de côres nacionaes já não erão vendi'as, Anna Durocher as distribuia gratuitamente, tal era o seu jubilo por ver o Brazil independente.

Prejuizos e despezas, que muitas vezes tinha por causa da sua franqueza e generosidade, trouxerão embaraços commerciaes; sua saude foi-se alterando e veio a fallecer em 1829, mais ou menos, depois de uma longa e impertinente enfermidade.

Durante esse mesmo tempo, uma escrava que sabia que seria liberta com a morte de sua senhora, encontrando-a sósinha no leito, tentou estrangula-la, o que não conseguio porque Maria Durocher accudio a tempo de livrar sua mãi daquella desalmada.

Como era de prever, o andamento da casa de negocio peiorou e Maria Durocher preferio liquidar, tomando a si a responsabilidade do passivo e libertando quatro ou cinco escravas que erão peritas costureiras.

Muitos annos mais tarde, ainda ella contribuia varias vezes para a subsistencia de uma dessas ex-escravas.

* * *

Reduzida a mui parcos recursos, viveu ella com Pedro David, negociante francez, estabelecido nesta Capital. Dos dous filhos que houve dessa união, um falleceu na infancia; ainda estavão elles em tenra idade, quando seu pai succumbio victima de um assassinato,

Na casa em que residia Pedro David e os seus, occupava o segundo andar um outro negociante portuguez, que parecia-se extraordinariamente com Pedro David, tanto que elles gracejavão a esse respeito. Aconteceu que aquelle *socia* de Pedro David, tendo seduzido-

uma moça, o pai desta entendeu vingar-se assalariando o salteador Pedro Hespanhol para mata-lo.

Na noite escolhida pelo bandido, por uma fatal casualidade, Pedro David sahio de casa antes de seu vizinho, quando sempre era este quem primeiro sahia.

Ao passar pela travessa do Rosario foi Pedro David ferido por Pedro Hespanhol, que cravou-lhe um estylete na nuca; no mesmo instante elle reconheceu o seu engano, pedio perdão e desenvencilhando-se de sua victima fugio, depois de haver declarado que elle o confundira com o seu vizinho.

Suspeitando que o seu ferimento era mortal, Pedro David quiz legitimar a sua união com Maria Durocher, porém, elle expirou no momento em que o sacerdote se apresentava.

Tendo de accudir á subsistencia e educação de seus dous filhos, ella resolveu dedicar-se á profissão de parteira, e, lutando com difficuldades de vida, começou a estudar, e em 1834 recebeu o primeiro diploma de parteira, que foi conferido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Seguio-se, então, uma vida laboriosissima por espaço de uns 60 annos, e da qual não se sabe o que mais admirar se a sua rara intelligencia, se a sua nobreza d'alma.

***

Pouco tempo depois de haver encetado a sua carreira de vida, ella comprehendeu a necessidade de adoptar um vestuario que condissesse com a sua profissão, e os motivos erão sensatos; em primeiro logar, devia ser muito simples, afim de que promptamente pudesse accudir quando os seus serviços fossem reclamados; em segundo logar, porque uma parturiente, no desalinho proprio do seu estado, sente-se acanhada, constrangida, diante de outra senhora estranha, trajada no rigor da moda e toda cheia de atavios, joias e perfumes.

***

Quando foi convidada para assistir á princeza D. Leopoldina, ella fez ver ao Visconde de Itaúna, medico assistente, que teria de declinar dessa honra se, porventura, fosse obrigada a modificar os seus habitos de vida pelas exigencias nas etiquetas da côrte.

A resposta foi que ella estaria lá como se em sua casa fosse.

Na verdade, por tres vezes que prestou os seus serviços áquella princeza, sempre foi tratada com a maior lhaneza e affabilidade, tanto por ella como pelo Duque de Saxe.

* * *

Pelo seu merecimento bem com provadas habilitações, ella foi admittida na Academia Nacional de Medicina, cujos trabalhos sempre acompanhou com interesse e onde apresentou diversos casos de sua clinica que forão publicados nos Annaes daquella Academia.

No exercicio da sua profissão, sempre revelou muito espirito de colleguismo, desculpava os erros alheios e indignava-se quando ouvia accusações calumniosas contra quem quer que fosse.

Sem receiar a concurrencia nem as rivalidades, ella animava a todas as senhoras que querião adoptar a mesma profissão: quantas e quantas ouvirão as suas sabias lições, nas quaes não descuidava-se de muito recommendar a observancia dos mais severos principios moraes e indispensaveis ao consciencioso exercicio da medicina.

Nas casas das suas parturientes só aceitava café frio repetidas vezes, e fumava bons charutos pagos do seu bolso.

Innumeras e rendosas propostas lhe forão feitas pará a provocação de abortos que ella repellia sempre com vehemente indignação; e se erão as proprias delinquentes, que a procuravão, ella as aconselhava maternalmente, as dissuadia de um acto impio e criminoso.

Os seus principios religiosos erão sinceros e inabalaveis; em alguns de seus manuscriptos, ella justifica a sua crença, argumenta logicamente com razões de ordem scientifica, e seus actos denotavão bem os seus sentimentos christãos.

* * *

Ella pertenceu a muitas instituições religiosas e de beneficencia ás quaes frequentes vezes levava o seu obulo.

Muitas vezes anonymamente, Maria Durocher escrevia para a imprensa, sobre critica theatral e scientifica e outros assumptos e são d'ella uns versos publicados ha longos annos sob o titulo de: *gaz virou lamparina*.

Quando o ex-imperador Pedro II fez a escolha senatorial de seu medico em 1857, appareceu no *Correio Mercantil* o apedido seguinte: *Escolha senatorial — Nasce de cima a corrupção dos povos.*

Esta phrase que produzio grande celeuma nesta occasião, foi attribuida a diversos personagens politicos, havendo até declarações publicas.

Pois bem, a phrase é de Mme. Durocher, que, como sempre e com todas as reservas só entregava as suas publicações ao já fallecido e geralmente estimado major Antonio Cezar Ramos, administrador do «Correio Mercantil» e depois do «Diario do Rio de Janeiro», a quem ella chamava de *meu marido*.

Em diversos casos de estupro, que estavão sob o inquerito policial os seus serviços forão reclamados.

Em uma dessas occasiões, o chefe de policia, que era, ou foi mais tarde desembargador, pretendeu alterar o parecer que ella havia emittido, afim de favorecer a causa do offensor; mas, apezar de ter sido ameaçada de prisão, Mme. Durocher desprezou a prepotencia dessa indigna autoridade, declarando que a verdade havia de se tornar publica.

A essa resoluta energia deveu a menor offendida a justiça que lhe foi feita.

* * *

Extremamente zelosa pela honra das familias, que se confiavão á sua descrição profissional, historiava os factos clandestinos em seus registros clinicos, sem fazer a menor indicação de pessoas e de logar.

Quantas desgraças e miserias sociaes não teve ella occasião de conhecer e presenciar!

Ella narrava o seguinte caso, sem que, nem de leve, alludisse as pessoas nelle envolvidos:

Em uma noite dos primeiros tempos de sua clinica fôra chamada para os misteres de sua profissão.

O homem que a acompanhava estava profundamente acabrunhado, e durante o trajecto lhe expoz a causa de seu infortunio, a deshonra da unica filha que possuia, e que era orphã de mãi.

Chegados a casa, tornou-se ainda mais pungente e afflictiva a expansão daquelle pai, viuvo, e que via perdido de reputação o unico ente que idolatrava. A scena era a tal ponto desoladora, e tanto impressionou á compassiva assistente, que lhe sobreveio uma forte colica.

Achando-se a sós com a unica criada da casa, uma velha preta, ella lastimava-se por ter de presenciar uma scena tão triste, deplorando a sorte daquelle pai, quando a velhinha lhe disse: *Uê, sinhá, não se sute, não, o filho é delle mêmo...*

Só então é que ella percebeu a torpe furça; a sua commiseração transformou-se em tédio, em repugnancia; e respirou quando, terminado o seu trabalho, vio-se longe de semelhante habitação.

* * *

Em outra occasião, era um pobre homem credulo, que a chamara para accudir a sua esposa, a qual elle acreditava ter colhido como uma flôr ainda em botão...

Entretanto, ao chegar áquella casa, a mãi da moça, temendo que Maria Durocher reconhecesse que a filha havia sido sua cliente, e que, involuntariamente, a compromettesse, tratou de preveni-la, secretamente, da verdade.

Com effeito, ella recordou-se do caso, e mesmo que essa moça havia sido, então uma parturiente muito docil e resignada; no emtanto que, naquelle instante, ella estava insupportavel, endemoninhada, fazendo grande alarido. Era a representação do ultimo acto da comedia; e ainda o bonachão do marido, referindo-se á noite do noivado dizia: *Ah! madama; que escarcéo, que barulhada que foi... fiquei envergonhado diante dos caixeiros!* ...

* * *

Contraste desse caso foi este outro:

Era um vendeiro que vivia maritalmente com uma mulher quasi branca, pela qual era muito devotado.

No momento, porém, em que elle vio a côr do filho recem-nascido comprehendeu que havia sido ludibriado, enfureceu-se extraordinariamente; dahi a instantante apparece brandindo um facão e quer precipitar-se sobre a infiel. Interpondo-se e detendo-lhe o braço, Mme. Durocher deu tempo a que accudisse um caixeiro e outras pessoas; o homem, afinal, renunciou a sua vingança, não subjugado pela força, mas sim pela persuasão, pelos conselhos.

Tempos mais tarde, esse vendeiro beijava as mãos, agradecido, daquella que o impedio de tornar-se criminoso.

* * *

Um outro, uma especie de matuto, obstinado, quiz abandonar mulher e filho, porque uma curandeira o persuadira de que o nascimento dava-se de dia ou de noite, conformemente a concepção tivesse sido em uma ou em outra parte do dia, qundo o homem affirmava que só-

mente noites é que tinha passado em casa de sua amante, e que portanto tinha sido trahido.

Foi difficil desarraigar daquelle espirito obtuso uma surperstição tão absurda.

E tantos outros casos de honra mais ou menos graves, em que ella obviou os desenlaces lastimaveis ou escandalosos

* * *

Se algumas vezes tinha motivos para irritar-se, esses momentos erão rapidos, o seu genio jovial e prazenteiro reapparecia logo. De um desvelo inexcedivel para com as suas clientes, sem distinção de classes, de côres, nem de fortuna, tinha sempre palavras de conforto para com todos, mitigava-lhes as dôres tanto quanto era possivel; sempre attenta ao menor accidente que pudesse sobrevir antes ou depois do trabalho puerperal.

Essa dedicação extrema, a sua pericia, o seu tino medico, a sua previdencia não poucas vidas pouparão.

O seu diagonostico era infallivel e nunca perdia a calma e a presença de espirito á cabeceira do doente.

Na primeira epidemia de cholera-morbus que lavrou aqui no Rio de Janeiro, ella prestou gratuitamente immensos serviços medicos, até que o mesmo mal prostrou-a, e tão gravemente, que chegou a receber a extrema-unção.

* * *

Em meiados de 1874 ella passou pela grande magua de perder seu filho, o 1º tenente da armada Pedro David Durocher, que ella educou desvelladamente, transmittindo-lhe a mesma nobreza de caracter, a mesma liberalidade e philantropia. Esse distincto official de marinha, foi muito justamente bemquisto e estimado de seus companheiros de armas e de todos aquelles que o conhecião

* * *

Eis apenas em esboço os principaes acontecimentos da vida daquella grande alma.

Que somma immensa de trabalhos, dedicações e sacrificios se encerra em sua longa vida! Quantos beneficios prodigalizou em torno de si!

Brazileira, naturalizada, ella prezava o seu paiz de adopção, e deu muitas provas do interesse sincero que tomava pelo progresso do Brazil.

Aos 86 annos de idade, na integridade completa de suas faculdades mentaes, quasi sem soffrimentos physicos, com uma resignação evangelica e tranquillidade de uma consciencia justa, Maria Durocher falleceu de uma scirrhose do figado, na manhã de 25 de Dezembro de 1893, rodeada de seus filhos adoptivos, que abençôão a sua memoria . . .

* * *

Além de muitas publicações na imprensa diaria e periodica, e grande cópia de manuscriptos que deixou, ella publicou as seguintes obras:—*Exame de amas de leite ; Considerações praticas sobre o centeio espigado e a ergotina* (1867); *Idéas por coordenar a respeito da emancipação* (1871); *Estatistica de clinica obstetrica,* de 1833 a 1868 ; *Reflexões sobre a eclampsia e as convulsões dos recem-nascidos* (1883); *Considerações sobre a clinica obstetrica* (1887).

Os seus registros clinicos, que datão de 1833 e vão até 1892, mencionão ter assistido a 5665 partos.

O hymno nacional

Festejava-se o 15 de Novembro de 1890.

O Palacio de Itamaraty estava repleto de senhoras, officiaes do Exercito, Armada e Guarda Nacional, muitos cavalheiros, senadores, deputados, funccionarios publicos, magistrados etc. O Marechal Deodoro achava-se radiante de jubilo, recebendo cumprimentos, abraços e felicitações. No saguão encontravão-se diversas bandas de musicas militares. Entre as pessôas presentes notava-se o Sr. Capitão Tenente José Carlos de Carvalho, que relevantes serviços prestou e ainda continúa a prestar, quer quando official de marinha, quer em muitas e honrosas commissões que tem desempenhado. Nesse dia havião acclamado o Marechal Deodoro, Generalissimo do Exercito. Quando se aventou a ideia da acclamação, o reporter Baldomero Fuentes dirigindo-se ao Sr. Dr. Serzedello Correia, então major do exercito, disse-lhe :

« Porque não deixa um civil fazer essa acclamação? Julgo mais prudente, » ao que o Sr. Major Serzedello respondeu : « Ora, não pense nisso, eu sou tambem cidadão. »

. . . . . .

Se o ex-ministro geralmente acatado e justamente considerado tivesse pensado, nessa observação, com certesa hoje não estaria arrependido desse enthusiasmo de occasião.

. . . . . .

A reportagem da imprensa diaria lembrou-se de manifestar ao Marechal Deodoro o desejo que o povo tinha de que fosse conservado o hymno nacional, tantas vezes ouvido nos campos de batalha e tantas vezes repetido nos actos mais caros e mais solemnes da nossa patria. Combinado o pedido assentou a reportagem a ideia com as pessôas presentes que a acolherão com enthusiasmo. Levada ella ao Sr. Marechal pelo Sr. Major Serzedello e combinado com as bandas militares um signal convencional, no caso de acquiescencia do Marechal, este acolheu a ideia com vivo sentimento de alegria e declarou que conservaria o hymno nacional. As bandas de musica romperão inesperadamente e a um tempo o grandioso hymno de Francisco Manoel. O povo que estava enfrente do Palacio, ouvindo o toque inesperado do hymno, fugia espavorido, convencido de ter havido uma revolta no interior do Palacio. Comprehendeu-se, porém, logo o que se havia passado.

O Marechal foi muito acclamado no meio de um enthusiasmo indescriptivel e elle proprio estava bastante commovido.

Muitas lagrimas vimos correr nesta occasião, chegando José Carlos de Carvalho, ao apertar a mão do Marechal, a chorar soluçante e convulsivamente.

Não me lembro de facto que tanto impressionasse os circumstantes.

Os reporters que se achavão no Palacio nessa occasião erão, os Srs. Ferreira Guimarães, José de Castro Vianna, Fernando Marques de Castro, Baldomero Fuentes Carqueja, Theotonio Diniz Regadas, Alfredo Costa e o autor destas notas.

Nas prisões do Estado

Depois de haverem sido postos em liberdade grande numero de presos politicos, que por ordem do Governo se achavão em 1894 na Casa de Correcção desta Capital, em um dos cubiculos dessa penitenciaria forão encontradas escriptas a lapis na parede do lado direito da entrada do mesmo cubiculo as seguintes linhas escriptas naturalmente pelo detento que alli se achava no dia cuja data serve de titulo a essas linhas :

14 de Julho

O mundo civilisado commemora hoje a quéda do maior instrumento da tyrannia que mãos humanas têm levantado e que a explosão das dôres, dos soffrimentos, dos odios recalcados no fundo do coração do glorioso povo francez, fez derrubar n'um momento de sublime desespero.

Esse dia que abrio as portas dessa horrenda masmorra, onde tantas gerações havião curtido as dôres mais cruciantes, marca uma das maiores conquistas da humanidade, porque a quéda da Bastilha foi a pedra, que rolando da montanha iniciou a grande convulsão social que estabeleceo os direitos do homem, que substituio o direito da força, os governos absolutos, o imperio de uma só vontade, pelo regimen racional que se caracteriza pela sublime trilogia: *Liberdade, Igualdade e Faternidade.*

As luctas heroicas e os sacrificios sobre-humanos da grande nação franceza nos dias terriveis de sua maior provação, quando batalhava para quebrar os grilhões que prendião os povos aos pés dos senhores absolutos, constituem um tributo pago á lei da evolução social, e os resultados beneficos que para o mundo advierão dessa crise momentosa, beneficios que repercutirão em toda parte sem que os erros dos homens, e os seus desvarios, o egoismo e a sua vaidade tenhão podido modifical-os.

As nações civilisadas, portanto, já não sentem o espesinhamento da dignidade humana, o confisco da liberdade individual por méra vontade do representante do poder publico para satisfazer tristes vinganças pessoaes ou desaffeições gratuitas; a lei é o unico poder a que se curva reverente o cidadão, cuja vida e propriedade, cujos direitos e deveres encontrão nella a suprema garantia.

O sangue derramado em 89 comprou os soffrimentos, os martyrios das gerações futuras; nenhum poder humano poderá mais

manchar as paginas da historia moderna com essas scenas degradantes em que as victimas do absolutismo, cahindo na arena entoavão o *Ave Cezar!*

Cairam as bastilhas, desapparecerão as vontades soberanas, surgio a lei, a dignidade humana foi rehabilitada no codigo dos direitos do homem.

Salve! França!

Essas recordações do passado surgem hoje no espirito daquelles que têm a ventura de viver e gosar os proventos de um regimem de verdadeira democracia, onde a liberdade, a vida, a propriedade do cidadão são direitos inviolaveis, que o soberano imperio da lei e da justiça guarda e faz respeitar inteiramente.

Somente nos estreitos dominios dos sobbas africanos, os kants asiaticos, dos Caciques americanos, ultimos reductos da barbaria moderna, o despotismo ainda impéra e o homem aviltado soffre o peso esmagador do pulso de ferro do senhor que o martyrisa.

***

Janeiro de 1880

Por occasião do movimento revolucionario de 1.º de Janeiro de 1880, forão presos e enviados para Casa de Detenção, grande numero de cidadãos de todas as classes sociaes, uns por méra suspeita e outros por terem protestado contra o imposto conhecido pelo *imposto do vintem*.

A policia e parte das forças do exercito nos respectivos conflictos que houve fizerão fogo sobre o povo inerme, que apenas resistia a páo, a pedra e garrafas. No cubiculo n. 17 do lado direito achava-se preso um moço patriota e decidido republicano. Na parede tambem desse cubiculo foi por elle escripto um soneto que por alguem copiado, posso aqui transcrever:

Aos Cezares!

(Palavras de um bandido)

Oh! reis! folgai! folgai! nos antros imperiaes
Podeis viver, gosar, alegres do melhor,
E as nações trazer—Caligulas, jográes
Sob a influencia vil do latego oppressor!

Que farçantes sois vós ! oh ! despotas reáes,
Bragantinos crueis das gerações terror,
Mandai fuzilar das praças, no rumor
A inerme multidão, as massas joviáes.

Eu não sou como vós ! Sem amor, sem lar
Espreito á meia noite ao fulgido luar
Algum vulto que se move a beira d'uma estrada....

Eu não sou como vós ! Assalto! alma bandida
Prestes, subitamente, e logo de emboscada,
Arrebato-lhe a bolsa, mas lhe conservo a vida!

Os Reporters

Nos «Neologismos indispensaveis, e Barbarismos dispensaveis» do illustrado Dr. Castro Lopes, lê-se na pagina 169 o seguinte :

Reporter—Alviçareiro; o que quer dizer que o autor acha dispensavel o anglicismo — *reporter,* visto que ha em portuguez termo correspondente, que é — alviçareiro.

Não é moderna a creação do officio de reporter e correspondente; remonta-se a seculos passados.

Em Athenas já elles existão. Eram os collecionadores de noticias que, reunindo as novidades, iam repetil-as em grupos e reuniões.

Tratava-se de tudo, noticias de guerra, projectos e operações dos generaes, movimentos da esquadra, leitura de peças, etc.

No *Forum* romano accumulavão-se os reporters para obter noticias e ouvir os oradores, gravando as mesmas em taboas de cera para communical-as.

A *acta diurna*, comprava noticias taes como as de casamento obitos, crimes e boatos de toda especie.

Os Americanos fôrão precisamente e ainda são os melhores e mais intelligentes *reporters* do mundo jornalistico.

Stanley, é sem duvida o typo mais aperfeiçoado ou o chefe d'esta classe que hoje é o *clou* do jornalismo moderno.

No jornalismo brasileiro apparecêrão reporters notaveis, attendendo se ao meio e á época.

João de Almeida, José Tinoco, O. Hudson, Paula Ney, forão os que mais notoriedade tiverão, sendo porém que estes forão excedi-

dos pelo primeiro da lista a quem por certo coube a gloria de ter sido o que mais desenvolveo o serviço de reportagem na imprensa brasileira.

E' facto, que naquelle tempo o reporter que desse oito noticias por semana, já era ser trabalhador e activo.

Depois da creação do *Diario de Noticias* do Sr. Climaco dos Reis, é que o serviço de reportagem attingio o maior desenvolvimento.

Para a generalisação da classe muito poderosamente concorreo a *Gazeta de Noticias* desde o seu inicio. Lembro-me perfeitamente que quando entrei para o *Jornal do Commercio*, o meu saudoso collega José Tinoco passava dias e dias que não trazia uma noticia.

Basta um pequeno confronto das folhas d'aquelle tempo com as de hoje para se notar o grande desenvolvimento d'este ramo de serviço, incontestavelmente o *primus inter pares* da imprensa diaria actual.

***

Da classe de reporters: surgirão José do Patrocinio, o emerito jornalista, o grande factor da abolição dos escravos no Brasil; José, Carlos de Carvalho, então 1º tenente da Armada Nacional, hoje captão de mar e guerra e deputado pelo Districto Federal; João Augusto Neiva, deputado federal pelo Estado da Bahia, Octavianno Hudson o pai carinhoso dos pequeninos orphãos e das crianças pobres, um prototypo de bondade e humanitarismo; Manoel da Silva Pontes Junior, actual consul geral em Buenos Ayres; Manuel Ernesto Campos Porto, 2º official da secretaria do Senado Federal; Maximino Serzedello, 1º official da directoria dos Correios; Francisco de Paula Ney, um grande coração e o mais original dos bohemios de claque e casaca que até hoje tem tido o Brasil. Estes, que constituem a honra da classe, servirão por certo de estimulo e de exemplo para nós os seus mais humildes discipulos.

Um homem notavel escreveo que: « O reporter serio e honesto, constitue valiosa garantia para a moralidade da imprensa.»

Este conceito felizmente até agora tem sido observado por aquelles que exercem essa profissão

Possão estes *Colombos das novidades* merecer sempre a estima e a consideração em que são tidos, servindo ao jornalismo com lealdade e á Patria com desinteresse e amor.

***

Para amenizar um pouco estas notas, devo declarar que na classe dos reporters ha a seguinte e curiosa gyria:

Pendão — o que dá sozinho uma boa noticia.
Furo — dar uma noticia que o outro não deo.
Phoca — Reporter novato, principiante.
Pelanca — Reporter antigo.
Engolle — Subtrahir uma tira de noticias sem que outros a vejam.
Clearing-house — Permutar noticias com collegas.
Senado — *Jornal do Commercio.*
Tapeia — Entreter os collegas.
Salchicheiro — reporter que dá muitas noticias sem importancia.
Linguiça ou *tripa* — grande quantidade de noticias sem interesse.
Combersa—quem não dá noticias (ministro ou official de gabinete).
Estar fraco — poucas noticias.
Impinge — dar a outro noticias falsas.
Chefe — todos os que dão noticias a reporters.
Engrossador — ajudantes de ordens.
Esfria — auxiliares do gabinete de ministro.
Circular — noticias dada a todos os *reporters.*
Faquista — ordenanças, cocheiros e creados de ministros.
Fiambre — noticia que pelo tamanho o jornal tem de publical-a por partes.
Rombudo — o patrão, quando não está contente ou satisfeito.
Peneira — o reporter que é sempre *furado.*
Morder — pedir dinheiro adiantado.

Quatorze mezes de serviço militar

A seis de Setembro de 1893 rebentou nesta capital a revolta da esquadra brazileira surta neste porto.

Como official do Estado Maior da Guarda Nacional, dirigi-me para o Quartel General, afim de receber instrucções, visto como exercia o cargo de ajudante de ordens do Commando Superior.

A milicia civica foi posta de promptidão, aquartelando em seguida, sob o Commando Geral do Coronel Dr. Fernando Mendes de Almeida, commandante da 2ª brigada de infanteria e nomeado Commandante Superior interino. O Quartel General da denodada milicia era então na rua Larga de S. Joaquim, proximo ao Palacio do

Governo. Estavão todos os officiaes ás ordens e de promptidão dia, noite e só sahião do quartel em objecto de serviço urgente.

* * *

Na madrugada de 9 de Setembro uma barcaça carregada de marinheiros tentava desembarcar no Arsenal de Marinha. Cahia uma chuva torrencial acompanhada de fortes relampagos e trovoada, produzindo um continuo e ruidozo barulho. A noite estava escura e tenebrosa.

De repente ouvimos o toque de forças fóra dos quarteis e no meio daquella tormenta, as forças da guarnição do exercito que estavão no quartel da Praça da Republica, sahirão rapidamente, formando no quadrilatero da Praça.

A artilharia tomou o centro, a cavallaria o flanco direito entre as ruas de S. Pedro e Senador Euzebio e a infanteria o flanco esquerdo. ao lado do quartel.

Uma ala do 10º batalhão de infanteria dirigio-se em seguida para o arsenal de Marinha, regressando tres quartos de hora depois.

De vez em quando o relampago deixava confundir a scintillação das bayonetas com o brilho das aguas da chuva que cahia em fortes bategas.

Era uma scena tristissima. O toque dos clarins mais enchia de tristesa indefinida a alma dos que alli cumprião o seo dever em preparativos para uma lucta entre irmãos....

O Commandante Superior, Dr. Fernando Mendes e o seu Estado Maior, estavão de pé na sacada do quartel, todos de capotes, armados e promptos.

Eu firmava a mão esquerda sobre o punho da minha espada com a alma transida de sentimento e de pezar ante a solemnidade terrivel daquella scena lugubre.

De vez em quando uma granada ou bala assignalava a sua passagem.

Confesso: quando os clarins tocárão de novo *forças a quarteis* eu senti uma impressão estranha, nova e singular, parecendo-me que a commoção de que era presa me havia como petrificado.

Era a primeira vez na minha vida que ouvia o ronco pavoroso de uma granada e experimentava como neophito as commoções de quem se apresta para entregar a vida ao acaso de uma bala perdida.

* * *

Outra noite estava sentado á porta do quartel, e serião duas horas da madrugada, quando ouvi um grande ronco que passava por cima do telhado.

— Que é isto ? perguntei, levantando-me involuntariamente.

— Não, é nada seu Coroné, responde-me a sentinella, é um melão e não é do bom, porque não é calado, vai por ahi fóra roncando como *saci* na estrada escura.

Era uma granada, que atravessando por cima do telhado do Palacio e do quartel fôra cahir no Morro do Pinto.

* * *

O primeiro soldado da milicia civica ferido em combate foi o cabo do 2º batalhão de infanteria José de Souza Garcia, de 17 annos de idade.

Era um moço branco, de olhar vivo, cabellos pretos, bastante alto, parecendo ter mais idade.

Estava em serviço na Estação Maritima da Gambôa, quando repellia a atracação da celebre lancha *Lucy;* recebeu diversos ferimentos, sendo um penetrante do thorax, feito por fuzil Kropatscheck. O projectil entrou no ante-braço, região anterior e sahio a seis centimetros da articulação humero cubital, e penetrando em seguida na região peitoral direita, apontou ao mesmo nivel na região infra-scapular direita.

Logo que tivemos conhecimento de que se achava ferido este guarda, o Sr. Commandante Superior, mandou o distincto cirurgião de brigada Dr. Innocencio Cavalcanti á Estação Maritima, afim de prestar-lhe promptos soccorros e conduzil-o em carro para o Hospital de Sangue. Erão 10 horas da noite, quando o cabo Garcia chegou ao Hospital, que era no edificio da Escola Normal, na Praça da Republica.

E' impossivel descrever-se o pezar que todos nós sentimos ao vêr pela primeira vez um guarda nosso ferido em combate.

O proprio Commandante Superior não se poude conter e atirou um sem numero de imprecações.

Garcia, depois de ter sido convenientemente pensado, pedio que desejava ver sua velha mãi.

Satisfeito o pedido, seria quasi uma hora da noite, quando se apresentou no Hospital uma senhora de avançada idade, com visiveis signaes de enferma. Correndo para o leito do filho abraçava-o e

beijava-o entre soluços e lagrimas. Estas lagrimas bemditas e puras confortárão o ferido, que estendendo a mão direita, dizia :

— « Não é nada minha mãi. Eu hei de ficar bom para voltar para meu posto ; socegue, ainda não é desta vez ! » com a voz já um tanto opprimida e embargada.

Esmeralda de Souza Garcia era a mãi desse valente guarda, mulher pauperrima, cujo unico arrimo era seu filho. Depois de dar expansão a sua immensa dôr, D. Esmeralda declarou que apezar de não ter outro amparo que não fosse o de seu filho, ficaria desde aquella occasião como enfermeira gratuita do Hospital.

Effectivamente, seu filho teve alta e ella cumprio o seu offerecimento, servindo de enfermeira geral desde Setembro de 1893 até 30 de Abril de 1894, não recebendo a menor remuneração a não ser o soldo que seu filho com ella repartia.

O cabo Garcia restabelecido, foi depois reunir-se ao seu batalhão em Nictheroy e mais tarde exerceu o lugar de ordenança do Commandante Geral.. sendo hoje estafeta do Correio.

* * *

Em meiados de Setembro, mudou-se o Quartel para o antigo edificio da Relação, na rua do Lavradio.

Nas longas noites de vigilias, nos dias inteiros de promptidão, nas horas de serviço interno e externo, nas diversas commissões que exerci nesta capital e fóra della, muito pude aprender e de *visu* conhecer os homens no meio de uma collectividade numerosa, onde a vaidade e a estulticie de alguns se casavão com a covardia, a deslealdade e a inveja de outros, onde as vicissitudes das promoções a toda hora me suggerião o velho adagio : queres ver o vilão, mette-lhe a vara na mão...

Felizmente, por honra da corporação, erão muito limitados esses dois grupos...

* * *

A organisação da Guarda Nacional na Republica, deve-se incontestavelmente ao Marechal Estevão José Ferraz.

A sua dedicada e desinteressada força de vontade, a sua abnegação, a sua lealdade ao governo do Marechal Floriano Peixoto e o seu amor á corporação, a estima que inspirava aos seus commandados, não podião infelizmente deixar de suscitar em outros sentimentos menos nobres, que afinal lhe dictárão a sua retirada.

D'ahi a inveja, a intriga e a demissão de Commandante Superior e a sua reforma afinal.

Deve hoje o distincto e modesto militar julgar-se desvanecido pelo muito que fez pela milicia civica que tantos e tão assignalados serviços prestou recentemente, ao mesmo passo que lhe deve pungir a alma a lembrança da grande ingratidão de que foi victima....

* * *

A 13 de Setembro, o então tenente do 6º batalhão de infantaria João Gonçalves Pereira Garcia, achando-se de serviço na Praia de Santa Luzia, tinha a seu lado na linha de fogo seu filho, o 1º sargento, Ataliba Garcia, e seu sobrinho Antonio Candido Garcia, tambem guarda do referido batalhão. A 1 1/2 horas da madrugada um estilhaço de granada matou instantaneamente seu filho e ferio gravemente seu sobrinho e outro guarda de nome Rodrigo Savedra Durão.

O tenente Garcia, abraçou-se com o cadaver de seu inditoso filho, moço de cerca de 20 annos de idade e depois de dar expansão á sua grande dôr, retomou a sua posição de commandante do contingente.

Coincidencia notavel! Quando o corpo do filho partia do Hospital Sangue para o cemiterio, o tenente Garcia em cumprimento do dever passava commandando uma força para outro serviço urgente.

Era o pai que mandava fazer continencia ao corpo do filho que o acaso fizera encontrar para trocar um ultimo adeus...

* * *

No quartel, como em quasi todos os pontos em que ha collectividades, apparecem sempre notas comicas que servem para dissipar a monotonia da disciplina e tornar mais breves as horas longas do dever.

Grande numero de officiaes tinhão o seu appellido ou alcunha e entre outros lembro-me dos seguintes: *Cêra do Santissimo, Oppostos, Bubidas, Sinhásinha, Tatú, Malagrida, Coça-rabos, Vovó, Bode branco, Bosco, Holophóte, Vallete de Cópas, Duque de Vira e Meche, Trincheira, Sustenta a nóta, Mestre de cerimonias, Limpa trilhos, Conde de Monte, Christo, Lourenço Alcoba, Guarda lama, Arára, João Diabo, Moço loiro, Leão de portão, Cabeça de porco, Espanta patrulha, Bonitinho, Moringa* e *Propheta*, todos bem applicados quanto ao physico ou temperamento e maneiras de proceder de cada um.

* * *

As vezes, alta noite, o autor destas notas e outros companheiros ião para o alojamento ouvir os accórdes do violão tocado pelo major Andrew e cantar modinhas brazileiras e hespanholas.

Com muita graça e afinada vóz de barytono era o major Andrew que cantava:

Cuando de Cuba triste salia
Dejando en ella mi corason
Yo le decia: — madre adorada
Esposa amada, adios, adios!

La mar cruzaba con la esperansa
De n'algo dia volber a ver
Los tristes seres que ali dejava
Mi patrio suelo, mi unico Eden.

Ou então:

Sá mariquinhas
Seu gato deu
Quatro sopapos
Na cara do meu.

E o côro respondia:

— Ai! tem razão
Você brinca com os outros
Commigo não...

Era o grupo dos que cumprindo o seu dever civico fugia da convivencia dos dois outros grupos a que já me referi.

* * *

Em toda a parte onde existe numeroso agrupamento de individuos apparece sempre, pelo menos um que, sem o menor merecimento, sem um só requisito moral ou intellectual, quer subir a todo o transe, ou pela intriga ou pela bajulação: é o que as classes armadas caracteristicamente appellidão *Engrossamento*.

A milicia civica tambem teve um *engrossador* typico, um arlequim de feira barata, *clown* de circo de lona.

Mal assumia o cargo um novo commandante ou pessoa equivalente era certo o *engrossador* preparar-lhe logo manifestação, solicitando a

acquiescencia de outros companheiros que, para não serem intrigados, se submettião.

E quando o *cobre* era escasso o manifestado recebia até *vatapás de peixe ou gallinha de cabidella*... á bahiana!...

Foi por isto que apparecerão no quartel as seguintes quadras:

Tudo engrossa

Engrossão praças e cabos,
Sargentos e forriéis,
Alferes, até Tenentes
Tudo engrossa nos quarteis.

Capitães tambem engrossão,
Meu Deus que pouca vergonha....
Majores e Coroneis,
Só não engrossa o Noronha.

Mas sabem porque não engrossa
O Noronha — o militar...
Porque é grosso, muito grosso
Não tem mais o que engrossar!

* * *

Uma occasião foi recolhido preso por falta disciplinar um sargento mestre de uma banda de musica.

Não faltarão empenhos, *pistolões* como se diz na gyria militar, para ser posto o sargento em liberdade. Tudo era inutil. O Sr. Commandante Superior Dr. Fernando Mendes a nada attendia. Afinal um guarda apresentou-se no quartel General, pedindo licença para fallar ao Commandante Superior. No peito da sua farda trazia umas cinco medalhas da campanha do Paraguay, onde estivera até á terminação da guerra. Obtida a competente licença, o guarda dirigio-se ao Sr. Coronel Dr. Fernando Mendes pedindo para ser posto em liberdade o sargento. O Sr. Coronel fez-lhe sentir o grande numero de pedidos que tivera, mas que attendendo aos bons serviços que elle peticionario prestara na Campanha do Paraguay, onde pelo seu peito coberto de medalhas, sendo simples soldado, se testemunhava o quanto fôra valente e disciplinado, mandaria pôr em liberdade o seu patrocinado, o que foi immediatamente feito.

* * *

Luiz Gonçalves era um guarda de origem africana, um cabo verde.... e pertencia ao 5º batalhão de infanteria. Era Luiz um preto alto, robusto e apparentava ter 35 annos. Um dia em que fazia serviço no littoral embriagara-se e ameaçando com a arma outro companheiro. Preso, foi pelo Conselho de disciplina condemnado a tres mezes de prizão.

Tinha Luiz a singular mania de pintar nas paredes da prizão navios e fortalezas e collocado a certa distancia atirava sobre as suas pinturas uma pequena bola espherica, simulando fazer fogo.

E assim passou elle no meio daquelle isolamento o seu tempo de cumprimento da pena, sempre calado a exercer a sua maniaca distração.

Dias depois de sahir da prisão apresentou-se no Quartel General, pedindo guia para o Hospital de Sangue, vindo a fallecer alli de uma ferida punctoria do terço inferior da região externa da perna direita.

*
* *

No quartel apparecêrão as seguintes linhas rimadas, cuja autoria é attribuida ao Sr. Major cirurgião de brigada Dr. Antonio José de Moraes Brito :

Sem metro e á vontade

Não ha dia no qual dia
Não ande o Senna ligeiro
A pensar no seu dinheiro
Que está na Pagadoria -
Tantos tratos dá á bolla
Para ver si encurta o mez,
Que parece deste vez
Fica virada a cachóla—
Reflete, cogita, pensa
Si o seu soldo é de Major,
Pois os de Coronel é maior,
E elle é homem da Imprensa—
E si a imprensa tanto vale
Que dêm ao Senna mais cobre
Pois o dito Senna é pobre.
Si é precizo que elle cale
Que é do Custodio collega,

Olhem que elle até allega
Que todos temem que falle—
Sou Major ou Coronel
Diz o Senna reflectindo,
Da consciencia a voz ouvindo
Vê que ha postos á granél
Ser Alferes ou Tenente
Nesta Guarda Nacional,
E' assumpto desigual
Pode dar-se a toda gente
Mas o Senna subio muito
E' Coronel arvorado
Si não dá para soldado
E' coronel e gratuito

. . . . . .

E não é de pouca monta
Receber como Major—
Quem é Coronel e não conta--
Dos postos ter o melhor——

* * *

No 2.º Regimento de cavallaria havia um cabo de esquadra de nome Bento, conhecido por *Bento Dr.*

Era um creoulo baixo, reforçado, de beiços grossos e cahidos e de uma ignorancia sem classificação. Quando se tratava de fazer seguir para Itararé o mesmo regimento, o cabo Bento declarou ao sargento da sua companhia que era capaz de convidar os seus companheiros e incital-os a partir.

Tendo a acquiescencia do Sargento, Bento dirigio-se á hora do rancho para o refeitorio e depois de uma *fallação bestialogica* e ridicula terminou declarando que aquelles que fossem *patriota e amigo da nação* passasem para o lado esquerdo.

Effectivamente grande numero de guardas se apresentarão em attender ao convite.

Bento, chamou o Sargento e apresentou os companheiros.

O sargento tomou o nome de todos que querião seguir expontaneamente, visto que esta era a ordem superior recebida.

Depois de feita a lista um guarda lembrou que ainda Bento não tinha sido incluido.

Este interrompeu immediatamente a lembrança com o seguinte: *Não vou, eu só convidei vocês, não vou porque não sou burro, quem mandou vocês ser burro?*

E assim entendeu a soldadesca chamal-o desde esse dia de *Bento Doutor!*

***

Por ordem superior, provavelmente suscitada por alguma vendicta particular, foi alistado no numero dos soldados da Guarda civica um dos nossos melhores poetas —Guimarães Passos.

Achava-me de dia no Quartel General quando Guimarães Passos entrou acampanhado de dois guardas.

Senti-me magoado por vêr que um dos meus companheiros de imprensa, moço cheio de talento e estimado nas rodas litterarias alli se achava para assentar praça....

A disciplina porém, póde muitas vezes mais que a nossa bôa vontade e o impulso dos nossos sentimentos. Acompanhado até a arrecadação, Guimarães Passos apresentou-se pouco depois fardado de uniforme reuno, desde o gorro até os cothurnos. Estava pallido, vexado, mas procurava disfarçar a humilhação que lhe impuzerão. O Sr. Commandante Superior, porém mandou que elle fosse aproveitado no serviço de escripta da Secretaria Geral.

Aquelle guarda mais animado voltou de novo ao seu genio alegre e expansivo e era apontado pelos outros guardas que dizião nos corredores — O Dr. tambem é dos nossos!... Recitava versos, satyras, trechos proprios e de autores e ria-se a bom rir d'aquella pilheria, como dizia. Lembro-me que um velho cobertor vermelho, um almanak de Laemmert, uma velha bandeira nacional e ainda um velho sofá erão os pertences do seu dormitorio. A' noite, Guimarães Passos dava seu giro á paisana com aquelle rigor de toilette com que sempre andava, não esquecendo a rosa na lapella do paletot...

Dias depois foi nomeado alferes em commissão... e quando procurarão-n'o elle estava á bordo de um dos navios da esquadra revoltada dizendo comsigo mesmo: pilheria por pilheria.

***

Meiravi era um caboclo, guarda do 2º Regimento de cavallaria.

Valente e corajoso, era elle sempre escolhido para o serviço de maior importancia e de mais responsabilidade. Para que porém, um serviço commettido a elle tivesse bom desempenho era necessario que o deixassem beber cachaça, sem o que *elle não era gente*, como dizia.

Uma occasião na pedreira de S. Diogo *Meiravi* armado de sua espada bateu-se valentemente contra onze individuos armados de formidaveis cacetes, ficando ferido, é facto, mas pondo-os todos em debandada.

Montava *Meiravi* guarda no Quartel General, quando um guarda que fôra acompanhar um preso de crime de morte para o Qurtel General do Exercito o deixára evadir-se

Eu era o official superior de serviço, quando, o guarda entrou choroso declarando que o prezo havia fugido.

— Quando sahistes com o prezo, quem era a sentinella das armas?

— Era o *Meiravi*, respondeu-me o guarda entre soluços.

— Bem, disse eu, vá chamal-o.

O *Meiravi* estava nos seus dias; os olhos amortecidos, os cabellos a apparecerem por baixo da pala do bonet, com passos mal seguros procurando debalde o prumo, labios vermelhos e humidos, emfim respirando por todo elle uma bebedeira respeitavel.

— *Meiravi*, disse-lhe, você viu quando sahio o preso que este guarda acompanhava?

— *Não nhor*, mas vendo-o conheço.

— Pois bem, v. já merecia ser castigado por estar embriagado mas eu desculpo se dentro de duas horas trouxer o preso aqui.

— Pos o *home* fugio?

— Fugio sim, vae com este guarda e traga-me o fugitivo, ouve bem, traga-m'o.

— *Nhor sim.*

Meiravi sahio com o guarda.

Duas horas depois chegárão ao quartel o fugitivo, o guarda e mais outros dois guardas trazendo o *Meiravi* quasi carregado, em completo estado de embriaguez.

Explicado o caso soube que o *Meiravi* fôra com o guarda até o local em que o preso se evadira.

Desde que sahio do Quartel foi se *benzendo* nas tavernas. Afinal, ao passar por uma casa na ladeira do Livramento vio o fugitivo que já estava á paisana dentro da sala da casa muito bem sentado.

Meiravi saltou pela janella da rotula atracou-se com o fugitivo entregando-o ao companheiro.

Dormio *Meiravi* a somno solto e só no dia seguinte é que me veio dar parte da deligencia. Desculpei-lhe a falta em attenção ao bom desempenho da commissão.

* * *

O 7º batalhão de intantaria da milica civica era conhecido como o batalhão zoologico, por ter como officiaes pessoas com os apellidos de seus nomes de : Leão, Camello, Carneiro, Pinto, Lobo.

* * *

Em certa occasião apresentou-se-me no quartel um guarda do 11º batalhão, declarando que havia tres mezes que estava destacado na fortaleza de Villegagnon e pedindo-me que arranjasse a sua substituição, pois o serviço alli era muito pesado ; não temia muito o serviço, mas era perseguido alta noite sempre que estava de sentinella.

— Então és perseguido, disse-lhe ?

— *Ah ! Sr. Coronel, todas as vezes que eu monto sentinella na bateria, perto do páo da bandeira, quando chega a meia noite para uma hora apparece uma moça muito branca, com os cabello solto, e quando eu pregunto : quem vem lá ? ella bota o dedo na bocca e e desapparece.*

— Então, é uma visão, um phantasma, não é assim ?

— *E' sim sinhô, ainda á noite passada eu quiz fazè fôgo em cima d'ella quando apontei a arma ella pôz a mãos posta e se atirou-se pelá bateria no má,*

— Então não queres mais voltar para a fortaleza por esse motivo ?

— *Sim senhô.*

— Voltas sim, porque aquella moça é a deusa da guerra que vem todas as noites observar se vocês cumprem os seus deveres. Quando ella te apparecer não lhe digas nada, perfila a arma que ella se retirará immediatamente.

O guarda voltou para a fortaleza convencido de que eu lhe fallava a serio.

* * *

O faxineiro do quartel era um velho caboclo que tinha a singular mania de trabalhar de graça mediante dormida e comida. Era raro vel-o conversar. Quando não tinha em que se occupar sentava-se a um canto e alli passava horas inteiras n'um mutismo de maniaco. Quando porém, começava o seu serviço cantava baixinho a seguinte e originalissima quadra :

A justiça desta terra
E' a justiça do *canhoto*,
Faz do torto direito
E faz do direito *torto*.

* * *

A soldadesca nas horas de descanço reunia-se em grupos ou jogando ás escondidas, ou tocando violão e viola.

Dentre as quadras que ouvi lembro-me das seguintes:

Deodoro foi *simbóra*
Floriano tomou conta
O Custodio está na barra
Floriano está na ponta.

. . . . . .

Floriano não vai ao mar,
Sardanha não vem em terra,
Senhor Deus, pai do sordado
Manda acabá esta guerra.

Com o toque da corneta em marcha, cantavão tambem:

Pé espaiado
Quem foi que te espaiou
Foi o Javary
Que uma bala mandou.

* * *

Pé espaiado
Da 4.ª Companhia
Bigode de arame
Cavagnac de arrelia!

* * *

Caso curioso.

Havia no Commando Superior, uma ordenança de nome Pacheco que pertencia ao 2º batalhão de infantaria. Moço ainda, vivo e esperto, era conhecido pelo alcunha de *cabelleira* por uzar os cabellos um tanto compridos e annellados. Muito cumpridor de seus deveres, mas quando adormecia era difficil acordal-o. Quasi sempre o *cabelleira* dormia em um dos bancos da sala da entrada da Secretaria. Quando se precizava do Pacheco, jogavão-n'o ao chão, agarravão-n'o, punhão-o em pé; o Pacheco dormia, dormia... e só acordava quando se sentia picado pela ponta do sabre ou de uma espada.

Em vão, empregavão todos os esforços: elle só despertava por este meio.

* * *

No Quartel achavão-se presos por ordem do Sr. Ministro da Guerra cinco officiaes do 2º Regimento de Cavallaria, sendo um official superior e quatro subalternos denunciados como suspeitos ao governo.

A vigilancia sobre elles era exercida por alguns dos meus collegas de uma fórma ridicula, impropria e impertinente, tanto mais que erão uns rapazes distinctissimos e dignos de estima e consideração, incapazes de comprometterem a quem quer que fosse.

Um porém, entre todos os officiaes superiores que fazião dia no quartel, era impertinente, meticuloso e além de tudo um tanto timido, receiando talvez comprometter-se com cousas de somenos importancia.

Uma noite os companheiros combinárão em pregar um susto no cuidadoso *vigilante*.

Esconderão em um dos quartos do quartel dois dos officiaes presos, e amarrarão uma corda na sacada de uma das janellas que deitavão para a estalagem, que ficava ao lado.

Erão cerca de duas horas do madrugada. O silencio era geral, apenas ligeiramente interrompido pelos passos cadenciados da sentinella das armas, que á porta do quartel cumpria as suas duas horas em um vaivem de cinco metros de percurso.

O nosso *vigilante* estava no andar superior quando foi interrompido por um guarda que lhe communicou o desapparecimento dos dois officiaes.

Assustado, nervoso, tremulo, transido de espanto, corre ao dormitorio dos officiaes e effectivamente encontra dois leitos vazios.

Manda bradar *ás armas*, fórma a guarda, toca-se alarma, começa a polvorosa no Quartel.

O Chefe do Estado-maior, é despertado, o *vigilante* narra-lhe o caso, elle julga-se perdido, lamenta a sua sorte, lembra-se da familia, distribue patrulhas no encalço dos evadidos... afinal volta de novo acompanhado do Chefe do Estado Maior ao dormitorio e oh! milagre, oh! surpresa, os dois officiaes estavão nos seus leitos!

O Chefe do Estado-Maior, não podendo descobrir o autor ou autores da pilheria, mandou prender dois officiaes que não poderão encobrir pelo menos a sua cumplicidade no caso. A prisão foi relaxada uma hora depois.

O *vigilante* nunca mais se tornou impertinente, mas por precaução fazia o serviço armado de revolver e espada.

Notas dispersas

No Senado e mesmo na Camara dos Deputados circulão de vez em quando quadras, citavas e até sonetos satyricos ou ironicos escriptos por membros do Parlamento, mettendo á bulha qualquer discussão, qualquer facto ou o que mais é, qualquer collega. Não ha por vezes immunidades parlamentares de um para outro deputado.

Como quasi sempre, corre de mão em mão o original, de forma que na maioria das vezes se conhece afinal, pelos repetidos exames, o autor.

Para dar uma ligeira ideia dessas pequenas troças parlamentares, transcreverei alguns versos, cujos originaes conservo.

***

Quando se discutia a nomeação do Presidente do Senado, em em 1894, appareceu o seguinte:

Ser do nosso Senado presidente
Se recusa o Prudente de Moraes,
Mas isto não é só ser prudente
E' ser prudente de mais.

Se não erra a minha mente
E nestas cousas atino...
P'ra succeder ao Prudente
E' muito proprio o Ubaldino:

Que a boa escolha se faça
Desse caracter sem jaça,
E o Senado
Terá brilhado!

***

Em uma occasião em que se discutia o Codigo Civil, discussão em que tomarão parte os Senadores Coelho Rodrigues e Aristides Lobo, surgirão estas quadras:

Tudo largou por cauza do contracto,
Diz o homem e dil-o sem maldade,
E por cauza do Codigo Civil
Quanta incivilidade!

Isto não admira, mas eu noto,
Sem passar por esperto e sem ser bobo,
Que é contrario ao que sempre se tem visto,
Ver o Coelho morder com raiva o Lobo!

***

No dia do anniversario natalicio do Presidente do Senado, Dr. Ubaldino do Amaral, appareceu em cima da sua pasta o seguinte:

O Senado que se orgulha
De vos ter por presidente,
Neste dia vos saúda
Jubiloso e reverente.

E é seu fervente anhelo
Que a mais alta posição,
Não tardeis a ser erguido
Pelos votos da nação!

***

Quando se discutia a questão da eleição havida no Estado da Parahyba do Norte, apparecêrão estes versos:

Quando o Barreto entrou dizendo horrores,
Brandindo o seu protesto qual espada,
Tremeu o Milanez nos corredores
E a commissão postou-se na estacada!

Mas eis Bulhões, sem muita bulha o verbo
Solta, e põe termo áquelle estado acerbo;
Do protesto se disse: Era uma vez!
Raiva o Barreto e folga o Milanez!

***

Quando constou que o Sr. Dr. Ubaldino do Amaral deixaria a Presidencia do Senado para ser Ministro do Supremo Tribunal, appareceu tambem o seguinte escripto a lapis em papel official dessa casa do Parlamento:

Eu não conjecturo mal,
E até digo com bom tino:
P'ra o Supremo Tribunal
Quem mais proprio que Ubaldino?!

E que por lá se fique até que o povo
Inda mais alto o colloque em posto novo!

***

Por occasião da discussão sobre o Tratado de Limites com a Republica Argentina, tambem circulárão as duas seguintes quadras:

Foi ao Prata, seu Quintino,
Mas muita prata gastou.
Teve festas e banquetes,
Mas quem com isto lucrou?!

Pois se o *ad referendum*
Não foi cousa de pasmar...
O melhor fôra não ir
Ao Prata a prata gastar!...

***

Parecem que os versos que se seguem forão motivados por qualquer movimento politico havido em um dos Estados do Norte. Entretanto, aqui os transcrevo, conservando, como tenho conservado até agora, a orthographia, a pontuação, e tudo o mais:

A um Estado do Norte,
Um velho e bom Senador,
Passou este telegramma:

Meu caro Governador.

As coisas não 'stão pra graça
Isto lhe digo, e a sós...
Arrezeste sempre, sempre...
E conta depois *com nós!*

***

Votava-se uma vez na Camara dos Deputados o addiamento da sessão legislativa de 1894. Muitos deputados que promettêrão

votar a favor, o não fizerão. Dizia-se tambem que o Sr. Dr. Prudente de Moraes, não tomaria posse do cargo de Presidente da Republica.

No Senado, o Senador B., em uma pequena tira de papel escreveu:

Dux Prudens imperat?

Correu o papel de mão em mão, entre repetidas gargalhadas, até que o Senador J. B. escreveu por baixo:

Illa fuga militibus decora, patria calamitosa non fuit.

***

O Senador já fallecido Joaquim Antão Fernandes Leão, era proprietario de um nariz enorme, phenomenal.

O Sr. deputodo J. A. escreveu na Camara a seguinte sextilhas dedicada áquelle famoso appendice nasal:

Oh! formidavel nariz,
Escapastes por um triz
De ser tromba de elephante!
Bem mereces por bizarro
Andar puchado n'um carro
Em procissão triumphante!

***

Outro deputado jactancioso e presumido, tinha-se em conta de notavel orador e de grande talento.

Sobre a sua bancada encontrou certa vez o seguinte:

Ha dias certo sujeito
Que o seu talento exaltava,
A outro que o contestava
Disse cheio de despeito:
«Alto lá e mais respeito,
Não seja assim atrevido,
Meu talento é conhecido
E gosa fama notoria,
Como não goza você,
E para prova do quê
Fiz conferencias na Gloria!»

***

Quando se agitou na Camara a questão religiosa, forão muito apreciados estes versos :

O imperio da cruz, da fé
De certo que irá a ré-
bolo,
Se continua entre nós
A doutrinar o após-
tolo.
Pois nesta terra não é
Lei nossa o Codigo Pé
nal,
E do governo se ri
E preso governa o Vi
tal !
Sim, o Brazil hoje é
De Roma quasi arre
medo,
Aos padres entregue está :
governão Vital e Ma-
cedo.

* * *

O Revd. Conego José Gonçalves Ferreira, vulgo *Balão*, redigio por muito tempo o jornal *Apostolo* até 1874.

O Conego Ferreira, era um homem alto, excessivamente gordo, quasi obeso.

Um deputado que hoje redige um dos nossos jornaes diarios, escreveu na Camara e passou aos seus collegas o seguinte :

Um dia destes rolava
Pelas ruas da cidade,
Com grande velocidade
Uma pipa volumosa;
Muita gente curiosa
Atraz da pipa corria,
E correu durante o dia
Sem poder nunca alcançal-a,
Sem nunca poder tocal-a;
A pipa mysteriosa
Que um dia inteiro rolou,

Por fim parou a carreira
E a tal gente curiosa
Só então verificou
Que era o Conego Ferreira!

***

O Sr deputado Leandro Bezerra, deputado pelo Ceará em 1874, em um discurso que pronunciou sobre a questão religiosa, terminou amaldiçoando o ministerio 7 de Março e dando uma denuncia contra os ministros pelo facto da prisão dos Bispos.

No mesmo dia apparecêrão na Camara as seguintes quadras:

O Sr. Leandro Bezerra
Ou doido está ou é tolo,
Sua denuncia annuncia
Falta de sizo ou miólo.

Está pelo fanatismo
Ficando idiota aos poucos,
E se elle assim continua
Vai ter no hospicio dos loucos.

Quem está tão falto de senso,
E á loucura tão entregue,
Pede logo a Deus que o mate
E ao Diabo que o carregue!

***

Erão ministros do Imperio o Sr. João Florentino Meira de Vasconcellos e da Marinha o Sr. João Ferreira de Moura, conhecido por *Bule*:

Não pude atinar com o motivo de que se originou o seguinte *triolet*; comtudo transcrevo-o, tanto mais que o seu auctor não foi um deputado, mas o popular P. N. que o distribuio na Camara:

Mestre Meira, mira o Moura
E o mestre Moura, mira o Meira,
Na marinha e de salmoura,
Mestre Meira, mira o Moura.

Emquanto grita a lavoura
Saltando doida e bregeira,
Mestre Meira, mira o Moura
E o Mestre Moura, mira o Meira!

***

A 7 de Março de 1888, o ministro Cotegipe pedio demissão. Retirando-se do Paço da Bôa Vista o saudoso Barão de Cotegipe, disse propheticamente á Princeza Regente D. Izabel, despedindo-se: «Senhora, retiro-me com a consciencia de haver correspondido lealmente á confiança de S. M. o Imperador. O ministerio cahio em consequencia de uma conspiração do Paço, mas o que vem cahirá na lama, e o que o succeder no governo cahirá na praça publica, nas pontas das baionetas e talvez que com elle as instituições...»

***

A primeira vez que a Princeza Imperial se encontrou com o Barão de Cotegipe, depois da lei de 13 de Maio, disse-lhe ella:

—Então Sr. Barão, vio que a abolição foi feita com flores e festas? Eu bem lhe dizia; ganhei a partida...»

—Sim, minha Senhora, Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o throno.....

***

Foi isto, por occasião de uma festa nacional. Entre os convidados surgio um recem eleito deputado, moço, esbelto, de altivo porte marcial, trazendo o fardão de deputado.

Alguns perguntarão em uma roda em que se achava o Barão de Cotegipe:

—Quem é este moço elegante, airoso; será da familia Paes Leme?

— Não, retorquio o Barão, é da familia *Pax vobis*...

***

Esta anecdota, uns a attribuem ao Barão de Cotegipe e bem poucos ao Visconde do Rio Branco; digamos entretanto que a qualquer dos notaveis estadistas, pela graça e espirito que lhes erão naturaes, pode bem caber a paternidade della.

***

Quando o Sr. Dr. Salvador de Mendonça, então extremado republicano, foi nomeado, no meio da mais geral surpreza, Consul do Brazil em Baltimore, dirigio-se ao Paço para agradecer e despedir-se do Imperador.

O ex-monarcha concluio a conferencia, dizendo-lhe:

«Espero que sirva tão bem ao Imperio na Republica, com o servio a Republica no Imperio.»

***

O Sr. Conselheiro Silveira Martins, estudou preparatorios no Collegio Victorio, na rua Gonçalves Dias, onde hoje está estabelecida a conhecida photographia Guttierres.

No acto da matricula, perguntou-lhe o director, como tinha o costume de perguntar a todos que se matriculavão:

— Então, que quer ser, menino?

— Eu, eu quero ser ministro!...

***

O Sr. Dr. José Joaquim Seabra, foi uma vez indicado ao Conselheiro Silveira Martins para presidente do Rio Grande do Sul.

Pedio este informações do indicado ao Sr. Dr. Coelho Rodrigues.

— Para obdecer-lhe é capaz de mandar enforcar o adversario mais honesto, disse-lhe o Dr. Rodrigues.

— Não me serve, excede-me, respondeu o Conselheiro.

***

Um collega do Sr. Conselheiro Lafayette, conversava com este sobre a carta inconveniente despedindo o Dr. Rodrigues Junior do cargo de ministro.

— Vamos lá, ja te deves ter arrependido d'isso.

— Ao contrario, diz o Conselheiro, arrependo-me é de não haver passado uma circular.

***

O imperador D. Pedro II visitava a Academia das Bellas Artes e parou diante do retrato do deputado Dr. Souza Carvalho.

— Está muito fiel! Como tem a physionomia calma, observou imperador.

Soube o retratado desta observação e retorquio:

— Senti que nenhum dos presentes tivesse affirmado á Sua Magestade que ainda mais calma era a minha consciencia...

***

Em uma das audiencias publicas dadas pelo marechal Deodoro da Fonseca, apresentou-se uma senhora idosa pedindo com insistencia uma pensão.

O Marechal explicava á senhora que fizesse um requerimento, legalisasse o seu direito, e que elle não opporia embaraços.

A pobre velha insistia e o marechal paciente e bondoso, explicava-lhe os motivos pelos quaes não podia de prompto attendel-a.

De repente, a peticionaria com gésto de enfado exclama :.

— Ah! já sei, já sei, si eu fosse moça e bonita, já teria tido pensão.

O marechal, não podendo mais conter a sua impaciencia, volta-se nervoso para ella e zangado diz-lhe :

— E', é, a senhora é velha, velha e muito feia!...

***

Fôra nomeado para importante cargo diplomatico na Europa o Dr..., moço de bastante talento e honorabilidade, porém, muito joven ainda.

O Dr..., dirigio-se um dia ao Palacio de Itamaraty, afim de comprimentar o Marechal Deodoro e agradecer-lhe a nomeação.

Depois de curta espera, o Marechal dirigiu-se para o salão e ahi o Dr... comprimentou-o e agradeceu-lhe a nomeação.

O Marechal que ainda não o conhecia de vista, e attentando para os seus verdes annos, exclama :

— Não, não foi o senhor que eu nomeei, foi seu pai, foi seu pai, e retirando-se deixou o novel diplomata perplexo e atturdido... e a nomeação ficou sem effeito.

***

Quando o Sr. conselheiro João Alfredo foi nomeado presidente do gabinete 8 de Março de 1888, apresentou-se logo em sua residencia o conhecido ex-deputado Dr. J. A., intimo amigo do Sr. Barão de Cotegipe.

O Sr. conselheiro João Alfredo tratou-o com a benevolencia que o caracterisa e convidou-o para jantar.

Terminado este, o Sr. conselheiro offerece-lhe charutos e pergunta-lhe :

— O Barão tambem dava charutos?

O Dr. J. A., não se mostrou apercebido da allusão e respondeu:

— Oh! dava, sim, e excellentes!

***

O Sr. senador Moraes e Barros, encontrando-se com o deputado Dr. Augusto de Freitas, este o apresenta ao deputado mineiro Dr. Prisco Cavalcante desta fórma:

— Tenho a honra de apresentar o Sr. Dr. Moraes Barros, irmão do Sr. Dr. Prudente de Moraes...

— Perdão, interrompe o Dr. Moraes e Barros, Prudente é que é meu irmão, eu sou irmão mais velho...

***

Antonio Lopes Cardozo, geralmente conhecido na imprensa ha longos annos e que actualmente passou a chamar-se Victor Antonio Vieira, é incontestavelmente o mais prompto, o mais espontaneo e o mais vivaz calembourguista da nossa epoca, apezar de ter como competidor o distincto escriptor Eduardo Garrido.

Para dar uma idéa succinta da espontaneidade do seu espirito propenso sempre a trocadilhos felizes, aqui transcrevo uns em verso e em prosa.

Quando foi nomeado Prefeito Municipal, o Sr Dr. Barata Ribeiro:

— Quando a geral carestia
De fome quasi nos mata,
Dá-nos da sorte a ironia
A Prefeitura — Barata.

Outro:

Embora os ricos dêm urros,
Eis um dito verdadeiro:
Fez-se o dinheiro para os burros
E as burras para o dinheiro.

***

—Conversavão á porta do Castellões os conhecidos litteratos Arthur Azevedo, Arthur Barreiros, Dantas Junior, e o nosso Lopes Cardozo, quando approximou-se o artista Augusto Off.

Arthur Azevedo dizia que o seu jornal a *Penna e Lapis* não tinha sahido como de costume, porque estando prompto o texto faltavão os dezenhos do Off.

— Ora, diz o Dantas Junior, para o nosso Lopes, eis um nome que não se presta para fazeres um trocadilho.

Victor Vieira, isto é, Lopes Cardozo, acode logo: *Vocês já lidárão*, agora tóca o *off que lide...*

***

—Um dia estava o Lopes á porta da *Gazeta*, contemplando o grande movimento da Rua do Ouvidor.

Um reporter do *Jornal do Commercio*, passa correndo junto delle.

O Lopes segura-ó pela manga do paletot e diz-lhe:

—Que grande anologia ha entre a cidade de Paris e a Rua do Ouvidor!

— Qual? interrogou o reporter.

— Porque em ambas corre o Senna.

***

— Sabes, Lopes Cardozo, o Patrocinio vai ser alvo de uma manifestação.

— Sei, sei, o que é advogar-se uma bôa cauza que até faz com que o Patrocinio seja alvo!...

***

— Oh! Lopes, está a cahir chuva,

— Antes caia chuva do que *caia pó*.

***

—Uma occazião encontramos o Lopes Cardozo parado á *vitrine* da Caza Leon Rodde, na Rua do Ouvidor.

— Que fazes ahi, perguntamos.

— Espero que o *leão róde*, para eu passar.

***

Seria para encher longas paginas a torrente de trocadilhos de Lopes Cardozo.

O leitor, porém, relevará a minha avareza, attendendo a que apenas quiz dar uma pequena amostra do conhecido calembourguista.

***

A 12 de Maio de 1889, o Sr. Ministro do Imperio, Conselheiro Ferreira Vianna, enviou para Petropolis, o seguinte telegramma:

«A S. Ex.ª o Sr. Conde de Motta Maia.

Peço a V. Exª o favor de communicar a S. M. o Imperador que por telegramma de hoje, S. Exª Rvmª o Arcebispo da Bahia transmittiu a este Ministerio a benção de primazia a S. M. o Imperador, á Augusta Familia Imperial, á nação brazileira e a todos que promoverão a santa obra de 13 de Maio do anno passado, e que, além de auctorizar uma missa campal ordenou que se celebrassem na Cathedral, o *Te Deum Laudamus* e em todas as freguezias da Provincia.

V. Exª terá a bondade de pedir a S. M. o Imperador as ordens. *Ministro do Imperio.*»

O Sr. Conde de Motta Maia apresentou o telegramma ao Imperador que escrevou a lapis no verso do mesmo, o seguinte:

Telegraphe em resposta para ser enviado ao Arcebispo:

Que minhas preces e hosannas sempre acompanhárão a Igreja em todos os successos que têm interessado ao Brazil.

***

Augusto Pinto Pacca foi companheiro de escola do Marechal Deodoro da Fonseca e erão pois amigos.

Uma occasião Pacca, que ha *trinta e tantos annos vive desempregado*, lembrou-se de pedir sua *aposentadoria* ao saudoso militar.

O marechal respondeu que só se o aposentassem no cargo de ministro de estado.

***

—Outra occasião Pacca foi visitar o velho guerreiro no Palacio de Itamaraty,

Este tomando-lhe o braço, disse-lhe: «Vamos lá fóra até á chacara ver as *cutias* pois que *pacca* já levo aqui...»

Visitarão a chacara.

Dias depois, Pinto Pacca, enviou ao Marechal uma *pacca* acompanhada das seguintes quadras :

Se não me chamassem Pacca,
Filho da fé e da esperança,
Este bicho escaparia
Da mais humilde lembrança.

Sendo assim o que fazer,
Temendo ser esquecido,
Manda no bicho a lembrança
Inda depois de comido.

Espero que o bom amigo,
Sempre grande e sempre nobre,
No bichinho que offereço
Veja o Pacca velho e pobre...

E' pequenissima a offerta,
Mas rogo que alegre aceite,
Não póde dar bôa luz,
Lamparina sem azeite.

* * *

A bordo do paquete *Congo* em 20 de Agosto de 1888, fez-se uma pequena festa artistica em honra do ex-imperador D. Pedro II que no mesmo paquete vinha em regresso para a sua cara patria.

Um dos passageiros léo e entregou ao illustre viajante os seguintes versos da lavra do Commandante do referido paquete :

A sa Mageste L' Empereur du Brézil.

Après demain au jour nous serons près de terre ;
Devant vous étendu, le grand géant de pierre,
Semblera reposer sur des mobiles eaux.
Sa tête, la Gavea dirige les vaisseaux.

Son pied, le Pain de Sucre, un grand bloc détermine
L'entrée, et fièrement de son pic la domine.
Un jour à ce Genie, il arrive q'un Roi,
Jean VI, osa crier : Eh ! géant, léve-toi !

Mais lui, sur des destins continue son rêve.
Et si vous lui criez vous aussi qu'il se léve
Il respondrait: «Porquoi troublez-vous mon sommeil!
Il n'est pas arrivé le jour de mon reveil.

A'quel fou ennemi dois je crier: qui vive!
Qu' ai je à faire aujord'hui, puisque Don Pedro arrive?»

***

O velho monarcha no dia 21, isto é no dia seguinte, assim, traduziu estes versos:

Dois dias mais, e o clarear perto do continente
Ante nós deitado, o petreo gigante ingente,
Sobre a agua tranquilla estará a descançar,
Sua cabeça, a Gavea, as nãos a encaminhar,

Seus pés, o Pão de Assucar, massa que assignala
A entrada, e com o pico altivo avassalla.
Outr'ora a esse genio um rei, ao seu chegar,
João VI ousou dizer: Gigante, levantar!

Mas, certo do futuro, o seu sonho é constante,
E se lhe gritares tambem que se levante...
Responderá: «Porque meu somno perturbar,
Ainda não chegou o dia de acordar;

A que louco inimigo grite eu: quem vem lá!
Que tenho inda a fazer?!... Dom Pedro chegará.»

***

No *Jornal das Senhoras* de 2 de Abril de 1854 encontramos os seguites versos do Sr. Quintino Bocayuva, com a data de *S. Paulo, Setembro de* 1853:

Yó no tengo una esperanza
Que me caliente em mi vida,
Soy como la hoja seca
Y del arbol desprendida.

Tuve, es cierto, en otros tiempos
Dentro de mi corazon,
Una imajen hechicera
Que me dió inspiracion.

En el jardin de mi pecho
Brotó la flor de amor
De ella tengo un recuerdo
Prendida a mi cruel dolor.

Tuve mi sueños de niño,
Tuve tambien ilusiones,
Soñé amores del cielo,
Fuéron mentidas visiones.

Huieron todas y sólo
De la vida en el desierto,
Me dejaron como estatua
Sobre la tumba de un muerto.

Sin padre, madre, ni amor,
Amo el sol y las mañanas;
Toda mi vida se encierra
En ellos y en mis hermanas.

Sólo y triste en el mundo
Todo yo soy un misterio,
Hasta que llégue la muerte
Y me lleve al cementerio.

***

Fallava na Camara na sessão de 8 de Agosto de 1888, o eputado L. M., que teve a seguinte phrase:

—Srs., cada homem tem dentro de si uma besta...

O Sr. deputado L. A. vira-se para o orador e exclama:

—Apoiado, ninguem põe em duvida a certesa que disso tem o nobre deputado...

***

Quando em Setembro de 1891 se discutia na Camara dos Deputados o projecto de suppressão da legação brazileira junto ao Vaticano, appareceräo estes versos:

Exinguir a legação
No Vaticano,
Eu não me engano
E' crime de excommunhão.

O papado não perdôa,
E não dispensa;
Quem não tem crença
Sempre o Papa amaldiçôa.

Assim pois, neste negocio
O Badaró
Não fica só,
Pois não é nenhum beocio.

Com elle vão o Tostinha,
O Zama, o Santos Pereira,
O Amphilophio, o Serpinha,
Toda a bancada mineira.

***

Publico aqui algumas divizas dos Estados e de homens conhecidos, que as usavão ou ainda usão, no papel para cartas, em cartões de visitas, brazões, armas e em papel official.

Quintino Bocayuva

Spira, Spera.

Dr. Ubaldino do Amaral

Omnia vanitas.

Dr. Barata Ribeiro

Nunca parar.

José do Patrocinio

A escravidão é um roubo.

Dr. Bento Barata

Nunca correr.

Conselheiro Ferreira Vianna

Sub lege libertas.

Dr. Valentim Magalhães

Fac et spera.

Dr. Silva Jardim

Conservar melhorando.

Dr. Miguel Lemos

Communis humanitatis causã.

Dr. Menezes Vieira

Pro patria laboremus.

Dr. Assis Brasil

Victrix causa diis placuit, sed victa Catoni.

Olavo Bilac

Ars, non artifitium.

Manoel Moreira de Castro—ex-redactor chefe do *Jornal do Commercio*

Ultra pergere.

Almirante Arthur de Jacegnay

Perseverar.

José Verissimo

Pelo nome.

Emilio de Barros—negociante

Agere, non loqui.

Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior—escriptor

Fit faber fabendo.

Dr. Raymundo Teixeira Mendes

Aimer, croire et suivre.

Barão do Rio Branco

Ubique patriæ memor.

Barão de Penedo

Sperare infestis, metuere secundis.

Barão de Muritiba.

Do seu proprio nome Manoel Vieira Tosta, fez a seguinte diviza:

Tive santo amor á lei.

Sabino de Freitas Reis, um dos accionistas do jornal a *Reforma* e socio do Club do mesmo nome.

A diviza representava um cavallo saltando uma barreira e esta inscripção por baixo:

L'obstacle m'encourage.

Conde de Figueiredo.

Agere, non loqui.

Domicio da Gama

Carpe diem.

Da familia d'Escragnolle

Longe ferti levis aura. Devoir fait droit.

Da familia Taunay

Hogne ferme.

Dr. Alberto Brandão

Avant d'entrer songe à la sortie.

Senador Alminio Alvares Affonso

Pro vita civium proque universa Republica.

Estado da Bahia

Per ardua surgo.

Estado de Minas Geraes

Libertas quæ sera tamen.

Estado do Rio de Janeiro

Recte Rempublicam Gerere.

Dr. Miguel Pereira da Motta

Vedere tacere.

Raul Pompeia

Máu, mas meu.

Thomaz Ribeiro

Omnia sponte.

David M. Neill, assistente representante da Western Telegraph Company

Vincere vel mori,

Dr. Lucio de Mendonça

I.

Major de engenheiros Francisco de Paula Borges Fortes

Habent sua fata libelli.

Frei João do Amor Divino Costa—provincial da Ordem de Santo Antonio

Fiat Consequens.

Dr. Antonio Frederico Cardozo de Menezes e Souza—litterato

Semper vigilans.

Condessa de Ipanema

Deus et Charitas.

Visconde de Pelotas

Aquidaban

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, usa no papel officia! o seguinte :

Auspice Petro Secundo—Pacifica Scientiæ occupatio.

Visconde de Jequitinhonha

Ex tyrannide libertas.

Barão da Passagem

Avante !

Guilherme de Lara Tupper

L'espoir est ma force.

Marquez do Paraná

Cor unum via una.

Barão de Jacuhipe

Experto credite.

Barão de Villa Maria

Famam extendere factis hoc virtutis opus.

Barão de Gurupy

Beneficentiæ Præmiun.

Barão de Fonseca

Libenter !

Barão de Guahy

Honor virtutis premiun.

Visconde de Maracajú

Deus e Patria.

Barão do Amparo

Ambitio et invidia sit procul.

Barão de Itaguahy

Ecce gloria mea.

Major Annibal Mascarenhas

Qui non laborat non manducat.

Barão dos Trez Serros

Deus, Patria, Liberdade.

Barão de S. Luiz

Honor virtutis premiun.

Barão do Arroio Grande

Deus, Patria, Liberdade.

Barão de Melgaço

Sempre prompto.

ou

Ad omnia paratus.

Barão da Vargem Alegre

Virtute et Labore.

Barão de Muriahé

Spes crux mea est.

Barão de S. João da Barra

Vele nessa gloria.

Barão de Ubá

Quare—Agere.

Barão de S. João de Icarahy

Parcitas et Labore.

Barão de Itaquatiá

Patriotismo.

Barão de Almeida Ramos

Virtus ante numos.

Barão de S. Victor

Perseverantia.

Barão de Santa Roza

Bonus Homo de bono Thezauro cordis sui profert bona.

Dona Maria Eugenia Monteiro de Barros

Deus e Patria.

Dr. Antonio Augusto Fernandes Pinheiro, presidente do Club de Engenharia :

Justum ac Tenacem.

Almirante Saldanha da Gama

No force.

Mme. Rose Meryss—actriz cantora e distincta poetisa :

Encore et Toujours.

R. J. Kinsman Benjamin—Consul da Republica de Honduras e distincto critico musical :

Vincit qui patitur.

Familia Egas Moniz

Deus est rex meus.

Familia dos Barões de Massarellos

Semper virens.

Familia Pachecos, da Bahia

Reys de nós, sim

Nós de reys, non.

Theodoro Teixeira Gomes

Dominus mihi adjutor.

Barão de Iguarassú

Quascunque findit.

Antonio Rodrigues Fernandes Braga

Deo juvante.

José Pereira Tavares

Virtute ambire oportet non favitoribus

Conde de Iguassú

Penser il fout.

Dr. Ramiz Galvão

Labor et fides.

C. Acland Armstrong—negociante desta praça

Vi et armis.

Luiz Guimarães—poeta

Scripta manent.

Capitão tenente João A. dos Santos Porto

Pela patria e pela Republica.

Capitão tenente João Cordeiro da Graça, professor da Escola Naval

Ahead.

Conde de Motta Maia

Honor, Fides et Labor.

Lucinda Furtado Coelho—actriz

Si je veux, je peux.

Figueiredo Coimbra—escriptor

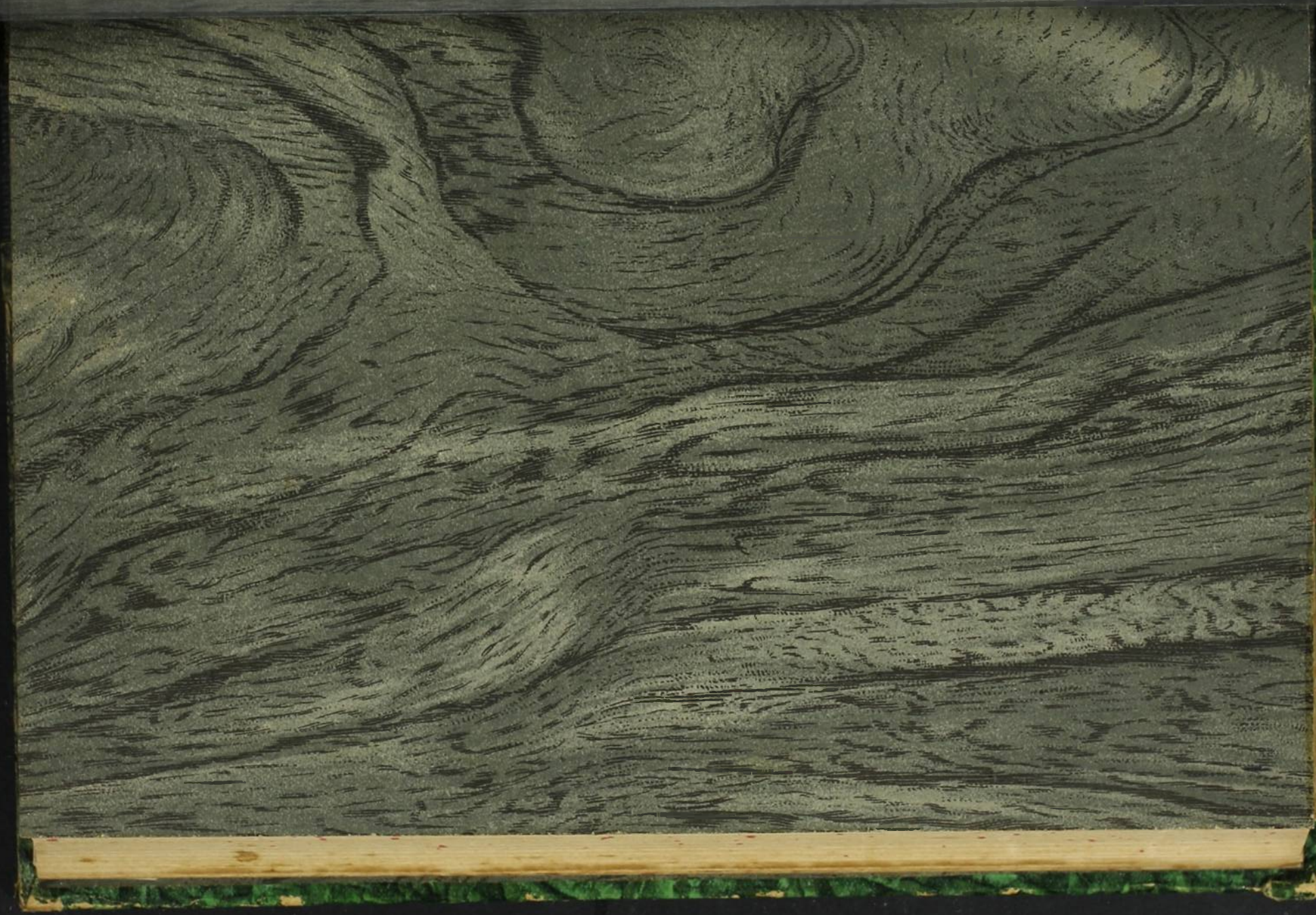
Graças a Deus.

Mucio Teixeira, poeta

Amar e trabalhar.

Barão de Alencar

Pela verdade e pela lei.

40.00-10-72-1K

17005